



# FINGINDO

Por quanto tempo você consegue prender alguém?

Cora Carmack

Autora best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*







## Table of Contents

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[←1](#)

[←2](#)

[←3](#)

[←4](#)

[←5](#)

[←6](#)

[←7](#)

[←9](#)

[←11\]](#)

[←12\]](#)

[←13\]](#)

[←14\]](#)

[←17\]](#)

[←18\]](#)

[←19\]](#)

[←20\]](#)

[←21\]](#)

[←22\]](#)

[←25\]](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 7](#)



# FINGINDO

Por quanto tempo você consegue prender alguém?

Cora Carmack

Autora best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*



# FINGINDO



**Cora Carmack** *Tradução Paulo Polzonoff Junior*



Save the Children



Título original: *Faking it* © 2013 by Cora Carmack

© 2015 Editora Novo Conceito Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer

modo ou por  
qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo  
de sistema de  
armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.  
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos  
são produto  
da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos  
reais é mera  
coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do  
Livro, SP,  
Brasil)

Carmack, Cora

Fingindo / Cora Carmack ; tradução Paulo Polzonoff Junior. -- Ribeirão Preto, SP :  
Novo

Conceito Editora, 2015.

Título original: Faking it.

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-11510 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the  
Children, que**

promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: [www.fundabrinq.org.br](http://www.fundabrinq.org.br)

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

[www.grupoeditorialnovoconceito.com.br](http://www.grupoeditorialnovoconceito.com.br)

Para minha mãe:

Obrigada por ser minha melhor amiga, minha professora, minha orientadora e em  
nada parecida

com as mães horríveis dos meus livros. Você me amou, amou as palavras e me  
ensinou a amar a mim

mesma e às palavras também. Obrigada. Mil vezes obrigada.

# Capítulo 1

## *Cade*

Você não acreditaria se eu dissesse que agora já me acostumei. Que não vou me sentir ferido por

uma flecha enferrujada no peito sempre que os encontrar juntos.

Você acharia que eu já teria parado de me sujeitar à tortura de ver a menina que tanto amei com

outro cara.

Você estaria enganado nos dois casos.

Um vento nordeste acabou de soprar, então o ar na Filadélfia está fresco. A neve de vários dias

ainda se acumula sob minhas botas. O barulho parece surpreendentemente alto, como se eu estivesse

indo para a força, e não apenas beber um café com amigos. Amigos.

Dei uma daquelas risadas engraçadas do tipo "não é tão engraçado assim", e minha voz saiu

como fumaça. Eu podia vê-los de pé num canto ali perto. Os braços de Bliss envolvem Garrick pelo

pescoço e os dois ficam ali abraçadinhos na calçada. Cobertos por casacos e cachecóis, eles podiam

estar num anúncio de revista ou numa daquelas fotos perfeitas que vêm junto com o porta-retrato

quando você o compra.

Eu odiava aquelas fotos.

Tentei não sentir ciúme. Eu estava superando tudo. Estava.

Queria que Bliss fosse feliz, e, quando ela pôs as mãos nos bolsos do casaco de Garrick e suas

respirações se misturaram, ela com certeza parecia feliz. Mas esse era, em parte, o problema. Mesmo

que eu tivesse conseguido me livrar completamente dos meus sentimentos por Bliss, era a felicidade

deles que inspirava meu ciúme.

Porque eu estava triste pra caralho. Tentei me ocupar, fiz alguns novos amigos e vivia uma vida

decente aqui, mas simplesmente não era a mesma coisa. Recomeçar era uma droga.

Numa escala de um a barraco, meu apartamento era um sólido oito. As coisas ainda estavam

estranhas com meu melhor amigo. As pilhas de contas do meu financiamento estudantil eram tão altas



que eu achava que seria soterrado por elas a qualquer momento. Eu achava que, ao concluir o  
mestrado, colocaria ao menos uma parte da minha vida no rumo certo... ERRADO. Eu era o mais jovem do mestrado, e todos os outros tinham no currículo anos e anos de trabalho  
no mundo real. Todos tinham suas vidas constituídas, e a minha estava tão limpa e arrumada quanto  
os banheiros comunitários do meu dormitório de calouro. Eu estava ali havia quase três meses, e o  
único trabalho que arranjei como ator foi uma figuração como mendigo num comercial do hospital  
Bom Samaritano.  
É, eu estava vivendo uma vida muito boa mesmo.  
Percebi que Bliss notou minha presença porque ela tirou rapidamente as mãos dos bolsos de  
Garrick, colocando-as em segurança ao lado do corpo. Ela se livrou do abraço dele e me chamou:  
— Cade!  
Sorri. Talvez eu estivesse atuando um pouco mesmo.  
Eu os encontrei na calçada e Bliss me deu um abraço. Curto. Obrigatório. Garrick apertou minha  
mão. Por mais que isso me enojasse, eu ainda gostava muito do cara. Ele nunca tentou impedir que  
Bliss me visse e aparentemente me deu uma recomendação incrível quando me inscrevi na Temple.  
Ele não saiu por aí demarcando o território ou dizendo para me afastar. Ele me deu a mão e pareceu  
sincero ao dizer:  
— Que bom vê-lo, Cade.  
— É bom ver vocês também.  
Fez-se um silêncio constrangedor e então Bliss tremeu exageradamente.  
— Não sei quanto a vocês, mas eu estou congelando. Vamos entrar.  
Entramos juntos. O Mugshots era uma cafeteria durante o dia e servia álcool à noite. Nunca estive  
ali antes, já que o lugar fica longe do meu apartamento perto do campus da Temple e porque eu não  
bebia café, mas ouvi falar bem. Bliss amava café eu ainda adorava fazê-la feliz, então concordei em  
nos encontrarmos aqui quando ela ligou. Pensei em perguntar se eles me serviriam

álcool, mesmo  
sendo tão cedo. Em vez disso, pedi uma vitamina e encontrei uma mesa grande o  
suficiente para que  
tivéssemos muito espaço.

Bliss se sentou primeiro, enquanto Garrick esperava pelas bebidas deles. Ela tinha o  
rosto  
rosado pelo frio, mas o inverno combinava com ela. O cachecol azul amarrado em  
seu pescoço  
ressaltava seus olhos, e seus cabelos caíam sobre os ombros, expostos ao vento e  
lindos. Droga. Eu tinha que parar de fazer isso. Ela tirou as luvas e esfregou as  
mãos.

— Como você está? — perguntou. Fechei os punhos sob a mesa e menti: — Estou  
ótimo. As aulas são ótimas. Estou amando a Temple. E a cidade é ótima. Estou  
ótimo.

— Está? — Dava para ver pelo olhar dela que Bliss sabia que eu estava mentindo.  
Ela era minha  
melhor amiga, então era bem difícil enganá-la. Ela sempre foi tão boa em me  
interpretar... exceto  
quando se tratava dos meus sentimentos por ela. Bliss sabia identificar praticamente  
todos os meus  
outros medos e inseguranças, mas nunca meus sentimentos por ela. Às vezes eu me  
perguntava se era  
só ilusão. Talvez ela nunca tenha reconhecido meus sentimentos porque não quis. —  
Estou — garanti. Ela não acreditou, mas me conhecia bem o suficiente para saber  
que eu  
precisava me apegar à minha mentira. Eu não podia lhe contar meus problemas, não  
agora. Não  
temos mais esse tipo de relação.

Garrick se sentou. Ele trouxe nossas bebidas. Eu nem mesmo ouvi anunciarem meu  
pedido.

— Obrigado — eu disse.

— Sem problemas. Sobre o quê estamos conversando? *Aqui vamos nós novamente.*  
Bebi um gole demorado da minha vitamina para não ter de responder imediatamente.  
— O Cade acabou de me falar sobre suas aulas — comentou Bliss. — Ele está  
arrasando na  
faculdade. — Pelo menos algumas coisas não mudaram. Ela ainda me conhecia o  
suficiente para saber quando eu precisava de um tempo.

Garrick empurrou a bebida de Bliss na direção dela e sorriu quando ela deu um gole  
comprido e prazeroso. Ele se virou para mim e disse:

— Que bom ouvir isso, Cade. Que bom que esteja tudo bem. Ainda tenho uma relação com os professores da Temple. Se você precisar de algo, então, sabe que só precisa pedir. Meu Deus, por que ele não agiu como um babaca? Se agisse, um bom soco teria bastado para aliviar a tensão no meu peito. E seria muito mais barato do que socar a parede do meu apartamento.

— Obrigado. Vou me lembrar disso — eu disse.

Conversamos sobre coisas sem importância. Bliss falou sobre sua produção de *Orgulho e*

*Preconceito*, e eu percebi que Garrick foi mesmo muito bom para ela. Nunca imaginei que, dentre

todos nós, ela é quem faria teatro profissionalmente logo depois da formatura. Não que Bliss não

fosse talentosa, mas ela nunca foi uma mulher segura. Achei que ela seguiria por um caminho mais

seguro e trabalharia como diretora. Eu gostava de imaginar que poderia lhe dar segurança, mas não

estava tão certo disso também.

Ela falou sobre o apartamento onde moravam, perto do bairro gay. Até então, eu havia

conseguido me livrar de todos os convites para visitá-los, mas cedo ou tarde eu ficaria sem

desculpas e teria de ver o lugar onde viviam. Juntos.

Aparentemente, a vizinhança deles gostava de festas. Eles moravam em frente a um bar bastante conhecido.

— Bliss tem o sono tão leve que virou praticamente rotina acordarmos e ouvirmos o drama que

inevitavelmente acontece embaixo da nossa janela quando o bar está fechando — disse Garrick.

Ela tinha o sono leve? Odiei o fato de ele saber isso e eu não. Odiei me sentir assim. Eles

começaram a narrar uma história de um desses eventos na madrugada, mas mal estavam olhando para

mim. Eles olhavam nos olhos um do outro, rindo, vivenciando o ocorrido. Eu era um espectador da

harmonia perfeita entre eles, e era um show a que eu estava cansado de assistir. Fiz então uma promessa para mim mesmo: não faria isso novamente. Não antes de

resolver todas  
as minhas coisas. Esta tinha de ser a última vez. Sorri e acenei afirmativamente durante o restante da  
história e me senti aliviado quando o telefone de Bliss tocou.  
Ela olhou a tela e nem mesmo se justificou antes de aceitar a chamada e levar o telefone ao  
ouvido.

— Kelsey? Ah, meu Deus! Há semanas não tenho notícias suas!

Kelsey fez exatamente o que disse que faria. No fim do verão, todos estavam se mudando para  
novas cidades ou novas universidades, e Kelsey foi para o exterior na viagem da sua vida. Sempre  
que eu entrava no Facebook ela havia acrescentado um novo país à sua lista. Bliss levantou o dedo e disse para nós:

— Já volto. — Ela se levantou e disse para o telefone:

— Kelsey, espere um segundo. Não estou conseguindo ouvir direito. Vou lá fora.

Eu a observei sair, lembrando-me de quando o rosto dela se iluminava daquele jeito ao conversar

comigo. É deprimente perceber que a vida toma rumos diferentes, como os galhos de uma árvore.

Árvores só crescem para cima e se expandem. Não há como voltar às raízes, às coisas como eram

antes. Passei quatro anos com meus amigos de faculdade e eles pareciam parte da família. Agora

estamos espalhados pelo país e provavelmente jamais nos reuniremos novamente. —

Cade, eu gostaria de conversar com você enquanto a Bliss está lá fora. Isso seria uma droga. Dava pra ver. Da última vez que conversamos sozinhos, ele me disse para

esquecer a Bliss, que eu não poderia viver baseado nos meus sentimentos por ela. E o pior é que ele  
tinha razão.

— Sou todo ouvidos — falei.

— Não sei como dizer...

— Simplesmente diga. — Essa era a pior parte de tudo isso. Tive meu coração partido pela

minha melhor amiga e agora todos pisavam em ovos ao meu redor como se eu estivesse prestes a ter

um colapso, como uma menina com TPM. Aparentemente, ter sentimentos era o mesmo que ter uma

vagina.

Garrick respirou fundo. Ele parecia inseguro, mas, pouco antes de abrir a boca, um sorriso brotou

em seu rosto, como se ele não pudesse se conter.

— Vou pedir a Bliss em casamento — anunciou ele.

O mundo ficou em silêncio e eu ouvi o tique-taque do relógio na parede atrás de nós. Parecia o

tique-taque de uma bomba, o que era irônico, considerando que todas as partes do meu ser, que eu

mantinha unidas por pura força de vontade, haviam acabado de explodir em pedacinhos.

Contive-me ao máximo, apesar de achar que sufocaria a qualquer momento. Parei um pouco para

respirar, o que é só uma forma melhor de dizer que fiquei congelado, mas parece mais fácil se eu

abordar isso como uma cena de ficção. Essas pausas são reservadas para aqueles momentos em que

algo na cena ou no seu personagem muda repentinamente. São momentos de transformação.

Cara, foi uma pausa e tanto.

— Cade...

Antes que Garrick pudesse dizer alguma coisa legal ou consoladora, retomei meu personagem,

retomei a cena. Sorri e fiz uma cara que eu esperava que parecesse de parabéns. — Que maravilha, cara! Ela não poderia ter encontrado um cara melhor.

Era mesmo como atuar, se bem que uma atuação ruim. Como se as palavras não parecessem

naturais na minha boca e minha mente permanecesse separada do que eu estava dizendo, por mais que

eu tentasse manter o personagem. Meus pensamentos corriam em disparada, tentando avaliar se

minha plateia estava ou não gostando da minha performance, se Garrick estava gostando dela ou não.

— Então está tudo bem para você?

Era obrigatório que eu não me permitisse parar antes de responder:

— Claro! A Bliss é minha melhor amiga e eu nunca a vi tão feliz, o que significa que eu estou

feliz por ela. O passado é passado.

Ele estendeu o braço e me deu um tapinha no ombro, como se eu fosse seu filho ou

irmãozinho ou  
cãozinho.

— Você é um bom homem, Cade.

Esse era eu... sempre o bom cara, o que significava que eu sempre estava em segundo plano. Minha vitamina parecia amarga na boca.

— Você participou de algumas audições semana passada, não é? — perguntou Garrick. — Como se saiu?

Ah, por favor, não. Acabei de ouvir sobre os planos dele de pedir Bliss em casamento. Se depois disso eu tivesse de falar sobre meu fracasso completo e total como aluno graduado, acho que me empalaria num canudo.

Por sorte, fui salvo pela volta de Bliss. Ela estava guardando o telefone no bolso e tinha um sorriso enorme no rosto. Ela ficou de pé atrás da cadeira de Garrick e colocou as mãos nos ombros dele. De repente fiquei paralisado ao pensar que ela ia aceitar o pedido de casamento.

Em algum lugar das profundezas do meu ser, eu sentia a certeza disso. E ela me matava.

Calma.

Calma.

Calma.

Calma.

Eu deveria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas estava apagado. Porque nada daquilo era ficção. Não era uma peça de teatro e nós não éramos personagens. Aquela era minha vida, e as mudanças se erguiam e me esfaqueavam pelas costas.

Sem saber o que se passava, Bliss se virou para Garrick e disse:

— Temos que ir, amor. Temos um compromisso do outro lado da cidade em meia hora. — Ela se

virou para mim: — Sinto muito, Cade. Queria que tivéssemos mais tempo para conversar, mas a

Kelsey está desaparecida há semanas. Não havia como *não* atender, e agora temos uma matinê para

um grupo de estudantes. Juro que vou recompensá-lo. Você vai conseguir ir ao nosso Dia de Ação de

Graças dos Órfãos amanhã?

Eu estava evitando aquele convite havia semanas e tinha quase certeza de que ele era o único

objetivo daquele café. Estava prestes a ceder, mas agora não podia. Não sabia quando Garrick

planejava pedi-la em casamento, mas não podia estar por perto quando isso acontecesse ou depois

que acontecesse. Precisava me afastar deles, da Bliss, de ser um personagem secundário na história deles.

— Na verdade, esqueci de dizer. Vou passar o Dia de Ação de Graças na casa dos meus pais. —

Eu odiava mentir para ela, mas simplesmente não suportava mais.

— A vovó não anda se sentindo bem, então achei que seria uma boa ideia visitá-los. O rosto dela vestiu uma expressão de preocupação e ela estendeu a mão para tocar meu braço.

Fingi que não vi isso e me afastei para jogar meu copo de vitamina no lixo. — Ela está bem? — perguntou Bliss.

— Ah, sim, acho que sim. Só um probleminha à toa, mas, na idade dela, nunca se sabe.

Acabei de usar minha avó de setenta anos, a mulher que me criou, como desculpa.

Isso é que é babaquice.

— Ah, bem, diga que mandei um oi e que espero que ela melhore. E tenha um bom voo. — Bliss

se aproximou para me abraçar e eu não me mexi. Na verdade eu a abracei também. Mesmo porque

planejava ficar sem vê-la por um tempo, até que eu pudesse dizer (sem mentir) que a havia superado.

E, baseado em como meu corpo inteiro parecia cantar ao toque dela, isso demoraria um pouco.

Os dois arrumaram as coisas para ir embora e eu me sentei novamente, dizendo que ficaria e

trabalharia na minha lição de casa por um tempo. Peguei uma peça para ler, mas na realidade eu só

não estava preparado para voltar para casa. Não podia mais ficar sozinho com meus pensamentos. A

cafeteria estava movimentada o suficiente para que minha mente se ocupasse com o barulho das vidas

e conversas alheias. Bliss acenou pelo vidro ao ir embora e eu lhe devolvi o aceno, me perguntando se ela percebia a finalidade desse adeus.

## Capítulo 2

### *Max*

Mace enfiou a mão no meu bolso de trás ao mesmo tempo em que o telefone no bolso da frente

tocava. Deixei que ele aproveitasse os três segundos que levei para pegar o aparelho, depois o

afastei com o cotovelo e ele tirou a mão dali.

Tive de afastá-lo três vezes a caminho do café. Ele era como o peixinho desmemoriado dos

desenhos animados.

Olhei a tela e apareceu uma imagem da minha mãe, uma foto que tirei sem que ela percebesse.

Ela estava cortando legumes e parecia a "louca da faca", o que ela era mesmo o tempo todo, sem a parte da faca.

Corri os últimos passos até o Mugshots e entrei antes de atender. — Oi, mamãe.

Ouvia-se música natalina ao fundo. Não superamos nem mesmo o Dia de Ação de Graças e ela já

estava tocando músicas de Natal.

Louca.

— Oi, docinho! — Ela prolongou o final de docinho por tanto tempo que achei que era um robô

que acabou de quebrar. Então ela finalmente continuou: — O que você anda fazendo?

— Nada, mamãe. Acabei de chegar ao Mugshots para tomar um café. Você lembra, é aquele lugar

aonde a levei quando você e o papai me ajudaram na mudança para cá.

— Eu me lembro! Era um lugar bonitinho, pena que servem álcool. E, em resumo, essa era a minha mãe.

Mace escolheu aquele instante (infelizmente um instante de silêncio) para perguntar:

— Max, querida, você quer o de sempre?

Eu o dispensei com um aceno e me afastei.

A mamãe devia estar falando comigo no viva-voz, porque meu pai se intrometeu na conversa:

— E quem é esse, Mackenzie?

Mackenzie.

Tremi. Eu odiava a recusa absoluta dos meus pais de me chamar de Max. E, se eles



não  
aprovaram o nome "Max" para a menininha deles, com certeza não gostariam de  
saber que eu estava  
saindo com um cara chamado Mace.  
Meu pai teria um aneurisma.  
— Só um cara — eu disse.  
Mace me chamou e esfregou o polegar no indicador. Certo. Ele foi demitido. Eu lhe  
entreguei  
minha bolsa para que ele pagasse.  
— É esse o cara que você está namorando? — perguntou a mamãe.  
Suspirei. Não havia nenhum problema em responder isso, desde que eu ocultasse  
alguns detalhes.  
Ou, sabe de uma coisa? Todos os detalhes.  
— Sim, mamãe. Eu estou namorando há algumas semanas. — Na verdade são três  
meses, mas que  
se dane.  
— Mesmo? Por que eu não sei nada sobre esse cara, então? — perguntou o papai,  
novamente ele.  
— Porque ainda é uma coisa nova. Mas ele é um cara bem legal, inteligente. —  
Acho que Mace  
não terminou o ensino médio, mas ele era lindo e um maravilhoso baterista. Não fui  
feita para o tipo  
de cara que minha mãe queria para mim. Eu morreria de tédio em uma semana. Isso  
se eu não lhe  
desse um pé na bunda antes.  
— Onde vocês se conheceram? — perguntou a mamãe.  
*Ah, sabe, ele deu em cima de mim num bar onde eu danço, o trabalho extra que  
você nem  
sonha que eu tenho.*  
Em vez disso, respondi:  
— Na biblioteca.  
Mace na biblioteca. Era uma piada. Na tatuagem ao redor do pescoço dele estaria  
escrito vilaum  
em vez de vilão se eu não estivesse lá para impedir.  
— Mesmo? — A mamãe parecia cética. Eu não a culpava. Conhecer caras legais  
numa biblioteca  
não era mesmo a minha especialidade. Todas as vezes que apresentei meus  
namorados para meus  
pais acabaram em desastre, com meus pais certos de que a filha deles fora seduzida

por um ateu e  
meu namorado me abandonando porque eu tinha "histórias demais".  
Minhas "histórias demais" se chamavam Betty e Mick e usavam trajes de bolinhas e  
suéteres ao  
voltarem para casa do clube de carteados. Às vezes era difícil acreditar que eu saísse  
deles. Na primeira  
vez que pintei meu cabelo de rosa, minha mãe chorou como se eu tivesse dito que  
tinha dezesseis  
anos e estava grávida. E olha que foi uma tintura temporária.  
Hoje em dia era mais fácil simplesmente agradá-los, ainda mais porque eles estavam  
me  
ajudando financeiramente para que eu pudesse passar mais tempo trabalhando com  
música. E não é  
que eu não os amasse... Eu os amava. Só não amava a pessoa que eles queriam que  
eu fosse.  
Então eu fazia pequenos sacrifícios. Não os apresentava mais aos meus namorados.  
Pintava meus  
cabelos de uma cor relativamente normal antes de visitá-los. Tirava ou cobria meus  
piercings e usava  
camisas de mangas compridas e gola alta para esconder minhas tatuagens. Dizia a  
eles que trabalhava  
no atendimento de uma empresa de contabilidade, não num estúdio de tatuagem, e  
jamais mencionava  
meu outro trabalho como dançarina num bar.  
Quando ia para a casa deles, bancava a normal por uns dias, e então caía fora dali  
antes que meus  
pais tentassem me apresentar um contador chato. — Sim, mamãe. Na biblioteca.  
Quando eu fosse passar o Natal com eles, eu simplesmente diria que as coisas não  
deram certo  
com o menino da biblioteca. Ou que ele era um assassino em série. Usava isso como  
desculpa para  
nunca namorar caras bonzinhos.  
— Bem, parece ótimo. Adorariamos conhecê-lo.  
Mace voltou com minha bolsa e nossas bebidas. Ele tirou uma garrafinha do bolso e  
acrescentou  
algo de especial ao seu café. Dispensei quando ele me ofereceu um gole. A cafeína  
bastava.  
Engraçado que ele não podia comprar café, mas podia comprar álcool.  
— Claro, mamãe. — Mace enfiou a mão no meu casaco e me pegou pela cintura. A

mão dele era  
grande e quente, e o toque pelo tecido fino me deu um calafrio. — Acho que vocês  
podem gostar  
mesmo dele. — Terminei a frase com um suspiro ruidoso enquanto os lábios de  
Mace pousavam no  
meu pescoço e meus olhos reviravam de prazer. Nunca encontrei um contador que  
fizesse isso. —  
Ele é muito, ah, talentoso.  
— Acho que vamos ver isso por nós mesmos em breve. — A resposta do papai foi  
mal  
humorada.  
Hah. Se eles achavam que havia alguma possibilidade de eu levar um cara para  
passar o Natal  
com eles, estavam sonhando.  
— Claro, papai.  
Os lábios de Mace estavam quase justificando a falta ao ensaio da banda nesta  
manhã, mas era a  
última chance de ensaiarmos juntos antes da nossa apresentação semana que vem.  
— Ótimo — disse o papai. — Estaremos nessa cafeteria em cerca de cinco minutos.  
Meu café caiu no chão antes mesmo que eu pudesse saboreá-lo.  
— O quê? Vocês não estão em Oklahoma?  
Mace deu um salto para trás quando o café respingou em seus pés.  
— Meu Deus, Max! — Eu não tinha tempo de me preocupar com ele. Tinha  
problemas bem  
maiores.  
— Não fique com raiva, querida — disse a mamãe. — Ficamos muito tristes quando  
você disse  
que não nos visitaria no Dia de Ação de Graças, e depois Michael e Bethany  
decidiram ir ver a  
família dela nas festas de fim de ano também. Então decidimos visitá-la. Até  
encomendei um peru  
especial! Ah, você deveria convidar o seu namorado novo. O da biblioteca.  
MERDA. MERDA. TODAS AS MERDAS DO MUNDO.  
— Desculpe, mamãe, mas tenho quase certeza de que meu namorado vai estar  
ocupado no Dia de  
Ação de Graças.  
— Não vou, não — disse Mace. Não sei se foram todos os anos com uma banda e a  
música alta  
prejudicando sua audição, ou neurônios demais perdidos, mas o cara simplesmente

era incapaz de  
sussurrar!

— Ah, ótimo! Estaremos aí em poucos minutos, querida. Amo você, meu docinho de coco.

Se ela me chamar de docinho de coco na frente do Mace, meu cérebro vai se liquefazer de vergonha.

— Espere, mamãe...

A linha ficou muda.

Eu meio que queria fazer o mesmo.

*Pense rápido, Max. Pais em contagem regressiva de dois minutos. Hora de minimizar os danos.*

Mace nos guiou para contornarmos o café derramado enquanto eu falava, e ele estava novamente me pegando pela cintura. Eu o afastei.

Dei uma boa olhada nele: seus cabelos pretos despenteados, seus olhos pretos lindos, os brincos

que pendiam de suas orelhas e o crânio mecânico tatuado na lateral do pescoço. Eu adorava a forma

como ele exibia sua personalidade na própria pele. Meus pais odiariam isso.

Meus pais odiariam qualquer coisa que não pudesse ser organizada e rotulada e guardada em

segurança numa caixa. Eles nem sempre foram assim. Eles costumavam ouvir e julgar as pessoas de

acordo com o que importava, mas isso foi há muito tempo, e eles estariam aqui a qualquer instante. — Você tem que ir embora — avisei.

— O quê? — Ele passou os dedos por trás do meu cinto e me puxou até que nossos lábios se encontrassem.

— Acabamos de chegar.

Uma pequena parte de mim pensou que talvez Mace pudesse aguentar meus pais. Ele me

encantara, e, para a maioria das pessoas, isso era o mesmo que encantar uma serpente. Ele talvez não

fosse inteligente ou centrado ou qualquer coisa assim, mas era apaixonado por música e pela vida. E

era apaixonado por mim. Havia química entre nós. Um fogo que eu não queria extinto porque meus

pais ainda viviam no passado e não superaram o que aconteceu com Alex. — Sinto

muito, amor. Meus pais resolveram me fazer uma visita inesperada e estarão aqui a qualquer instante. Então eu preciso que você vá embora ou finja que não me conhece.

Eu ia pedir desculpas, dizer que não tinha vergonha dele, que eu só não estava pronta. Mas não

tive chance de dizer isso antes de ele levantar as mãos e se afastar.

— Foda-se. Não vou discutir. Estou indo embora. — Ele se virou para a porta. —

Ligue pra mim  
quando estiver livre.

Então ele cedeu. Não fez perguntas. Não se ofereceu para corajosamente conhecer meus pais. Ele

saiu do café, acendeu um cigarro e foi embora. Por um segundo, pensei em segui-lo.

Se para fugir ou

dar um chute no traseiro dele, eu não sabia. Mas não podia.

Agora eu só tinha de descobrir o que falar para os meus pais sobre a ausência repentina do meu

namorado bonzinho e frequentador de bibliotecas. Só teria de dizer que ele teve de trabalhar ou

assistir a uma aula ou curar os doentes ou coisa assim. Procurei uma mesa vazia.

Eles provavelmente

perceberiam a mentira e saberiam que não existia nenhum cara bonzinho, mas não havia como

contornar isso.

Droga. O café estava lotado e não havia mesas vazias.

Havia uma mesinha para quatro com apenas um cara sentado e parecia que ele já estava

terminando. Ele tinha madeixas curtas e castanhas que foram tosadas num corte simples e limpo. Ele

era lindo, com aquele jeito de modelo norte-americano. Ele usava suéter e cachecol e tinha um livro

sobre a mesa. Eureka! Era esse tipo de cara que as bibliotecas deviam usar nos anúncios se queriam

que mais pessoas lessem.

Normalmente eu não teria prestado atenção nele porque caras desse tipo não gostam de meninas

como eu. Ele, porém, estava olhando para mim. Encarando-me, na verdade. Ele tinha os mesmos

olhos negros e penetrantes de Mace, mas de alguma forma mais brandos. Mais gentis.

E era como se o Universo estivesse me dando um presente. Só faltava mesmo uma placa de neon sobre minha cabeça dizendo: A SOLUÇÃO PARA TODOS OS SEUS PROBLEMAS.

### **Capítulo 3**

#### ***Cade***

Eu observava as pessoas, evocando vidas imaginárias para manter a mente alheia à minha própria vida, quando ela olhou para mim.

Eu a observei com o namorado nos últimos minutos, tentando decifrá-los. Ambos exalavam

confiança e pareciam naturalmente populares. O cara era todo sombrio — cabelos pretos, olhos

pretos, tatuagens escuras. As tatuagens que eu vi eram deprimentes ou violentas — crânios e armas e

socos-ingleses. Ela, por outro lado, era cheia de vida — desde seus cabelos vermelhos aos lábios

pintados que naturalmente ressaltavam suas tatuagens. Viam-se alguns passarinhos voando no

pescoço e o que parecia a copa de uma árvore saindo da gola em forma de coração do seu vestido

estilo anos 1950.

Por mais que ele a tocasse e a beijasse com frequência, eu não via uma conexão verdadeira entre

eles. Ela não olhou para ele nenhuma vez ao conversar com alguém no telefone. E, quando ela não

estava prestando atenção nele, ele tampouco se dava ao trabalho de olhar para ela.

Era como se

fizessem parte de dois sistemas solares diferentes, nenhum dos dois girando ao redor do outro e os

dois na companhia um do outro só por agora.

Ele nem mesmo se deu ao trabalho de pegar o café que ela deixou cair.

Simplesmente a tirou de

perto, enquanto um barista vinha e dava um jeito na bagunça.

Agora ele havia ido embora e ela estava me olhando como se eu tivesse algo que ela queria.

Minha boca ficou seca e eu senti algo se remexendo no peito. Senti outras coisas se remexendo

também.

Ela se aproximou da minha mesa, os quadris esvoaçando a saia larga, e eu dei minha

primeira

boa olhada de verdade no rosto dela. Ela era linda — lábios carnudos, bochechas ressaltadas e nariz

reto. Havia uma florzinha branca em suas loucas madeixas vermelhas. Ela parecia uma versão ousada

de uma mulher de pôster dos anos 1950. Ela era o oposto das moças que namorei ou que pensava em

namorar. Ela era o oposto da Bliss. Talvez tenha sido por isso que, em parte, eu não conseguia tirar

os olhos dela.

Eu podia ver agora que a tatuagem no peito dela era com certeza uma árvore. Galhos nus subiam

pelo colo, e, quando ela se abaixou e pousou as mãos na minha mesa, dei uma boa olhada no tronco

da árvore desaparecendo no vale entre seus seios.

Engoli em seco e demorei mais do que devia para dirigir meu olhar para o rosto dela.

— Vou lhe pedir uma coisa e vai parecer loucura — ela disse.

Isso combinaria com o restante dos meus pensamentos, então. — Tudo bem — respondi.

Ela se sentou na cadeira ao meu lado e eu pude sentir o perfume dela... algo feminino e doce e

que combinava perfeitamente com a pele tatuada. Eu ainda estava pensando na maldita árvore,

imaginando como seria o restante da tatuagem, imaginando como a pele devia ser macia.

— Meus pais vieram me visitar de surpresa e querem conhecer meu namorado. Aproximou-se mais um pouquinho e ficou batendo com as unhas vermelhas na mesa.

— E como eu posso ajudar?

— Bem, eu deveria apresentá-los a um namorado educado e gentil que conheci na biblioteca,

alguém que não é o namorado que eu tenho na realidade. — Ela segurou meu braço apoiado sobre a

mesa e eu amaldiçoei todas as minhas roupas de inverno porque queria sentir o toque dela.

— E você acha que eu sou educado e gentil? Ela deu de ombros.

— Parece. Sei que é loucura, mas eu adoraria se você fingisse ser meu namorado até eu

conseguir me livrar deles. — Voltei a olhar para seus lábios cor de cereja. Aqueles

lábios me faziam

pensar em várias coisas que não eram nada educadas ou gentis.

O que ela queria era, sim, loucura, mas eu estaria atuando, e eu vinha sentindo falta de atuar nas

últimas semanas. E parte de mim estava louca para amarrar o Cade Bonzinho e jogá-lo no porta

malas. Essa parte de mim pensou que passar algum tempo com aquela menina era uma boa ideia.

— Por favor? Eu vou falar por nós dois e vou pôr um fim nisso o mais rápido possível. Posso lhe

pagar! — ela declarou. Eu franzi a testa, e ela continuou: — Certo, não posso lhe pagar, mas vou

recompensá-lo. O que você quiser.

De algum jeito senti que ela não deveria ter dito esta última parte a alguém que não parecesse

"educado e gentil". Como essa parte do meu cérebro estava momentaneamente indisposta, eu tinha

uma boa ideia do que queria.

— Posso fazer isso. — O corpo dela relaxou. Ela sorriu, e foi lindo. Depois, acrescentei: — Em

troca de um encontro.

Ela recuou e aqueles lábios vermelhos carnudos fizeram um biquinho de dúvida.

— Você quer sair comigo?

— Sim. Combinado?

Ela consultou o relógio na parede, xingou baixinho e disse:

— Certo. Combinado. Agora me passe seu cachecol.

— Ela nem me deu chance de me mover antes de começar a tirar o cachecol do meu pescoço.

Dei uma risadinha.

— Já está tirando minha roupa?

Ela entornou um lado da boca e me olhou, surpresa. Depois fez que não com a cabeça e enrolou

meu cachecol em volta do pescoço dela. Cobriu os passarinhos delicados e a pele macia de

porcelana, deixando à mostra apenas as linhas pretas finas da árvore tatuada. Ela pegou um

guardanapo da mesa e limpou um pouco do batom vermelho-vivo.

— Tudo o que meus pais sabem é que nos conhecemos na biblioteca. Você é educado e gentil



e perfeito. Meus pais são conservadores, então não faça piadas dizendo que eu quis tirar sua roupa.

Estamos namorando há poucas semanas. Nada complicado. Eu não lhes disse mais nada, então deve ser algo fácil de fingir.

Com mãos habilidosas, ela começou a tirar um pouco da maquiagem de seus olhos. Jogando os

cabelos para a frente, fez com que cobrissem os vários piercings em suas orelhas.

— E quanto a você? O que você faz?

— Sou ator.

Ela revirou os olhos.

— Eles vão odiar isso tanto quanto me odiavam por ser musicista, mas vai ter que funcionar.

Ela continuava limpando a maquiagem e ajeitando os cabelos, olhando em volta como se quisesse

ter um chapéu ou coisa assim para se cobrir. Coloquei a mão no ombro dela e disse:

— Você está linda. Não se preocupe.

Ela ficou paralisada e me olhou de cima a baixo como se eu estivesse falando suaíli.

Depois fez

um biquinho que era quase um sorriso. Eu ainda a estava tocando no ombro quando uma mulher na

parte da frente do café começou a chamar:

— Mackenzie! Ah, Mackenzie, querida!

Mackenzie.

Ela não parecia uma Mackenzie.

Ela respirou fundo e se levantou para encarar a mulher que eu achava que era a mãe dela.

Levantei-me também e coloquei o braço sobre seus ombros. Ela parecia exausta, o que era

engraçado, já que até agora a autoconfiança praticamente escorria de seus poros feito mel.

Quero dizer, ela pediu a um estranho que fingisse ser seu namorado. Ela parecia destemida. Seus pais aparentemente eram sua kriptonita.

Fiquei olhando para o casal de meia-idade que se aproximava da gente. O homem era calvo e

usava óculos de aros finos, e os cabelos da mulher estavam ficando grisalhos nas têmporas. Vinham

de mãos dadas e abriram os braços livres como se esperassem que a filha saísse correndo para um

abraço em grupo. Ela parecia preferir se jogar de um penhasco.

Sorri.

Disso... eu daria conta.

Apertei o ombro dela e disse:

— Vai dar tudo certo.

— Docinho de coco! Ah, querida, por que você estragou seus cabelos? Eu disse para você deixar

de usar aquelas tinturas prontas.

Enquanto a mãe a puxava para um abraço, Mackenzie mordida o lábio inferior com tanta força que

fiquei surpreso que sua boca não sangrasse. O pai se aproximou e ela soltou minha mão. Afastei-me

um pouco e estendi a mão para a mãe dela. — É um prazer conhecê-la, senhora...

As palavras já tinham saído da minha boca quando percebi que não tinha a menor ideia de qual

era o sobrenome de Mackenzie. Droga, nem sabia direito que o nome dela era Mackenzie.

A mãe dela segurou minha mão e ficou olhando para mim com a cabeça tombada para o lado,

esperando que eu terminasse a frase. Percebi que Mackenzie havia se livrado do abraço do pai, a

expressão tomada pelo horror.

Droga. Exibi meu melhor sorriso e disse:

— Sabe, a Mackenzie falou tanto sobre a senhora que acho que eu deveria chamá-la apenas de

*mãe. — Depois me aproximei para abraçá-la.*

## **Capítulo 4**

### ***Max***

ELE ESTAVA ABRAÇANDO MINHA MÃE.

Um estranho. Eu mesma só conseguia suportar uns poucos abraços por ano sem me sentir

sufocada e ele permaneceu envolto pelos braços curtos e estranguladores dela durante três, quatro,

cinco segundos.

E o abraço não terminava nunca.

E foi um abraço com toda a força, não um daqueles estranhos abraços de lado que eu dei no meu

pai.

Meu Deus, a cabeça dela estava aninhada sob o queixo dele. O queixo!

Os segundos pareceram toda uma vida, e os enormes olhos dele me encararam por sobre a cabeça da minha mãe. Pelo jeito como minha mãe estava agarrada, ele jamais se libertaria dela. Foi como uma daquelas histórias tristes nas quais uma criancinha estrangula um gato porque o abraça com muita força.

Ele riu e lhe deu uns tapinhas nas costas. Ao contrário das minhas risadas perto de meus pais, ele conseguiu ficar abraçado sem parecer que estava sendo mantido ali sob a mira de uma arma.

Finalmente, depois de um abraço de quase DEZ segundos, ela o soltou. Depois de dez segundos eu estaria hiperventilando. Se bem que ela provavelmente não teria me soltado depois de dez segundos. Estou convencida de que minha mãe acha que, se pudesse me abraçar por muito tempo, acabaria tirando toda a influência demoníaca de mim. Ele ficou ali, ainda ao alcance de um abraço, e disse:

— Que bom que vocês dois conseguiram fazer esta visita-surpresa. A Mackenzie pode não admitir, mas sente muito a falta de vocês dois.

Fiquei tensa quando ele me chamou de Mackenzie, enquanto minha mãe sorriu. Eu não sabia se a aversão dela pelo nome Max era só porque o considerava um nome masculino ou se era porque o apelido a fazia se lembrar de Alexandria... de Alex.

Minha mãe me olhou por sobre o ombro dele e havia lágrimas em seus olhos. Quinze segundos e ele a fez chorar de alegria! Será que meus ex-namorados eram todos tão ruins assim em comparação a ele?

Certo, então cometi mesmo o erro de apresentá-los a Jake. Ele insistia que meus pais o chamassem pelo apelido... Tesoura.

Mas aquilo foi o fundo do poço! E foi mais para irritá-los. Nem todos eram tão ruins assim. Meu namorado de mentira se virou para meu pai e falou:

— Senhor, sou Cade Winston. O senhor criou uma filha maravilhosa.

Meu pai o cumprimentou e disse:

— Mesmo?

MESMO. Ele disse mesmo.

Não "obrigado" ou "eu sei". Ele demorou cinco segundos para sorrir... como se o fato de eu ser maravilhosa fosse obra dele.

— Prazer em conhecê-lo, filho — disse meu pai.

Eles já estavam me casando.

Eu precisava me sentar.

Eu não disse nada ao nos aproximarmos da mesa, mas meu namorado de mentira, Cade, devia ter

uma espécie de sexto sentido. Ele se pôs ao meu lado em segundos e puxou a cadeira para mim. Meus

pais ficaram a alguns metros, olhando como se quisessem preservar aquela imagem em suas

memórias para sempre.

Cade segurou minha mão e entrelaçou nossos dedos. A pele dele na minha provocou um curto

circuito no meu braço. Isso paralisou todos os pensamentos desesperados na minha mente e eu fiquei

ali sentada o encarando enquanto meus pais também nos encaravam. A mamãe pegou um lenço.

Talvez um dia eu consiga olhar para trás e rir do ridículo da situação. Talvez um dia eu também entre

num vagão do metrô que não cheire a urina. O futuro me reserva muitas coisas. Por fim o papai se virou para a mamãe e disse:

— Vamos pegar um café, Betty. Cade, Mackenzie, voltamos daqui a pouco.

Esperei até que meus pais estivessem na fila e me virei para ele, mal contendo a vontade de

machucá-lo.

— O que foi aquilo?!

Ele franziu a testa, a cabeça tombada para o lado, enquanto nossas mãos permaneceram

entrelaçadas. Por que não soltei minha mão ainda? — Estava conhecendo seus pais.

Tentei continuar furiosa, mas meninos assim não deveriam ter olhos tão lindos e cílios tão

compridos. Um calor incomum subiu pelo meu pescoço e eu percebi que estava ficando toda

vermelha.

Não sou o tipo de menina que fica toda vermelha.

Desviei o olhar e soltei minha mão. Minha voz soou trêmula e minha raiva desapareceu quando eu disse:

— Você está praticamente arruinando a chance de os meus pais gostarem de um dos meus namorados de verdade. — Era mais fácil falar sem olhar para ele. Meus pensamentos ficavam mais claros. — Quero dizer, você *abraçou* minha mãe. Abraços são como crack para aquela mulher.

— Sinto muito. Você não me disse seu sobrenome, então tive que improvisar. Cruzei os braços. Ele fez um ótimo trabalho e meus pais pareciam convencidos e felizes. Ele era claramente muito bom nesse tipo de coisa. Isso deveria me deixar menos nervosa, mas não deixava.

Eu ainda sentia que sofreria um ataque cardíaco a qualquer instante.

— Só... não a abrace novamente. — Deus me livre se ela começar a esperar que eu faça o

mesmo. — Só preciso sobreviver a isto sem que eles fiquem desconfiados. Não precisa tentar

receber um Oscar. E meu sobrenome é Miller. — Claro, desculpe, Mackenzie.

O nome se chocou contra meus ouvidos. Fazia anos que ninguém fora da minha família me

chamava assim, e de alguma forma eu odiava isso ainda mais agora. Eu estava quase cuspiendo fogo

quando disse:

— Não me chame de Mackenzie. É Max.

Minha raiva não o incomodou nem um pouco. Ele parou por um segundo e sorriu: — Max. Combina mais com você.

Desgramado! Ele tinha um jeito de acabar com minha raiva que era mais do que frustrante. Ele

pôs o braço no encosto da minha cadeira e se virou para mim. Minha bolha de proteção estourou

como a gola levantada da camisa polo do calouro que quer impressionar. Entre o braço na minha

cadeira e o outro sobre a mesa diante de mim, senti-me cercada por ele. Seus olhos de caramelo

estavam bem ali, e o cheiro de colônia, picante e doce, tomou conta do meu olfato.

Eu realmente

deveria ter me afastado. Não deveria admirar os cílios dele novamente. Ele se

aproximou de mim, e  
a barba por fazer em seu queixo resvalou em meu rosto. Sirenes soaram em minha  
mente, mesmo  
fechando os olhos. Ele sussurrou:  
— Sua mãe está voltando. Desculpe. Nada de abraços, prometo.  
Os lábios dele ainda estavam na minha orelha quando minha mãe voltou. Ele estava  
fingindo. Ele  
não estava me acariciando. Estava apenas tentando impedir que minha mãe o  
ouvisse. Só isso. As  
sirenes silenciaram, mas ainda assim eu me sentia perturbada.  
Cade se levantou e puxou a cadeira da minha mãe enquanto meu pai esperava pelas  
bebidas.  
Fechei os olhos e tentei organizar a bagunça dos meus pensamentos.  
— Então, Cade, a Mackenzie disse que vocês dois se conheceram na biblioteca —  
disse minha  
mãe.  
Abri a boca para responder, mas Cade falou antes.  
— Ah, sim. Isso mesmo. Na verdade, a *Max* — ele lançou um sorrisinho na minha  
direção — me  
ajudou a encontrar o livro que eu procurava. Eu estava procurando na seção errada.  
As sobrancelhas perfeitamente feitas da mamãe se arquearam.  
— É mesmo? Não sabia que ela conhecia tão bem a biblioteca. Quando ela era mais  
nova, mal  
conseguíamos convencê-la a ler, a não ser que fosse um daqueles encartes que  
vinham com os CDs.  
Crianças normais você pode subornar com doces para que façam a lição de casa,  
mas não nossa  
Mackenzie.  
Rangi os dentes para me conter e não sair falando sobre quem exatamente era o  
*normal na nossa*  
família. Cade não perdeu a oportunidade.  
— Bem, era um livro sobre composição musical de que eu precisava para um  
trabalho, então tive  
sorte por encontrar uma especialista. Ela era exatamente o que eu precisava. — Ele  
me olhou de lado  
e o braço no encosto da cadeira subiu para o meu ombro. — E ainda é. — Esse cara  
tinha um efeito  
estranho sobre mim. Uma partezinha de mim queria desmaiar ao ouvir aquela  
declaração brega. A

maior parte de mim queria vomitar. Não que isso importasse, já que era tudo fingimento.

A mamãe, porém, estava convencida. Ela soltou um sonoro "oh" e se esqueceu de que odiava meu interesse por música.

— Um trabalho? — perguntou ela. — Você é estudante?

— Sim, senhora. Estou fazendo mestrado na Universidade Temple.

Putá que o pariu! O que houve com o não exagerar?

— Mestrado? — A expressão da mamãe se iluminou por um instante, mas depois voltou a ficar

sombria. — Em música?

— Não, senhora. Dramaturgia, na verdade. Estava escrevendo um trabalho sobre o uso de

músicas originais no teatro.

— Drama? Que interessante. — O sorriso da minha mãe ficou tenso. Finalmente uma coisa de que minha mãe não gostava nesse cara.

— Sim, senhora. É o que amo fazer. Apesar de também estar interessado em lecionar numa

faculdade.

— Um professor, que maravilha!

*Desisto.* Na guerra em busca da aprovação dos meus pais, eu perdera para um completo estranho.

O papai voltou com duas xícaras de café e perguntou: — Sobre o quê estamos conversando?

A mamãe não nos deu nenhuma chance de responder e exclamou:

— Cade está cursando mestrado para se tornar professor. Não é incrível? A mamãe podia disputar a olimpíada de audição seletiva. — Parece muito bom.

— Obrigado, sr. Miller — agradeceu Cade. O papai parou de soprar o café para dizer:

— Ah, por favor, me chame de Mick. MICK?

Tive um pesadelo assim uma vez. A diferença era que nele eu estava nua. Queria poder dizer que

essa lembrança melhorava as coisas, mas não. Cade riu e relaxou na cadeira. Ele parecia tão calmo,

quase como se estivesse gostando daquilo.

— Claro, Mick, obrigado. Como foi a viagem de vocês? O papai bufou.

— Horrível. Os aeroportos são os sovacos do Universo. Eles trataram sua mãe e eu como se

fôssemos terroristas, nos obrigando a passar por aquelas máquinas de raios X.

Provavelmente nos  
deram câncer. Digo que é melhor nos livrarmos dos aviões e voltarmos a viajar de  
trem. Demora  
mais, mas com certeza é mais simples.  
E assim começou a loucura.  
— Sabe, só andei de trem uma vez, mas achei que foi uma experiência bastante  
agradável —  
comentou Cade.  
— Vou ter que experimentar novamente um dia desses.  
Trens. Eu continuava me lembrando de que tudo podia ser muito pior. Se meu pai  
tivesse tentado  
conversar sobre trens com Mace, ele provavelmente teria pensado que meu pai  
estava falando de um trenzinho sexual. Teria sido um desastre.  
— Chega disso. Quero ouvir mais sobre você. Por que nossa menininha manteve um  
cara tão  
legal em segredo da gente?  
Cade olhou para mim e eu o encarei. Agora é minha vez de falar?  
Ele riu e apertou meu ombro. Seus dedos permaneceram ali, distraíndo-me enquanto  
ele falava:  
— Não sei quanto à Max, mas acho que só queríamos manter as coisas entre a gente  
por  
enquanto. Ir devagar.  
E ali estavam as palavras mágicas. Eu não me envolvia em relacionamentos longos e  
só "iria  
devagar" quando estivesse morta. A vida era curta demais. Acho que meus três  
meses com Mace  
eram um dos meus relacionamentos mais longos, e nós já estávamos falando em  
morar juntos. Que  
bom que não fizemos isso ainda.  
Meus pais odiavam minha tendência a antecipar as coisas. Quando terminassem seus  
cafés, eles  
provavelmente estariam implorando para fazer uma troca e ter Cade como filho. —  
E quanto aos seus passatempos? — perguntou meu pai. Provavelmente procurando  
alguém  
com quem jogar golfe ou tênis. Deus sabe que nenhum dos meus namorados  
anteriores havia jogado  
nada disso com ele.  
Cade deu de ombros.  
— A universidade ocupa quase todo o meu tempo. 1



Também sou voluntário uma vez por semana na ASAP , num programa para jovens em situação de risco.

Inacreditável! Mace não sabia o significado de "Ei, não quero sua mão na minha bunda em público", enquanto esse cara não sabia o significado de "Dá um tempo!". Apoiei-me sobre a mesa, coloquei uma das mãos na coxa dele e belisquei. A coxa era musculosa e ele não reagiu ao meu beliscão. Pôs a mão sobre a minha e abriu minha mão contra sua perna.

Tentei me livrar, mas ele a manteve ali, sua mão enorme e quente pressionando a minha contra sua coxa musculosa. Agora eu é que precisava ser beliscada, porque estava olhando minha mão na perna dele e pensando demais na pele que estava sob o tecido da calça jeans. Eu havia esquecido completamente por que estava irritada.

Fiz que não com a cabeça e sorri para meus pais; abrir meus lábios para mostrar os dentes era como tentar abrir caminho em meio ao concreto.

— Olhe, mamãe e papai, o Cade e eu realmente temos que ir embora. Não sabia que vocês viriam, senão teria reorganizado meus compromissos.

O papai se levantou da mesa e ajeitou a calça.

— Ah, não se preocupe, bonequinha. Vamos ficar num hotel não muito distante de você, na melhor parte da cidade.

O que significava que o lugar onde eu morava era um lixo. Não era o caso, só que ficava em

Chinatown, e o papai se sentia incomodado quando nem todas as placas estavam em inglês.

A mamãe se juntou a ele:

— Além do mais, vamos reencontrá-los amanhã para o Dia de Ação de Graças! — Ah, mamãe, realmente acho que o Cade não pode...

— Bobagem. Eu o ouvi dizer no telefone que estava livre, e não vou aceitar um não como

resposta. Chega de esconder este jovem tão educado de nós. Vocês claramente se adoram, e, mais

cedo ou mais tarde, ir devagar se torna uma desculpa como outra qualquer. Nós não nos adorávamos.

Meus olhos se fixaram no queixo dele, mas me obriguei a desviar o olhar. *Não nos adorávamos.*

Não importava que esse cara fosse lindo ou que a mão dele fosse quente sobre a minha.

— Mamãe...

— Mackenzie Kathleen Miller, não discuta comigo. Agora, Cade... — Ela fixou os olhos nele, e

era aquele olhar de louca, o olhar da foto no meu celular. — Diga-me que vamos nos ver amanhã e

depois ensine minha filha a se portar direito.

Cade olhou para mim. Eu sabia o que ele iria dizer e não tinha como impedi-lo, exceto se o

derrubasse no chão (o que podia ser uma ideia tanto boa quanto má).

— Claro, sra. Miller. Vejo a senhora amanhã.

— Excelente. — Ela se aproximou e o beijou no rosto.

— Por que você não me chama de "mãe"?

## **Capítulo 5**

### ***Cade***

Fez-se um momento de silêncio depois que os pais da Max saíram, um silêncio que me lembrava

daqueles poucos segundos de surpresa antes de um acidente de carro. Seu cérebro grita para que

você pise no freio, mas demora demais para seu corpo responder. Foi naqueles segundos silenciosos

que Max sorriu um sorriso lento e malvado.

E me deu um tapa.

Não doeu. Não muito.

Mas foi surreal, como se o carro tivesse batido e eu estivesse voando pelo parabrisa. Eu nunca

fora estapeado por uma menina antes. Acho que sou o único cara no mundo a ter levado um tapa por

impressionar bem os pais de uma garota.

Não consegui segurar. Eu dei risada.

O rosto de Max ficou todo rosado e ela levantou a mão para me bater novamente. — Calma, querida. — Segurei a mão dela quando começava a descer, colocando-a sobre a mesa.

Isso significava que tinha uma mão sobre minha perna e outra sobre a mesa. A mocinha violenta

estava bem presa. Ela empinou o nariz e me encarou como se fosse entrar numa

batalha. Saía fogo de  
seus olhos, e ela parecia perigosamente sexy.

— Por que você está tentando me machucar? — perguntei. — Porque vou me sentir melhor!

A mão dela na minha coxa não estava me ajudando a levar sua raiva a sério. E a pele dela ficou  
toda vermelha, desde o rosto e passando pelo pescoço, e eu desejei que ela não  
estivesse usando meu  
cachecol.

— Não que eu quisesse ter dito sim. Sua mãe não é exatamente uma pessoa fácil de contrariar.

Ela bufou e se remexeu na cadeira, tentando libertar as mãos. Isso somente a trouxe  
para mais

perto. A vermelhidão no rosto dela combinava com a energia de seus cabelos, cujo  
perfume era  
divino.

— Você poderia ao menos não ter inventado uma história tão ridícula sobre si mesmo. Quero

dizer, trabalhar como voluntário num programa para jovens? Eu disse para você ir com calma! — Ela rosnou as palavras através dos dentes.

— Mas eu não inventei isso. Só disse a verdade. E pare de se debater, as pessoas estão  
começando a olhar.

Ela parou e um cacho de cabelos vermelhos caiu sobre seu rosto. Ela o ajeitou e  
disse:

— Você contou a verdade?

Depois de um tempo, soltei as mãos dela e coloquei minha mão direita entre a gente.

— Meu nome é Cade Winston. Aluno de mestrado em belas-artes, voluntário,  
abraçador de mãos

e seu namorado pelas próximas vinte e quatro horas. Prazer em conhecê-la. Ela  
hesitou e fez um biquinho. Eu sabia que ela estava apenas pensando, mas o biquinho fez

minha mente seguir por uma direção completamente diferente.

— Você realmente faz trabalho voluntário ajudando crianças depois da aula? — Do  
jeito que ela

dizia, parecia até que eu estava querendo ganhar o Prêmio Nobel da Paz ou coisa  
parecida. Eram

apenas crianças que precisavam de um lugar onde se divertir. — Realmente faço —  
eu disse.

Depois de um instante de hesitação, ela me deu a mão e me cumprimentou. Franziu a testa e disse:

— Max Miller, musicista e furiosa. Desculpe por bater em você.

— E por me beliscar — acrescentei, apesar de não ter sentido nada. Aquilo só me deu um motivo

a mais para tocá-la.

— E por beliscá-lo. E obrigada, acho, por hoje. E por amanhã. E desculpe novamente por você

ter que passar seu Dia de Ação de Graças com meus pais malucos.

Sorri. Ela tinha um olhar de cansaço no rosto, e eu percebi que uma desculpa vinda dessa menina era uma ocorrência rara. Dei de ombros.

— Ei, não se sinta mal. Eu estava planejando passar o dia de amanhã sozinho em casa, comendo

comida chinesa. Tenho certeza de que o peru da sua mãe é muito melhor. Ela sorriu com relutância.

— E é. Ela é uma cozinheira enlouquecidamente boa. Com ênfase no "enlouquecidamente".

— Mas o tapa... sobre isso você pode se sentir mal, sim.

Ela revirou os olhos e se afastou.

— Eu já pedi desculpas!

— O quê? Nem se ofereceu para me dar um beijinho de desculpas? — Ela arqueou a

sobrancelha, mas posso jurar que os olhos dela se fixaram na minha boca por um segundo. Pensei em

beijá-la, simplesmente beijá-la, sem pensar no fato de que não nos conhecíamos ou no namorado de

verdade dela. Mas ela se levantou e a oportunidade passou.

— Bem, Cade Winston, realmente tenho que ir embora

— ela disse. — Já estou atrasada para o ensaio da minha banda, mas será que você pode vir mais

cedo amanhã, antes de os meus pais chegarem? Podemos detalhar o restante da história para que você

não precise *improvisar* mais com abraços. — Ela pegou uma caneta da bolsa e escreveu o endereço e o número do telefone num guardanapo.

Guardei-o no bolso, joguei meu copo vazio no lixo e a segui até a porta. Sabia que ela tinha de ir

embora, mas queria ficar só mais um pouquinho com ela.

— Você não tomou seu café — falei, lembrando-me de quando ela o deixou cair no chão, mais

cedo, durante a ligação dos pais. — Deixe-me comprar outro para você. Ela fez que não. — Eu é que deveria lhe comprar café.

— Você está tendo uma manhã estressante. Merece uma pausa. — Ela me olhou como se eu

tivesse feito um gesto grandioso. O namorado dela devia ser um babaca mesmo se ela estava

impressionada por uma simples xícara de café. Acrescentei: — Além disso, a verdade é que eu não

tomo café, então é um assunto controvertido. Ela riu.

— Acho que esta é a primeira vez que ouço alguém dizer "assunto controvertido". E, se você não

gosta de café, o que está fazendo numa cafeteria?

— Era para eu fingir ser o irmão desaparecido de uma menina, mas ela cancelou de última hora.

Mas tudo bem; fingir ser o namorado é muito mais divertido.

Caminhamos até o caixa e ela pediu:

— Um café médio.

Eu a observei misturar o creme e adicionar dois pacotinhos de açúcar. Enquanto mexia o café, ela

me olhou como se eu fosse um quebra-cabeça que ela tinha de montar.

— Você até que é meio engraçado, Winston.

Ela bebeu um gole do café, e o que restava do seu batom deixou uma mancha vermelha na borda

da xícara. Aquilo me deixou louco.

— Sou muito mais do que meio engraçado. Você vai ver.

— E arrogante. — Ela sorriu para mim. — É difícil decifrá-lo, sabia?

— Estou disposto a ficar ao seu lado o quanto você quiser enquanto tenta me decifrar.

Ela riu.

— Vamos nos ater ao amanhã por enquanto. Vejo você mais tarde, namorado. — Até amanhã, Mackenzie.

Ela fez um barulho que era uma mistura de bufada e risada e balançou negativamente a cabeça.

Ao abrir a porta de vidro da saída, olhou para trás e gritou:

— Você não vai querer brincar disso, querido.

Ela olhou para trás por um segundo ao atravessar a rua, e seus olhos me encararam pela janela.

Um tremor cresceu no meu peito, algo que lembrava uma corrida, um teste de ator e uma disputa por

um papel que eu sabia que deveria ser meu.

Fiquei lá feito um idiota, olhando-a partir, até que a funcionária disse:

— Ei, cara, você precisa de mais alguma coisa? — Não, estou bem, desculpe.

Saí sentindo o vento ríspido do inverno e pensando em como me sentia bem. Aquela menina não

sabia o quanto tinha razão. Aquilo tudo *era mesmo* uma brincadeira. Ela não era minha namorada,

mesmo que seus pais me adorassem. *Principalmente porque seus pais me adoravam. Nunca saí com*

uma menina como ela e ela provavelmente nunca saiu com um cara como eu. Mas às vezes você só se

dá conta do que está procurando depois de ter sido jogado no chão. E qual era o sentido de viver se

eu pretendia percorrer os mesmos caminhos repetidas vezes?

Reproduzi os últimos vinte minutos na minha mente

— nossa conversa, o encontro com os pais dela, ver como ela ficou toda vermelha ao sentir raiva

de mim. Talvez eu estivesse arrasado, mas até mesmo o tapa foi um pouco gostoso.

Apesar do absurdo da situação, há meses eu não me sentia tão normal assim. Era como se as

nuvens tivessem finalmente se dissipado. Como se eu tivesse me livrado da armadilha do passado e

seguido pelo caminho do presente.

Era melhor. E eu estava determinado a garantir que tudo continuasse assim. Já era hora de começar a viver, de realmente aproveitar minha vida. E eu acabara de conhecer

alguém que sabia mesmo como aproveitar a vida. \*

Deixei minhas coisas no meu apartamento e saí pelo corredor. Bati com os nós dos dedos na

porta do meu vizinho e chamei:

— Milo! Está em casa?

O som de uma espécie de música latina, talvez salsa, vazava por sob a porta, então eu sabia que

ele estava em casa.

— Milo! — Martelei a porta mais algumas vezes.

A porta se abriu de repente e Milo empurrou uma linda morena para baixo com tanta rapidez que

a cabeça dela quase me acertou no saco. Dei um pulo para trás.

Milo riu para mim, seus dentes brancos contra a pele escura. Ele puxou a menina

para cima

rapidamente e os cabelos dela esvoaçaram. Consultei meu relógio.

Só o Milo para dançar salsa na sala de estar às dez da manhã.

— Alto demais, amigo? Vou abaixar. Estendi a mão.

— Não. Não, tudo bem. Na verdade estava pensando se você queria sair hoje à noite.

Ele arqueou a sobrancelha para mim. Andei desprezando convites para sair a semana toda por

causa do terror ao feriado e da depressão, mas já era hora de mudar.

— Já tenho planos, cara, mas você deveria me acompanhar. Esta é a minha amiga Sasha. — A

morena permaneceu ao lado de Milo, mas acenou para mim. Não a reconheci, mas Milo tinha uma

garota nova a cada semana, então não era nenhuma surpresa. — Ela vai dançar hoje à noite. Um trabalho novo. — Ah, como um show? — perguntei. Milo gargalhou alto. Assim como Sasha.

— Um pouco como um show, mais como um bar.

Fiz cara de surpresa. Ela era dançarina num bar. Era uma stripper?

Milo já devia me conhecer bem o bastante a ponto de interpretar minha expressão.

— Calma, hermano, não é nada disso. Então era o quê?

— Vou bater na sua porta às nove, tudo bem? Estamos nos divertindo muito. Então Sasha o segurou pelo braço e eles voltaram a dançar. A dança era um tal de requebrar e

esticar os braços, e parecia muito mais interessante do que qualquer outra coisa que eu tivesse feito

às dez da manhã. Como eu já havia atrapalhado demais a sedução matinal de Milo, fechei a porta e

voltei para o meu apartamento.

Algo me dizia que aquela seria uma noite interessante.

## **Capítulo 6**

### ***Max***

Ao entrar no Trestle, o bar onde eu trabalhava e local de ensaio da banda, eu estava quase vinte

minutos atrasada. Queria poder dizer que Mace e Spencer estavam irritados, mas acho que eles nem

notaram. O baixo de Spencer estava esquecido enquanto ele analisava várias garrafas de bebida atrás

do bar. Mace ao menos tinha suas baquetas enfiadas no bolso enquanto jogava no celular.

— Ei, caras! Desculpem pelo atraso.

2

Spencer se serviu de um pouco de Maker's Mark e disse: — Tudo bem, Max.

— Que bom. Sabe o que mais está tudo bem? *Não* roubar bebida do lugar onde podemos ensaiar de graça.

Fechei a garrafa de uísque e a devolvi à prateleira. Spencer deu de ombros, ajeitou os óculos de

aros pretos e virou o copo na boca. Segurando-o pela gravata preta com estampa de caveiras, puxei

o até a área onde os instrumentos ficavam montados. Empurrei-o até o baixo. Pus a mão sob o queixo de Mace e levantei a cabeça dele para mim. Ele me deixou fazer isso,

mas ergueu o telefone mais alto ainda para manter os olhos no jogo.

— Deixe disso, amorzinho, sei que estou atrasada, mas só temos até o meio-dia antes que o Sam nos expulse daqui.

— É, é, só espere mais um pouco. Não posso parar. Se eu desviar o olhar, vou morrer.

Talvez eu ainda estivesse um tanto brava por ele ter me deixado sozinha tão facilmente há pouco,

ou talvez eu fosse uma cretina, mas peguei o telefone da mão dele e o segurei nas costas.

— MAX! Pare com isso! — Ele tentou pegar o telefone, mas nós dois ouvimos o barulho do fim do joguinho.

— Caramba, Max, às vezes você é uma vaca!

Por uma fração de segundo, o rosto de Cade apareceu na minha mente, mas eu fiz força para esquecê-lo.

— É, bem, você é um babaca o tempo todo. Lide com isso.

Havia só um pouquinho de raiva nas minhas palavras. Enfie o telefone no bolso da frente da

calça dele e usei o bolso para puxá-lo na minha direção. A boca de Mace formava uma linha reta

quando ele ficava com raiva, mas isso não o impediu de deslizar as mãos pelas minhas costas até a

minha bunda. Não o afastei com o cotovelo dessa vez. Beijei-o no queixo e ele parou de ranger os



dentes com tanto vigor. Ele me beijou, mordendo meu lábio inferior com muita força. — Eu gostava mais quando vocês não estavam se tocando o tempo todo — comentou Spencer.

Ele e eu fazíamos músicas desde que me mudei para a Filadélfia, há alguns anos. Além de mim, ele era o único membro da Under the Bell Jar que não se mudava de cidade frequentemente.

O que eu podia dizer? Eu gostava de bateristas.

— Podemos tocar agora? — perguntou Spencer, lançando um olhar para Mace. Ele não suportava Mace, mas não se incomodava porque achava que o namoro não duraria muito.

Seria legal se ele achasse que nosso namoro duraria. Mace era o melhor baterista que já tivemos.

Afastei-me e fui até minha guitarra.

— Certo, então esta é a única oportunidade que teremos de ensaiar juntos antes do show na

semana que vem. Precisamos ensaiar e decidir a ordem das músicas.

Começamos com uma versão de "A Better Son/Daughter", de Rilo Kiley. Eu sentia que tinha

vivido a letra dessa música pela manhã. Começava leve e suave. Meus lábios tocaram o metal frio

do microfone e eu me senti em casa. Não me importava que estivéssemos num bar sujo sem plateia ou

que eu estaria ali logo mais à noite, trabalhando até de madrugada, para acordar no dia seguinte e

encenar para meus pais. Não me importava que nesta manhã minha vida amorosa tivesse feito uma

curva repentina à esquerda e depois seguido direto para um território bizarro. Não me importava nem

mesmo que eu estivesse carregando esta banda nas costas há anos, sem dinheiro e nenhum futuro à

vista.

Quando eu cantava, nada mais importava.

Eu não era uma pessoa emotiva. Não chorava desde os treze anos. Não mesmo. Naquela ocasião,

quando minha vida estava afundada em lágrimas, prometi a mim mesma que não seria uma dessas

pessoas. Esse tipo de gente que chora incontrolavelmente quando algo ruim acontece, mas que dois

dias depois anda por aí como se nada tivesse mudado. Chorar era para momentos de muita dor,  
quando era preciso desabafar, livrar-se das peles mortas na alma para conseguir respirar. Eu ainda  
tinha minha própria vida, então me recusava a chorar por causa de coisas idiotas como namorados e  
meus pais. Eu era boa em ignorar a dor. A única situação em que eu deixava a dor transparecer era  
quando eu cantava.

Quando as cordas da guitarra vibraram e as notas saíram dos meus pulmões, eu senti o bem e o  
mal, a esperança e a desolação. Eu sentia tudo.

*Sometimes in the morning, I am petrified, and can't move*

3

*Awake but cannot open my eyes.*

Cantei falando sobre o peso da expectativa, os relacionamentos tóxicos e a inocência perdida.

Cantei falando sobre como a depressão pode se dobrar sobre sua cabeça como uma onda, afundando

o tanto que você não sabe onde fica a superfície e para onde deve ir para respirar. A canção despertou algo dentro de mim e aliviou todas as pressões do dia. Isso era o que meus

pais não entendiam. Eles queriam que eu desistisse, arranjasse um emprego e um contracheque. A

mamãe disse que nunca conseguiria relaxar se sua menininha não estivesse em segurança, o que

significava ter um marido e um trabalho e um bebê na barriga. Daí *eu* é que não conseguiria relaxar.

Eles queriam que eu fosse a filha perfeita que Alex teria sido. Mas eu não era Alex. Tentei ser

isso para eles... tentei preencher o vazio que ela deixou para trás. Passei os quatro anos do ensino

médio bancando a boa menina, a menina popular, mas nada daquilo era real. Eu sempre fazia alguma

coisa de errado e meus pais me olhavam não apenas como se eu os tivesse decepcionado, mas

também como se eu tivesse de alguma forma denegrido Alex ao ser incapaz de fazer jus à memória dela.

Viver com meus pais era sufocante, como se todo o ar tivesse sido sugado da casa,

deixando para  
trás apenas o luto.

A vida me deixou confusa, ferida e sufocada. A música me fez desabrochar.

Ela me manteve sã naquela época e me mantém sã agora.

Depois daquela música, tocamos uma dos Smiths, outra de Laura Marling e uma da Metric.

Tocamos de tudo, desde Radiohead até Beatles, e depois tocamos nossas próprias canções. Algumas

eram do Spencer, mas a maior parte era minha. As músicas eram todas diferentes, mas todas honestas

também. Depois de terminarmos a primeira passagem, fizemos um intervalo rápido.

Fui ao banheiro

porque precisava de um segundo sozinha.

Eu sempre precisava de um segundo sozinha para dar vazão às emoções e reerguer as fortalezas.

Spencer entendia. Nós nos conhecíamos havia muito tempo e ele sabia que tinha de me dar um

espaço, mas Mace ainda estava aprendendo. Ele me seguiu até o banheiro e me apertou contra a pia,

o peito dele nas minhas costas.

Seus lábios pousaram no meu pescoço e ele gemeu. Ele balançava os quadris.

— Meu Deus, você é tão gostosa cantando. Vamos terminar o ensaio antes e voltar para sua casa.

Depois posso fazê-la cantar na cama, na mesa, contra a parede.

Meus sentimentos ainda estavam perto demais da superfície. O peso dele contra minhas costas

era insuportável, e as mãos dele nos meus pulsos eram como algemas. Encarei a mim mesma no

espelho; meus olhos estavam arregalados e em pânico. Mais do que isso, eram olhos vulneráveis...

frágeis. Eram tudo o que eu nunca quis ser. Fechei bem os olhos e algo em mim se quebrou. Dei uma

cotovelada na barriga dele, virei-me e o empurrei. Ele não esperava por isso e recuou, batendo numa

das paredes das cabines do banheiro. O barulho ecoou pelo espaço e Mace gritou:

— Que merda foi essa, Max?

Fiquei ali com os olhos arregalados e boquiaberta. Sabia que deveria me sentir mal, mas não me

sentia. Eu estava respirando e no controle da situação, e só isso importava. Mace se

endireitou e

esfregou as mãos na calça. Sua boca era uma lâmina fina e seus olhos, balas de revólver.

— E então? — gritou ele, e eu recuei só um pouco.

Eu não podia falar nada nem explicar por que fiz aquilo. Droga, se ele me conhecesse como

Spencer me conhecia, saberia que era melhor ficar bem longe de mim. Eu respirava fundo, como se

estivesse recuperando o fôlego.

— Você não pode ir lá em casa. Meus pais ainda estão na cidade — eu falei. Não disse que,

tecnicamente, meus pais estavam num hotel. Só precisava ficar sozinha à noite. — E você me empurra por causa disso? O que você tem hoje?

O mesmo que tenho todos os dias. Cantar simplesmente me expõe e eu não consigo esconder isso

muito bem.

— Mace, desculpe. — Desculpe por ser tão ferrada e incapaz de ter uma simples conversa. —

Eu só... Só preciso de uns minutinhos sozinha. Você se importa? Ele fez que não, espantado, e disse:

— Claro, fique com o dia todo para você. Estou indo embora. — Mace, eu...

Ele bateu a porta do banheiro e o som ecoou pelos azulejos das paredes. Fechei os olhos e tentei

me fechar também. Eu deveria estar incomodada, mas estava era aliviada. Eu ligaria e pediria

desculpas para ele mais tarde. Ficaríamos bem.

E eu lhe diria a lista de músicas do show, já que parecia que decidiríamos isso sem a presença

de Mace. Joguei um pouco de água no rosto e apertei a palma das mãos contra os olhos até que tudo

ficasse bem escuro.

Daí saí do banheiro.

Spencer já tinha arrumado nossas coisas e guardado tudo no armário que Sam nos deixava usar.

Não precisei dizer nada. Ele provavelmente ouviu tudo. O som se espalhava por aquele lugar. Foi

por isso que implorei ao Sam que nos deixasse usá-lo pela manhã, antes que o bar abrisse. Uma

acústica maravilhosa. Boa para a música, não tão boa para discussões.

— Você está bem? — perguntou Spencer. Revirei os olhos.

— O que é que você acha?

— Acho que você está bem.

— E você está certo.

Meninos são sempre meninos. Eu tinha problemas o bastante para não me preocupar quando

Mace estourava.

— Porque você tem bolas de aço! — disse Spencer.

Eu odiava quando as pessoas diziam isso, como se ser forte e ser homem fossem a mesma coisa. Havia muita força no fato de ser mulher.

— Spencer, eu não tenho bolas. O que é bom, porque elas ficariam horríveis na lingerie que estou usando.

Spencer ajustou sua gravatinha-borboleta e deu uma risadinha boba.

— Lingerie, hein? O pobre Mace vai ficar triste por ter ido embora.

Ele se aproximou e colocou as mãos no meu quadril. Spencer não estava dando em cima de mim

nem nada, não com aquela expressão conquistadora do Zoolander. Não éramos mais assim. Spencer

talvez tenha sido o único cara com o qual dormi e de quem consegui continuar amiga depois. Se bem

que éramos um pouco mais sensíveis ao toque do que a maioria dos amigos. Eu me afastei dele.

— Hoje ele nem chegaria perto disso mesmo, e nem você.

Ele levou a mão ao coração e fez cara de sofrimento. — Você é cruel. Vagina de aço.

Ri com tanta força que tive de me segurar na mesa ao meu lado.

— Isso é ainda pior. Vamos dizer que minhas partes pudendas são feitas da mesma coisa que

todas as partes pudendas. Aliás, não vamos falar sobre minhas partes pudendas, Spencer.

Ele deu uma risadinha.

— Tudo bem, mas não vou prometer nada quando estiver bêbado.

Suspirei e comecei a recolher minhas coisas. — Combinado. Você vem hoje à noite?

— Acho que sim. Estou trabalhando numa música nova. Então acho que vou vir, comer algo e

trabalhar nela, talvez tocá-la para você no seu intervalo. — Parece ótimo.

— Quer ouvir o que compus até agora? É um trabalho inacabado, mas diz assim: "Seu namorado

é um babaca, um cretino, você é quem sabe. Mas você deveria pegar a baqueta dele e...

— ... já entendi, Spencer.

Ele colocou o chapéu-panamá na cabeça.

— Vou acreditar quando você fizer alguma coisa a respeito. Vejo você à noite. —

Vou guardar a mesa de sempre para você — eu disse, mas Spencer já havia saído.

Usei a chave extra que Sam me deu para trancar o bar e tentei me esquecer de Mace.

Tinha tempo

apenas para preparar um macarrão instantâneo e tirar uma soneca antes de voltar para trabalhar aqui.

Coloquei o capuz da jaqueta na cabeça, o que ajudou a proteger meu rosto e orelhas do vento. Saí

andando rumo ao meu apartamento, cantando baixinho uma das músicas dos Smiths que tocaríamos.

*There is a better world*

4

*Well, there must be...*

## **Capítulo 7**

### **Cade**

O apartamento de Milo era o típico matadouro de solteiro, com duas semanas de embalagens de

comida espalhadas por todas as superfícies. Ele empurrou para o lado uma caixa vazia de um

restaurante chinês e disse:

— Você está pensando demais, *hermano*. Então vou ajudá-lo. — Milo abriu o freezer, pegou uma

garrafa de tequila e bateu com ela na mesa que tinha acabado de "limpar". Eu estava começando a entender melhor como seria esta noite.

— Você vai me ajudar a parar totalmente de pensar?

Ele abriu a tampa e disse:

— Exatamente.

Peguei a garrafa, o vidro congelando contra a ponta dos meus dedos.

— Você poderia ao menos ter arranjado uma tequila mais decente. O que é isto?

Tem um maldito

cavalinho no rótulo.

Ele tirou a garrafa da minha mão e falou:

— Você vai comprar uma tequila mais cara quando tiver esquecido essa tal de Bliss.

Eu jamais deveria ter mencionado o nome dela para ele. Milo tinha tendência a mencioná-lo em

conversas casuais como forma de me fazer esquecer-la. Até agora, o efeito foi como ter me

acostumado a tratamentos de choque. O nome dela se tornou mais suportável, mas eu não pretendia entrar numa fila e pedir mais choques.

Ele pegou uns copinhos do armário e eu disse:

— Então isto aqui é terapia ao estilo Milo?

— Sim. Se você não estiver completamente bêbado, é porque não está dando certo.

Milo encheu dois copos e empurrou um deles na minha direção. O outro ele pegou para si. Gesticulei para o copo dele e perguntei:

— Você está bebendo para esquecer o quê?

— Você não está entendendo, hermano. Bebemos para não ter que conversar. — Fiz que sim e

peguei meu copo cheio de tequila. Comecei a levá-lo à boca, mas Milo me impediu.

— Estas não são

doses comuns.

— Ah, são doses mágicas? Se eu derramar uma no concreto da rua, vai começar a crescer um pé

de feijão?

— Ah, são mágicas, sim — declarou Milo. — Elas devem fazer você virar homem.

Daquele seu jeito típico, Milo riu da própria piada antes que eu também pudesse rir dela e fez

uma dancinha de felicidade. Balancei negativamente a cabeça e simplesmente disse:

— Você é hilário.

— Eu sei, eu sei. Mas, sério, estas doses são especiais.

Olhei para a tequila, da qual eu tinha certeza que me arrependeria na manhã seguinte:

— Especialmente ruins.

Ele pegou seu copo e explicou:

— Cada dose que você bebe é um compromisso. Se você descumpri-lo, os deuses do álcool vão

puni-lo com uma ressaca tão forte que você vai pensar que o próprio Satã jogou você no esgoto.

— E se eu não beber?

— Você pode passar a noite como um menino branco deprimido enquanto eu faço sexo com

alguém. Você é quem sabe.

Era mesmo bem deprimente se colocado nesses termos. Suspirei e gesticulei para que ele

continuasse.

— Cade Winston, ao beber esta dose de tequila, você se compromete a conseguir o telefone de uma menina hoje à noite. Se fracassar, que os deuses do álcool punam você com a menor tolerância alcoólica conhecida pela Humanidade, tão baixa que um bebê anorético seria capaz de vencê-lo numa competição de bebida.

Eu ri, mas peguei o copo da mesa.

— Acho que bebês anoréticos não existem.

— Como você sabe? Tenho certeza de que eles não gostam de ser chamados de gordinhos nem que belisquem as gordurinhas deles.

Bebi a dose só para ele calar a boca. A tequila tinha gosto de borracha misturada a fluido de isqueiro e morte. Depois que minha garganta deixou de se parecer com o fogo do inferno, eu disse:

— Certo. Um telefone. Consigo fazer isso. Ele sorriu e me serviu uma segunda dose. Olhei para Milo.

— Se você disser que minha punição por esta dose será herpes, estou fora. Ele me entregou o copo, rindo.

— Relaxe, Winston. Esta vai ser entre você e sua árvore generosa. 5

E agora jamais vou conseguir ler novamente aquele livro para as crianças do trabalho voluntário.

— Você jamais deveria ter filhos — eu falei.

— O que o faz pensar que não há alguns Milozinhos correndo por aí?

— Penso isso porque o Armagedon ainda não aconteceu.

Milo me deu um soquinho no ombro, derramando metade da tequila. Ele completou a dose e disse:

— Cade Winston, ao beber esta dose, você jura fazer algo diferente do comum hoje à noite. Se você fracassar, vai ser condenado a viver para sempre com ejaculação precoce.

— Sério, cara?

Ele ergueu as mãos e riu:

— Ei, os deuses do álcool dão e tiram.

Olhei para ele, mas bebi a dose sem fazer nenhum comentário. Achei que a tequila teria um sabor



menos horrível na segunda dose, mas ainda era a coisa mais ofensiva que já atacou minhas papilas.

Milo bebeu sua dose sem hesitar.

— Com que frequência você bebe isto? — perguntei.

— Frequentemente. Um dos meus tios trabalha na fábrica no México. Ele me envia amostras. Não é tão ruim depois que você se acostuma.

— Se é que um dia eu vou me acostumar... Mande outra. Milo me ignorou e disse:

— Número três! Para esta, amigo, quero que você fique furioso. Você tem sido legal demais

quanto a essa situação toda. Não quero saber se você vai ficar furioso porque alguém derramou sua

bebida ou porque um cara qualquer é muito feio. Ao beber esta dose, você promete ficar furioso hoje

à noite.

— E se eu ficar furioso com você? Ele deu de ombros.

— Você provavelmente vai, mas garanto que não vai ser porque sou feio demais. — Certo, só por causa dessa camisa horrível que você está usando.

— Esta camisa é maravilhosa. Você não sabe do que está falando. Eu ri e disse:

— Certo. Vou ficar furioso. Isso não deve ser tão difícil. Fizemos tim-tim e Milo acrescentou: — E nada de guardar a raiva para você.

Bebi a dose. Dessa vez a tequila não queimou minha garganta, o que era preocupante. Talvez ela

já tivesse corroído meu esôfago. Eu o vi encher os últimos copos e avisei:

— Última dose.

— Humm... — Milo fez uma pausa, pensando. — Você não ficou com ninguém desde a Bliss, certo?

Fiz que não, mas não me dei ao trabalho de lhe dizer que na verdade nunca tinha ficado com Bliss. Ele serviu a última dose e disse:

— Cade Winston, ao beber esta dose, você jura ficar com uma menina no bar. — Ficar?

— Vou deixar que você mesmo julgue o que significa ficar. Desde que envolva alguma ação,

tenho certeza de que os deuses do álcool serão apaziguados. Se você tiver sucesso, pode ser

abençoado com uma caça extraordinária e o melhor sexo da sua vida.

Uma recompensa. Isso é novidade.

— E se eu não ficar com ninguém?

Ele deu de ombros e foi direto ao ponto:

— Você será condenado a uma vida de ereções nas horas mais inapropriadas. Isso era mais a cara de Milo. Eu me perguntava se ele passou algum tempo inventando tudo isso ou se era apenas mais um dia em sua rotina de depravação. Passei a mão no rosto. Uma coisa eu tinha de aceitar... Ele era bom em me fazer esquecer os meus problemas. Talvez Milo tivesse razão. Passei meses correndo atrás de um relacionamento que não existia e depois passei ainda mais tempo de luto. Quem disse que eu precisava namorar alguém? Tive minha cota de festas e sexo casual nos primeiros três anos da faculdade. No entanto, à medida que a formatura se aproximava, comecei a achar que tinha de levar a vida mais a sério, de criar as bases do meu futuro. Veja só como isso me fez bem. Eu tinha vinte e dois anos. Por que é que tinha pressa? Peguei o copo, meu peito ainda quente da última dose. — Ficarei com alguém, então. — Levei o copo à boca e virei. Droga... aquela coisa realmente seduzia você. Milo deu um gritinho e me bateu nas costas. — E, agora, vamos à festa! Bliss mal passou pela minha cabeça a caminho de um bar chamado Trestle. Talvez já houvesse passado tempo o suficiente. Provavelmente era a tequila. Milo trouxe a garrafa para o caso de eu ficar sóbrio pelo caminho. Quando chegamos ao Trestle, meu fígado possivelmente já estava comprometido para sempre, mas pelo menos meus pensamentos estavam mais claros. O bar ficava na esquina de duas ruazinhas, quase sob uma ponte decorada com grafite. Era o tipo de lugar que simplesmente me fazia pensar em roubos... e hepatite. Do lado de fora, o bar parecia um velho prédio abandonado. No letreiro faltava o r de Trestle. Lá dentro a história era bem diferente. Havia velhos filmes em preto e branco projetados na parede. Luzes coloridas conferiam ao bar uma atmosfera retrô. E havia ainda as dançarinas. Vi a

amiga de Milo, Sasha, do outro lado do salão, dançando alguns centímetros acima do público. Os movimentos dela eram hipnóticos, seus cabelos longos balançando de acordo com os gestos.

Juntando a fachada deteriorada, as projeções e a dança de Sasha, o bar parecia um lugar secreto, subterrâneo.

Se tivéssemos lugares assim na minha cidade natal, no Texas, eu com certeza jamais teria ido lá.

Milo pousou a mão no meu ombro e disse:

— Quando eu lhe disse para ficar com uma menina, não estava falando da Sasha, *hermano*. Ela é proibida para você.

Ri e desviei o olhar dela.

— Ela é sua?

Ele a observou por um instante, os olhos seguindo os movimentos dela.

— Não, cara. Ela é boa demais para mim. Eu quis dizer que ela não está disponível para ser sua

garota. Ela já foi usada por muitos caras nesta vida.

Olhei para Milo, sabendo que havia coisas que ele não estava dizendo, mas deixei-o com seus

segredos. Eu também tinha os meus.

— Pare de me olhar assim, Winston. Não vou ser seu namoradinho de ocasião. Revirei os olhos.

— Não estou bêbado o bastante para esse tipo de piada.

— Bem, isso é algo que temos que resolver!

Fomos até o bar, mas uma loira cruzou meu caminho. Ela era linda — mechas claras, rosto

rosado e top justo. Parecia ter bebido demais. Ela se aproximou para me dizer alguma coisa, mas

acabou caindo sobre mim. Eu a segurei pela cintura e a endireitei. Uma das mãos dela pousou no meu

bíceps e ela deu uma risadinha.

— Sinto muito mesmo!

Ela não soltou meu braço nem depois que eu a endireitei. A menina me encarava em meio a seus

cílios compridos.

Ela era atraente, claro, mas eu esperava que algo mais chamasse minha atenção.

Esperava aquela

atração elétrica, aquele baque no peito, o sangue correndo nas veias. Nada. Ela me fez aquelas perguntas de sempre e eu conversei amenidades, mas bem que podia estar conversando com uma parede, pela impressão que ela me causou. Podia tentar algo com uma menina assim. Podia me esquecer dos namoros sérios e simplesmente passar a noite com uma loira linda, mas tinha a impressão de que isso não faria com que eu me sentisse melhor. Com certeza não resolveria nada. Além do mais, conversar com aquela menina parecia um trabalho, e naquela noite eu queria algo fácil. Eu ficava olhando para o bar, desejando poder beber outra dose. Talvez, se eu estivesse mais bêbado, relaxaria e esqueceria meus problemas. A menina, Cammie, estava dizendo alguma coisa sobre eu ser divertido. Nem me lembro do que havia dito a ela. Senti uma cotovelada nas costas e Milo disse:

- Eis sua chance de evitar toda uma vida de ejaculação precoce. Olhei para trás.
- Será que você poderia não dizer isso em público, por favor?
- Não tenha vergonha, hermano. Isso acontece com muitos caras. Eu o empurrei, mas nós dois rimos.

Quando voltei a olhar para Cammie, ela parecia ter notado que eu não estava prestando atenção. Ela se aproximou e enfiou a mão no bolso da minha calça jeans e de lá tirou meu celular. Seus olhos turvos me encararam antes que ela colocasse o número do seu telefone na memória do meu aparelho. Cumpri uma das promessas da noite sem nem sequer tentar. Sorri educadamente para a loira e me despedi. Virei-me para Milo, preparado para me gabar por ter conseguido um telefone com tanta facilidade. Todavia, meus olhos se detiveram em outra coisa. Um dos holofotes coloridos iluminou a pele nua e clara da barriga de outra dançarina. Ela estava vestida com muito menos roupa do que Sasha. Usava meia-calça preta e saia curtinha. A blusa era rendada e curta, revelando uma barriga durinha decorada com linhas finas pretas.

Demorei um tempo

para entender a imagem que as linhas formavam, mas, assim que entendi, toda aquela eletricidade que

me faltava durante a conversa com Cammie começou a percorrer minhas veias. As linhas eram as raízes de uma árvore. E a menina era Max.

## **Capítulo 8**

### ***Max***

Apesar de só ser permitido fumar do lado de fora do Trestle, parecia sempre haver nuvens de

fumaça dentro do bar. A luz âmbar permeava a neblina. Isso, combinado com a bebida e as risadas

embaixo de mim, fazia com que o lugar todo parecesse surreal. A música fazia tudo vibrar. Eu sentia

a pulsação na plataforma sob meus pés subindo pelos meus calcanhares e pernas.

Ao dançar, eu mantinha os olhos voltados para cima, longe dos clientes. Não que eu tivesse

vergonha. Eu não era uma stripper nem nada assim. As dançarinas no Trestle eram só decorativas.

Ficávamos vestidas. Acho que eu usava menos roupa do que as outras, mas só porque dividia meu

turno entre a dança e o bar e, quanto menos roupa, mais gorjeta.

No entanto, não havia nada mais estranho do que fazer contato visual com alguém lá embaixo. O

Sam tomava o cuidado de manter o bar livre de pervertidos, mas a forma como éramos colocadas ali,

em pedestais com luz indireta, era capaz de transformar praticamente qualquer cara num pervertido.

Normalmente eu tentava me envolver com a música e dançar só para mim. Isso fazia o tempo

passar mais rápido. Naquela noite, porém, minha mente estava tão cheia por causa dos

acontecimentos do dia que eu simplesmente não estava conseguindo desligar. Bebi duas doses antes

do meu turno a fim de remediar o problema, mas até agora nada havia mudado.

Alternei olhando para vários lugares na parede e no teto para passar o tempo.

Percebi o olhar de

Spencer na mesa dele, num canto. Ele piscou para mim, franziu a testa e lambeu os lábios.

Fingi vomitar.

Ele balançou negativamente a cabeça e voltou a compor a letra de alguma música no seu diário.

O que aconteceu à tarde havia sido esquecido... pelo menos por enquanto. Sorri, ajeitei minha saia cheia de furinhos e olhei para a entrada do bar quando a porta se abriu.

Outra nuvem de fumaça entrou pela porta. Como se estivesse surgindo em meio à neblina, Cade

apareceu. O namorado de ouro abraçador de mãos que conheci na biblioteca. O namorado pelas

próximas vinte e quatro horas.

Ele tinha uma aparência boa.

Boa demais.

Ele riu, e as pessoas pararam de conversar só para vê-lo, como se ele fosse uma celebridade. Os

cabelos pretos caíram sobre seus olhos, e ele os ajeitou para trás. Cade tinha um cabelo que

implorava para ser tocado. Ele estava com alguém, um hispânico, e estava com um sorriso tão aberto

que os dentes eram como pequenas pérolas no salão escuro. Ele parecia ser um cara bastante

sorridente quando nos conhecemos pela manhã, mas somente ao ver o sorriso dele em comparação

aos demais é que percebi como tudo o que aconteceu foi falso. Cade tinha covinhas perfeitas que

amenizavam os traços duros do seu queixo, e os olhos dele exibiam umas poucas rugas. Ele riu mais

uma vez e eu vi pelo menos três meninas manobram para se aproximar dele. Uma das moças corajosas se livrou dos amigos e correu na direção de Cade. Não dava para

ouvir o que eles conversavam e estava escuro demais para fazer leitura labial. Não que eu soubesse fazer leitura labial, claro.

Ela era exatamente como eu imaginava esse tipo de menina. Loira, ousada e enjoativa.

O oposto de mim.

Em menos de um minuto ele a seduziu da mesma forma que seduziu meus pais. Ela ria e o tocava

no braço, jogando-se sobre ele e ao mesmo tempo enrolando um cacho de cabelo no dedo. Esperei

que ele partisse para o ataque, mas Cade não fez nada. Só ficaram ali falando e

falando. Ela estava claramente lhe dando sinal verde, mas ele apenas conversava, como se ela fosse uma senhorinha na igreja.

Por que Cade não estava pegando o que a menina claramente lhe oferecia? Ele começou a falar com o amigo, ignorando a loira. Ela fez um biquinho que seria vergonhoso em qualquer pessoa com mais de cinco anos. Sorri.

Um pouco da tensão nos meus ombros diminuiu e eu dancei com mais desenvoltura. Convenci-me de que o alívio que senti era produto daquelas doses de bebida e não tinha nada a ver com a loira que Cade estava desprezando.

Então a menina enfiou a mão no bolso dele e pegou seu telefone. Ela parecia toda convencida ao colocar o que eu presumia ser o número dela nos contatos de Cade, e eu quis arrancar seus malditos cabelos loiros. Ele olhou para trás e arqueou a sobrancelha para o amigo. A menina foi embora, parecendo decepcionada, e Cade nem sequer lhe deu uma segunda olhada. Ele estava dizendo algo para o amigo quando parou de repente. Seus olhos estavam voltados na minha direção e eu quase pude sentir o peso do olhar dele percorrendo meu corpo. Seu rosto se expandiu num sorriso quando nossos olhares se encontraram. Ele ficou paralisado e eu me perdi nos meus movimentos. Eu deveria ter desviado o olhar, mas algo na expressão dele chamou minha atenção. Não era desejo. Eu conhecia muito bem aquela expressão. Ele me olhava... como se estivesse maravilhado.

Cade deu um passo na minha direção e meu coração bateu mais forte no peito. Eu me sentia atraída por ele... por um cara que vivia num mundo completamente diferente do meu. E, para ser sincera, havia muito mais do que apenas desejo batendo no meu peito. Havia medo. Obriguei-me a olhar para o teto e me concentrei na dança. Se eu não olhasse para ele, talvez ele não tentasse conversar comigo.

Fechei os olhos e o balanço dos meus quadris era como se eu estivesse nadando em alto-mar. A bebida realmente havia surtido efeito. Eu estava embriagada o bastante para sentir o calor e a mente mais leves. Minha pele estava arrepiada e eu me perguntava se Cade estava olhando para mim. Meus músculos relaxaram e, quanto mais eu me contorcia e balançava o corpo de acordo com a música, melhor me sentia. Imaginei a expressão nos olhos dele e isso fez com que minha pulsação disparasse. Trestle tinha uma decoração retrô, por isso eu não precisava dançar ao som de nenhuma música pop sem conteúdo. Com meus olhos fechados e o cheiro da fumaça soprando lá de fora e o desejo pulsando sob minha pele, eu quase conseguia fingir que estávamos nos anos 1960 e que eu trabalhava aqui como no auge da era do bar. Abri os olhos e encontrei Cade. Pareceu algo tão natural quanto a força da gravidade. Normalmente, olhar para alguém ali do alto era esquisito e íntimo demais. Encará-lo era íntimo, mas não esquisito. Era empolgante. Apesar de Cade me assustar muito, eu me sentia à vontade com ele. Era complicado. Olhando para ele, eu sabia que não era o tipo de medo que faz com que você dê meia-volta e saia correndo. Era o tipo de medo que faz com que as pessoas saltem de penhascos e escalem montanhas — o tipo de medo que lhe diz que há algo de milagroso à sua espera no fim, se você conseguir chegar lá. Só que chegar lá é que era o problema. Eu não fazia o tipo de menina que escalava montanhas. Por mais interessante que o pico parecesse agora, eu me conhecia bem o suficiente para saber que desistiria no meio do caminho e ficaria apenas com a dor da jornada, sem nenhuma recompensa. Eu preferia que minha vida fosse o menos complicada possível. Não havia nada a aprender com caras como Mace e não era preciso jornada nenhuma para chegar até ele. Ele era



aquilo que se via.

Eu o entendia. E o mais importante: ele era o tipo de cara que não partiria meu coração, porque eu jamais o deixaria fazer isso e ele jamais se importaria o bastante para querer uma coisa dessas.

Mas Cade...

Juro que não entendia o que Cade poderia querer comigo. Não entendia por que os olhos dele

queimavam na minha pele enquanto uma loira linda estava sentada fazendo biquinho a poucas mesas

dali.

Desviei o olhar e me joguei completamente na música.

A música não era complicada. Era como matemática. Padrões. Altos e baixos. A música fazia sentido para mim de um jeito que a vida e as pessoas não faziam. Era previsível.

Meus quadris sabiam instintivamente quando se mexer. Os riffs e as mudanças de ritmo

descomplicavam minha mente. O tempo parava e eu me perdia.

Eu também imaginava estar cantando na plataforma, não só dançando. A tensão dentro de mim

diminuía e eu flutuava com a melodia. Passava as mãos na barriga ensopada de suor, já que não tinha

uma guitarra. Meu corpo era meu único instrumento. Eu deixava que a música fluísse através de mim

e dançava durante minutos, horas ou toda uma vida.

Por fim, comecei a sentir dor nas pernas. Os cabelos no meu pescoço estavam molhados de suor.

Minha garganta ficou seca.

A música mudou e, nos poucos segundos de silêncio, o mundo voltou a me atormentar. O bar

invadiu minha mente de novo. Eu não estava cantando nem estava sozinha. Os olhos de Cade apareceram na luz fraca do bar e eu conseguia ver seu peito subindo e descendo. Virei-me e balancei os quadris enquanto ele me observava. Um calafrio subiu pela minha

espinha, aquele tipo de calafrio que faz o corpo todo tremer de um jeito bom. Devo ter mesmo

perdido a noção do tempo dançando, porque havia pratos de comida diante dele e do amigo.

Fiz contato visual com Shelly, uma das atendentes do bar, e lhe perguntei as horas.

— Onze! — ela gritou para mim.

Merda. Eu deveria ter feito um intervalo há quinze minutos. Agora era hora de assumir meu posto

atrás do bar. Katie, cujo turno eu estava cobrindo, acenou para mim e disse: — Não se preocupe. Vá descansar um pouco!

Soprei-lhe um beijo exagerado e acenei para a menina nova do outro lado do bar para avisar que

estava de saída. Depois desci da minha plataforma.

Abri caminho em meio à multidão que tentava chamar a atenção das bartenders e saí pela porta

da frente.

Minha pele suada se arrepiou sob o ataque do ar frio. Suspirei, satisfeita. Benny, o segurança, me perguntou se eu queria fumar e eu respondi apenas com um gemido.

Ele

entendeu. Não precisávamos de palavras. Eu não fumava frequentemente, não mais.

Neste dia, porém,

achei que merecia uma trégua. Benny estava acendendo meu cigarro quando a porta se abriu e Cade

saiu do bar.

Meu coração disparou.

Dei uma longa tragada no cigarro e me demorei soltando a fumaça. Talvez fosse o fato de

encontrá-lo num lugar como o Trestle, ou de encontrá-lo numa situação que não envolvesse meus

pais, ou a conexão que sentia com ele ao dançar, mas Cade não parecia ter nada do cara bonzinho que

eu havia conhecido pela manhã.

E perceber isso era perigoso.

## **Capítulo 9**

### ***Cade***

Max era... de outro mundo. Etérea. Inatingível.

Sua pele clara brilhava sob a luz âmbar. Eu não sabia para onde olhar enquanto ela dançava.

Queria memorizá-la inteira. Seus olhos azuis estavam delineados com maquiagem, o que os fazia

brilhar e me perfurar. Eu havia visto os galhos de sua tatuagem de árvore e agora via as raízes.

Imaginar o desenho que havia entre as duas partes era enlouquecedor. Ela tinha outras tatuagens

pequenas demais para que eu as identificasse. De onde eu estava, elas se pareciam com runas ou hieróglifos, como se Max fosse uma deusa. Exótica e proibida. Imortal. Era o que ela parecia. Era o tipo de visão que eu jamais conseguiria esquecer. Nas poucas vezes em que nossos olhares se encontraram, meu sangue pulsava furiosamente nas veias. Fechei os punhos e tive vontade de fazer uma loucura. Queria subir na plataforma e me juntar a ela ou jogá-la sobre meus ombros e levá-la para longe dali, para onde ninguém pudesse vê-la. Sempre pensei em mim mesmo como uma pessoa bastante racional, não alguém dominado por desejos e emoções. Mas isso... não havia nada de lógico na maneira como essa menina me fazia sentir. Fiquei louco. Todo o estresse com Bliss, a mudança e a nova universidade — tudo finalmente explodiu. Só assim posso explicar por que a segui para fora do bar quando ela saiu. Eu não tinha ideia do que diria ou faria, mas simplesmente não dava para perdê-la de vista. — Ei, Menino de Ouro — disse ela, soltando fumaça por entre aqueles lábios cor de rubi. — Oi, Max. Ela se afastou da segurança e se encostou na parede de tijolos à vista. Meus olhos se fixaram na perna dela quando Max apoiou o pé contra a parede atrás de si. Forcei-me a desviar o olhar. Ela era insuportavelmente sexy e eu tinha certeza de que ali já havia muitos caras com os olhos vidrados nela. — Você está me seguindo, Menino de Ouro? Fiquei onde estava, tomando o cuidado de manter certa distância entre nós a fim de que não fizesse algo estúpido no meu estado de embriaguez. — Só um pouquinho. Ela riu. O que era bom. Eu a fiz rir. — O que você está fazendo aqui? Nunca vi você no Trestle antes e me sinto praticamente em casa aqui. Arqueei essa informação para mais tarde.

— Nunca estive aqui. Vim com um amigo. — O cara hispânico? Fiz que sim.  
— O nome dele é Milo. — Tentei pensar em algo mais a dizer, mas minha mente estava lenta demais. Meu Deus, como pude ser tão chato? Não me admira que ela me chamasse de Menino de Ouro.  
Aquilo tudo era uma ideia horrível. O silêncio entre nós se prolongou e invadiu o território do esquisito, e eu estava bêbado demais para manter uma conversa decente. Quanto mais eu permanecia ali, mais difícil era lutar contra a vontade de tocá-la. Hora de um recuo tático.  
— Acho que é melhor eu ir procurá-lo. — Ela franziu a testa e me encarou enquanto eu dava um passo para trás. — Só vim dar um oi. — Ela me olhou mais uma vez e seus olhos se arregalaram de surpresa. Então seus lábios se viraram para baixo e percebi a decepção dela segundos antes de esconder o sentimento de sua expressão.  
Olhei para trás esperando encontrar um ladrão ou um ET ou um zumbi. Estávamos sozinhos na rua, exceto pela segurança, que permanecia em silêncio e imóvel do lado de fora da porta.  
— O que foi? — perguntei.  
Ela fez que não com a cabeça.  
— Nada. Não se preocupe com isso.  
Minha curiosidade era forte demais para me deixar ir embora.  
— Não, me diga. O que foi aquele olhar? Ela respirou fundo e pôs o pé no chão. — Nada. Só percebi uma coisa. Só isso. — E o que foi que você percebeu?  
Os olhos dela ainda estavam arregalados, e ela falou um pouco nervosa: — Eu, bem, eu acabei de perceber que você faz teatro.  
Eu estava bêbado, mas dava para ver que, quando ela disse "teatro", estava querendo dizer outra coisa.  
— Sim, eu lhe disse que era ator hoje de manhã.  
Seu salto alto arranhava o concreto da calçada.  
— Você podia ter me contado o resto também.  
O álcool devia estar impedindo meu cérebro de fazer algumas sinapses, porque eu não tinha ideia do que ela estava falando.

— O resto?

— Você sabe, seu amigo, Milo. Podia ter me contado sobre ele. Eu não teria julgado você por isso.

As peças estavam começando a fazer sentido, mas desejei que não fizessem. Aquele era um quebra-cabeça que eu não queria montar.

— Bebi demais — admiti. — Mas, se você está dizendo o que acho que está dizendo, está errada.

Ela se afastou da parede e deu um passo na minha direção.

— Tudo bem. Não vou contar para ninguém, Menino de Ouro.

Recuei. Ela me deu um tapinha no ombro e eu segurei a mão dela, mantendo-a entre nossos corpos.

— Não, Max. Não sou gay.

Ela levantou a outra mão e disse:

— Jesus, já entendi. *Você ama seios*. — Max disse isso para todos ouvirem e se aproximou de

mim para sussurrar: — Mas, sério, Menino de Ouro, estamos no século 21. O mundo não vai acabar se você sair do armário.

Dois pensamentos cruzaram minha mente — um deles envolvia muita gritaria. Optei pelo outro e usei a mão que estava segurando para puxá-la para meus braços. O peito dela

se pressionou contra o meu, e seus lábios ficaram a milímetros dos meus. Ela respirava com

sofreguidão e eu podia sentir a doçura do seu hálito no ar. Vi nos olhos de Max o instante exato em

que ela soube que estava errada, mas eu não havia terminado de lhe provar isso. Colei minha boca à dela.

Max perdeu o fôlego e eu enfiei minha língua por entre seus lábios. Ela permaneceu ali por

alguns segundos, as mãos ainda ao lado do corpo, mas então senti um toque hesitante da mão dela

contra meu quadril e isso era tudo de que eu precisava para seguir adiante. Embrenhei uma das

minhas mãos em seus cabelos e pousei a outra na cintura dela, encostando-a na parede. A outra mão

de Max chegou à minha cintura e seus dedos se aprofundaram na minha pele. Os

lábios dela eram  
macios e carnudos sob os meus, e eu relaxei o beijo o bastante para saboreá-los.  
Tentei beijá-la  
devagar. Beije, mas havia algo nela que me deixava desesperado, e então a beije  
com força.  
As mãos dela desceram pelas minhas costas. Suas unhas me arranhavam e eu gemi.  
Usei minha  
mão nos cabelos de Max para virar a cabeça dela de lado, para que eu a pudesse lhe  
dar um beijo  
ainda mais profundo. Até então ela havia me deixado beijá-la, mas, ao apertá-la  
contra a parede,  
Max pareceu ter despertado. A língua dela se entrelaçou à minha e sua boca me  
atacava com força.  
Meu sangue desceu pelo corpo tão rápido que fiquei tonto. O que me mantinha de pé  
era minha mão  
encostada na parede atrás de Max, e mesmo assim eu estava caindo sobre ela, até  
que todo o meu  
corpo estivesse alinhado ao seu.  
Ainda não era perto o bastante. Minhas roupas de inverno mantinham um espaço  
grande demais  
entre nós dois. Eu queria conquistar cada pedaço dela. Pelo jeito como ela  
pressionava o quadril  
contra o meu, acreditei que Max estivesse sentindo a mesma coisa. O beijo era ainda  
melhor do que  
eu imaginava. Ela tinha uma boca cujo sabor era tão exótico quanto sua aparência, e  
todas as minhas  
terminações nervosas pareciam estar eriçadas. Ela enfiou os dedos ainda mais nas  
minhas costas e eu  
estava prestes a perder a consciência. Os dentes dela raspavam no meu lábio inferior  
e usei a mão  
nos cabelos dela para afastar sua cabeça o bastante apenas para deslizar meus lábios  
até seu  
pescoço. A pele dela era lisa como eu sonhava. Eu podia passar a eternidade ali,  
saboreando-a.  
Como era mesmo o ditado — eu podia morrer feliz? Aquilo ia além. Eu não me  
satisfazia.  
Sempre iria querer beijá-la novamente. Ela era viciante.  
— Certo. — A voz dela era ríspida e áspera, o que só me fez desejá-la ainda mais.  
— Você me

convenceu.

Ri com a boca colada ao pescoço dela e passei os lábios nas curvas de seu ombro.

Max arqueou

as costas e seus seios se apertaram deliciosamente contra meu peito. Ela era tão sensível. Todas as

vezes que eu fazia algo de que ela gostava, Max enfiava as unhas na minha pele e parecia perder o

fôlego. Eu queria fazê-la reagir assim várias vezes seguidas. — Temos que parar — disse ela.

Parar era tão desejável quanto receber um golpe de bastão nos joelhos, mas foi o que eu fiz.

Afastei minha cabeça de seu pescoço e olhei em suas pupilas dilatadas. Seus olhos estavam

arregalados de surpresa ou medo ou qualquer outra coisa. Fosse o que fosse... não era o que eu

esperava ver na expressão de Max. Recuei para lhe dar um pouco de espaço. E então ela me deu um tapa.

O som do tapa ecoou pela rua vazia e eu precisei de uns segundos para sentir a dor em meio à

minha empolgação. Eu levava apenas dois tapas em toda a minha vida, os dois dessa menina louca e

maravilhosa. Ao contrário do primeiro, esse eu mereci.

Ela era comprometida. Sem olhar para Max, era mais fácil me lembrar disso.

Fechei os olhos e me virei novamente para ela. Max estava com as mãos sobre a boca, em

choque. Ela respirou fundo e disse:

— Sinto muito. Eu... eu não devia ter feito isso. Engoli em seco e me afastei um pouco mais.

— Não peça desculpas. Eu mereci. — Lógico que eu sabia muito bem disso, mas meu corpo só

sabia que eu queria estar conectado ao corpo dela novamente. Mal conseguia pensar direito, de tanto

que a desejava.

— Tenho que ir. — Voltei à porta do bar, sentindo-me como se tudo de bom que aconteceu

naquele dia tivesse sido apagado pelo tapa.

*Você não é aquele cara, Cade. Você praticamente a atacou.*

Ao abrir a porta, eu a ouvi pedir ao segurança outro cigarro. Obriguei-me a entrar no bar, a

deixá-la sozinha. Minha história com mulheres e álcool era horrível. No entanto, um pensamento

ainda me incomodava.

*Ela me beijou também.*

## **Capítulo 10**

***Max***

Meu rosto queimava por causa do frio e meus lábios queimavam por outra coisa enquanto eu

acendia meu segundo cigarro.

Eu não pretendia beijá-lo.

Acho que sabia antes mesmo de ele me tocar que Cade não era gay, mas uma partezinha de mim

queria a saída fácil que o fato de ele ser gay propiciaria. Queria que ele se afastasse de mim porque

não tinha certeza se teria a força de vontade necessária para fazer isso por mim mesma.

Então ele me beijou e eu pensei... por alguns segundos pensei que não faria nenhum mal. Só para

matar a curiosidade. Só o bastante para culpar o álcool, depois eu poderia fingir que nada acontecera

e poderia deixar de me sentir fascinada por ele. Esse era o plano.

Mas então ele pôs uma das mãos nos meus cabelos e eu me deixei levar por minha fraqueza por

beijos com um quê de violência.

Por isso é que eu normalmente não namorava caras bonzinhos. Eles eram contidos demais.

Mas aquele beijo era um paradoxo. Era doce e macio, o tipo de beijo que eu esperaria de um

Menino de Ouro. Sempre que eu pensava em afastá-lo, contudo, acontecia alguma coisa — um puxão

de cabelo, o raspar de dentes, a força dos lábios — que me impedia e me fazia continuar a beijá-lo.

Não sei como ele conseguia ser terno e firme ao mesmo tempo, mas tinha de dar a mão à palmatória:

o beijo era intrigante.

E também era a pior ideia desde as sandálias Crocs. Eu estava com o Mace. Ou deveria estar.

Meu Deus, eu sempre estragava tudo.

Mace fazia sentido para mim, e eu para ele. Eu só tinha de me lembrar disso. O tapa



foi uma reação exagerada, mas havia um furacão de emoções destroçando meu peito —

desejo, medo e culpa —, e o tapa simplesmente aconteceu.

Fiquei brincando com o cigarro novo que Benny me deu. Se eu não tomasse cuidado, ele acabaria

no chão como o anterior.

— Será que eu devo ir atrás daquele cara? — perguntou o segurança. — Não sei direito o que

você está sentindo neste momento.

Bem-vindo ao clube.

— Não, Benny. Mas obrigada. Ele é apenas um amigo. Estamos os dois um pouco bêbados. Nada

para se preocupar.

Só que eu não estava bêbada. Não mesmo. Não tinha outra justificativa além da minha estupidez

para aquele meu comportamento. Quero dizer, minha estupidez e o fato de Cade ser tão atraente. Isso

mesmo, deveríamos com certeza pôr toda a culpa no fato de ele ser gostoso.

Consultei meu relógio e empaquei; tinha só mais um minuto de intervalo. Cade se juntou à lista

restrita de coisas na vida que tinham o efeito de me fazer esquecer o tempo. Ou, para ser mais precisa, beijar Cade se juntou à lista.

— Vou ao banheiro. Quer que eu a acompanhe lá dentro? Dei um trago longo e fiz que não.

— Não, estou bem, Benny. Vou entrar em um minuto. Siga em frente, vou ficar bem.

Fiquei na porta, terminando de fumar meu cigarro. Era um exercício inútil. Inalar e exalar

lentamente a fumaça não estava servindo de nada para me acalmar. Usei o salto do sapato para

esmagar uma erva daninha que surgira entre as placas da calçada. Era incrível que, no meio da

cidade — um mundo de pedra dura e metal frio —, um ser vivo era capaz de superar os obstáculos e

emergir para ver a luz do dia.

A porta pesada de metal se abriu novamente e eu estava perto demais. Fui atingida no ombro e

deixei cair o segundo cigarro da noite ao ser empurrada.

Um braço me segurou pela cintura antes que eu caísse na calçada. — Peguei você, amorzinho.

O cara fedia a álcool. Ele me ergueu e me puxou para perto de si. Tinha a cabeça raspada e algumas tatuagens. A princípio ele talvez fizesse meu tipo, mas o jeito como me segurava pela cintura não parecia nada atraente ou agradável. Fingi um sorriso. — Tudo bem — eu disse. — Estou bem.

Ele tinha olhos negros que abandonaram meu rosto para olhar meu corpo. Sua mão pousou na minha cintura nua e seu dedo tracejou uma das linhas da minha tatuagem. — Aposto que está.

Os pelinhos da minha nuca se arrepiaram e o tempo pareceu avançar mais devagar e mais rápido ao mesmo tempo. O sangue corria apressadamente sob minha pele e rugia em meus ouvidos.

Por mais que eu já tivesse sentido esse tipo de pânico, ele sempre me pegava de surpresa. E eu

sempre o associava à noite do acidente com Alex. O medo do agora misturado com o medo daquele

tempo, e eu senti o terror preso na garganta. Um dos meus braços estava preso ao lado do corpo, mas

eu consegui manobrar o outro braço entre nós dois e empurrei o sujeito. — Me solte. Seu hálito quente ensopava meu rosto. Ele me puxou para perto, torcendo minha mão para trás e

fazendo meu pulso doer. Virei meu rosto, mas a rua estava deserta e eu não sabia quando Benny voltaria do banheiro.

— Não precisa ficar irritada, chuchuzinho. Só estamos nos divertindo um pouco. — Você está bêbado. E eu não estou me divertindo. — Eu me revirei e me lancei contra ele. Ele

podia ser mais forte do que eu, mas eu dificultaria ao máximo o seu ataque. — Me solte, seu idiota!

Tentei dar um pisão no pé dele, mas não tive força o bastante para lhe causar dor. Gritei

novamente e ele pôs uma das mãos no meu pescoço. — Pode parar de gritar?

A mão dele era grande o bastante para envolver todo o meu pescoço. Seus dedos tocavam meus

cabelos e o polegar apertava minha traqueia. Tentei engolir em seco, mas não consegui. Engasguei e

levantei a mão para arranhá-lo no rosto. Ele era alto e conseguiu se desviar do meu golpe, e eu fiquei

tentando arranhar seu peito. A porta do Trestle se abriu e eu tentei gritar, mas tudo o que saiu foi um sonzinho abafado.

Fechei e abri os olhos e minha visão ficou turva. Então surgiram vários pontinhos pretos. Eu sentia que o meu peito estava afundando, se esfarelando.

Então ele me soltou. Os pontinhos pretos convergiram até que eu não consegui mais enxergar, o ar em chamas encheu meus pulmões e, por alguns segundos, senti-me como se estivesse debaixo d'água.

Então o ar deixou de queimar, minha visão voltou ao normal e eu vi Cade brigando com o homem que me atacava.

O soco de Cade atingiu em cheio o rosto do homem careca e uma onda de alívio tomou conta de mim. Tossi e respirei fundo, golfadas de ar.

Levantei-me com dificuldade e o mundo virou de ponta-cabeça e do avesso. O ar cantou numa voz esganiçada e desafinada. Dei um passo, mas o chão não estava onde eu achava que estaria, e então ouvi sussurros vindos do asfalto.

— Max!

Abri os olhos e o mundo todo se endireitou. Eu estava caída de costas e Cade estava ajoelhado ao meu lado. Relaxei. Tudo ficaria bem se ele estivesse ali. — Max, você está bem? Engoli em seco e abri a boca para responder, mas algo o atingiu na lateral da cabeça. Gritei enquanto o homem atacava um distraído Cade.

Ouvi um gemido e o som me deixou mais atenta. Sentei-me e, dessa vez, me levantei mais devagar. O mundo girou um pouco, mas permaneceu no lugar.

Cade era um cara bem alto, mas o sr. Careca era pelo menos quinze centímetros mais alto. Sangue escorria da boca de Cade. Foi isso o que me fez agir. O cigarro ainda aceso que eu deixara cair quando a porta me atingiu estava a uns sessenta centímetros de mim, então o peguei.

Ouvi o som de um soco novamente e me virei. Cade estava de pé, mas o vi sacudir a cabeça e fiquei pensando se o mundo estava girando para ele agora.

Aproveitei a oportunidade e me lancei à frente.

— Ei, babaca!

O sr. Careca se virou e me olhou com desprezo. E eu enfiei o cigarro aceso no pescoço dele.

Ouvi o barulho da pele fritando e o corpo dele se contorceu numa tentativa de se livrar de mim. Ele

gritou e me empurrou.

O chão cresceu em minha direção. Eu sabia que o importante era manter a cabeça para a frente a

fim de que ela não batesse na calçada. Protegi a cabeça com as mãos e minhas costas suportaram

todo o impacto. Atingi o asfalto e deslizei um pouco. As pedrinhas feriram minhas costas nuas e eu

senti a pele ser arranhada e rasgada.

— Sua vaca!

Esqueci a dor e me arrastei para trás quando ele veio atrás de mim de novo. Atingi o meio-fio no

momento em que Cade se colocou entre nós dois, parecendo mais uma vez concentrado. O cara

golpeou Cade com o braço direito, mas ele percebeu o golpe e se desviou. Só que ele não era muito

rápido. Os nós dos dedos do careca o atingiram na testa. A cabeça de Cade balançou em seu pescoço

como o bonequinho de cabeça de mola menos divertido de todos os tempos. O bandido devia estar

bêbado também, porque quase caiu. Cade parou por um segundo, sacudiu a cabeça e se levantou,

batendo com o ombro na barriga do cara.

O sr. Careca caiu para trás e Cade lhe deu um soco no queixo enquanto ele estava desprotegido.

Ouvi o barulho dos dentes batendo, mas o cara não parecia nem um pouco importunado com o golpe.

— Entre, Max! — gritou Cade.

Eu não queria deixá-lo ali. Ele estava cuidando de mim e havia sangue em seu corpo, e parecia

que meu coração ia explodir.

— Vá!

Ele estava ocupado demais olhando para mim e não viu o cara se aproximando.

Gritei "Cade!", e

ele se virou rápido o bastante para evitar o soco. Levantei-me e corri até o Trestle. Minhas mãos tremiam ao segurarem a maçaneta. A porta de metal parecia mais pesada do que o normal e eu precisei usar toda a minha força para abri-la. — BENNY! Minha garganta queimava como se eu tivesse engolido carvão em brasa, mas gritei o nome de Benny novamente. Os clientes bêbados do bar me olharam como se eu fosse uma louca. Alguns nem perceberam meu grito, mas eu vi Benny abrindo caminho pela multidão. — Benny, rápido! Corri para a porta assim que ele chegou perto de mim. — O que foi, Max? Abri a porta ao máximo e consegui dizer: — Uma briga! O vento frio era como cacos de vidro contra minha pele, mas não me importei. — Cade! O careca estava caído de costas e Cade estava em cima dele. Os dois estavam ensanguentados, mas Cade estava bem. Muito bem, levando em conta o soco que ele deu. Benny correu e agarrou Cade pela roupa. O segurança o jogou no chão e eu gritei: — O outro, Benny! Ele olhou para Cade por uns segundos e o Menino de Ouro o encarou com uma expressão séria. Por fim, Benny o soltou para cuidar do cara que ainda estava no chão. Cade ficou respirando com dificuldade e se levantou. Corri até ele e o peguei pelo braço. Ele sorriu e eu tremi ao ver o sangue em seus dentes. Os olhos dele me estudavam, e, sem encontrar ferimentos, Cade colocou a mão no meu rosto. Devia ser um efeito colateral do estrangulamento, mas de repente me pareceu mais difícil respirar. — Bem impressionante, Menino de Ouro. Ele tossiu e gemeu. Aproximei-me e passei o braço em sua cintura. O corpo tenso dele se apoiou no meu e seu calor aqueceu minha pele. Seus olhos castanhos me encaravam, e sua expressão revelava muita coisa. Ela revelava palavras que me amedrontavam, mas eu não conseguia desviar o

olhar de jeito nenhum.

— Desculpe — disse ele. De olhos fechados, Cade se aproximou hesitantemente de mim. A testa dele contra minha têmpora, num gesto doce e familiar. Ele engoliu em seco e eu senti mudanças imperceptíveis no corpo dele.

Abracei-o com força e perguntei:

— Por que é que você está pedindo desculpas?

— Eu a estou sujando de sangue.

Eu ri.

— Só você para pedir desculpas por uma coisa dessas, Menino de Ouro. Ele abriu os olhos novamente e me encarou. Cade não estava rindo. Ele balançou a cabeça.

— Estou pedindo desculpas por tê-la beijado.

Com a testa dele encostada na minha, a imagem de Cade encobriu toda a minha visão. Não havia mais nada naquele momento além dele. E ele... ele me lembrava a música. De como eu me sentia

cantando. Como se eu estivesse caindo e voando, liberdade e medo. Sem pensar direito, eu disse:

— Não peça desculpas. Eu não vou pedir.

## Capítulo 11

### *Cade*

Max me levou para dentro do bar e Milo precisou de cinco segundos para se colocar ao meu lado, me importunando:

— Droga, *hermano*, acho que você levou a sério demais aquela promessa de se irritar.

Revirei os olhos e disse para Max:

— Este é meu *amigo* Milo. Milo, esta é a *Mackenzie*. Isso foi por ela ter me chamado de Menino

de Ouro. Ela se virou para me olhar e perguntou:

— Você pretende entrar em outra briga hoje? — Ela estava toda vermelha e seus olhos faiscavam.

— Não, só gosto de vê-la irritada. — Ela ficou séria e me encarou, mas um sorriso surgiu em seu rosto em poucos segundos. Meu Deus, quando ela olhava para mim daquele jeito eu me esquecia completamente da dor insuportável na minha cabeça.

Quando me virei novamente para Milo, ele olhava para Max e para mim, dando uma risadinha.

— Seu filho da mãe, você cumpriu todas as promessas de uma só vez?

Eu ainda estava apoiado na Max, um pouco porque precisava e mais porque queria. Ela tombou a cabeça na minha direção e perguntou:

— Do que é que ele está falando?

— Não se preocupe com isso. Ele está bêbado.

Eu, por outro lado, estava completamente sóbrio. Tentei não parecer decepcionado quando ela

tirou o braço do meu ombro.

— Obrigado, Max. Estou bem agora.

Tudo o que eu queria fazer era voltar para casa e tomar um banho frio bem demorado seguido por

um banho quente que relaxasse a tensão nas minhas costas e braços.

— O que você acha que está fazendo? — perguntou ela. Max colocou as mãos na cintura... cintura

que tive em minhas mãos antes de tudo isso. — Só vou para casa me limpar.

— Ah, Cade, você mora a pelo menos vinte minutos daqui e está sangrando. Acho que deveria se

limpar aqui mesmo — sugeriu Milo.

Os dedos de Max encontraram meu queixo e ela puxou meu rosto para o seu. — Vou pegar o kit de primeiros socorros. Nem pense em ir embora.

Eu estava cansado demais para discutir. Assim, Max desapareceu e Milo me levou para o

banheiro nos fundos do bar.

— Droga, Cade. Quem diria que você gosta de meninas agressivas?

Eu não tinha certeza se eu gostava de "meninas agressivas", mas gostava de Max. Muito.

Havia uma fila insuportavelmente comprida para o banheiro e todos estavam bêbados ou eram

mal-educados demais para se importarem com o fato de eu estar sangrando.

Encostei-me na parede

dos fundos, ergui a cabeça e fechei os olhos. Surpreendentemente, Milo permaneceu calado até que

Max voltasse.

— Más notícias. Nosso kit de primeiros socorros está praticamente vazio. Abri os olhos e me concentrei nela. Afastando-me da parede, inclinei-me um pouco. Max me segurou por um dos braços e Milo pelo outro.

— Vou pegar um táxi de volta para casa — eu disse. Era mentira. Não tinha

dinheiro, mas isso os deixaria felizes.

Max zombou de mim:

— Boa sorte para encontrar um táxi aqui por perto.

Milo se ofereceu para correr até a farmácia e comprar suprimentos, mas insisti que era trabalho demais.

— Sério, pessoal, estou bem. Vou jogar um pouco de água na cara e voltar para casa. Não é nada

de mais. Estou me sentindo bem. — Dei um passo em direção ao banheiro, mas Max se pôs na minha

frente e colocou uma das mãos no meu peito.

Ela estava mordendo o lábio inferior, pensando em alguma coisa. Seus lábios formaram uma

linha reta e Max me olhou nos olhos.

— Vamos para o meu apartamento. Fica a poucos quarteirões daqui.

Não precisei olhar para Milo para saber que ele estava dando uma risadinha atrás de mim quando

ele disse:

— Isso parece uma ótima ideia!

Levantei a mão e a pus sobre a mão de Max, que ainda estava pousada no meu peito.

— Max, estou bem, de verdade.

Ela me olhou e tive a impressão de que ela raramente ouvia a palavra "não". Com a mão dela no

meu peito e a minha sobre a sua, eu sabia muito bem que meu corpo queria dizer "sim". Meu cérebro sabia que não era certo.

Ela se aproximou de mim e falou baixinho:

— Olha, Menino de Ouro, estou tentando algo novo, digo, estou tentando não agir como uma vaca

o tempo todo. Isso significa que, quando um cara apanha por minha causa, tenho que demonstrar um

pouco de compaixão. Não é fácil para mim, então me ajude.

Ah. Um dia... nós nos conhecíamos por apenas um dia e ela já percebeu que eu tinha dificuldade

de dizer "não" às pessoas, principalmente para quem precisava da minha ajuda. Eu deveria fazer algo inusitado, apesar de a maior parte do que fiz naquela noite ter sido um tanto

inusitada. Não que eu não tivesse tentado dizer "não".



— Certo. — Suspirei. — Mas só se você retirar a parte sobre eu ter apanhado. Ela riu.

— Tudo bem, aceito isso. Mas claro que eu o amaciei para você.

— É, me lembre de não irritá-la quando você estiver fumando.

Fez-se um momento de estranheza depois que nós concordamos, mas nenhum dos dois recuou ou

deixou de tocar o outro. Depois de alguns segundos, ela pigarreou e tirou a mão do meu peito.

Despedi-me de Milo e ignorei o sinal de positivo que ele fez por trás de Max. Esperei até ela

pegar seu casaco e suas coisas. Ela explicou a um dos bartenders o que aconteceu.

Achei que talvez

eles não a deixassem ir embora, mas, depois de uma conversa rápida, Max estava de volta ao meu

lado e pronta para ir.

Ela sorriu para mim, e eu estava nervoso. Com toda a dor e o cansaço, quem diria que eu teria

forças para me sentir nervoso?

— Vamos — disse ela. — Você está todo ensanguentado. — É nojento demais para você?

— Nojento ou atraente. Ainda não sei direito.

Ela não esperou pela minha resposta antes de se virar e abrir caminho pela multidão até a porta.

Eu a segui mais devagar, novamente certo de que aquilo era má ideia.

O homem que a atacou e Benny não estavam por perto quando saímos do bar, e outra pessoa

assumiu o lugar de segurança à porta. Provavelmente era melhor assim, porque, se eu tivesse visto o

cara que a atacou, não me responsabilizaria por minhas ações. Eu continuava me lembrando do rosto

dela, pálido e dolorido, e da mão do bandido no pescoço de Max. Só de me lembrar disso eu tinha vontade de brigar com ele novamente.

Ela entrelaçou o braço no meu e perguntou: — Você está bem?

Fiz que sim. Não precisava mais dela para me equilibrar, mas não pretendia rejeitar a

oportunidade de tocá-la. Parecia algo natural, como se fôssemos apenas um casal qualquer voltando

para casa.

Ficamos em silêncio durante o primeiro quarteirão, mas, quando levantei a cabeça,

pude ver o  
olhar vidrado na expressão de Max e soube que ela estava revivendo a briga  
mentalmente. Eu  
duvidava que ela quisesse reviver aquilo mais do que eu. — Então você é  
musicista? — perguntei.  
Ela fez que sim, mas não respondeu. Seu olhar estava fixo na calçada, e, daquele  
ângulo, eu via  
marcas vermelhas que as mãos do bandido deixaram no pescoço dela. Só queria  
parar e segurá-la  
nos meus braços, mas sabia que isso não era o estilo dela. Eu achava que ela nunca  
fizera o tipo que  
gostava de abraços e consolo.  
Então me pus a distraí-la.  
— Já compus algumas músicas, sabia? Não porque quisesse ser músico, mas só  
porque a música me ajuda a organizar meus pensamentos.  
Eu a segui pela esquina e, apesar de ela andar de cabeça abaixada, pude ver um  
sorrisinho surgir  
em seu rosto.  
— Canta uma para mim?  
— Sem chance.  
— Ah, deixa disso! — Ela segurou meu braço com as duas mãos e fez um biquinho.  
Era tão  
convvincente que cogitei cantar por um instante, mas a única música que eu sabia de  
cor fazia  
referências demais ao coração.  
Aquela era a noite de me esquecer da Bliss, e tudo transcorrera incrivelmente bem  
até agora.  
Cantar uma música que compus sobre ela era a última coisa que eu queria fazer. —  
Talvez outra hora — falei. — Vou tirar isso de você — disse Max.  
Eu não tinha dúvidas de que, se alguém fosse capaz de tirar a música de mim, esse  
alguém seria  
ela.  
O silêncio da rua envolveu meus pensamentos, e para mim não havia nada de mau  
nisso. Eu  
estava feliz só de caminhar ao lado dela, sem pensamentos e problemas para nos  
atrapalhar.  
Passamos por uma lavanderia vinte e quatro horas e Max diminuiu o passo para  
parar diante de  
uma porta de vidro com vários botões. Uma escada subia do outro lado da porta,

que ela abriu sem  
chave.

— Não tem tranca? Ela deu de ombros.

— Está quebrada. Há semanas estou pedindo ao senhorio para consertar isso. Olhei para a porta enquanto Max começava a subir a escada.

— Sabe, eu provavelmente consigo consertar. Meu avô era chaveiro. Ela respondeu do meio da escada:

— Existe alguma coisa que você não faça, Menino de Ouro?

Eu podia pensar em uma coisa. Eu parecia incapaz de encontrar uma namorada que não estivesse comprometida.

Deixei a porta se fechar atrás de mim e subi a escada. Subimos dois andares e seguimos por um

corredor antes de pararmos na última porta da esquerda. Max pegou as chaves no bolso do casaco e

hesitou por um instante.

Ela respirou fundo e colocou a chave na fechadura, virando-a até ouvir um clique. O apartamento

dela estava escuro quando entramos, e Max jogou as chaves numa mesinha perto da porta.

— Espere um segundo.

Ela me deixou na porta para acender um abajur a alguns metros dali.

A luz revelou um apartamento simples, sem móveis e sem vida. Eu a segui até uma sala de estar

minúscula com um futton e uma namoradeira quadrada. Não havia quadros, enfeites, nada que me

desse uma ideia da criatura tentadora que entrara na minha vida naquela manhã e me sequestrara completamente.

— Há quanto tempo você mora aqui? — perguntei. Ela deixou a bolsa ao lado do sofá e disse:

— Quase dois anos neste apartamento, mas moro na Filadélfia há quatro. Então por que ela vivia como se fosse fazer as malas e ir embora a qualquer momento? Não havia

nada além de alguns móveis ali. A única coisa que vi e que era minimamente pessoal foi um estojo de

guitarra encostado num canto.

— Sente-se. Vou pegar os curativos.

Ela começou a tirar o casaco e respirou fundo, com sofreguidão. Seus braços caíram

ao lado do

corpo e a expressão dela se contorceu de dor. Levantei-me rapidamente. Ela fechava os olhos com

força e mordida o lábio inferior.

— O que foi, Max? O que há de errado?

Ela gemeu baixinho e se virou para mim. Max estendeu os braços como se quisesse que eu tirasse o casaco dela. Agarrei o casaco pelo colarinho e comecei a tirá-lo. —

Ai — gritou ela.

A costura do casaco estava suja de sangue e grudada às costas dela.

— Que merda, Max. Por que você não me contou que estava machucada? Ela respondeu com uma voz baixinha e insegura:

— Não achei que estivesse tão mal assim.

Talvez não fosse nada grave, mas o sangue havia começado a coagular, e tirar o casaco a faria

recomeçar a sangrar. Ela se mexeu, e mesmo esse pequeno movimento a fez gemer de dor. Mantive

uma das mãos no colarinho e coloquei a outra no ombro de Max. — Tente tirar os braços da manga.

Tentei manter o tecido imóvel, mas ela fez uma careta de dor algumas vezes ao livrar os braços.

Eu a acompanhei para que ela se deitasse de bruços no futton. Ela respirou fundo e exalou lentamente. — Tire o casaco bem rápido, Cade.

Ajoelhei-me ao lado dela e tirei uma mecha de cabelo do seu rosto. Max não parecia tão corajosa

quanto queria demonstrar.

— Por mais que eu goste da ideia de arrancar suas roupas, acho que é melhor não fazer isso.

Ela tinha o rosto apertado contra o futton e foi só um pouco insolente ao dizer:

— Pior para você.

Eu não tinha dúvidas quanto a isso.

— Espere um segundo.

A cozinha do apartamento era minúscula como a sala. Comecei a abrir os armários à procura de

uma tigela.

— Sabe, você podia simplesmente ter pedido e eu lhe diria onde procurar — disse Max.

— É mais divertido assim. Quem sabe o que vou encontrar?

Encontrei uma tigela grande de plástico e a peguei. Abri a torneira e esperei que a água ficasse

quente. Eu a ouvi rir e gemer de dor do outro lado do sofá.

— Odeio ter que lhe dizer isso, mas você não encontrará nenhum segredinho sujo aí. Só leite vencido, talvez, nada mais do que isso.

Enchi a tigela de água e encontrei um pano numa gaveta perto da pia. Voltei à sala de estar e perguntei:

— Onde vou encontrar esses segredinhos sujos, então? Ela sorriu.

— Vou levá-los comigo para o túmulo. Desculpe, Menino de Ouro.

Puxei um pouquinho a parte de cima do casaco e ela se contorceu. — Desculpe.

— Tudo bem — sussurrou Max.

Não parecia nada bem. Mergulhei o pano na água aquecida e o torci.

— Vou lhe dizer uma coisa... Troco um segredinho seu por uma parte da minha música — eu sugeri.

Pinguei algumas gotas de água na área onde a pele dela estava grudada à costura do casaco e

comecei a afastar o tecido cuidadosamente.

— Feito — disse Max, engolindo em seco um gemido de dor. Acrescentei mais água, limpando a

pele com o máximo de cuidado. Quanto mais eu via suas costas, mais irritado ficava. A pele dela já

estava ficando roxa em alguns lugares, e eu sentia cada arranhão como se fosse no meu próprio

corpo. Respirei fundo e foi como se meus pulmões tivessem se enchido de fogo. Eu não conseguia

enxergar direito em meio à fúria e queria correr de volta ao bar e encontrar aquele bandido. Eu não o

deixei sangrando o suficiente.

Espremi mais ainda o pano e disse:

— Vamos ouvir um segredo, então.

Nós dois precisávamos de uma distração. Max respirou fundo e revelou: — Fui animadora de torcida na escola.

## **Capítulo 12**

**Max** — Você foi o quê?

Sempre gostei de chocar as pessoas contando aquilo, e a novidade me ajudou a me distrair um pouquinho da dor.

— Você me ouviu, Menino de Ouro. Eu fui animadora de torcida.

As mãos dele pararam de tirar o casaco das minhas costas e eu agradei o alívio. —

Estou tentando imaginar isso — disse Cade. — Mas eu só... Ele não concluiu e eu perguntei:

— O quê? Você não consegue me imaginar usando uma saia de animadora de torcida?

— Não, essa imagem eu consigo imaginar muito bem.

— Claro que consegue. Homens. — Revirei os olhos, mas não me importei muito com aquilo.

Havia algo de poderoso em saber que eu era capaz de atrair um cara como ele. Mesmo que ele não

tivesse ideia da loucura na qual estava entrando.

— Mas, sério, uma animadora de torcida?

Aquilo parecia ter acontecido em outra vida. Com uma Max diferente de mim. Eu odiava pensar no passado. Sempre que fazia isso, sentia-me pesada, como se a gravidade

tivesse dobrado e, em vez de apenas me manter presa à Terra, estivesse me achatando.

Não sabia explicar por quê, mas as palavras fluíam quando eu estava com Cade.

— Passei muito tempo fingindo ser algo que não era — eu falei.

Ele recomeçou a puxar o tecido e eu senti minha pele se esticando com um fio de sangue fresco.

Cade passou cuidadosamente o pano sobre o corte, mas minha pele estava sensível demais. Fiz o

possível para não estremecer quando ele me tocava, mas fracassei algumas vezes.

— Pelo menos você parou de fingir. Muitas pessoas não param.

Parei mesmo? Acho que apenas troquei um tipo de fingimento por outro. Eu precisava me distrair... do passado e da dor. Fechei bem os olhos e disse: — Sua vez, Menino de Ouro. Cante para mim.

Ele mergulhou o pano na tigela novamente e eu fiquei ouvindo as gotas que caíam enquanto ele

torcia o pano. Senti a água quente e gostosa na minha pele até Cade começar a puxar o tecido mais

uma vez. Prendi a respiração e o ouvi começar a cantar.

A voz dele era forte e clara. Ele cantou baixinho, mas as notas graves ecoavam em seu peito, o

que me deu calafrios.

*No matter how close, you are always too far 6 My eyes are drawn everywhere you are.*

Os nós dos dedos dele resvalaram nas minhas costas nuas e meus músculos se enrijeceram e

tremeram como a corda de uma guitarra. Senti algo entalado na garganta e mal percebi quando ele tirou todo o meu casaco.

Ele reumedeceu o pano e eu esperei que Cade recomeçasse a cantar, mas ele ficou em silêncio.

Ele passou o pano num arranhão e depois em outro... mudo.

— Só isso? — perguntei. Não era o suficiente.

— Por mais bizarra e... excitante que sua confissão sobre ser animadora de torcida tenha sido,

vou precisar de um pouco mais para começar a expor minha alma.

Percebi um sorrisinho na voz dele. O filho da mãe era insaciável. Soltei um suspiro exagerado.

— Não consigo pensar em mais nada para lhe contar.

— Acredito que a palavra sujo foi mencionada antes.

Fiquei surpresa ao perceber que estava com medo só de pensar em soltar meus segredos para ele.

Normalmente eu não teria dado a mínima ao que as pessoas pensavam de mim, mas com Cade era diferente.

— Meu primeiro beijo foi com o filho da minha babá quando eu tinha cinco anos e ele, sete. Ele me beijou e depois puxou meu cabelo.

Cade riu abafado e limpou o arranhão logo acima da cintura da minha saia. — Temos definições diferentes do que é sujo. Eu acrescentei:

— Até hoje nada me excita mais do que quando um cara puxa meu cabelo.

Fez-se silêncio e Cade passou a mão nas minhas costas. Eu teria feito qualquer coisa para ver a expressão dele.

Ele pigarreou, levantou-se e se afastou alguns metros. — Curativos? — perguntou.

Eu o havia reduzido a diálogos monossilábicos.

— Armário do banheiro. No fim do corredor.

Mordi o lábio, mas não consegui conter o sorriso largo que se abriu no meu rosto. Disse a mim

mesma que não havia nada de errado em flertar um pouco com ele, desde que eu não fosse além

disso. Mace flertava com outras meninas o tempo todo. Nós não éramos ciumentos, então tudo bem. E

Cade sairia da minha vida depois de amanhã mesmo.

Ele demorou alguns minutos para voltar à sala e, quando voltou, eu já havia me convencido de

que não havia nada de mais em estar ali sozinha com ele. Nosso beijo não foi nada de mais. O

enjoativo sorriso tolo no meu rosto não era nada de mais. Eu merecia relaxar depois do dia que tive.

Era tudo inofensivo, de verdade.

— Encontrei um pouco de pomada, gaze, esparadrapo e tesoura. Achei que isso seria melhor do

que band-aids, já que são muitos arranhões. A boa notícia é que nenhum deles é muito profundo. Mas

eles são muitos.

— Parece ótimo. Mas onde é que está o restante da minha música?

Ele se ajoelhou ao meu lado e eu pude ver, pelo canto do olho, seus cabelos pretos caírem sobre

a testa enquanto Cade cuidava de mim. Fechei os olhos quando ele começou a passar a pomada fria

na minha pele.

— Sobre aquilo... — começou ele. — Eu realmente não...

— O que é isso, Cade? Acordo é acordo. Além disso... estou com dor.

Ergui a cabeça um pouquinho e fiz meu melhor biquinho, olhando para trás. Ele olhou para o teto e fez que não com a cabeça. — Você é perigosa.

Eu gostava do perigo. E isso... isso era viciante. Fazer com que ele me quisesse. Aquilo era empolgante porque era errado e porque nós éramos muito diferentes.

Apoiei meu

rosto contra a almofada e fechei os olhos, aproveitando a sensação luxuriante dos dedos dele

acariciando minhas costas.

— Você pode muito bem recomeçar desde o princípio

— eu disse. — Assim poderei ter uma ideia melhor.

Demorou um pouquinho para ele começar a cantar, como se ele tivesse de se convencer disso.

Sua voz soou tão enfeitiçadora quanto antes. Era uma voz exuberante e ressonante, uma voz que

aderiu à minha alma.

*No matter how close, you are always too far My eyes are drawn everywhere you are.*

Ele parou e achei que não continuaria, mas Cade mudou o tom e eu me derreti com o som. *I'm tired of the way we both pretend*

*Tired of always wanting and never giving in*

*I can feel it in my skin, see it in your grin*



*We're more. We always have been.  
Think of everything we've missed.  
Every touch and every kiss.  
Because we both insist.*

7

*Resist.*

Eram apenas palavras, mas o efeito delas sobre mim foi tão forte quanto o beijo que trocamos

mais cedo naquela noite. A ansiedade pelo toque dele era quase tão agradável quanto o toque em si.

Tive de me concentrar para não me contorcer em suas mãos. Ele começou a colocar gaze em partes

das minhas costas e eu aproveitei ao máximo os momentos em que seu dedo grudava bem o

esparadrapo na minha pele.

*Hold your breath and close your eyes*

*Distract yourself with other guys*

*It's no surprise, your defeated sighs*

8

*Aren't you tired of the lies?*

Ele começou a cantar mais alto e eu me senti atingida pelas palavras, presa às mãos dele. Sabia

que aquela música não era para mim. Não podia ser. Nós havíamos nos conhecido naquele dia. Mas

só porque a música não era para mim não significava que não falasse de mim.

*"Think of everything we've missed.*

*Every touch and every kiss.*

*Because we both insist.*

*Resist."*

Eu sentia o hálito dele contra minha pele nua enquanto Cade cantava, e meu corpo todo ficou

tenso. Não podia nem mesmo fingir indiferença. Precisei de toda a minha concentração apenas para continuar respirando.

*No matter how close, you are always too far My eyes are drawn everywhere you are.*

Ele fez o último curativo, grudando-o com esparadrapo, e seu dedo continuou na minha pele,

tracejando a linha da minha espinha. Minha pele se arrepiou toda e eu tentei abafar

um gemido com a  
almofada, mas ele com certeza ouviu.

*I'm done. I won't ignore.*

9

*I won't pretend or resist.*

Ele pousou a mão na parte de baixo das minhas costas. O último verso foi meio cantado, meio

falado, e eu estava meio louca de desejo.

10

*I want more.*

## **Capítulo 13**

### ***Cade***

Eu estava brincando com fogo ao tocá-la daquele jeito. Minha mão estava pousada pouco acima

da curva do seu bumbum e juro que ela levantou os quadris contra a palma da minha mão.

Eu disse com uma voz grave e rouca:

— Pronto.

Se eu fosse supersticioso, pensaria que havia irritado os deuses do álcool reverenciados por

Milo, porque estava tendo uma reação muito inconveniente à nossa proximidade.

Tirei a mão e estava prestes a fazer uma saída rápida, mas Max se sentou e falou: —

Espere, me deixe fazer com você.

Tentei ficar sério, realmente tentei. Mas nenhum homem na minha situação, tenha ele quinze ou

cinquenta anos, podia ouvir aquelas palavras sem reagir. Ela revirou os olhos.

— Sua cabeça, Menino de Ouro. Aquela que deveria ajudá-lo a pensar.

Meu Deus, ela era tão diferente da Bliss. Eu podia imaginar completamente como essa cena se

desenrolaria com ela. Tudo começaria com rostos vermelhos e murmúrios e provavelmente

terminaria com alguém quebrado ou queimado.

Max era honesta. Destemida. Ela estava em paz consigo mesma.

E era muitíssimo sensual.

— Vou pegar outro pano.

Ela se levantou e levou o pano e a água consigo para a cozinha. Sentei-me no sofá e fiz o melhor

que pude para me ajeitar a fim de que minha situação constrangedora não ficasse evidente.

Tentei convencê-la a não me fazer cantar a música porque achava que era má ideia. Achei que aquilo evocaria lembranças da Bliss, mas não foi o que aconteceu. Na verdade, cantar não me fez pensar na Bliss. Eu só conseguia pensar em Max, e isso causou um problema completamente diferente do que eu esperava. Mantive os olhos focados à frente quando Max voltou, porque não confiava em mim mesmo para não tocá-la novamente. Ela colocou uma perna no sofá e se sentou perto de mim. O joelho dela contra minha coxa, e tudo o que eu queria fazer era segurar a outra perna dela e puxá-la para o meu colo. Procurei alguma coisa, qualquer coisa, para me distrair, mas não havia nada para olhar no apartamento. Só havia nós dois e o calor eletrizante que ocupava o espaço entre a gente. Os dedos dela tocaram meu queixo e ela virou minha cabeça na sua direção. Max estava olhando para um ferimento na minha testa, então tive alguns segundos para absorvê-la sem ser notado. Ela tinha o rosto avermelhado, provavelmente por causa da dor, e seus lábios estavam curvados para baixo numa expressão séria ao analisar a gravidade do meu ferimento. E seus olhos eram daquele azul-claro que você só encontra em praias selvagens e intocadas.

— Eu devia ter cuidado de você primeiro. Você ainda está sangrando um pouco. Estava? Nem doía mais. Havia coisas demais na minha mente. Ela tocou os dedos no meu queixo, passando-os pela barba que eu não me dera ao trabalho de fazer pela manhã. Os olhos dela encontraram os meus por uma fração de segundo antes de ela se afastar e começar a molhar o pano na água. Observei as mãozinhas dela e seus dedos delicados torcerem o pano e depois dobrá-lo num retângulo. Max se aproximou ainda mais ao se virar novamente para mim, tanto que seu joelho estava quase pousado na minha perna. Eu já estava de frente para ela, mas Max me tocou no rosto mesmo

assim. Primeiro ela limpou a região ao redor do meu ferimento e depois começou a limpar o corte perto do meu cabelo.

Max usou a mão no meu queixo para abaixar um pouquinho minha cabeça a fim de ver melhor.

Mirei os olhos diretamente para a arquitetura delicada do pescoço e do ombro dela, aquele último lugar onde a beijara.

Estava louco para recomeçar do ponto onde havia parado.

Não deve ter sido o suficiente para que ela tivesse uma boa visão dali, porque Max se ajeitou e

se ajoelhou ao meu lado. O peito dela estava no mesmo nível do meu olhar, e o corpo dela se inclinou na minha direção.

Fechei os olhos e pensei em tabuadas e recitei falas de peças das quais participei ao longo dos

anos. A respiração dela soprou na minha testa e eu sentia o calor da sua pele a poucos centímetros da

minha. Max parou de limpar e simplesmente pressionou o pano contra minha testa, provavelmente para parar o sangramento.

Ela falou baixinho e com afeto:

— Você compôs aquela música pra uma menina?

— Você está sugerindo novamente que sou gay?

Max riu e eu quis pegá-la em meus braços, deitá-la no sofá e mapear cada pedacinho de sua pele

com a minha boca. Queria saborear todas as tatuagens e saber o significado que tinham para ela.

Queria descobrir os segredos que estavam por trás da sua expressão defensiva. —

Não, só quero dizer... era sua namorada? Fiz que não com a cabeça.

— Não era. Quando decidi fazer alguma coisa a respeito, ela já estava com outra pessoa.

— Então você desistiu?

Eu não queria conversar sobre aquilo, mas acho que, se era para aquele assunto me fazer

esquecer de beijá-la, deu certo.

— Não fazia sentido — eu disse. — Eu não podia competir.

— Bobagem. — Ela apertou o pano com mais força e aproximou um pouco mais meu rosto do

dela. — Você é o Menino de Ouro. Você é bom em tudo. Você é gentil, maravilhoso e provavelmente interrompe tudo o que estiver fazendo para ajudar velhinhas a atravessar a rua. Se você não pode competir, então todos nós estamos completamente fodidos.

Sorri. Ouvi-la dizer que eu era maravilhoso era um bom prêmio de consolação. — O outro cara é britânico.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, e meus olhos se detiveram na curva suave do seu pescoço.

— Sim, você é muito azarado, Menino de Ouro.

Era bom poder rir disso com alguém. Era algo que eu nunca tinha conseguido fazer com Milo ou

com meus amigos na minha cidade. Naquela manhã, a perda de Bliss pareceu um peso preso aos

meus pés e agora parecia ser apenas... uma lembrança.

Max ainda sorria quando tirou o pano da minha testa.

Hesitou e disse:

— Parece bom.

Ela se recostou e a mão no meu rosto caiu para minha coxa. Max usou essa mão para se apoiar e

pegar a gaze. Meu Deus do Céu!

Tentei pensar em alguma coisa para dizer: — Foi um... dia interessante.

Considerando que havíamos nos conhecido naquela manhã e que eu já havia passado da fase da

fascinação e entrado na da obsessão, uau. Eu diria que foi um dia muitíssimo interessante.

— O dia de amanhã vai fazer o de hoje parecer moleza — comentou ela.

Max cortou um pedaço de gaze e voltou a ficar ajoelhada para colocá-lo na minha cabeça.

— Por que você odeia tanto as festas? Seus pais costumam passar dos limites? Ela pôs um esparadrapo nas extremidades do curativo e começou a alisá-lo, pousando a outra mão no meu ombro para se equilibrar.

— É difícil explicar. — Acho que vou entender.

Max pegou o pano novamente e começou a limpar mais sangue do meu rosto. Com os olhos

atentos ao trabalho, ela disse:

— As festas trazem lembranças ruins para nós. Meus pais acham que, se fingirem o suficiente e

tiverem a casa bem decorada e cheia de comida, não terão que pensar muito sobre as

coisas que lhes  
faltam.

— E isso não funciona para você?

Ela me encarou por uns segundos.

— Nada funciona para mim. Só a música.

Levantei a mão e a coloquei sobre a mão de Max que estava no meu ombro. —  
Sinto muito.

Ela me encarou de novo; seus olhos me estudavam.

— Normalmente odeio quando as pessoas dizem isso, mas...

O pano desceu pelo meu rosto até o corte na minha boca. Ela estava emocionada e  
com a boca

entreaberta. Limpou o corte com cuidado. Observei o movimento da garganta de  
Max, que engolia em  
seco.

Devagar, tão devagar que me pareceu um sonho, ela virou a mão, de modo que os  
nós de seus

dedos acariciaram meus lábios. Ela tinha os olhos bem abertos e claros. Estávamos  
os dois sóbrios.

Uma das minhas mãos pousou no quadril dela e o peito de Max resvalou no meu  
ombro quando ela se  
inclinou sobre mim.

Eu sentia o hálito dela nos meus lábios, e seus olhos estavam dilatados de desejo.  
Ela mordeu o

lábio e eu contive um gemido. Os olhos dela pousaram em meus lábios e o pano  
caiu no chão.

Então o telefone tocou.

Max levantou-se tão rápido que atravessou a sala antes de eu soltar todo o ar que  
estava preso no  
meu peito.

Ela pegou o telefone e sua expressão mudou: — É o meu namorado.

Engoli em seco; minha boca ainda estava tão árida quanto um deserto.

O Universo estava fazendo um favor a nós dois. Eu não queria transformá-la numa  
adúltera.

Beijá-la já havia sido errado.

— Eu deveria ir embora mesmo.

Corri para a porta o mais rápido que pude e ela gritou atrás de mim: — Cade!

Abri a porta e olhei para trás. Ela segurava o telefone na mão, pronta para atender.

— Desculpe — disse ela.

— Não precisa pedir desculpas. Eu não vou pedir. — Ela deu um passo na minha

direção e eu me virei. — Vejo você amanhã de manhã.

## Capítulo 14

### *Max*

Aquilo foi uma megacatástrofe de proporções colossais. Apertei "aceitar" e disse: — Oi, amor. — O som do outro lado era alto e confuso. Ele devia estar em uma espécie de casa

noturna, porque a música era ensurdecadora. — Mace?

— Maxi Pad!

E... ele estava bêbado.

— Já falamos sobre isso, Mace. Há apelidos que são engraçados e outros que são atroz. Esse

pertence ao segundo grupo.

— Maxi... Venha me encontrar no Pure.

Merda, se ele estava lá, é provável que estivesse tomando comprimidos em vez de beber cerveja.

— Não posso, Mace.

— Sim, você pode. Jesus, Max, essa merda é incrível. Você precisa vir experimentar. Bem como eu pensava. Não o estava criticando. Fiz várias coisas erradas do tipo ao longo dos

anos, mas não tinha mais espaço para isso na minha vida. Se eu lidasse com a minha dor daquele

jeito, não haveria razão para investir na música e então eu acabaria sem nada. — Não, Mace. Realmente tive um dia difícil.

— Vou fazê-la se esquecer de tudo. — Sua voz era grave e arrastada. Ela normalmente

enfraquecia minhas pernas, mas não esta noite. Não estava a fim de nenhum tipo de solução que ele

pudesse me oferecer.

— Não, Mace. Vou dormir.

— Que foda, Max. Primeiro você me dá um fora hoje de manhã.

— Meus pais estão na cidade, e você é quem me deu um fora.

Ele nem me ouviu, simplesmente continuou falando.

— Agora você não sai, e eu não vou vê-la amanhã.

Eu não podia lidar com aquilo naquele momento. Precisei de todo o meu autocontrole para não desligar o telefone.

— Não posso, ouviu? Conversaremos quando você estiver sóbrio. Boa noite. Desliguei o telefone e me joguei no sofá. Apertei a tela fria do telefone contra meu rosto quente e

pus a outra mão na almofada ao meu lado. Havia tantos pensamentos na minha mente — pensamentos sobre Mace e Cade. Mas foi um dia longo e emotivo. Eu não era estúpida a ponto de tomar uma decisão no calor do momento. Mesmo ainda podendo sentir as mãos de Cade nas minhas costas e seu rosto sob meus dedos ao fechar os olhos.

Megacatástrofe. Com certeza.

Tudo o que eu queria fazer era tomar um banho, mas daí eu arruinaria os curativos nas minhas costas. Em vez de tomar um banho, tirei a roupa e caí na cama e no sono. \*

Ele puxou meu cabelo e eu senti o puxão correr pela minha espinha até os dedos dos meus pés.

Ele recolocou minha cabeça no lugar e seus lábios desceram pelo meu pescoço. Ele esfregou a boca lentamente pela minha garganta e então seus dentes resvalaram no meu colo. Soltei um gemido constrangedoramente alto.

Ele me recompensou com outra mordidinha.

Enfie as mãos por baixo da camisa dele e finquei os dedos na parte de baixo das suas costas. Ele forçava o quadril contra o meu e eu podia sentir seus músculos se flexionando na minha mão. Ele abandonou meu colo e afastou minha camisa de lado com o nariz, beijando meu esterno. Sua língua resvalou num dos galhos da minha tatuagem e eu me senti como se estivesse sendo queimada viva.

Sua barba por fazer arranhou minha pele sensível e eu perdi a força nas pernas.

— Por favor — implorei.

— Não devíamos — sussurrou ele.

Eu trouxe a boca dele até a minha, determinada a convencê-lo. Passei um dos braços ao redor do pescoço dele e uma perna ao redor do seu quadril, puxando-o para perto de mim. Ele se equilibrou com uma das mãos contra a parede e a outra no meu bumbum. — Sim — sussurrei entre beijos.

O beijo dele era viciante. Lento e rápido. Carinhoso e duro. Eu me fundi a ele, feliz por acompanhar seus movimentos.

Ele recuou novamente.

— Tem certeza?



*Ah, meu Deus, sim!*

Fiz que sim e ele me afastou da parede e me levou para a cama. Suas mãos correram pela minha

perna, arrepiando-me e fazendo com que eu me contorcesse toda. Seus dedos se prenderam ao tecido

da minha calcinha, tirando-a cuidadosamente. Eu já estava sem camisa, que desapareceu em algum

momento do frenesi. Ele pressionou os quadris contra mim, e meus olhos reviraram. Então o mundo

todo girou e eu estava montada sobre ele. Seus cabelos desarrumados eram lindos contra o meu

travesseiro, e seus olhos castanhos estavam tão escuros que quase pareciam negros.

Ele pôs uma das mãos sob os frisos da minha saia, agarrou minha coxa e disse: — Cavalgue em mim.

Por que caras legais que diziam sacanagem eram tão atraentes? Joguei minha cabeça para trás e gemi.

— Max. — Ah, meu Deus — choraminguei.

Suas mãos procuraram meu rosto e ele me segurou com força.

— Max, você está bem?

*Meu Deus, sim.*

Até então estava mais do que bem, tanto que não conseguia nem mesmo formular uma frase.

Ele me segurou pelos ombros e o mundo girou de novo. Abri os olhos e não estava mais sobre

ele. Cade pairava sobre mim, longe demais. Estendi uma das mãos para tocá-lo no rosto.

Aquilo era estranho. A barba por fazer havia desaparecido. Ele se barbeara. Pus uma das mãos no pescoço dele e o puxei para perto.

Ele resistiu por um segundo, mas foi o bastante para me fazer parar. Fechei os olhos. Minha boca

estava seca e minha cabeça parecia turva.

Os olhos dele estavam nos meus lábios e ele tinha uma expressão de dor. — Max...

Ele se afastou, mas manteve a mão ao redor do seu pescoço. O movimento dele fez com que eu me

sentasse.

Cade me analisou e seus olhos ficaram emotivos. Ele bufou. — Ah, vamos nos foder.

Esse era o plano, mas a voz dele parecia tensa, não sedutora.

Ele voltou os olhos para o teto e tirou minha mão da nuca. Abaixei a mão livre e a

deixei correr  
pelo peito dele.

Ele não tirou minha mão do seu corpo dessa vez, mas disse, com uma voz grave e baixa:

— Deixando de lado o apelido de Menino de Ouro, eu não sou nenhum santo, Max. O corpo dele estava tenso ao meu lado. Esfreguei os olhos e lentamente o mundo começou a

voltar à tona. Eu estava na minha cama. No meu apartamento. A luz entrava pela janela e Cade estava

sentado na minha cama, *completamente vestido*, olhando fixamente para a parede como se fosse

Hitler.

Ah, maldição, eu estava sonhando. Simplesmente dei em cima dele durante o sono!

Cobri minha

boca com a mão e vasculhei meu cérebro para tentar me lembrar se dissera alguma coisa capaz de me

entregar.

Passado o choque, pousei a mão no meu peito, onde meus dedos tocaram a pele exposta.

Olhei para baixo e tive de conter a vontade de gritar. EU ESTAVA NUA.

Nua a ponto de ele poder dar uma boa olhada na minha tatuagem em forma de árvore.

Nua como se eu fosse me encolher em posição fetal e morrer de vergonha. Puxei as cobertas da cintura até o queixo. Ao meu lado, Cade suspirou e seus ombros relaxaram.

Com toda a calma do mundo, perguntei:

— O que está acontecendo?

Por dentro eu não estava nada calma. Somente um lençol e umas poucas peças de roupa dele nos

separavam, e minha mente ainda estava turva com o desejo provocado pelo sonho.

E, para ser

sincera, eu me sentia um pouco ofendida por ele ter conseguido desviar o olhar. Uma parte pequena e louca de mim queria se livrar do lençol e descobrir por quanto tempo ele

resistiria. Cade se levantou e foi para o outro lado do quarto.

— Eu bati na porta, mas você não atendeu. Estava do lado de fora e a ouvi gemer.

Parecia que

você estava machucada ou doente — disse ele. Cade voltou a me olhar e agora eu entendia como ele

havia conseguido se manter afastado... Culpa. Ele não fizera nada de errado! Eu é que estava tendo sonhos pervertidos com ele, mas não me sentia nada culpada. — Juro, a porta estava aberta, então entrei para ver como você estava. Juro que não estava tentando nada. Desculpe. Eu me perguntava se, deixando o lençol cair agora, ele tentaria alguma coisa. Meu corpo estava tão contraído que eu me sentia como se estivesse suspensa na beirada de um penhasco há horas. E eu *queria que ele tentasse alguma coisa. Fiz que não com a cabeça. Estava tão excitada* que a simples sensação dos lençóis contra meu peito me fazia perder o fôlego.

*Não. Max malvada. Você está com o Mace. Foco.*

Devo ter me esquecido de programar o despertador antes de me deitar.

O despertador era importante, mas eu não conseguia lembrar por quê. Olhei para Cade e seus olhos se detiveram no lençol, que minhas mãos seguravam com força e mantinham diante do meu

peito. Um calafrio percorreu minhas costas, arrepiando-me toda. Eu me mexi e posso ter exposto

minha pele para ele um pouquinho. Percebi os olhos dele acompanhando a curva da minha espinha e ele engolindo em seco.

O demônio me mandou fazer isso.

Quando digo "demônio", estou falando do meu útero.

Cade deu um passo na minha direção e eu sorri de felicidade por uns segundos. Então lembrei por que meu despertador era tão importante... e por que Cade estava ali. Dia de Ação de Graças. Dia de Ação de Graças com meus pais.

Dia de Ação de Graças com meus pais e comigo nua num quarto com Cade. Isso significava desastre.

Deixando de lado meu plano de sedução, saí da cama, tomando cuidado para manter o lençol ao redor do meu corpo.

— Merda. Que horas são? Ele tirou o telefone do bolso.

— Quase nove.

MERDA.

Na mesma hora a campainha do meu apartamento tocou. Ouvi minha mãe gritar do outro lado da porta.

— Mackenzie, amorzinho!

Então, como eu era a idiota que não se lembrava de trancar o apartamento, ouvi a porta se abrindo e depois outro "amorzinho?".

Foi como um daqueles filmes horríveis de zumbi nos quais você os ouve se aproximando, mas

não tem para onde fugir. Você simplesmente tem de aceitar que seu cérebro será comido.

A mamãe era o zumbi, e, se ela entrasse e me encontrasse nua com um cara, mesmo que fosse o

Menino de Ouro, os cérebros de nós dois acabariam virando churrasco. — Só um segundo, mamãe!

Merda. Passei a mão no cabelo, mas esqueci que estava segurando o lençol, que quase caiu.

Cade pigarreou e se virou para o outro lado. Meu corpo dominado por hormônios gostou muito

daquele som, mas não era hora para isso! *Merda. Merda. Merda. Merda.*

Eu devo ter falado pelo menos um desses "merda" em voz alta, porque Cade disse:

— Está tudo bem. Vou sair e conversar com eles enquanto você se apronta. — Você não entende! Se você sair do meu quarto e daí eu for tomar banho, meus pais vão pensar que nós dois estamos dormindo juntos.

— Então não tome banho. Você está linda assim.

Seus olhos desceram para o lençol, e ele não parecia nem um pouco culpado. Onde estava toda

aquela culpa?

*Calma, menina. Ainda não é a hora.*

— Estou fedendo a fumaça, álcool e suor, o que é bem ruim. Além do mais, o cabelo

desarrumado pela noite se parece exatamente com o cabelo desarrumado pelo sexo.

Cade se aproximou e pôs as mãos nos meus ombros. Aquilo pretendia me tranquilizar, mas era

pele contra pele, o que não me relaxava nada. Por mais confusa que fosse, havia algo naquela

situação toda que ainda me excitava. Uma partezinha de mim *gostava* da ideia de sermos pegos em

flagrante, mesmo que não houvesse um "nós" de verdade e mesmo que não tenha havido nada de

sexo.

— Vou contar a verdade a eles — disse Cade. — Você dormiu demais. Acabei de chegar.

— Sim. Como se eles fossem acreditar nisso.

Seus dedos acariciaram meus ombros, e meu corpo quase esmoreceu.

— Farei com que eles acreditem. Prometo.

Ele se afastou como se não tivesse acabado de acariciar meu corpo e como se eu não estivesse

nua sob o lençol. A expressão dele era calma e indecifrável. Era como se ele não tivesse sido nada

afetado por tudo aquilo.

Será que alguns homens pertenciam a uma espécie diferente? Será que eles têm um DNA diferente que lhes permite ser tão melhores do que os outros?

Resisti à vontade de deixar o lençol cair novamente, só para fazê-lo reagir. Fechei os olhos e

concordei com a cabeça. Mantive os olhos fechados enquanto Cade saía do quarto, para que eu não

fizesse algo estúpido. Fiquei ali paralisada e excitada, mesmo depois de ouvi-lo cumprimentar meus

pais.

Seria um dia longo.

## **Capítulo 15**

### ***Cade***

Pela segunda vez naquele apartamento, eu tinha um problema bem esquisito numa hora bem

inapropriada.

Se pudesse escolher entre enfrentar os pais de Max e pular num vulcão ativo, teria de fazer uma

lista de prós e contras.

Precisei de alguns segundos para me concentrar, apesar de saber que poucos segundos não seriam

o bastante para que eu tirasse Max da minha mente. Ela era delicada, e meu autocontrole estava no

limite. Agora mesmo eu lutava contra a vontade de voltar àquele quarto e beijá-la, o que não ajudava

em nada a resolver o outro problema que tinha de enfrentar.

Balancei a cabeça para limpar os pensamentos, ajeitei-me o melhor que pude e saí pelo corredor

até a sala de estar.

*Por favor, Deus, não permita que a mãe da Max tente me abraçar.*

A mãe de Max soltou um gritinho de emoção ao me ver.

— Cade! Não sabia que você já estava aqui.

Ela estava tirando um peru de uma embalagem térmica, mas deixou isso de lado para se aproximar de mim para o que eu só podia presumir ser um abraço. Eu me mexi como se ela fosse um jogador do Philadelphia Eagles vindo me derrubar e me desviei.

— Ah, deixe-me pegar isso para você! — Corri para o peru na embalagem térmica e usei isso como desculpa. Fui até a bancada, feliz pela manobra. A mãe de Max não me chamou novamente, eu suspirei de alívio e comecei a liberar a ave.

O peru era mole e cheirava a carne crua. Aquilo ajudou um pouco a esquecer o meu problema.

Era uma ave grande e estava bem presa à embalagem térmica.

*Bem apertadinho.*

*Não pense nisso, cérebro. Você estava indo tão bem.*

Recitei o alfabeto mentalmente para me distrair enquanto libertava o peru. Demorei alguns

minutos, e estava praticamente sob controle quando finalmente consegui tirar o peru.

— Onde a senhora quer que eu o coloque, sra. M?

Mick havia acabado de colocar sobre a mesa da cozinha as coisas que eles trouxeram. Parecia

que haviam trazido todo um apartamento consigo. Ela pegou uma panela grande e a trouxe para a bancada ao meu lado.

— Bem aqui, por favor.

Fiz o que ela pediu e depois lavei as mãos na pia.

Eu ainda estava com meu casaco e cachecol. Era hora de dizer a verdade e eu esperava convencê-los.

— A Mackenzie perdeu a hora. — Achei que mencionar o nome inteiro da Max ajudaria, levando

em conta a recusa deles em usar o apelido dela. — Na verdade cheguei aqui poucos minutos antes de

vocês. — Tirei o cachecol, na esperança de que isso desse credibilidade à minha história. — Ela

trabalhou até tarde ontem e devia estar esgotada. *Não pense nisso, cérebro. Foco.*

Tirei o casaco também e então percebi que não tinha ideia de onde colocá-lo. Será que a Max

tinha um armário? Os pais dela não estavam usando casacos. Onde será que os colocaram? Nossa história desmoronaria por completo porque eu não sabia onde pôr meu casaco. Havia duas portas que podiam ser armários. Ou podiam ser banheiros ou lavanderias ou quem sabe o quê. — Então a Mackenzie está se vestindo agora? — A mãe dela franziu a testa e eu a imaginei pensar nas coisas que Max temia. — Acho que ela vai tomar um banho. Eu disse para ela não se preocupar, mas acho que ela quer ficar bonita para vocês. Com sorte ela não sairia do banho usando calça de moletom. — Você acha que ela quer tirar fotos? — Os olhos da sra. Miller se acenderam como se o Natal tivesse chegado mais cedo. Ah, bem, isso pareceu distraí-la bastante. — Acho que sim. É o nosso primeiro Dia de Ação de Graças juntos. Acho que é algo que deve ser comemorado. Aproveitei a oportunidade e abri uma das portas na sala de estar. BINGO! Armário de casacos. O dia foi salvo. Eu estava pendurando meu casaco num cabide quando a sra. Miller me atacou por trás. Ela me envolveu pela cintura e me apertou com força, tanto que achei que ela estivesse tentando fazer a 11 manobra de Heimlich . — Estou tão feliz por você ter entrado na vida da Mackenzie. Em poucas semanas você teve uma influência tão maravilhosa sobre ela. Ela nunca me deixa tirar fotos dela. Ah, droga. A Max ficaria furiosa. Eu sorri: — Ah, não acho que a mudei. Ela era incrível antes de mim e continua incrível. — Mick? Você está ouvindo este menino maravilhoso? Você deveria ter umas aulas com ele! Mick se levantou do sofá e veio até a cozinha. — Você está queimando nosso filme, filho. — Desculpe. A sra. M deu um tapinha no braço do marido. — Não dê ouvidos a ele, Cade.

— Sim, senhora.

Suspirei. Tinha a sensação de que isso aconteceria várias vezes hoje.

Vi a sra. M passear pela cozinha. Ofereci ajuda algumas vezes, mas ela sempre me dispensava.

Quando não estava cozinhando, ela estava decorando o apartamento vazio da Max. Ela trouxe

almofadas e mantas e porta-retratos. Eu estava começando a entender que Max era o oposto de seus

pais... provavelmente porque ela queria mesmo ser o oposto de seus pais.

— De onde você é, Cade?

— Do Texas.

— Ah, onde, exatamente? Nós moramos em Oklahoma!

— Cresci em Fort Worth.

— E seus pais ainda moram lá?

Tamborilei, esfregando minha nuca.

— Minha avó, na verdade. Minha mãe morreu e meu pai não estava por perto. Ela parou, a mão ainda dentro do peru, e me olhou. — Ah, querido. Que Deus o abençoe.

— Tudo bem — eu disse. — Eu era muito novo. Não me lembro direito dela. Além disso, tenho minha avó. Isso basta.

Ela usou a mão que estava fora do peru para me chamar para perto. — Venha cá.

Dei alguns passos e ela continuou me chamando para perto até que eu estivesse ao seu lado.

Então, com uma das mãos ainda intimamente explorando as entranhas do peru, ela passou o outro braço ao redor do meu corpo e me abraçou.

— Não importa que você não se lembre direito da sua mãe. Sinto muito pelo que você teve que enfrentar. Deve ter sido difícil.

Aquilo foi estranho, mas o curioso abraço me fez sentir melhor. Entendi por que Max se sentia tão incomodada com seus pais, mas teria dado qualquer coisa para ter pais que aparecessem

inesperadamente e se intrometessem na minha vida. A vovó era velha demais para fazer algo assim,

apesar de eu ter certeza de que ela faria isso se pudesse.

— Hummm... o que está acontecendo aqui?

A sra. M me soltou e eu me afastei dela e do peru. Max estava na entrada do



corredor. Acho que  
ela optou por não tomar banho. Seus cabelos vermelhos estavam penteados de um  
jeito simples. Eles  
mal se conheciam mesmo! Ela estava usando uma blusa de gola alta que cobria suas  
várias tatuagens.

Max estava usando menos maquiagem também. Ela ainda se parecia consigo mesma,  
mas exibia

talvez 25 por cento da energia normal.

Eu sentia falta dela.

— Ah, nada, querida — disse a mãe de Max. — Cade acabou de me contar sobre os  
pais dele.

— Certo. Os pais dele — repetiu Max. Ela me lançou um olhar arregalado. Assim,  
mudei o assunto.

— Sra. Miller, conte-me como era a Max quando criança.

Max gemeu. A mãe dela praticamente gritou de alegria.

— Eu tenho fotos dela de quando bebê! Sempre tenho um álbum comigo. — Max  
veio até a

cozinha e se sentou num banquinho ao meu lado.

— Oba. Fotos de bebê. Que ótima ideia, amorzinho.

— Ela entrelaçou os dedos nos meus e depois enfiou as unhas no dorso da minha  
mão, num sinal

de advertência. Eu só conseguia pensar em como era ter as unhas dela na minha pele  
em

circunstâncias diferentes.

Levei a mão dela à boca e a beijei. Ela arregalou os olhos e prendeu a respiração.

Sorri

maliciosamente:

— Ah, *querida, você não pode me culpar por* querer ver suas fotos de quando era  
bebê.

Enquanto sua mãe ainda estava distraída na sala procurando o álbum, Max se  
aproximou do meu

ouvido e disse:

— Pode apostar que vou culpá-lo. Você não é nada engraçado, Menino de Ouro. —  
Mesmo? Achei que foi histericamente engraçado.

— Mais tarde, quando estivermos sozinhos... — ... gosto de ouvir isso.

Ela riu alto na direção da sala de estar, uma risada totalmente falsa, e se virou para  
mim.

— Não pense que não vou matá-lo, menininho bonito.

— Então eu era o Menino de Ouro e agora sou bonito?

Max respirou fundo novamente e eu a imaginei contando até cem para controlar sua raiva.

Gostava dela daquele jeito. Com o rosto rosado e os olhos pegando fogo, ela se parecia consigo mesma, apesar da mudança no estilo.

— Não consigo me segurar. É tão divertido irritá-la. — Você realmente quer brincar disso?

— Aqui vamos nós! — A mãe de Max entrou na cozinha e colocou o álbum na nossa frente.

A primeira imagem era do dia em que eles trouxeram Max para casa do hospital. O quartinho era

uma confusão de vários tons de rosa e tinha o nome MACKENZIE pintado numa das paredes. Max

parecia um bebê normal — pequenina e com um rosto rosado, sem cabelo. A sra. Miller tinha

madeixas encaracoladas e volumosas, como se tivesse saído da série *I Love the '80s*.

— Sra. Miller, tenho que dizer: a senhora não parece ter envelhecido nada. Ela deu uma risadinha e me bateu no ombro. — Ah, pare com isso. Max soltou minha mão e disse baixinho: — É verdade, pare.

Max assumiu o controle do álbum e o folheou rapidamente, mal permitindo que eu tivesse tempo

de olhar as fotografias, mas uma coisa era óbvia: os pais da Max nunca permitiram que ela fosse ela

mesma quando criança. Eles a vestiam de rosa e com roupas cheias de franjas de que dava para ver

que ela não gostava. Ela tinha os cabelos loiros, com cachos sempre perfeitos. Aproximei-me do ouvido dela e sussurrei:

— Você é loira natural? Está cada vez mais fácil imaginá-la como animadora de torcida. — Se

um olhar pudesse assumir uma forma física, o que ela me deu teria se transformado num tapa na cara.

Max parecia perfeita em todas as fotos. Como uma Barbie, seu sorriso também era feito de

plástico. Ela era linda, mas triste. Max virou a página e eu pude vê-la como animadora de torcida nas

pontas dos pés.

— E agora não preciso mais imaginar.

O olhar dela permaneceu fixo, mas sua boca se curvou um pouquinho para cima. —

Você praticava esportes? — me perguntou a sra. Miller. — Sim. Futebol americano

e basquete. Max parou de virar a página e perguntou: — Mesmo?

— Cresci no Texas. Além disso, eu era bom. Ela riu. — Claro que era.

— Aposto que você era uma ótima animadora de torcida.

— Ótima? Na verdade, não. Quase homicida? Certeza.

Pude vê-la num vestido cor-de-rosa e usando beca de formatura. Estávamos chegando ao fim do

álbum e eu esperava ver uma imagem mais recente dela com sua aparência nova, não aquela de

Barbie. Não vi nada. O álbum terminou como se os últimos anos não tivessem acontecido. Vi alívio

estampado no rosto de Max quando chegamos à última página. O alívio foi substituído por surpresa

ou algo que não pude identificar quando ela viu a última fotografia colada no interior do verso da

capa.

Era uma foto de família, e Max parecia ter uns doze anos, talvez treze. Ela tinha um notável olhar

pré-adolescente. Atrás dela havia um cara que pensei ser seu irmão. Ele tinha o mesmo cabelo loiro

e usava uma jaqueta universitária. Num canto havia uma menina de dezesseis ou dezessete anos que

se parecia muito com Max. Ou o contrário, já que a menina era mais velha do que ela.

— Seu irmão e irmã? — perguntei.

Algo na expressão de Max se quebrou. Ela se virou para a mãe e seu olhar era assustador e

assustado.

— Não. Não vamos fazer isso! Você me ouviu? Se você veio por causa disso, pode ir embora. —

Ela fechou o álbum com força e saiu correndo para o quarto.

Eu esperava que sua mãe parecesse chocada ou incomodada, mas ela calmamente pegou o álbum

e o guardou, como se estivesse pegando um livro qualquer e o devolvendo à estante.

Ela voltou para

a sala e derrubou um porta-retratos que havia colocado na mesinha de centro também.

Eu não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas sabia que tinha alguma coisa a ver com o

que Max falou sobre as festas de fim de ano na noite anterior. O que quer que

tivesse acontecido,  
aquilo partiu o coração de Max em pedacinhos, de um jeito que eu não tinha visto até então.

## **Capítulo 16**

### ***Max***

Eu não sabia se gritava ou chorava, se jogava tudo para o alto ou se caía no chão. Havia algo na minha mãe que fazia com que eu me sentisse com quatorze anos e furiosa novamente. Eu odiava isso, mas parecia incapaz de me segurar. Ela simplesmente não conseguia deixar as coisas para trás.

Não precisava de fotos de Alex por todos os lugares para me lembrar dela. Eu a via no metrô,

nos shows, passando por mim na rua. Eu a via sempre que fechava os olhos. Eu costumava vê-la ao

me olhar no espelho, antes de mudar meu cabelo e tatuar minha pele. Eu conseguia vê-la refletida nos

olhos da mamãe sempre que ela me olhava, como se, pensando com força, a mamãe fosse capaz de

nos fazer trocar de lugar e ficasse com a filha boazinha em vez de mim.

Por mais que eu dissesse, a mamãe sempre tentava transformar as festas de fim de ano num

motivo para falar de Alex. Ela queria falar de quando Alexandria fez ou disse tal coisa. A mamãe

falava tanto de Alex que era como se ela se transformasse num fantasma sentado à mesa de jantar,

sugando toda a felicidade e as conversas normais para seu reino da não existência.

Eu nem desejava estar morta. A mamãe já fazia com que eu me sentisse assim.

Droga, ela já tinha

um álbum de fotografias pronto para mostrar ao mundo sua princesinha loira, por mais que eu não

fosse aquela menina há muito tempo. Ninguém queria ver imagens dessa Max. Só da Mackenzie.

O que havia de errado em deixar o passado no passado? Por que temos de arrastar nossos

problemas com a gente rumo ao futuro? Eu nem conseguia respirar ali com todos aqueles fantasmas

que a mamãe trazia consigo. Eu não combinava com aquele mundo e, quanto mais tentava, mais sentia que não combinava com lugar nenhum.

Estava deitada na minha cama, o rosto enfiado no travesseiro, quando senti um movimento no colchão.

Sabia que era Cade. A mamãe jamais me seguia depois das discussões; era mais fácil para ela fingir que nada acontecera. E o papai permanecia longe de todas as coisas que envolviam

sentimentos. Apoiei-me nos cotovelos e olhei para trás para vê-lo sentado na beirada da cama. Ele

estava distante de mim

Deitei-me de costas e esperei que ele dissesse algo. Fizesse perguntas.

Ele não disse nada. Cade se deitou ao meu lado, ainda cuidando para manter uma zona de

proteção entre nós dois. Ele pôs o antebraço atrás da cabeça e ficou olhando para o teto em silêncio.

Assim de perto eu via como seus ombros eram largos. Quero dizer, eu os sentia, mas não conseguia

realmente *olhar* para eles. Seus braços eram musculosos e seu peito, largo. Fiquei olhando como seu

corpo se movimentava ao inalar e exalar. O ritmo me acalmava.

Observar o peito dele subindo e descendo me tranquilizou tanto que minha raiva simplesmente

desapareceu. Ele estava com os olhos fechados e o rosto relaxado ao dizer: — Eu deixo as pessoas irem embora.

Sentei-me apoiada no cotovelo e olhei para ele, mas Cade ainda estava de olhos fechados.

— Hummm... se você está fazendo alguma referência bíblica àquela coisa toda de "deixe meu povo partir", não estou entendendo a conexão.

Um canto da boca dele se curvou para cima e Cade suspirou.

— Na noite passada, quando você me perguntou por que eu não lutei pela menina da música. É porque eu deixo as pessoas irem embora.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas aprovava, desde que não tivéssemos de falar

sobre mim.

— Sempre?

— Ultimamente, sim. Quando eu era mais novo, lutei e perdi muitas batalhas. Eu queria que ele abrisse os olhos e me olhasse. Aquele Cade sóbrio e fechado era perturbador.

Eu mesma vivia num mundo sombrio, e vê-lo daquele jeito me fez afundar ainda mais. Nunca soube o que fazer em situações como aquela, então decidi acompanhá-lo e ficar em silêncio. Não estava pensando na atração entre nós dois. Só estava pensando em consolá-lo quando me aproximei e pousei a cabeça sobre seu peito. Talvez eu estivesse pensando em me consolar também. Depois de alguns segundos, o braço que ele tinha sob a cabeça me envolveu. Os dedos dele pousaram no meu quadril e eu soltei o ar que mantinha preso no peito. Quando aceitei o silêncio e o consolo da nossa proximidade, ele disse: — A primeira lembrança que tenho do meu pai é ele indo embora. Eu tinha cinco anos e pedi para ele ficar. Na verdade, implorei. — Ele fez um som que era quase uma risada... uma risada bem triste. — Ele foi embora pela manhã. Minha mãe morreu menos de um ano depois. — Cade fechou os olhos e eu percebi que ele estava em outro lugar. Ele não estava mais comigo. — Ela tinha câncer, e foi como se ela simplesmente... tivesse desistido. Eu não bastava para que ela quisesse continuar viva. O sofrimento veio de algum lugar e me atingiu em cheio. Lágrimas surgiram nos meus olhos, e minha garganta queimava pelo esforço de engolir meus sentimentos. Eu não chorava havia muito tempo, mas pensar em Cade quando criança, provavelmente tão bom e perfeito quanto é agora, enfrentando aquelas coisas... doía. Eu estava acostumada a ignorar minhas emoções. Era tão boa nisso que se tornou fácil. Mas nunca tive de me preocupar com as emoções dos outros. Nunca me senti próxima o suficiente de alguém para que os sentimentos importassem. Precisei de todo o meu autocontrole para proteger minhas emoções novamente atrás das muralhas. Havia tanto a dizer que elas simplesmente se acumularam na ponta da minha língua. No entanto, todas pareciam pequenas e exageradas ao mesmo tempo. Então eu apenas as segurei com força e

mantive os olhos fechados até que as lágrimas desistissem de escorrer.  
Cade riu, mas não era a risada que eu estava acostumada a ouvir, aquela que atraía toda a minha atenção. Aquela risada era amargurada e magoada.  
— Quando meu pai voltou para casa para o funeral da minha mãe, achei que ele me levaria junto com ele. Imaginei que meu quarto seria na casa nova dele. Estava preocupado se sua namorada gostaria ou não de mim. Estava tão determinado a fazer com que as coisas dessem certo na época.  
Mas ele foi embora de novo e eu fiquei morando com minha avó.  
Eu ouvia o coração dele batendo sob meu ouvido e só conseguia pensar que era preciso ser muito babaca para abandonar seu filho depois de ele perder a mãe. Nunca fui boa em engolir o que pensava, e não seria agora.  
— Pelo menos sabemos que a babaquice não é hereditária — eu comentei. Estava prestes a sugerir uma viagem para encontrar o pai dele e colocar o filho da mãe em seu devido lugar. Ele passou a mão para cima e para baixo nas minhas costas, como se estivesse me consolando, e não o contrário.  
Então percebi... que ele estava mesmo me consolando.  
Muitas coisas me irritavam nos meus pais e na morte de Alex, mas nada me irritava mais do que me sentir sozinha na minha dor. Quero dizer, eu sabia que meus pais sentiam a falta dela. Sabia que eles pensavam nela constantemente, mas era com uma tristeza feliz que me era completamente estranha. Quando eu pensava em Alex, era uma dor pura, não diluída. Era como se minhas entranhas revirassem, como se eu ainda tivesse alguma lesão interna do acidente. Passaram-se tantos anos, mas bastava a imagem dela atrás dos meus olhos fechados para fazer com que eu sentisse que estava me esvaindo em sangue. Não entendia como era possível que as outras pessoas não se sentissem assim também, e aquilo me deixava furiosa.  
Mas percebi, pela forma como os músculos de Cade se flexionaram sob mim, que ele sentia o

mesmo que eu. Fiz o mesmo: flexionei os músculos do corpo como se fossem uma armadura. Tendões e fibras musculares eram as únicas coisas que continham a confusão dentro de mim. A única coisa pior do que me sentir assim era expor todas aquelas emoções para que o mundo visse.

Pela primeira vez em muito tempo, talvez desde Alex, eu não me sentia tão sozinha.

Respirei fundo e disse:

— Minha irmã morreu.

A mão nas minhas costas subiu para meus cabelos. Em qualquer outro momento isso teria causado

ebulição nos meus hormônios, mas agora era apenas um gesto gentil e doce que acionou um

interruptor mental que eu passava a maior parte dos meus dias tentando manter desligado.

A lembrança daquele dia na minha mente jamais enfraqueceu. Era algo tão vívido hoje quanto foi

na época. Quando eu permitia que as lembranças tomassem conta de mim, era capaz até de imaginar

as luzes altas, o som do vidro se quebrando e a pressão do cinto de segurança no meu pescoço.

Fechei os olhos com força.

Eu não conseguia evitar as lembranças, mas conseguia conter as lágrimas. Cade não tentou me fazer falar. Não fez perguntas. O toque dele permaneceu firme e constante, mantendo-me presa ao presente. Ficamos ali deitados, tão envolvidos em nossas mágoas que eu não

tive mais de manter meus músculos tensionados. Não precisava da armadura porque

Cade estava me protegendo.

Depois do que poderia ter sido uma eternidade ou poucos segundos, Cade sussurrou:

— A dor nos muda. A minha dor me fez querer ser perfeito para que ninguém jamais me abandonasse novamente.

Respirei fundo.

— A sua dor transformou você no Menino de Ouro. A minha só me deixou com raiva.

Uma das mãos dele me tocou no queixo, e ele ergueu minha cabeça para que eu pudesse encarar



lo.

— Sua dor a tornou mais forte. Ela fez de você uma mulher incrível e cheia de vida. A dor fez de nós dois o que somos.

Uma risada abriu caminho pela dor que habitava meus pulmões e escapou da minha garganta.

— O Menino de Ouro e a Menina Furiosa.

— Temos que escrever um livro de comédia sobre nossas aventuras. A risada saiu mais fácil.

Era engraçado como um cara que me conhecia há tão pouco tempo conseguia me deixar à vontade

de um jeito que meus pais, amigos e vários terapeutas jamais conseguiram. — Obrigada — murmurei. Voltei meu rosto para seu peito, mas inclinei a cabeça na direção dele.

— Por isso. Por hoje e por ontem. Não sei o que teria feito se você não estivesse aqui. Sei que você provavelmente tinha algum lugar melhor para estar...

— Confie em mim. Isto aqui é muito melhor do que a alternativa. Estou exatamente onde quero

estar. — Ele me olhou e me deu um meio sorriso.

Passei meus dedos pela barriga dele e perguntei: — E qual era a alternativa?

— Passar meu tempo com alguém que é melhor deixar no passado. Prefiro seguir adiante.

Pela primeira vez, seguir adiante me pareceu uma possibilidade.

Ficamos ali num santuário só nosso, relaxados e sem falar. Já havíamos conversado sobre tudo de

que precisávamos, e lentamente eu peguei no sono com o Menino de Ouro ao meu lado na cama.

## **Capítulo 17**

### ***Cade***

Uma luz forte brilhou do outro lado das minhas pálpebras fechadas. Grogue, esfreguei os olhos,

mas algo manteve meu braço colado à cama.

Uma mulher estava diante de mim com uma câmera na mão. Pontos pretos inundavam minha

visão, e precisei de alguns segundos para me lembrar de onde estava e o que estava fazendo ali. A

mulher com a câmera era a sra. Miller, e ela acabara de tirar uma foto de Max dormindo pesado no

meu braço. Havia uma manchinha na minha blusa onde ela havia babado. Meu Deus, eu queria uma cópia daquela foto.

A sra. Miller levou um dedo à boca e sussurrou:

— Desculpe. Vocês dois estavam tão lindos que não resisti. — Aquele era oficialmente o dia

mais esquisito da minha vida. — O jantar está pronto. Mick e eu vamos esperar vocês se aprontarem.

Ela saiu do quarto nas pontas dos pés e fechou a porta. Hora de acordar o dragão adormecido.

Dormindo, Max parecia mais jovem e mais frágil. Ela tinha cílios longos pousados na parte de

cima das bochechas. Seu nariz era pequeno e ligeiramente empinado no final. Mesmo dormindo, ela

tinha os lábios mais sensuais que eu já vira. Carnudos e levemente enrugados, era como se

estivessem pedindo por mim. E eu não conseguia parar de me lembrar dela dizendo que não se

arrepentia de ter me beijado.

Não que isso importasse. Ela era comprometida.

Eu estava condenado a sempre me sentir atraído por meninas que não podia ter. Além do mais, o que ela me disse antes... Não teria sido fácil. Deu para ver como as lembranças

a deixaram, e a última coisa que eu queria era tirar proveito daquela ternura toda. Eu estava prestes a cutucá-la e acordá-la quando seus olhos se abriram e Max me pegou olhando

para ela. Ela fechou e abriu os olhos rapidamente várias vezes, e depois seus olhos focaram em mim.

Max se sentou e escorregou para o lado oposto da cama.

— O que você está fazendo? — perguntou.

A proximidade que conquistamos antes parecia não ter sobrevivido à soneca dela. As muralhas

foram reerguidas, e eu ainda estava do lado de fora.

— Juro que não é tão assustador quanto parece.

— Disse o assassino em série para a polícia. Os cabelos dela estavam despenteados.

— Eu estava prestes a acordá-la. Sua mãe acabou de dizer que o jantar está pronto

— eu disse.

— Minha mãe esteve aqui?

Eu estava começando a gostar daquela expressão exasperada de olhos arregalados

que ela exibia

sempre que algo dizia respeito à sua mãe.

— Pode ser que ela tenha tirado uma foto de nós dois.

Max pegou um travesseiro e eu por pouco não bloqueei um golpe no meu rosto. — Você a deixou tirar uma foto da gente?

Peguei o travesseiro quando ela tentou um segundo golpe e o usei para puxá-la para perto. — Eu não deixei. Acordei com o flash.

— Sério? — Ela fez um barulho que era metade gemido, metade urro e escondeu o rosto nas

mãos. — Mate-me agora.

Mantive o travesseiro entre nós dois como proteção e disse: — Já está quase acabando.

— Você nunca esteve num dos jantares de Ação de Graças da minha mãe. Isso é só o começo.

Ela saiu da cama e foi ao banheiro para jogar água no rosto. Fui atrás dela e fiz o mesmo. Era

algo assustadoramente doméstico, e nós dois tentamos manobrar no espaço minúsculo sem bater um

no outro. Fiquei impressionado com a estranheza de conhecer aquela mulher há pouco mais de vinte e

quatro horas. E, daqui a vinte e quatro horas, provavelmente seguiríamos por caminhos diferentes,

sem jamais ouvir falar um do outro de novo.

Engoli em seco e Max olhou para mim da porta do banheiro. — E então? Você vem?

— Sim, bem atrás de você.

Fomos surpreendidos por outra fotografia repentina assim que entramos na sala de estar.

— Mãe! Sério?

Os olhos da sra. Miller me lembraram um daqueles comerciais sobre animais domésticos

maltratados — planejados para fazer você se sentir mal.

— Desculpe. Cade disse que você não via nada de mau nas fotografias, então eu...

— Ah, ele falou isso?

Eu estava encrocado. Max entrelaçou sua mão na minha e a apertou com força demais.

— Ah, sabe, amorzinho. Falei para sua mãe que você estava triste por ter dormido demais só

porque queria estar bonita para eles. Conversamos que seria muito bom ter fotos para celebrar nosso

primeiro Dia de Ação de Graças juntos. — A sra. Miller tirou outra foto enquanto eu falava com sua

filha. — Sra. M, não dê ouvidos à Max. Talvez só devêssemos deixar as fotos para depois do jantar.

— Claro. E, pela última vez, Cade: por favor, me chame de Betty. Ou mãe. Max sorriu enormemente para mim, mas tive a sensação de que foi mais como um daqueles

predadores do Animal Channel expondo os dentes numa demonstração de agressividade. Ela se inclinou toda sorridente e disse baixinho:

— Se você chamar minha mãe de "mãe", vou substituir aquele peru no forno pela sua cabeça,

ouviu?

Sorri para ela e pus a mão no seu rosto.

— Você está blefando, Menina Furiosa. — Max estava olhando para mim, mas dava para ver que

ela estava feliz por termos voltado ao nosso território normal. Normal, claro, em nossas tentativas de

tirar o outro do sério. Chamei a mãe dela na cozinha: — Sra. Miller... quero dizer, "mãe"... sua filha

diz coisas tão lindas às vezes. Você ficaria surpresa se soubesse como ela é romântica.

Max soltou uma gargalhada abafada. Seus olhos brilharam. Ela colocou a mão sobre meu rosto e

ameaçou:

— Agora é pra valer, Menino de Ouro. Você vai se arrepender. — Eu aguento.

E, se isso a faria se sentir melhor, menos vulnerável, então eu poderia mesmo aguentar.

Havia um banquete na mesa da Max, e sua sala de estar parecia certamente mais habitável. Max

esperou até que estivéssemos à mesa para lançar seu primeiro ataque.

— Ah, papai, sei que geralmente você é quem faz a oração, mas se importaria de deixar o Cade?

Ele é muito religioso e sei que ficaria muito feliz em rezar.

Sorri e fiz que não com a cabeça. Ela teria de se esforçar muito mais do que isso para me atingir.

— Mick, eu ficaria feliz em fazer isso, mas jamais iria querer mudar suas tradições.

O pai de Max acenou com uma das mãos. — Bobagem. Pode fazer a oração, filho.

Sorri para Max e segurei a mão dela. Dei um beijinho no dorso e depois peguei a mão da mãe de

Max do meu outro lado.

— Pai Celestial, agradecemos pelo Senhor permitir que estejamos aqui juntos hoje.

Obrigado por

guiar Mick e Betty em segurança até a Filadélfia para que pudéssemos nos reunir como uma família a

fim de comermos e agradecermos. Mais do que qualquer coisa, obrigado por me unir à Max. Parece

que *foi ontem* que nos conhecemos, mas ela mudou minha vida de tantas formas *interessantes*. Às

vezes sinto que nosso namoro é bom demais para ser verdade. Rezo para que o Senhor continue a nos

abençoar e que nossos dias sejam cheios de alimentos, diversão e companheirismo.

É em Seu nome

que oramos. Amém.

Assim que a oração terminou, Max puxou sua mão da minha. Os pais de Max ficaram de mãos

dadas um pouco mais, olhando para nós dois e depois compartilhando um olhar de aquiescência.

Enquanto observavam, eu me inclinei e dei um beijo no rosto de Max. Não havia nenhum mal em

tomar algumas liberdades com o papel que eu estava interpretando, principalmente porque a peça

duraria apenas até o fim do dia. Sussurrei:

— Você vai ter que fazer melhor do que isso, Menina Furiosa.

Ela esperou até que seus pais não estivessem nos olhando para me dar um beliscão, mas nós dois

continuamos sorrindo.

— Por que não fazemos um brinde? — eu perguntei. Os Miller eram contra bebida alcoólica, mas

achei que chá bastaria. Levantei meu copo e disse: — Aos novos começos, a uma nova família e a

um futuro promissor.

Max parecia nauseada, mas bebeu o chá com todos nós. A sra. Miller levou a mão ao coração e

disse:

— Cade, tenho certeza de que a Mackenzie não escondeu que nós desaprovamos alguns dos ex

namorados dela. — Max bufou, e eu entendi que isso queria dizer que alguns eram *todos*. — *Mas,*

tenho que admitir, você é um dos homens mais agradáveis e educados que já conhecemos.

Mick parou de cortar o peru para acrescentar:

— Sim. Parece que a nossa Max finalmente está começando a aprender a escolher. Vi pelo canto dos olhos Max se eriçar toda. Ela estava olhando chocada para o pai, sem dúvida

porque ele *finalmente* usara o apelido dela. Eu só os conhecia há um dia, mas já sabia que isso era

uma coisa e tanto. Ao olhar para Max, a surpresa cedeu lugar à confusão e à raiva. Ela franziu a testa

e aqueles lábios carnudos se achataram, sérios. Respirou fundo bem devagar e eu não pude culpá-la.

Deveríamos ter parado por ali, colocado um fim na brincadeira. Pensei em me levantar e fingir

que recebi uma ligação importante ou que estava indisposto. Mas então Max decidiu lançar toda a

sua raiva contra mim. E, como me importava com ela, eu a deixei fazer isso. — Ele é maravilhoso, não é? — O tom dela era aparentemente delicado, mas venenoso por baixo. — Principalmente levando em conta como ele estava havia apenas um ano. Ah, não. Eu não estava gostando nada daquilo. — Há um ano? — perguntou o pai dela.

— Sim. Há um ano ele estava realmente mal. Não estava, querido?

Estreitei os olhos para ela.

— Acho que sim.

— Acha? Ah, querido, não subestime a gravidade da sua situação. Você se esforçou tanto para superar seu... vício.

A mãe dela engasgou com o chá. Fechei os olhos para manter a calma.

Uma das mãos de Max estava fechada sobre a mesa e eu a cobri com a minha. Virei-me para os pais dela e exibi meu melhor sorriso.

— A Max gosta de exagerar. Ela acha que é *engraçado*. — Lancei um olhar na direção dela e

procurei uma justificativa que esclarecesse as coisas para seus pais. Olhei para o pai dela, que havia

franzido a testa em sinal de desconfiança. Ele estava usando uma camiseta da Universidade de

Oklahoma e isso me deu a única ideia que tive. — O vício sobre o qual a Max está falando na

verdade não é nada de mais. Eu costumava perder muito tempo jogando Fantasy Football, de um jeito nada saudável mesmo. A Max odiava, mas consegui me conter. — Eu podia sentir a vontade dela de revirar os olhos, porém Max manteve a expressão amistosa. Sorri e disse: — Por ela.

Era uma desculpa fraca, mas eu estava contando com o amor dos sulistas pelo futebol americano.

— Perdoe-me, mas estou confusa. Achei que vocês estivessem juntos há apenas algumas semanas

— disse a sra. Miller.

Abri a boca para mentir novamente, mas Max foi mais rápida.

— E estamos — concordou Max. — Mas o Cade estava apaixonado por mim há muito mais

tempo. Ele insistia em me convidar para sair. Foi um pouco esquisito no começo.

Lancei-lhe uma risadinha nervosa.

— Sou persistente.

— E nós com certeza estamos felizes — comentou o pai dela. — Estávamos começando a achar

que a Max jamais conheceria alguém.

Max franziu a testa e acrescentou:

— Durante um tempo foi até *ofensivo*. Quase insuportável. Você praticamente estava me

*perseguindo*.

O pai dela terminou de comer uma fatia de peru e falou:

— Não dê ouvidos a ela. Você tem minha permissão para persegui-la sempre que quiser.

Max fechou os olhos e sussurrou:

— Inacreditável. Eu sorri:

— Por que não tiramos algumas fotos antes da sobremesa?

## **Capítulo 18**

### ***Max***

Pedi licença com a justificativa de me maquiar para as malditas fotos e fugi para o quarto.

Juro que aquele cara tinha de ter poderes sobrenaturais. Ele tinha o poder de controlar nossos

pensamentos como o pessoal do Diários de um Vampiro. Ou algum cientista fez uma experiência com

ele quando criança e agora Cade tinha, sei lá, feromônios extrapotentes que faziam

com que as outras

pessoas realizassem seus desejos.

Isso explicaria por que ele era tão admirável.

Maldito suor mágico.

Suspirei e me virei para fechar a porta, mas Cade apareceu antes.

— Você parece ainda mais furiosa do que o normal, Menina Furiosa.

O cara tinha o pior senso de oportunidade do mundo.

Fechei a porta e o abandonei em troca da minha confortável cama. Talvez eu ainda estivesse

dormindo e tudo isso fosse um horrível, confuso e esquisito pesadelo. — O que você está fazendo aqui?

— Só visitando minha adorável e doce namorada. Joguei um travesseiro nele como resposta.

Ele pegou o travesseiro facilmente e depois se encostou na porta fechada, olhando para mim. O

cara parecia saído diretamente de um catálogo da GAP.

E eu gostava disso.

*O que havia de errado comigo?*

— Quer que eu vá embora? — perguntou ele. — Posso inventar uma desculpa.

Meus pais jamais aceitariam uma desculpa. Minha mãe era como um polvo, e ele já estava

envolvido nos tentáculos dela. Mas a sinceridade dele me deu um aperto na garganta e eu tive de

desviar o olhar novamente. Por que ele sempre sabia exatamente o que dizer? Sobrenatural. Tinha de ser.

— Max, não vale a pena. A mentira só adia o inevitável. Cedo ou tarde eles terão que aceitar

você do jeito que é. Dei um sorriso triste.

— Bem, eles viveram até aqui sem aceitar. Tenho certeza de que consigo enganar por mais vinte e dois anos.

Ouvi o piso de madeira ranger quando ele se aproximou de mim. — Max...

Sentei-me reta e girei os pés para o outro lado da cama, ficando de costas para ele.

Eu já havia contado segredos o bastante hoje. Não faria isso novamente. E precisava assumir o controle da

situação antes que eu estourasse.

— Tudo bem. Vamos apenas terminar o jantar e depois tudo terá terminado. Daqui a uma ou duas

semanas eu digo que terminamos. Eles vão superar.



Duvido. Algo me dizia que eu ouviria falar de Cade como "aquele que foi embora" para o resto

da minha vida.

— Só diga que preferi o Fantasy Football a você. Seu pai parece ser o tipo de cara que

entenderia isso.

— Que lisonjeiro.

Ele riu.

— Você sabe que eu sempre escolheria você em vez do futebol americano, Max. Olhei para trás por cima dos ombros e perguntei:

— Tem certeza que você é do Texas?

Ele sorriu e disse:

— Trégua?

Fiz que sim com a cabeça.

Cade jogou o travesseiro que segurava e me atingiu no rosto.

— Agora, sim, uma trégua. Revirei os olhos.

— Maluco.

— Mentirosa.

— Babaca.

— Namoradinha linda.

— Você é péssimo de insulto.

— Você se contorceu toda quando eu disse "linda", então valeu.

— Menino de Ouro.

— Menina Furiosa.

Sorri, sentindo-me muito menos furiosa. Ele era bom naquilo.

Voltamos para a sala e, apesar de a sobremesa ter sido sofrível, não foi nada insuportável. Cade

conversou com meus pais, então eu não precisei falar nada. Ele também era excepcionalmente bom

em mantê-los falando sobre temas inócuos que não se transformavam nas discussões que normalmente marcavam nossos jantares.

Ele era exatamente o que faltava na minha família...

Quero dizer, desde o acidente com Alexandria. Ela era a boazinha, aquela que sempre sabia o

que dizer e como agir. Ela era o ingrediente que dava liga à nossa família

— e estava morta. A presença de Cade ali fazia com que a lembrança dela fosse mais fácil e não

doesse tanto.

Quando a mamãe trouxe a torta de abóbora, não deixou que ninguém comesse antes

que  
disséssemos alguma coisa pela qual éramos gratos. O papai era grato pela boa comida e a mamãe era grata por estar na Filadélfia. Eu nem estava mentindo quando disse: — Sou grata pelo Cade estar aqui hoje.

Ele tinha um dos braços em volta do encosto da minha cadeira, e sua mão subiu e tocou meus cabelos de leve.

Minha mãe perguntou:

— E você, Cade? Pelo que você é grato?

Os olhos dele se fixaram nos meus. A mão dele tocou a lateral do meu pescoço, onde minhas

tatuagens de pássaros estavam escondidas pela blusa de gola alta.

— Sou grato pelo passado ficar no passado e por termos o futuro pela frente — disse ele.

Fechei os olhos e pensei em feromônios. Sem emitir nenhum som, eu o chamei de "exibido" e

depois entreguei minha torta para ele (eu também não gostava dela. De alguma forma, a mamãe

parecia jamais se lembrar disso).

— Alguém quer café com a torta? — perguntou a mamãe. — Eu quero — falei.

A mamãe se levantou e Cade a acompanhou. Ele me tocou no ombro e disse:

— Deixe comigo...

— Quero...

— Creme e duas colheres de açúcar. Eu lembro. Sério, esse cara era muito bom. Observei-o lidar com minha cafeteira e conversar com minha mãe. O cara era altruísta demais...

tudo demais. Tinha de ter algo de errado com ele. Caras como ele não existiam. E, se existiam, com

certeza nenhum jamais se interessou por mim.

## **Capítulo 19**

### ***Cade***

O restante da noite passou rápido, e, antes que eu me desse conta, estávamos nos despedindo. A

sra. Miller me abraçou com força e o sr. Miller apertou minha mão.

— Acho que nos veremos novamente em breve, Cade. No Natal?

Olhei para Max, que deu de ombros e disse: — Claro, vamos conversar sobre isso.

Nós teríamos "terminado" antes disso. Eu me perguntava como Max realmente faria isso. Ela me

transformaria no vilão, de modo a sair ilesa da situação.

— Tenham um voo seguro amanhã — eu lhes disse. A sra. Miller me abraçou novamente, quase como para ter certeza de que eu era real. Depois eles desceram a escada e foram embora. Fechei a porta e olhei para o apartamento de Max. A mãe dela insistira em deixar ali todos os pratos que trouxera, juntamente com algumas almofadas, uma manta, a árvore de Natal e quem sabe mais o quê.

O apartamento não estava mais vazio, mas ainda era sem vida, porque aquela decoração não era a Max.

— Bem, Menina Furiosa...

— Sobrevivemos — disse ela.

Eu não estava preparado para ir embora, mas não tinha justificativa para continuar ali.

Tinha apenas mais um motivo para ficarmos juntos, mas eu estava bem certo de que era má ideia.

Quando concordei em fazer tudo isso, ela me prometera um encontro.

Isso havia parecido algo inofensivo antes — uma atração inocente. Eu pensei que aquilo me faria

esquecer a Bliss, e deu certo. Pensei naquilo como um encontro em segurança porque nós dois

sabíamos que não iria a lugar algum.

Entretanto, eu já não tinha mais certeza quanto a isso. Bem, talvez minha mente tivesse, mas o

resto do meu corpo, não. Qualquer encontro entre nós dois agora não seria nada inofensivo e com

toda a certeza do mundo não seria nada simples.

Então, por mais que eu quisesse, não mencionei o encontro.

— Obrigada por enfrentar tudo isso comigo — disse ela. — Depois do que fiz você passar,

provavelmente *deveria* lhe pagar. Você poderia incluir isto no seu currículo: namorado especialista.

— Ei, comi muito bem por causa disso. Acho que é o bastante para a maioria dos homens.

— Comida e sexo — falou ela.

Silêncio constrangedor. Ela ficou bem vermelha e eu deixei o silêncio se prolongar um pouco

mais só porque gostava de vê-la perturbada.

Por fim, Max jogou as mãos para cima, exasperada, e disse:

— O quê? É a verdade! Você está querendo dizer que não pensa constantemente em sexo, Menino de Ouro?

— Ah, com certeza penso nisso. — Estava pensando em sexo naquele instante, o que não estava facilitando nada minha saída. Meus olhos, como sempre, se sentiram atraídos pelos lábios dela e eu tive uma vontade repentina de despentear seus cabelos para que ficassem mais parecidos com seu estilo normal. Queria que ela tirasse aquela ridícula blusa de gola alta para que eu pudesse ver a pele macia e a arte que lhe dava destaque. Meu Deus, foi mesmo só hoje de manhã que eu vi a tatuagem da árvore inteira? Ainda me lembrava dos galhos nus e das raízes retorcidas. Eu me perguntava o que aquilo significava para Max. Eu me perguntava como seria acompanhar aquelas linhas com a ponta dos meus dedos. Com a minha boca.

Ela pigarreou e eu percebi que ficara lá a encarando e a imaginando nua por Deus sabe quanto tempo.

Eu tossi.

— Bem, acho que é melhor ir embora.

Vou bater com a cabeça na parede. Vou me jogar diante de um carro. Vou arranjar uma vida. Qualquer uma das alternativas serviria.

— Certo — disse ela. — Hummm, obrigada... de novo por tudo isso. Balancei a cabeça e sorri.

— Não foi nada. Vejo você por aí, Menina Furiosa. Abri a porta e saí para o corredor. Ela disse:

— Boa noite, Cade.

Eu me permiti olhar para trás por apenas um segundo e falei:

— Boa noite. — Desci as escadas e saí para a rua. Chinatown estava bem movimentada, já que

os restaurantes ainda estavam abertos no Dia de Ação de Graças. Dei uma última olhada para a porta

do prédio de Max e prometi me esquecer de tudo aquilo.

Recusei-me a me permitir querer o que não poderia ter. Não passaria por tudo aquilo novamente.

Disse "adeus, Max" e corri para a estação de metrô mais próxima. \*

Estava com preguiça demais na sexta-feira para sair da cama. Fiquei lá deitado pateticamente até

a tarde. Ansioso para realizar pelo menos *alguma coisa* durante o dia, liguei para minha avó.

Menti para Bliss sobre ela estar doente porque sabia que a Bliss não questionaria. A vovó tinha

adoecido mais ou menos no começo do nosso último ano na faculdade — pneumonia —, e isso quase

me matou de susto. Ela era tudo o que eu tinha, e eu achei que fosse perdê-la. Eu tinha vinte e um

anos e minha vida toda girava em torno de festas, como acontece com a maioria dos jovens na

faculdade, mas não era assim que eu queria que fossem nossos últimos meses juntos na faculdade.

Foi nessa época que comecei a levar meu futuro a sério. Foi nessa época que comecei a me

apaixonar pela Bliss também.

Ela demorou quatro ou cinco toques para atender, provavelmente porque precisava de mais

tempo agora para chegar ao telefone. Ela era velha... e gostava de dizer coisas como "lenta feito

melaço".

Ela atendeu:

— Aqui estou.

Nunca ouvi mais ninguém atender o telefone desse jeito. — Oi, vovó.

— Ah, Cade! Que bom ouvir sua voz. Todos nós sentimos muito a sua falta ontem. Fechei os olhos, surpreendentemente afetado pelo som da voz dela. Deve ter sido toda aquela

conversa sobre meus pais ontem e todo o tempo que passei com os Miller. A família estava em alta

na minha mente.

— Também estou com saudades, vovó.

— Como foi o Dia de Ação de Graças com a Bliss, querido?

Eu não havia contado nada sobre as coisas que aconteceram com a Bliss para a vovó. Eu lhe disse que passaria o Dia de Ação de Graças aqui porque não podia pagar a viagem para casa e não

queria que ela insistisse em pagar para mim. A aposentadoria dela mal dava para as contas, e a vovó

passara por problemas demais por minha causa. Odiava mentir para ela, mas era um mal necessário.

— Ah, você sabe como são as coisas comigo e com a Bliss. É sempre interessante. Eu a ouvi soltar uma risada áspera do outro lado. — Ah, aposto que sim.

A vovó conheceu a Bliss durante a segunda apresentação no nosso último ano. Saímos para jantar

depois da peça e, na porta do restaurante, Bliss bateu numa porta de vidro. A vovó me disse mais

tarde que sabia que eu amava a Bliss porque eu não ri do que ela disse ter sido "a coisa mais

engraçada que já vi na vida".

Meu Deus, como eu sentia falta dela. E da Bliss. Sentia falta de muitas coisas. — Então todo mundo esteve aí ontem?

— Ah, sim, sim. Os pequeninos perguntaram de você.

Nos feriados, algumas tias, tios e primos se juntavam a nós dois. Não era uma grande reunião de

família, mas acho que eu tinha mais do que a maioria das pessoas tem.

— Queria ter estado aí. Mal posso esperar pelo Natal.

Eu não sabia exatamente como pagaria pela viagem de Natal, mas daria um jeito. Se eu tivesse de

fazer mais empréstimos além do financiamento estudantil, faria. Não havia nenhuma chance de eu

pagar pelos empréstimos no próximo século mesmo. Alguém bateu na porta e eu disse:

— Ei, vovó, alguém está na porta. Posso ligar mais tarde? Quero ouvir tudo sobre como foi o dia

de ontem com a família.

— Claro, querido. Diga à Bliss que eu mandei um "oi". Engoli em seco. — Ahã. Amo você. Tchau.

Uma segunda rodada de batidas soou enquanto ela se despedia e eu desligava o telefone.

Do outro lado da porta uma voz gritou:

— Hermano! Você está aí?

— Só um segundo, Milo!

Saí da cama e vesti rapidamente uma camiseta. Caminhei descalço até a porta e abri a tranca.

Eu estava usando calça de pijama, e Milo parecia ter invadido uma loja Urban Outfitters.

— Uau. Ou você foi dormir muito tarde ou está indo dormir muito cedo mesmo. —

Infelizmente, nada disso.

Antes que eu pudesse convidá-lo a entrar, ele passou por mim e se jogou no futon da minha sala.

Eu ri e fechei a porta.

— Isso não tem a ver com a tal da Bliss, não é? Senti-me bem por poder lhe dizer:

— Não, não tem nada a ver com a Bliss.

— Não me diga que você já teve seu coração partido por alguma outra chica. Só o deixei sozinho

por um dia.

— Não, nada de coração partido. Só uma menina indisponível.

Milo esticou as pernas e fez que sim com a cabeça.

— Ah, você sabe qual é a cura para isso, não? — O quê?

— Uma menina disponível! — Rindo, fui até a geladeira e lhe ofereci uma cerveja.

Milo acenou

afirmativamente e eu peguei uma garrafa para cada um.

— Estou falando sério — disse ele. — E sei muito bem que você conseguiu o telefone de uma

menina a noite passada. Esqueça a menina comprometida... as duas... e ligue para a loira da outra

noite.

Não era má ideia.

Sair com alguém era a solução para meus problemas com a Bliss (e agora com a Max).

— Certo, vou mesmo fazer isso — eu disse.

Peguei meu telefone para encontrar o número da loira e Milo exclamou:

— Uau! Uau! Não faça isso agora, hermano. Você tem que esperar uns dias. Você conhece as

regras.

Revirei os olhos. Certo... Milo tinha regras para praticamente tudo — beber e namorar eram só

duas das coisas mais importantes.

— Tudo bem — falei. — Vou ligar para ela amanhã. Ele fez uma careta. — Ah, melhor fazer isso depois de amanhã. Aquela menina estava se jogando em cima de você.

Não queremos encorajar tanto grude. Depois de amanhã será muito melhor. Então, no domingo à noite, com Milo insuportavelmente me observando do sofá, liguei para Cammie. Peguei o celular, encontrei-a na lista de contatos e apertei o botão "ligar" rapidamente,

antes que eu mudasse de ideia.

Ela atendeu no segundo toque.

— Alô?

— Cammie? — perguntei.

— Sim?

— Aqui é o Cade — eu disse. Mas não conseguia me lembrar se havia mesmo dito meu nome

para ela no bar, então acrescentei: — Nós nos conhecemos no Trestle há algumas noites.

— Ah. — Percebi um sorrisinho na voz dela. — Oi, Cade.

— Oi.

Milo sussurrou:

— Marque um encontro para o fim de semana. Dê a ela tempo o bastante para ficar nervosa.

Revirei novamente os olhos, mas perguntei:

— Quais são seus planos para a sexta à noite, Cammie? E, sejam quais forem, será que posso roubá-la?

— Me roubar? Acho que eu iria por vontade própria. Ela deu uma risadinha. Agora eu só precisava decidir aonde iríamos. E como chegar lá. Se ainda estivesse no Texas, eu

iria pegá-la, mas não tinha carro e me parecia esquisito ir pegar alguém de metrô.

— Excelente — falei. — É um encontro. Ligarei para você daqui a alguns dias para dizer o que faremos.

## **Capítulo 20**

### ***Max***

Meu telefone tocou tão cedo na manhã seguinte ao Dia de Ação de Graças que isso deveria ser

considerado um castigo cruel e exótico. Estiquei a mão até a mesinha de cabeceira, derrubando Deus

sabe o quê até que meus dedos finalmente tocaram o telefone.

— Que foi? — resmunguei.

— Bom dia, querida.

Argh... era cedo demais para aquilo.

— Oi, mamãe.

— Seu pai e eu estamos no aeroporto. Nosso voo foi adiado.

Ah, não. Se ela dissesse que eles ficariam na cidade mais tempo eu ficaria louca. Tinha de voltar

para a banda e o trabalho, e já havia atingido minha cota de loucura para a semana.



— Desculpe, mamãe. Não tem nenhuma chance de eles cancelarem o voo, não é? — Ah, não, querida. Parece que o avião do piloto se atrasou ontem à noite, então só tiveram de dar mais tempo para ele descansar. Voltaremos para Oklahoma esta noite. — Graças a Deus. — Mas seu pai e eu estávamos conversando e só queríamos dizer novamente o quanto gostamos do Cade. Eu tinha muita certeza de que isso já estava bastante claro, obrigada. — Sabe, estávamos preocupados com você. Seu pai e eu tivemos muita dificuldade para aceitar sua decisão de abandonar a faculdade. — "Muita" era um eufemismo. Eu não ficaria surpresa se eles tivessem cogitado me considerar mentalmente instável. — Mas superamos isso. — Depois de um ano de brigas, claro. — Estamos ajudando a pagar seu aluguel para que você possa passar algum tempo fazendo suas coisinhas musicais. — Meu Deus, eu vou explodir se ela chamar minha carreira e meu sonho de "coisinhas musicais" mais uma vez. — É só que... você mora aqui há tanto tempo, e seu pai e eu estávamos começando a sentir que talvez fosse a hora de você encarar os fatos e crescer. Não. Por favor, não. Eu estava tão perto. Eu sentia. A apresentação da semana que vem no Fire seria importantíssima para nós. Pretendíamos até mesmo fazer uma gravação ao vivo do show. Não que eles não tivessem bastante dinheiro. Os dois tinham empregos que pagavam muito bem, e o dinheiro do seguro de vida da Alex deixou nossa família ainda mais rica. Eles me davam quinhentos dólares por mês para me ajudar a pagar o financiamento estudantil daqueles dois anos sem sentido na UPenn nos quais eles insistiram tanto. Era de pensar que, como foram eles que insistiram para que eu entrasse na faculdade, o mínimo que poderiam fazer seria pagar por isso. No entanto, como eles não haviam ajudado Michael, também não me ajudaram. Alguma bobagem sobre ganhar a vida do meu jeito. Pena que até então sempre foi do jeito deles. Quinhentos dólares para eles não era nada, e para mim era a diferença entre fazer o que eu

amava

e sonhar em fazer o que eu amava. Eu só precisava de um pouco mais de tempo. — O que isso significa? — perguntei. — Vocês vão parar de me ajudar? — Algum dia, sim. — Merda. Eu teria de dobrar meus turnos no Trestle. Entre isso e meu trabalho no estúdio de tatuagem, não teria tempo algum para cantar, muito menos para compor. —

Pretendíamos conversar com você sobre isso, mas daí conhecemos o Cade. — O que o Cade tem a ver com tudo isso?

— Bem... você obviamente está entrando nos eixos. Você está namorando um menino gentil e

respeitável e finalmente começou a levar a vida a sério. Seu pai e eu estamos tão felizes por você ter

deixado para trás as influências negativas com as quais você convivia antes. Então, como você

obviamente está se esforçando, vamos lhe dar mais alguns meses. — Alguns?

— Bem, vamos ver como serão as coisas. Mas, desde que você continue levando sua vida a

sério, não precisa se preocupar.

Isto é... desde que eu continuasse a namorar Cade. Eu queria gritar.

Para minha mãe. Para o mundo.

Para mim mesma. Por ser covarde demais e não ter conseguido dizer exatamente o que eu

pensava. Eu deveria ter contado a verdade sobre Cade. Deveria ter dito que ela só falava besteira. Eu estava mesmo levando a vida a sério.

Levava minha vida a sério desde que abandonei a faculdade. Só porque eu não estava formando

uma família nem fazendo algo que fizesse sentido para minha mãe não significava que eu era ingênua

ou ignorante.

Significava que eu não queria ser uma secretária sem vida que sonhava acordada, imaginando

como a vida teria sido se as coisas fossem diferentes.

Significava que eu estava disposta a fazer sacrifícios e trabalhar em dois empregos e me matar

para conseguir o que queria.

Significava que eu tinha coragem.

Eu queria ser corajosa o suficiente para dizer tudo isso. Mas não fui.

Em vez disso, mantive a boca fechada e ouvi a conversa sobre um evento de caridade que ela

estava organizando para pouco antes do Natal e sobre como estava Michael e sobre como a esposa

dele, Bethany, era perfeita.

Quanto mais ela falava e quanto mais eu ficava em silêncio, mais nauseada me sentia. Por fim,

não aguentei mais. Menti:

— Mamãe, tem alguém batendo na porta. Tenho que ir.

— Ah, claro, querida. Foi bom vê-la. Diga ao Cade que mandamos um "oi" e que o veremos no Natal.

— Mamãe, não tenho certeza se o Cade conseguirá ir no Natal. — E por que não?

— Bem, ele tem a família dele, e além do mais a viagem não é exatamente barata. Ele tem que

pagar a universidade e os financiamentos. Como todos nós.

— Ah, seu pai e eu vamos cuidar disso. Ele pode ficar alguns dias e depois ir para o Texas.

Vamos pagar tudo. Não aceito "não" como resposta.

Fiquei tão feliz por ela dar seu dinheiro para alguém que acabara de conhecer. —

Vamos ver, mamãe. Realmente tenho que ir.

Desliguei e joguei o telefone no chão. Cobri a cabeça com o cobertor e abracei o travesseiro,

mas o estrago estava feito. Eu estava arrasada demais para voltar a dormir. Tomei um banho demorado. Fiz um almoço complicado que era para ter ocupado minha mente,

mas não deu certo. Saí para correr. Toquei guitarra. Tentei compor uma nova música.

Fiz isso durante dois dias.

Distração. Fracasso em me distrair.

Uma distração diferente. Um fracasso diferente. Repetição até a loucura.

O tempo todo meu telefone permaneceu ali, me assombrando. Cade estava a apenas uma ligação

de distância. Ou uma mensagem de texto, caso eu me sentisse especialmente covarde.

Uma questão poderia resolver tantos dos meus problemas. Ou ao menos adiá-los. A vida não era

isso? Aproveitar enquanto se pode e adiar as coisas ruins ao máximo?

Cade era bom e podia me ajudar a adiar as coisas ruins. Uma situação sem perdedores, certo?

Exceto pela parte em que eu tinha de me humilhar para conseguir.

O quanto eu estava disposta a me sacrificar em troca do dinheiro que meus pais me davam?

Eu sabia... Eu sentia em algum lugar entre meu coração e meus pulmões que isso não era um

sonho impossível. Qualquer coisa que parecesse tão boa e que tomasse conta de mim desse jeito não

poderia ser inútil. Pensei em todos os shows que teria de recusar se não tivesse aquele dinheiro.

Qualquer um deles poderia ser o show que nos colocaria no caminho de ganhar a vida com a música,

mas, se os shows não acontecessem, nenhum de nós teria essa oportunidade. Eu acabara de chegar à conclusão de que não tinha medo de fazer sacrifícios. Eu podia sacrificar meu orgulho, me render aos meus pais e fingir ser algo que não era se isso significasse perseguir meu sonho? Não era como se eu tivesse de ser outra pessoa de verdade. Só

tinha de fingir... por um tempo.

Quinhentos dólares por mês. Acho que algumas pessoas se venderam por menos. Só na noite de domingo é que voltei para o meu quarto e encontrei o telefone sob o travesseiro,

onde o colocara para resistir à tentação. Antes que eu pudesse pensar no que estava fazendo, procurei

entre as mensagens de texto antigas e encontrei o telefone de Cade.

*Oi. Minha banda vai tocar sexta-feira à noite no Fire, na região de Northern Liberties. Você deveria ir me ver.*

Joguei o telefone de volta na cama e depois apertei a palma das mãos contra meus olhos.

Por que eu me sentia como se tivesse acabado de apertar meu botão de autodestruição?

Estava apenas convidando-o para nos ver tocar. Isso não significava nada. Eu ainda tinha a semana toda para decidir o que fazer.

Meu telefone começou a tocar e eu pulei para atendê-lo. Ah, era o Mace.

Ele provavelmente queria fazer alguma coisa hoje à noite... ou passar a noite comigo, agora que

meus pais tinham ido embora. Eu só... não estava me sentindo a fim de ter pessoas à minha volta.

Apertei o botão "ignorar".

A resposta de Cade veio poucos minutos mais tarde.

*Que horas?*

\*

Passei a maior parte da semana seguinte evitando Mace. Nós nos encontramos nos ensaios e jantamos juntos algumas vezes, mas eu insistia em dizer que tinha de trabalhar, o que era verdade. E, quando eu não tinha de trabalhar, dizia que não estava me sentindo bem, o que não era verdade, mas que se dane.

Chegado o dia da apresentação, combinamos de nos encontrar à tarde para pegar nossos equipamentos no Trestle. Spencer tinha uma van que usava para transportar o que precisávamos.

Quando cheguei, Mace não estava lá e Spencer estava fumando do lado de fora. Ele tragou e, soltando a fumaça, disse:

— Você está com uma aparência horrível. Eu estava mesmo. — Obrigada, seu babaca.

Não havia dormido bem na noite anterior porque sabia que encontraria Cade e ainda não decidira

se perguntaria a ele sobre o Natal.

— Estou só dizendo... Precisamos que você esteja bonita hoje à noite, e você parece estar

fazendo teste para ser figurante em *The Walking Dead*. — Tive uns dias horríveis, ouviu?

— Certo. O Mace disse que você esteve doente nos últimos dias. — Spencer fez aspas no ar com os dedos ao dizer "doente".

— Fique fora disso, Spencer. E não se preocupe. Estarei linda hoje à noite. E estarei tão sexy que você fará qualquer coisa para dormir comigo.

— Você sabe que eu sempre farei qualquer coisa para dormir com você. Revirei os olhos.

— Rá, rá.

Ele sorriu e tragou novamente o cigarro.

— Tem certeza de que o Mace vem?

— Por que ele não viria? Ele deu de ombros.

— Talvez ele a tenha visto usando essas roupas e decidiu não aparecer. Ou talvez tenha

descoberto sobre o cara com o qual você trocou olhares intensos no bar semana passada.

Dei um tapa no cigarro dele, que saiu voando de sua boca. — Ei! Eu estava fumando! — disse ele.

— Eu não estava trocando olhares intensos com ninguém. Você está delirando.

— Eu não, meu amor, sou observador. Tem uma diferença. Mas pode ficar com seus segredinhos.

Tudo bem para mim. Apenas espere para dispensar Mace só depois de hoje à noite, senão teremos problemas.

Girei a chave e abri a pesada porta da frente do Trestle. Ele me seguiu para dentro do bar escuro

e sem vida e eu falei:

— Ninguém vai dispensar ninguém. Você está bem perdido nessa história, Spencer. Acendi a luz e ele deu de ombros.

— Eu não estava enganado quando achei que você estava prestes a me jogar na sarjeta. Duvido que esteja enganado desta vez.

Às vezes era mesmo insuportável ser amiga de um ex-namorado. Ele gostava de tocar no assunto

o tempo todo, mas eu sabia muito bem que Spencer já havia me superado. O cara estava com uma

menina diferente a cada semana. Ele gostava de dizer que estava praticando pelas fãs que um dia

teríamos. Eu gostava de chamá-lo de promíscuo. Algo vibrou no meu bolso. Mace enviou uma mensagem de texto.

*Ñ vou conseguir montar o show. Foi mal. Mas vou hj à noite. Você está brincando comigo?*

Apertei o botão de ligar, mas a ligação caiu diretamente na caixa postal. Liguei de novo. A mesma coisa. Depois do bipe, eu disse:

— É melhor você ter a maior justificativa do mundo, Mace. Esta noite é importante. Não ouse se atrasar!

Spencer estava segurando nossas guitarras, dando uma risadinha quando eu desliguei.

— Talvez não seja o Mace quem vai ser jogado na sarjeta.

## **Capítulo 21**

### ***Cade***

Foi, sem dúvida nenhuma, a pior ideia do mundo essa de levar Cammie ao show da Max.

Contudo, o desejo de vê-la tocar se sobrepôs ao bom senso que eu ainda tinha. Eu

estava no meio de  
uma discussão com Milo sobre ideias para o encontro quando recebi o SMS de Max.  
Não hesitei em  
dizer "sim".  
Cammie e eu nos encontramos na sexta-feira à noite, num restaurante perto de onde  
seria o show.  
Ela estava usando um vestidinho preto que combinava perfeitamente com seu corpo  
esguio. Ele  
provavelmente também custou mais do que todo o meu guarda-roupa... talvez todo o  
meu  
apartamento. Quando nos conhecemos no Trestle, o rosto dela estava bem rosado.  
Achei que ela  
estivesse daquele jeito por causa do álcool. Ela também tinha sido a definição do  
dicionário para  
*risadinha*. *Novamente achei que havia sido por causa do álcool*.  
Aparentemente, enganei-me nos dois casos. Cammie simplesmente era daquele jeito,  
o rosto todo  
avermelhado e com pulmões feitos de gás hilariante.  
Fiz tudo o que se deve fazer num primeiro encontro.  
Tirei a cadeira para ela.  
Pedi vinho.  
Conversei amenidades.  
Cammie era legal e muito bonita, mas um tanto quanto previsível. Ela pediu salada e  
ficou  
jogando seus cabelos loiros para a frente e para trás tantas vezes que fiquei surpreso  
por não ter  
ouvido o som de um chicote. Ela ria não só quando as coisas eram engraçadas, mas  
também para  
quebrar o silêncio.  
E houve muito silêncio da minha parte.  
— Então, meu professor foi irreduzível e nem sequer cogitou a ideia de me deixar  
refazer a  
prova, sendo que toda a confusão foi culpa dele. Pelo preço da aula, era de imaginar  
que ele fosse  
um pouco melhor em se comunicar com os alunos, não é?  
Silêncio.  
Cammie deu uma risadinha.  
Eu me contorci todo.  
Tinha de dar uma resposta rápida.

— É mesmo.

Ela sorriu e jogou os cabelos para trás novamente.

— Desculpe. Provavelmente estou entediando você com toda essa minha conversa sobre a faculdade.

— Ah, não, de jeito nenhum! — eu disse.

— Ah, que bom. Porque, sabe, encontrei o mesmo professor na balada dando em cima de uma menina da minha idade. Acredita?

Eu respondi o mais rápido possível para um ser humano: — Não acredito!

— Quero dizer, o cara tinha uns quarenta anos. Acho que, se eu fosse diferente, talvez ele me deixasse refazer a prova. Mas, sério. Escrevi uma carta pro diretor sobre o professor. Talvez ele seja demitido. Pelo menos minha nota vai ser mudada. O papai é amigo do diretor. Eles jogam golfe juntos há décadas.

— Ah, é mesmo?

— Ah, sim. Sabe, quase fui para outra universidade para "trilhar meus próprios caminhos" e

tudo, mas por fim pensei... por que não aproveitar todas as oportunidades que tenho? Ela continuou falando, mas eu ainda estava com problemas para ouvi-la. Eu gostava de pensar

que provavelmente demorava mais do que os outros para me desligar. Tinha certeza de que havia uma

pessoa muito legal por baixo das roupas de marca, das unhas bem-feitas e da risada mais

insuportável do mundo, mas naquela noite não tive a paciência ou a capacidade de encontrá-la. Meu

corpo parecia sofrer uma descarga elétrica quando eu pensava no que faríamos em seguida.

Passei tempo demais procurando a banda de Max, Under the Bell Jar, no Google. Descobri que o

nome foi tirado de um romance de Sylvia Plath, o que me fez pensar na ameaça de Max de enfiar

minha cabeça no forno no Dia de Ação de Graças, da qual eu morri de rir. O baixista e Max eram os

membros da formação original, e parecia que o namorado de Max era um membro mais novo. O



nome dele era Mace. Igual à marca de spray que usam nos olhos de estupradores e ladrões. Ou a

13

arma antiga usada para bater nas pessoas até a morte .

Ele parecia ser mesmo um cara encantador.

Meus pensamentos foram interrompidos quando o garçom veio com a conta. Meu estômago

revirou quando coloquei uma quantidade absurda de dinheiro na pastinha de plástico. Talvez eu não

devesse namorar, não se queria ter dinheiro para viajar para casa no Natal.

Puxei a cadeira para Cammie e lhe ofereci meu braço.

Ela deu uma risadinha irritante.

Deus me ajude.

— Estou tão feliz por tê-lo conhecido naquele bar horrível. Meus amigos me arrastaram para lá e

eu quis ir embora assim que chegamos. Bem, até conhecer você.

Maravilha! Isso significava que ela provavelmente odiaria o lugar para onde eu a estava levando.

— Então me fale mais sobre a banda — pediu ela. Visitei o site da banda o suficiente para poder

repetir:

— É uma banda aqui da Filadélfia que mistura rock e folk. Deve ser boa.

— Legal.

Risadinha.

Risadinha.

Risadinha.

Meu Deus! Eu tinha de continuar falando.

— É, nunca os ouvi tocar antes, mas conheço uma pessoa da banda. Acho que vai ser incrível.

Você gosta de música?

Ela começou a falar sobre Lady Gaga e eu soltei um suspiro de alívio. Isso provavelmente

duraria pelo menos até percorrermos o quarteirão e meio até o Fire. Então com sorte, lá o som será

alto o bastante para abafar a risadinha insuportável dela.

Quando chegamos à porta, paguei a entrada e caminhei todo feliz para o bar escuro. Encontrei

uma mesa para nós dois e depois fugi para pegar bebidas. Enquanto eu saía, Cammie olhava com ar

preocupado para seu banquinho como se fosse contrair ebola. Eles tinham uma ótima opção de cervejas locais. Comprei uma Yard Sale para mim. Cammie quis um Cosmopolitan. O atendente me olhou como se eu fosse louco. Aquele não era lugar para tomar Cosmopolitan, mas ele se afastou para preparar a bebida mesmo assim. Enquanto eu esperava, peguei o telefone e enviei uma mensagem de texto para Max.

*Estou aqui. Tenha um bom show!*

Não esperava obter uma resposta, uma vez que ela entraria no palco em breve, mas recebi uma mensagem quase que imediatamente.

*Obrigada. Você deveria me visitar nos bastidores depois.*

Hã? Não havíamos conversado desde a mensagem original dela, então eu achei que Max só me

convidara por gentileza... ou para ganhar mais dinheiro, mas ela realmente parecia querer me ver de

novo. Pensei em todas aquelas estratégias para conversar com ela novamente e parecia que eu não

teria de usá-las. Assim, ficou dez vezes mais difícil aceitar as bebidas do bartender e voltar para

Cammie, que deu uma risadinha irritante quando eu me sentei com o que provavelmente seria o pior

Cosmopolitan da história.

Sendo justo, ela fez uma careta ao beber o Cosmopolitan, mas não reclamou. Eu ficava virando

os olhos para o palco, esperando o início do espetáculo. Consegui manter uma conversa amena com

Cammie sobre os planos dela de estudar fora do país.

— Só que não consigo me decidir onde quero estudar. A Austrália seria incrível. Ou Londres.

Mas acho que Paris é o meu lugar preferido neste momento. Se bem que eu mudo toda semana.

— Tenho uma amiga que está viajando como mochileira. Não sei mais onde ela está, mas da

última vez que tive notícias ela estava em algum lugar na Alemanha. Ela esteve em praticamente

todos os lugares, pegando trens e dormindo em albergues.

— Albergues? Sério? E se ela acabar cortada em pedacinhos ou algo assim como

naquele filme?

Sorri.

— Acho que eles não fazem aquilo de verdade.

— Mesmo assim — disse ela, jogando o cabelo para o lado. — Acho que eu jamais conseguiria

ficar num lugar desses.

Era oficial. Eu havia desistido de encontrar uma pessoa normal sob toda aquela frescura. Porém,

a noite não foi um desastre completo porque, naquele momento, um som agudo veio dos alto-falantes

e eu vi Max mexendo no microfone.

Ela estava usando a mesma flor no cabelo daquele dia em que a conheci. Ao redor das pétalas

brancas havia mechas vermelhas que estavam ainda mais revoltas do que eu me lembrava. Quase

como se ela estivesse tentando compensar o dia em que ajeitara o cabelo para seus pais. Ela usava

aquele shortinho com estampa de oncinha sobre meia-calça preta e sapatos de salto alto vermelhos

que destacavam suas incríveis pernas. E também uma camiseta branca rasgada que revelava seus

ombros, exibindo os ângulos e a arquitetura de seu corpo. Parecia naturalmente charmosa.

Sua pele branca praticamente brilhava sob os holofotes, e a camiseta branca era transparente o

bastante para que se visse o contorno do sutiã preto. Gostei daquilo, até me lembrar de que todos

podiam ver o mesmo sutiã preto. Ela passou a alça da guitarra sobre a cabeça e parecia estar mais

em casa do que se estivesse em seu próprio apartamento.

Max se aproximou do microfone, os lábios vermelhos resvalando no metal e dizendo:

— Oi, sou a Max e esta é a Under the Bell Jar.

Eu quis gritar, mas me contentei em bater palmas como o restante do público. —

Esta primeira música se chama "Better", e é dela que veio o nome da banda. Max se afastou do microfone ao começar a tocar e, pela primeira vez, notei as outras pessoas ao

redor dela. No baixo havia um cara que era a mistura mais estranha de punk e nerd que eu já tinha

visto. Ele estava usando suéter e gravata-borboleta com pinos de metal. Também

usava óculos que  
não pareciam ter sido feitos apenas para o show, e seus cabelos longos pendiam  
despenteados no  
estilo grunge. Lá atrás, entre o baixista e Max, estava o namorado dela, que  
reconheci da cafeteria,  
Mace. Ele tocava bateria e seus olhos estavam fixos em Max o tempo todo. Eu não  
o culpava.

Não tinha certeza se conseguiria tirar os olhos dela também. Max sorria ao tocar a  
introdução da  
música e eu percebi o exato instante em que o restante do mundo deixou de existir  
para ela. Então ela  
cantou e o restante do mundo desapareceu para mim também.

*I pick a smile and paint it on  
Smooth the cracks, right the wrongs  
Try to push some life into my eyes*

14

*I've lost my soul under all the lies.*

A voz de Max era grave e áspera, mas tinha um tom doce que combinava com o  
restante dela. A

música acelerou um pouco e a bateria ficou mais forte.

*It's better this way,  
Better that no one sees  
It's better this way  
Better when I'm not me  
I'll be better*

*Better*

15

*Better.*

Os olhos dela estavam fechados, seus lábios como pétalas de rosa contra o  
microfone. Ao repetir

a palavra, ela oscilava entre o desespero, a raiva e a vergonha. Era apenas uma  
palavra, mas eu

sentia as emoções dela com clareza, como se ela as derramasse diretamente para  
dentro de mim.

*Better*

*Better*

*I'm drowning under the weight of these*

*Can't tell apart all the different me's*

*The bell jar drops, the air gets thin*

*Nothing gets out, but nothing gets in*

*It's better this way*

*Untouched under glass*

*It's better, I say*

16

*This way I'll last.*

O ritmo da música diminuiu e a voz dela se tornou mais aguda. Era emocionante e honesto, e eu a entendi melhor naquele instante do que jamais havia entendido antes.

*It's better*

*Better*

*Better*

*Better*

*Better*

*I'll never*

*Never*

*Get past the pressure*

*Never, never*

*I'm my own oppressor*

17

*No one does it better.*

Ela deu uma risadinha triste e juro que Max tinha a plateia toda na palma das mãos. Todos

estavam inclinados para a frente, eu incluído. Ela tocou mais algumas notas, cantarolando baixinho, e

a música se resumiu à batida da bateria e ao baixo enquanto ela cantava mais algumas vezes.

*Better*

*Better.*

## **Capítulo 22**

**Max**

Se esse era o efeito das drogas, eu entendia como as pessoas se viciavam. Não importava quantas

vezes eu fazia aquilo, a empolgação nunca diminuía. A ansiedade, o medo, a esperança, a dor e a

cura — minha alma era uma galáxia própria quando eu estava no palco.

Tentei um milhão de coisas na tentativa de remontar minha vida depois da morte de Alexandria,

para fazer com que o mundo estivesse de pé novamente. Somente a música

funcionava.

Quando as últimas notas de "Better" terminaram, eu sabia, sem sombra de dúvida, que faria o que fosse necessário para continuar com isso. Talvez a música me enfraquecesse. Ela com certeza me tornava uma pessoa egoísta e mentirosa, mas, se houvesse um jeito de convencer Cade a continuar com a enganação o suficiente para que meus pais não parassem totalmente de me dar dinheiro, eu o faria.

Encontrei-o na multidão depois da terceira ou quarta música. Juro que já o havia procurado duas vezes em todo o bar e estava começando a pensar que tivesse ido embora. Então o vi numa mesa no meio do salão com a mesma loira com a qual ele conversara no Trestle. Era completamente irracional, mas senti uma lufada de irritação por ele tê-la trazido ao show. A irritação diminuiu pelo fato de, em todas as vezes que olhei para ele, Cade jamais ter tirado os olhos de mim.

Começamos a tocar uma das novas versões de Rilo Kiley e eu não conseguia deixar de fazer contato visual com ele.

*And it's bad news, baby I'm bad news*

18

*I'm just bad news, bad news, bad news.*

Ele arqueou uma sobrancelha para mim e eu quase gargalhei no microfone. A música combinava com a gente; eu pensei nele ao escolhê-la para o setlist. Ela falava de como

um relacionamento podia dar errado quando as pessoas eram como eu. Tóxicas. Um cadáver vivo... era assim que a música dizia. Assim era eu, mas, apesar de dizer a mim

mesma que Cade era uma roubada, eu era egoísta demais para me conter. Tentei transmitir esses pensamentos enquanto cantava; tentei alertá-lo ao máximo. Eu não deveria ter notado a forma como os olhos dele seguiam meus movimentos ou como a sua

postura mudava sempre que eu olhava para ele. Não deveria ter me importado. Não deveria ter

olhado dentro de seus olhos escuros. Realmente não deveria ter lambido os lábios

entre os versos,  
porque via dali como o peito dele se inflava. Queria me sentir mal por encorajar o  
que quer que  
fosse isso entre nós dois, mas não me sentia. *Bad news, bad news...*  
A música terminou e eu olhei para Spencer a fim de me certificar de que ele estava  
pronto para a  
próxima, uma composição nossa. Ele me lançou um olhar e seus olhos se voltaram  
para a plateia.  
Não precisei olhar para saber que Spencer mirava Cade.  
Não precisei adivinhar qual era a leitura mental que ele fazia daquilo. Eu era  
perfeitamente capaz  
de ter uma leitura mental própria. Para além dos níveis normais de estupidez da  
situação, era ainda  
mais estúpido permitir que a situação me distraísse durante a apresentação,  
principalmente se eu  
tivesse apenas mais alguns meses para fazer algo importante com a minha carreira  
antes que meus  
pais cortassem a mesada. Eu precisava que todas as músicas fossem maravilhosas.  
Não podia me dar  
ao luxo de errar um verso, uma estrofe, nem mesmo uma nota.  
Mantive meu olhar distante de Cade durante o restante show. Tive presença de  
palco, flertando  
com Mace e Spencer. Abaixei-me para tocar alguns caras na plateia, flertando com  
eles também.  
Engraçado como, no palco, quanto mais magoada e confusa você está, mais  
interessante as pessoas a  
consideram. As músicas preferidas da plateia eram aquelas que escrevi nos meus  
momentos mais  
sombrios e raivosos. Se eu expressasse aquele tipo de agressão em outro lugar que  
não no palco, as  
pessoas ficariam me olhando ou comentariam ou me prenderiam.  
Quando cantamos nossa última música, uma canção original de Spencer, o aplauso  
foi alto o  
suficiente para abafar meus pensamentos durante uns minutos.  
Inalei o entusiasmo. *Aquilo* era vida. Eu podia ser um cadáver ambulante em  
qualquer outro lugar,  
mas não ali.  
O controlador dos holofotes iluminava o palco enquanto agradecíamos os aplausos.  
Quando a luz

parou em mim, cegando-me, a beleza do momento desapareceu e eu perdi o fôlego.

*The flash of headlights.*

*Crunch of metal.*

*Screaming tires.*

*Then spinning, spinning, spinning.*

19

*Out of control and unending.*

Fiquei ali paralisada até que Mace colocasse seu braço ao redor do meu pescoço. O suor

recobria nossa pele.

Ele me puxou para fora do palco e eu esperei até que estivéssemos nos bastidores e fora do

campo de visão da plateia antes de me livrar dele.

Resmunguei que ia ao banheiro, na esperança de que, dessa vez, ele entenderia o meu sinal.

Entrei na cabine para que Mace não pudesse me seguir. Fechei a porta atrás de mim e resisti à

vontade de acender a luz. Queria que aquele lugar nos convidasse para tocar novamente, o que

significava que eu não deveria fumar no banheiro, mesmo que isso fizesse com que eu me sentisse

melhor.

Então fingi.

Imaginei a chama, o cheiro da fumaça e o filtro contra meus lábios. Traguei lentamente,

lembrando-me do relaxamento que o cigarro geralmente me proporcionava, e depois soltei o ar.

Concentrei-me em me livrar das lembranças com meu cigarro imaginário. Spencer me disse certa vez, num dos aniversários de Alexandria, quando eu estava completamente arrasada, que deveríamos viver como fumávamos — inalamos o presente e exalamos

o passado. Algo daquilo permaneceu comigo. Eu só fumava em raras ocasiões ultimamente, mas

acendia um cigarro imaginário quase todos os dias.

Não precisava da nicotina, só do movimento, da respiração. Meu telefone vibrou no bolso de trás.

*Ótimo show, Menina Furiosa. Você ainda me quer nos bastidores?* Eu queria?

Talvez eu fosse uma pessoa má pedindo que ele me fizesse esse favor a despeito de todos os



sentimentos confusos entre nós dois, mas isso não mudava nada. Eu ainda precisava dele, e, se Cade

estivesse disposto a me deixar usá-lo, eu o usaria.

*Sim, Menino de Ouro. Quando você quiser.*

Ao sair do banheiro, Mace estava ali me esperando. Spencer havia desaparecido, então éramos

apenas nós dois.

— Acabou de bancar a diva?

Revirei os olhos.

— Precisar de uns segundos sozinha depois de uma apresentação não faz de mim uma diva,

Mace.

— E quanto ao fato de você ter passado a semana toda me ignorando?

Eu não tinha uma resposta para o meu comportamento, pelo menos não uma boa. Então retruquei:

— E quanto ao fato de você ter passado o dia todo ignorando minhas ligações e falhado durante o show?

Ele jogou a cabeça para trás para tirar os cabelos pretos que caíam sobre seus olhos. Mace

enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta de couro, totalmente fechado. Nenhuma expressão no rosto.

— Eu já disse: aconteceu uma coisa — falou ele.

O desconforto se espalhou pelo meu peito. Ele estava mentindo. — Quer me dizer o que era essa coisa?

Mace fechou o punho dentro da jaqueta e ficou muito sério. Ele balançou a cabeça negativamente e deu de ombros.

— Você tem seus segredos e eu tenho os meus.

— A diferença, Mace, é que meus segredos não afetam a banda.

— Jesus, eu não dou a mínima para esta banda, Max. Você sabe que só estou aqui por você.

Inacreditável. Em alguma parte demente do cérebro dele, Mace devia achar que isso era

romântico, porque se aproximou de mim e colocou as mãos nos meus quadris. Eu o empurrei com força.

— Se você soubesse *qualquer coisa* a meu respeito, saberia que esta banda é a minha vida.

— Ah, claro que você se importa com esta banda mais do que se importa comigo e com qualquer pessoa.

— É mesmo.

Mace mexeu no seu relógio e passou o dedo sob o nariz. Ele me encarou e disse: — Você é muito complicada, sabia? Eu sabia há muito tempo.

— Disse o cara com pupilas dilatadas. O que você está usando? Não podia esperar até depois do show?

Ele fechou os olhos e resmungou:

— Entendo. Você está com raiva por causa de hoje de manhã. Desculpe. — As mãos dele

procuraram meu queixo e ele continuou: — Não podemos apenas...

Eu o empurrei novamente e senti as unhas dele arranhando minha pele.

— Não, Mace! — Minha voz estava explosiva e eu me obriguei a me acalmar e diminuir o

volume. A última coisa de que precisava era alguém nos ouvindo discutir ali. — Só... não posso

fazer isso agora, Mace. Vamos deixar esta noite para lá e tratar disso mais tarde.

— Mais tarde, claro, tenho ouvido muito isso ultimamente. Estou cansado de esperar por algo

"mais tarde".

Droga. Eu não tinha energia para lidar com aquilo naquele momento. Tentei tocá-lo e apaziguá-lo, mas Mace recuou.

— Não sei o que você quer de mim, Mace. O rosto dele se contorceu de raiva. — Não sei se ainda quero alguma coisa de você.

Mace saiu pela porta dos fundos, e não era um bom sinal para o nosso relacionamento o fato de

que o que mais me irritou foi que ele me deixou sozinha com Spencer para arrumar tudo de novo.

Inalar.

Exalar.

Inalar.

Exalar.

— Isso realmente funciona para você? — Virei-me e encontrei Cade apoiado contra a porta. Ele

estava usando uma camisa preta de botões com as mangas enroladas até os cotovelos. Você sabe que

está mal quando a visão dos braços de um cara basta para distraí-la. A semana sem vê-lo não

conseguiu diminuir minha atração.

Más notícias.

— Às vezes — respondi. — Neste momento não está funcionando.

O cantinho da sua boca se contorceu num meio sorriso e Cade perguntou: — Quer que eu vá embora?

Eu não sabia se ele tinha ouvido muito da briga para saber que se tratava da minha necessidade

de espaço ou se Cade simplesmente me entendia melhor. Eu não estava calma, nem um pouco, mas

confiei que ele não insistiria.

— Não, tudo bem. Estou bem.

Inalar.

Exalar.

Cade se afastou da parede e entrou no banheiro, fechando a porta atrás de si.

— Estou muito feliz por ter vindo — eu disse. Meneei a cabeça e, como gostava de sofrer,

perguntei:

— Onde está sua amiga?

Ele riu e passou a mão no queixo. Minhas mãos latejaram e eu as joguei para trás, para longe de

Cade.

— Ela foi embora. Graças a Deus. Ela queria ir embora no meio do show. Não fui.

Concordamos

em cada um tomar seu rumo.

Sentei-me num velho sofá no canto e ele se sentou perto de mim. Aproximei-me ainda mais.

— Eu não teria me ofendido, sabe? Você poderia ter ido embora.

— Não, não poderia. — Seus olhos se fixaram nas minhas pernas por um segundo, mas eu

percebi. — Tenho certeza de que você ouve muito isso, mas você é incrível. Senti minha pele pegar fogo e me banhei na atenção dele como se fosse o sol. Coloquei as pernas

sobre o sofá e apoiei meu queixo nos joelhos.

— Sinta-se à vontade para repetir isso; o quanto quiser, na verdade.

Cade esticou um dos braços sobre a almofada do sofá atrás de mim e disse: — Acho que posso fazer isso.

Recostei-me até que minha cabeça tocasse o braço dele. Meu sangue ainda corria

rápido por causa da briga com Mace, e meu lado estupidamente furioso queria provar que a raiva de Mace não me incomodava. Virei-me para Cade e pus minhas pernas contra as dele. — Então... Eu...

A porta se abriu e Spencer entrou correndo com duas pessoas atrás de si. Um cara loiro e alto com uma morena baixinha ao seu lado. Ouvi Cade respirar fundo um segundo antes de a morena dizer:

— Cade? Quando você voltou do Texas?

## **Capítulo 23**

### ***Cade***

Bliss.

*Juro, sempre que as coisas melhoram um pouquinho, o Universo me coloca de volta no meu devido lugar.*

— Oi, Bliss. Garrick.

Os dois atravessaram o salão na nossa direção e Max sussurrou: — Quem é essa?

— Lembra do Dia de Ação de Graças alternativo que mencionei?

— Aquele que seria melhor se fosse deixado no passado?

Fiz que sim e me levantei para cumprimentar meus amigos. Apertei a mão de Garrick e dei um

constrangedor semiabraço em Bliss.

— Acabei não indo para o Texas. Desculpe por não ter contado. Houve mudanças de último

minuto e eu decidi ficar aqui.

— Sua avó melhorou? — perguntou Bliss.

Eu me encolhi todo.

— Sim, ela está bem.

— Por que você não passou o Dia de Ação de Graças com a gente, então? — Ela segurou meu

braço e eu recuei, afastando-me dela. Observei a mudança na sua expressão e vi a piedade que ela

não sabia esconder. Eu era bem capaz de imaginar a cena que se passava em sua mente: eu em casa,

sozinho e triste durante o feriado. Claro, aquele era meu plano até que Max entrasse na minha vida.

Abri a boca, sem saber direito que desculpa usaria. Uma doença? Sim, eu podia ter

ficado doente.

Foi quando Max disse:

— Ele estava comigo.

Ela me abraçou pela cintura e, por instinto, coloquei um braço sobre os ombros dela.

Max

apertou seu corpo contra o meu e estendeu a mão para Bliss. — Meu nome é Max.

As sobrancelhas de Bliss desapareceram sob sua franja e eu vi os olhos dela analisarem as

tatuagens e a roupa de Max. Tentei ver o que ela estava vendo, imaginando como Max era vista por

alguém que não a conhecia. Quando eu olhava para ela, tudo o que via era o sutiã preto exposto

através da sua camiseta branca, e achei melhor manter os olhos longe dela por um instante.

Bliss cumprimentou Max, um tanto surpresa.

Garrick se recuperou mais rápido. Ele a cumprimentou também. — É um prazer conhecê-la, Max.

Ao ouvir o sotaque de Garrick, Max me encarou e eu percebi que ela havia montado o quebra

cabeça. Ela sorriu para mim e eu tentei expressar minha gratidão com um olhar. O sorriso dela se

alargou, então achei que Max havia compreendido.

— Max, esta é a Bliss. Estudamos juntos na faculdade. E este é o namorado dela, Garrick.

Deixei de lado a informação de que ele fora nosso professor. As coisas já estavam muito

estranhas.

— É tão bom conhecer os amigos do Cade. — Ela me cutucou animadamente. — Estava

começando a pensar que ele jamais me apresentaria. Ele os convidou para assistirem ao show desta

noite?

— Na verdade... — o colega de banda dela, aquele com a gravata-borboleta punk, se intrometeu.

— ... fui eu que os convidei. Garrick é meu amigo.

— Ah, não sabia que vocês conheciam Spencer — disse Max.

O tal Spencer estava olhando para mim e para Max como se o mundo tivesse saído do eixo. Eu

não o culpava. Eu usando uma camisa de botões e ela parecendo uma deusa do

rock... não éramos

exatamente a combinação perfeita. Ele me olhou fixamente e disse:

— E você é? ...

Max se antecipou.

— Este é o Cade, meu namorado. Não aja como se eu não tivesse falado sem parar sobre ele,

Spencer.

— Claro. — O amigo dela fez que sim com a cabeça. — Cade.

Percebi que era hora de ajudar Max a carregar o fardo e perguntei:

— O que vocês acharam do show? — Voltei a olhar para Max e emendei: — Ela é incrível, não?

Ela ficou nas pontas dos pés e me deu um beijo no rosto, sem dúvida deixando uma marca de seus

lábios vermelho rubi contra minha pele. Eu sabia que Max estava fingindo, mas, caramba, como ela

era boa nisso.

— Foi... — Bliss afastou os olhos de mim e sorriu para Max. — Foi maravilhoso.

Você tem uma

ótima voz.

— Por que você não nos apresentou à Max antes, Cade? — perguntou Garrick. —

Ah, bem, não contamos para muitas pessoas — respondeu Max. — Queríamos que as coisas

avançassem devagar; queríamos passar um tempo sozinhos antes de anunciar para todo mundo.

Bliss sorriu para Garrick e pôs a mão no peito dele. — Nós com certeza entendemos isso.

Meus olhos pararam no anel no dedo dela. Ele a pediu em casamento e ela disse "sim". Eu

esperava sentir uma espécie de dor, talvez saudade, mas esses sentimentos nunca vieram à tona.

Havia certo desconforto, claro, mas a verdade é que ver o anel no dedo dela despertou apenas

emoções genéricas — as mesmas que eu sentia sempre que um amigo mudava o status de

relacionamento no Facebook ou uma amiga anunciava que estava grávida. Era a surpresa de sentir

que todos ao meu redor estavam vivendo numa velocidade que eu era incapaz de alcançar.

Aquela foi a primeira vez, ali de pé diante deles com Max ao meu lado, que comecei

a questionar  
seriamente o que sentia por Bliss. Não deveria doer mais? Ou será que eu estava distraído demais por ter o corpo de Max ao lado do meu?  
Eu me sentia como se estivesse à beira do precipício, a poucos segundos de descobrir uma  
verdade sobre mim mesmo que não queria ouvir.  
Com a mão na minha cintura, Max me apertou e eu desviei o olhar do anel na mão de Bliss.  
Pigarreei e exibi um sorriso forçado.  
— Vejo que ela aceitou.  
Garrick se alegrou e abriu um sorriso tão amplo e feliz que era sofrido de ver. — Aceitou, sim.  
— Parabéns — eu disse. — Para vocês dois. Estou realmente feliz por vocês. Bliss mordeu o lábio e me lançou um sorrisinho contido. Seus olhos ficaram um pouco marejados. Com uma voz doce, ela falou: — Obrigada. Isso é muito importante.  
Houve uma pausa. Mais um daqueles momentos em que os ventos mudam, o tempo para e a vida  
recomeça numa nova direção. Não sei dizer sobre as outras pessoas na sala, mas percebi que Bliss  
sentia aquilo.  
Talvez fosse porque éramos atores. Talvez tivesse a ver com quem éramos. Eu conseguia ver nos  
olhos de Bliss que ela também entendia. Aquele era o fim de um capítulo. Estávamos seguindo por direções diferentes e nos afastávamos mais a cada minuto.  
A despeito  
dos meus sentimentos por Bliss, tínhamos toda uma história e era impossível voltarmos a ser quem  
éramos. Pensei que, se conseguisse superar a dor, tudo voltaria ao normal. Bem, a dor se foi, mas a  
distância que ela criou entre nós dois permaneceu a mesma.  
Engraçado como quatro anos de amizade podiam ser completamente destruídos por um momento  
de mais do que amizade. Bliss era a única parte da minha vida para a qual não precisei dizer adeus  
ao me mudar para a Filadélfia. A faculdade foi como um lar para mim, a grande família que nunca  
tive. Mas aquele lar não existia mais. E tentar me apegar a ele por meio de Bliss não era bom para  
nenhum de nós.

Todas as lembranças e sentimentos que me ligavam a Bliss se desgastaram até que estivéssemos conectados apenas por um fio corroído e frágil. Isso me lembrava de um teatro vazio depois que a peça havia terminado, a plateia havia ido embora e os funcionários haviam limpado o lugar. O último a sair desligava todas as luzes e deixava para trás apenas uma lâmpada fantasmagórica em meio a um lugar escuro. Ali diante dela, rígido e constrangido, aquele último fio que nos unia, a última luz, se partiu.

Bliss respirou fundo e fechou a boca de um jeito que me fez notar que ela estava tentando não chorar. Imitei Max e lentamente inalei e exalei.

— Bem, temos de tirar as coisas do palco — disse Max. — Cade, meu amor, você poderia nos ajudar? Nosso baterista teve que ir embora.

Fechei os olhos e ignorei Bliss.

— Claro. Claro que posso ajudar.

Olhei para Garrick e Bliss:

— Foi um prazer vê-los. Parabéns de novo. — Cumprimentei Garrick e dessa vez abracei Bliss

de verdade. Ela pôs o rosto no meu peito e seus braços me apertaram na cintura. Ela murmurou algo

que soou como "Estou esgotada" e depois me soltou. Bliss abria e fechava os olhos ansiosamente,

mas percebi que ela ainda tinha lágrimas nos cantos dos olhos. — Adeus, Bliss.

Eu me sentia surpreendentemente insensível, como uma ferida que fora cauterizada.

Talvez aquilo

doesse mais depois. Ou talvez eu apenas estivesse aprendendo que até mesmo as coisas boas do

nosso passado pertenciam apenas ao passado. — Adeus, Cade.

Spencer acompanhou os dois até a saída e eu fiquei sozinho com Max. Respirei fundo e me joguei

de volta no sofá.

Max ficou de pé na minha frente e disse:

— Não tenho a menor ideia do que aconteceu, mas estou deprimida mesmo assim.

Eu ri, o que, considerando a situação, era muito melhor do que várias reações que eu poderia ter.



— Foi mesmo deprimente, não foi?

— Você está bem, Menino de Ouro?

Ergui a cabeça para encará-la e segurei a mão que pendia ao lado do seu corpo. Dei um beijinho rápido no dorso da mão dela e a soltei.

— Obrigado por tudo. Você não precisava ter feito aquilo. E, sim, estou bem.

Seguindo em frente,

certo?

— Esse é o objetivo, meu namorado.

— Estamos virando especialistas em fingir. Talvez você devesse virar atriz também.

Ela riu.

— De jeito nenhum. Não gosto de reconhecer meus sentimentos. Por que iria querer fingir para

ganhar mais um salário ruim?

— Você não parece ter dificuldade para expressar suas emoções quando canta. Você é muito boa

nisso, na verdade.

Ela desviou o olhar, envergonhada, e disse: — Cada um tem seu jeito, acho.

Hora de mudar de assunto. Levantei-me e tentei me livrar de um pouco daquela sensação

melancólica e pesada.

— Vamos pegar suas coisas, Menina Furiosa.

— Ah, você não tem que ajudar. Eu só estava lhe dando uma justificativa... — Não seja assim. Você sabe que vou ajudá-la.

— É, eu sei.

Segui o balançar dos seus quadris. Ela parou ao chegar a uma porta fechada e se virou.

— Preciso fazer mais uma pergunta. Quer beber algo comigo depois de terminarmos aqui?

— Uma bebida parece a melhor ideia que você já teve.

— Eu sorri. — Se bem que isso não diz muito, levando em conta as ideias que eu já vi você

tendo.

Esperei que Max risse. Ela não riu.

Ela apenas suspirou e disse:

— É... certo.

## **Capítulo 24**

### ***Max***

Convenci Cade de que deveríamos voltar para o centro da cidade a fim de bebermos alguma

coisa, assim estaríamos mais perto de onde morávamos e poderíamos ir embora antes que o metrô fechasse.

— Tudo bem por mim. Eu ia insistir em acompanhá-la até sua casa de qualquer jeito.

Eu ri.

— Claro que ia, Menino de Ouro.

Assim eu tinha toda a caminhada até a estação de metrô e a viagem até minha casa para

convencê-lo a continuar fingindo ser meu namorado.

— Então. Suponho que você não queira conversar sobre sua briga com Mace, estou certo? —

perguntou ele.

Arqueei uma sobrancelha para ele, mas não fiz nenhum comentário.

— Suponho que você não queira conversar sobre o fato de aquela menina ter ficado noiva.

Ele soltou um suspiro.

— Acho que vamos ter que conversar sobre sua música. Há quanto tempo você toca?

Abotoei meu casaco até em cima para me proteger um pouco do frio.

— Desde os treze anos. Na mesma época em que minha irmã morreu.

Fiquei surpresa ao perceber como era fácil falar daquele tipo de coisa com Cade. Com outra

pessoa eu não chegaria nem perto de conversar sobre aquilo.

— E quando você soube que era assim que queria ganhar a vida? Sorri ao lembrar:

— A primeira vez que consegui tocar uma música inteira de cor. Foi a primeira vez que cantar

realmente me levou para um lugar diferente, sabe? Foram os melhores cinco minutos da minha vida.

Eu me esqueci de onde estava e de quem eu era, e existia apenas na música. — Entendo. Sinto a mesma coisa quando estou no palco. Consigo sair de mim mesmo e me

transformar em outra pessoa por um tempo. Passo a viver os problemas de outra pessoa, problemas

que geralmente se resolvem de um jeito mais rápido e fácil do que os meus próprios problemas.

Nunca tive um amigo com o qual eu pudesse falar daquele jeito. Eu vivia há tanto tempo numa

ilha que havia me esquecido de como era ter aquele tipo de conexão.

— Você nunca cansa de ser você mesmo, Menino de Ouro? — Às vezes, sim. E você?

Ele era tão honesto. Cade me fazia querer ser honesta também.

Inalar.

Exalar.

— O tempo todo.

O silêncio entre nós dois era frágil, mas confortável, enquanto caminhávamos pelas ruas que

levavam à nossa estação de metrô. Eu olhava os prédios ao nosso redor, as calçadas irregulares, as

janelas acesas dos apartamentos nos segundos ou terceiros andares. Caminhei por aquelas ruas

muitas vezes, mas nunca havia olhado ao meu redor. A vida era engraçada daquele jeito.

— Você acha que todo mundo se sente assim? Ou há algo de errado com a gente?

Ele pensou demoradamente, suas botas se arrastando na calçada ao falar: — Acho que todo mundo se sente assim. Até mesmo as pessoas mais felizes. Talvez não admitam,

mas acho que se sentem assim. Acho que elas fecham os olhos ou dão uma corridinha ou tomam um

banho demorado para se esquecer só por um segundo de quem são e do que têm que fazer todos os

dias. Viver é difícil. E todos os dias os nossos ombros pesam mais e nós acumulamos mais bagagem.

Assim, paramos e respiramos fundo, fechamos os olhos, apagamos a mente. É natural. Desde que

você abra os olhos e siga em frente.

Fiquei observando-o falar. Os olhos dele miravam o céu, e de sua boca saía uma fumacinha por

causa do frio. Cade acreditava no que dizia. E assim era um pouco mais fácil para mim acreditar

também.

Eu deveria ter perguntado naquele momento, mas ele havia acabado de compartilhar aquele

raciocínio perfeito e precioso comigo e eu queria me apegar a ele ao máximo antes de arruinar tudo.

Permanecemos em silêncio pelo quarteirão que faltava para chegarmos à estação de metrô.

Esperamos o trem por uns dez minutos, ainda sem dizer nada. Sentamo-nos juntos no

banco,  
compartilhando o silêncio, e nada nos pareceu esquisito ou estranho. Eu não queria me apressar ou preencher o vazio ou fazer qualquer outra coisa além do que estava fazendo. Era... gostoso.

Quando o trem chegou, pegamos lugares um ao lado do outro e a sensação foi de algo rotineiro,  
como se fizessemos aquilo há anos.

— Tenho que lhe pedir uma coisa, mas não quero — eu disse.

Ele se virou um pouco e seus joelhos tocaram os meus.

— Parece interessante.

— Na verdade é uma loucura.

Ele esperou e eu tentei simplesmente falar, mas não havia um jeito certo de dizer, então escondi o

rosto nas mãos. Gemi e disse:

— Dinheiro é uma coisa estúpida. Ele estraga tudo. Ele zumbiu.

— Nem me fale! Prometi que viajaria para casa no Natal, mas ganho tão mal que terei sorte se

conseguir comer macarrão instantâneo em janeiro se eu viajar.

Ajeitei-me no banco, mas mantive os olhos nas minhas mãos ao perguntar: — E se eu pudesse ajudá-lo a viajar para o Texas no Natal?

— Desculpe, mas acho que seu chefe não vai gostar nada da ideia de eu assumir seu lugar como

dançarina no Trestle.

Ri tanto que todos no vagão se viraram para olhar para a gente.

— Meu Deus, eu pagaria para ver isso. Ele jogou seu ombro contra o meu. — Ei, eu danço bem.

— Quantas doses você bebeu hoje?

— Preciso dançar para provar que sou bom?

Senti-me tentada a dizer que sim e levá-lo ao Garage ou outro lugar e mergulhar em álcool e

corpos em movimento. Mas tinha de permanecer concentrada. Por vários motivos. — Vou deixar isso para outro dia, Menino de Ouro. Mas... estou falando sério sobre o Natal.

Meus pais realmente querem que você nos visite nas festas de fim de ano, o suficiente para se oferecerem a pagar suas despesas e tal.

Ele continuou sorrindo, mesmo depois que sua cabeça pendeu para o lado e ele franziu a testa.

— Achei que até lá já teríamos terminado o namoro.

— Teríamos... Mas, que droga, vou falar. Meus pais vieram para a Filadélfia para me dizer que já era hora de eu parar de cantar, seguir em frente e arranjar um emprego de verdade. Eles têm me ajudado com dinheiro para que eu tenha tempo para compor e cantar, mas eles pretendiam deixar de me ajudar... até conhecerem você. Aparentemente, o fato de eu namorá-lo basta para que eles acreditem que não sou um fracasso total, e eles estão dispostos a continuar me ajudando mais um pouco. Mas, se eu disser que terminamos, vão parar de me ajudar e, com o custo da moradia aqui e minha dívida, vai ser quase impossível para mim continuar com a banda. Assim, como uma covarde, estou pedindo que você finja ser meu namorado para não interromper a felicidade dos meus pais.

— Max... — O corpo dele se afastou um pouquinho do meu. Virei-me para encará-lo.

— Sei que é loucura, mas prometo que vai ser por poucos dias, só uma aparição e você vai poder

ir embora e viajar para sua casa para ver sua família nos feriados. Você disse que precisava de

dinheiro para a passagem...

Meus pais vão pagar.

Os olhos dele estudavam os meus.

— Eu não poderia deixar seus pais fazerem isso, Max.

Segurei uma das mãos dele e a mantive entre as minhas.

— Não é nada para eles, Cade. Juro. Você deveria ver as coisas ridículas nas quais eles gastam dinheiro. Prefiro que gastem com você.

Cade colocou a outra mão sobre a minha e me encarou.

— Max, quero ajudá-la, mas você precisa entender como essa ideia é ruim. Você não pode

continuar fingindo para seus pais. Você só vai ficar mais e mais ressentida. E você sabe disso. A

primeira música que você tocou hoje... é sua, não é? Você não aprendeu nada quando a compôs?

Senti-me exposta como se ele tivesse dissecado minha mente e meu coração e os tivesse

colocado ali para que qualquer pessoa tocasse neles. Compus aquela música pouco antes de

abandonar a faculdade, e Cade tinha razão. Eu não havia mudado nada.  
Pensei que, abandonando a faculdade, estivesse deixando todo o fingimento para trás. Pensei que  
tivesse extirpado as raízes daquela vida antiga e recomeçado do zero. Fingir durante os feriados e  
outras reuniões familiares parecia algo tão insignificante, mas não era. Eu me transformei na mesma pessoa.  
E odiava o fato de Cade conseguir perceber isso.  
Tirei minhas mãos das dele e me levantei, mesmo com o trem em movimento.  
— Não pedi uma sessão de terapia. Desculpe se não sou perfeita como você.  
Esqueça tudo o que  
eu disse.  
Entramos na estação e eu fui até o outro lado do vagão enquanto esperava que o trem parasse  
totalmente. Ouvi-o chamar meu nome quando saí para a plataforma, mas não olhei para trás. Ele me  
alcançou na escada, mas eu segui em frente, subindo os degraus o mais rápido que conseguia sem  
tropeçar e cair.  
— Max... espere.  
Quando saí para a noite, a mão dele me segurou pelo cotovelo e eu me virei para ele.  
— Me solte, Cade.  
— Não.  
— Como assim "não"?  
Ele me segurou pelo outro braço e me puxou para perto de si.  
— Quero dizer que não vamos brigar por causa disso.  
— Não é você quem decide sobre o que vamos brigar  
— eu disse.  
— Eu finjo, Max.  
Fechei os olhos e os abri para encará-lo. Seus olhos escuros se fixaram nos meus.  
Cade não  
estava brincando.  
— Por quê? Você acabou de dizer...  
— Acho que você tem de parar de fingir ser algo que não é, sim. E é por isso que vou viajar no  
Natal com você, e não com aquela sua versão domada e escondida pela gola alta. É o primeiro passo  
para fugir da redoma.

Meu coração batia com tanta força que era possível sentir a pulsação na minha garganta. Meus pulmões pareciam distantes, como se tivessem afundado no meu estômago, e tudo dentro de mim pareceu fora do lugar.

— Ainda assim estarei mentindo a seu respeito. Eu ainda...

— Então vamos com calma. Dê o primeiro passo e permita que seus pais se acostumem com a

ideia de quem a filha deles realmente é. Depois você entra com o Mace. De alguma forma, em meio a todo aquele caos, consegui rir. 20

— Pensei em bater neles com um porrete várias vezes já .

O meio sorriso dele apareceu novamente e fez com que eu me sentisse um pouco mais segura, um

pouco menos confusa. Em algum momento durante meu ataque, as mãos dele subiram dos meus

braços para o meu pescoço, e seus dedos agora acariciavam meu queixo. — O que você acha? Vamos pôr em prática a Operação Apresente Seus Pais à Max de Verdade?

— Está mais para Operação Faça Meus Pais Terem um Ataque de Pânico... Mas, sim, vamos pôr em prática.

— Excelente.

O polegar dele acariciou meu queixo e um calafrio percorreu minha espinha. Engoli em seco e umedeci os lábios.

— Obrigada — eu falei. — Por tudo. A caminhada. A conversa. E, sabe, por me namorar de mentirinha.

Ele parou por um segundo e disse:

— Sabe, acho que me lembro de você prometer um encontro de verdade outro dia.

Meu coração disparou. Eu o queria. Havia me sentido atraída por ele antes, e agora a atração

aumentou. A noite de hoje foi tão perfeita. Ele disse todas as coisas certas e me fez pensar e me

forçou a ser eu mesma. E era justamente por isso que eu não precisava sair com ele. Minha história

de encontros era horrível, e Cade era a última pessoa que eu queria prejudicar. Podíamos ser amigos.

Eu precisei de um amigo como ele por toda a minha vida. Ele me repreendeu pelas

minhas bobagens e fez com que eu tivesse menos medo.

Ainda assim, quando ele olhou para mim e a pele dele tocou a minha... Amizade era a última

coisa que eu tinha em mente.

Meu telefone vibrou e eu aproveitei a oportunidade para escapar. Peguei-o para atender, mas o

nome na tela me fez parar.

Mace.

A conversa com Cade me deixou tranquila e eu não queria estragar tudo. Apertei o botão

"ignorar", mas o fato de ver o nome dele bastou para arruinar um pouco do brilho da noite.

Foi um longo dia, e todas as emoções me atingiram de uma só vez. Talvez eu precisasse apenas

dormir. Pedi a Cade para adiar as bebidas e ele se ofereceu para me levar até minha casa. Fiquei

feliz pela companhia, porque a presença dele afastava meus pensamentos dos problemas com os quais eu não deveria me preocupar...

Problemas como o descontrole da situação com Mace. Quanto mais difícil nosso relacionamento

ficava, mais destrutivo ele se tornava em relação à banda, o que era mais importante do que estava

acontecendo com a gente.

Quando chegamos ao meu quarto, Cade abriu a porta do prédio para mim. — Seu senhorio ainda não consertou esta tranca? — Ele me seguiu escada acima e acrescentou:

— Você tem que obrigá-lo a consertar, Menina Furiosa. É ridículo. Não é seguro deixar a tranca

assim; qualquer pessoa pode entrar.

Subi as escadas e sorri para ele olhando para trás.

— Eu sei... Um louco pode entrar no meu apartamento enquanto eu durmo... nua. Chegamos ao meu andar e ele disse:

— Você tem razão. Eu mesmo poderia fazer isso.

Ri e lhe dei um empurrãozinho de brincadeira. As mãos dele me seguraram pelo braço e Cade me

puxou para perto de si. Meu estômago parecia o de alguém que acabara de sair de uma enorme

montanha-russa. Passei a língua pelos lábios e ele continuou:

— Estou falando sério. Por favor, peça ao senhorio que conserte a porta. Se ele não



consertar, eu

vou.

Ele estava sério, o que me deixou toda arrepiada.

Tentei despistar com humor o efeito que ele exercia sobre mim. Revirei os olhos e disse: — Sim, mestre. Mais alguma ordem?

Ele estreitou os olhos e algo se contraiu na minha barriga. Um nó se formou na minha garganta e

eu estava quase me jogando nos braços dele quando ouvi alguém chamar meu nome.

— Max?

O embrulho na minha barriga se transformou em dor. As mãos de Cade soltaram meus braços e eu

me virei para encarar Mace.

Ele estava sentado do lado de fora da minha porta e se levantando. Avançou pelo corredor, uma

mão na parede para se equilibrar.

Mace estava de porre.

Afastei-me de Cade e perguntei:

— Mace, o que você está fazendo aqui?

— Claramente não estou me divertindo tanto quanto você. Você não perde tempo, hein?

Seus traços normalmente lindos se contorceram em algo feio. Ele empinou o nariz, e sua boca se

abriu numa risadinha irônica.

— Mace, este é o meu *amigo* Cade. Ele foi assistir ao show e me trouxe até em casa.

Ele ficou mexendo no piercing em sua sobrancelha.

— Sei. Você acha que eu sou burro, é? Suspirei.

— Não. Acho que você está chapado. Mace se aproximou de mim:

— E eu acho que você é uma vadia.

Cade se pôs diante de mim.

— Calma aí, cara. Somos só amigos. Segurei-o pelo cotovelo e o puxei para trás.

— Não ligue, Cade. Ele não serve para a banda e não serve para mim. Considere-se acabado

para as duas coisas, Mace.

Ele chegou mais perto. Seus olhos estavam avermelhados e suas pupilas, contraídas. Era

engraçado como a atração podia surgir e desaparecer num instante. Olhando para ele agora, eu não

sentia nada daquele fogo que normalmente queimava entre nós. Mace ficou ali,

chapado e furioso, e eu só sentia alívio. Olhei para ele e Mace me estudou da cabeça aos pés. Ele passou o dedo pelo lábio inferior e disse:

— Eu estava entediado mesmo.

A raiva se transformou em repulsa. Que babaca.

— Vá tomar mais uns comprimidos, imbecil.

Ele esbarrou em Cade com o ombro ao ir embora e disse, com desprezo:

— Aproveite o sexo, cara.

— Filho da...

Respirei fundo e fechei as mãos. Fui atrás dele, mas os braços de Cade me seguraram pela cintura e me prenderam. Ele me conteve até que Mace fosse embora e minha respiração voltasse ao normal. Por mais furiosa que eu estivesse e por mais que eu quisesse seguir Mace escada abaixo e lhe dar um belo chute no saco, parte de mim se sentia grata. Senti-me como um pássaro tirado da gaiola.

Olhei para Cade, que parecia ainda mais furioso do que eu.

Aquele cara tinha o autocontrole de um santo. Sorri e disse:

— Que tal você me mostrar aqueles seus movimentos de dançarino? Eu estava livre. Hora de voar.

## **Capítulo 25**

**Cade** Eu estava dividido.

Parte de mim queria dizer que não era uma boa ideia, que ela deveria tirar a noite para relaxar e pensar. Outra parte de mim já estava pensando em como seria ela na pista de dança. E lá no fundo havia ainda o pensamento tentador de que eu deveria levá-la para dentro do apartamento e provar que ela não era nada entediante.

Como sempre, a opção mais responsável venceu.

— Max... foi um dia longo. Tem certeza de que não quer fazer algo menos... Ela me interrompeu.

— Quero dançar, Menino de Ouro. E posso fazer isso com ou sem você. — Ela apontou aquele biquinho matador para mim e acrescentou: — Se bem que ficar sozinha não é a alternativa mais

segura. — Ela piscou os olhos e sorriu. Max já sabia que tinha vencido.

— Quando eu a deixar impressionada com a minha dança, vou aceitar um pedido de desculpas.

Ela me segurou pela mão e me puxou escada abaixo.

— Vamos ver quem vai impressionar quem. \*

Pedimos um táxi e fomos para a região norte da cidade, minha região. Paramos diante do que

parecia um armazém abandonado num bairro menos do que habitável. Eu sabia porque era o meu

bairro. Havia passado por esse lugar várias vezes e simplesmente achava que estava abandonado e

cheio de mendigos.

— Quer dançar ou ser assassinada? — perguntei a ela.

Paguei o táxi e saí do carro. Max segurou minha mão e começou a me puxar até o armazém.

— Relaxe, Menino de Ouro. Acho que você vai gostar desse lugar. Eu gostava dela. Gostava demais.

Senti as vibrações da música antes mesmo de entrarmos no edifício. Não parecia uma boate

normal. Havia sofás e obras de arte nas paredes que tornavam o lugar uma mistura do apartamento de

um amigo com uma esquina grafitada. Vários prédios da cidade estavam cobertos por imensos

murais. Havia imagens semelhantes nas paredes ali, mas era um lugar menor e, de perto, era possível

admirar todos os detalhes.

— Bem-vindo ao Garage — disse Max.

O lugar pulsava com a mesma vibração que vertia das palavras e movimentos de Max.

Combinava com ela. Então, sim, ela tinha razão. Gostei.

Não parecia uma casa noturna normal lotada e fedendo a suor com decorações modernas. O lugar

tinha pulsação própria. Tinha alma.

Voltei os olhos para um dos murais na parede. Era todo em preto e branco e mostrava algumas

pessoas cantando e outras dançando. Era simples, sem cor ou detalhes. Mas era lindo.

Max se aproximou do meu ouvido.

— Meu chefe no estúdio de tatuagem fez esse mural quando esta casa abriu.

Também foi ele que  
fez isto.

Estúdio de tatuagem. Isso explicava a abundância de desenhos no corpo dela. Max puxou a gola da camiseta para baixo a fim de revelar uma pele lisa, galhos de uma árvore e

parte suficiente do peito para fazer minha boca secar. — Cara de sorte.

Alguém gritou o nome de Max e eu me virei para vê-la correr até um dos atendentes.

Quando a

alcancei, ele estava dizendo:

— Desculpe por ter perdido o show hoje... — Ele segurava uma bebida que estava preparando e

deu de ombros.

— Foi muito bom — eu comentei.

Max sorriu e o atendente nos olhou como se não pudesse entender direito como nós combinávamos.

Ele tinha as sobrancelhas ainda arqueadas quando disse: — Vou tentar ir no próximo.

Divirtam-se.

Ele nos serviu duas doses por conta da casa e depois se voltou para as pessoas ao nosso lado

para ouvir os pedidos delas. Max usou os cotovelos para se apoiar no bar e lhe dar um sonoro beijo

no rosto. Ela não se parecia em nada com uma menina que acabara de terminar o namoro.

Naquele momento, porém, suas longas pernas tinham toda a minha atenção. Ela olhou para trás e

percebeu meu olhar. Ao descer do bar, pareceu não se importar. Na verdade, o sorriso dela só

aumentou.

— Está pronta para se surpreender, Menina Furiosa?

Se o sorriso dela escada acima era sinal de alguma coisa, talvez eu tivesse de mudar o apelido de

Max. Subir as escadas atrás dela era algo capaz de provocar um infarto num homem. Seus sapatos

vermelhos revelavam pernas torneadas, coxas lindas e o shortinho de oncinha, que destacava suas

curvas. Em algum lugar do mundo havia um ex-namorado com a imagem dela tatuada no corpo. Ela

era o tipo de mulher sensual que implorava para ser immortalizada.

No andar de cima, a casa estava mais cheia, mas ainda havia sofás e móveis

diferentes que lhe conferiam uma atmosfera relaxante. Havia uma pista de dança principal e uma secundária alguns metros acima com dançarinos em movimento diante de uma multidão que gritava. Max respirou fundo e fechou os olhos. Eu estava me acostumando a interpretar a respiração dela. Havia a respiração do tipo "estou prestes a soltar fogo", a "qualquer coisa referente à minha mãe" e minha preferida: a "acabei de ser beijada". Ao entrar na pista de dança, porém, a respiração dela se parecia com o jeito como ela cantava. Max se sentia à vontade ali. Seus braços serpenteavam sobre a cabeça, e sua camiseta branca se ergueu e deixou à mostra um pedaço de pele sob o shortinho. Da última vez que eu vira as costas dela, estavam cobertas por curativos e ferimentos. Agora, mais de uma semana depois, havia um sinalzinho fraco dos arranhões. Dali, a pele dela parecia lisa e eu podia ver as covinhas na parte de baixo das suas costas. Algumas pessoas entraram no meio de nós e eu a perdi de vista. Max se virou e seus olhos encontraram os meus. Ela apontou um dedo na minha direção e sorriu. Foi naquele momento que tive certeza de que não estava mais apaixonado por Bliss. Não poderia. Porque, naquele momento, nada poderia me impedir de me aproximar de Max, nem mesmo se Bliss estivesse do outro lado me chamando. Caminhei pela multidão até que Max estivesse bem perto. Ela se contorcia e dava voltas e cantava junto com a música, que eu nunca tinha ouvido. Max passava as mãos pelos lados do corpo até as coxas e um pouco da camiseta dela caiu pelo ombro. Eu queria substituir as mãos dela nas coxas pelas minhas. — Estou esperando, Menino de Ouro! Observá-la era incrível, mas tocá-la era irresistível. Max tinha ainda mais energia do que a música que pulsava ao nosso redor. Avancei bem no instante em que ela jogou o peito para a frente até a altura da cintura. Quando Max foi repetir o movimento, juntei-me a ela. Nossos

peitos se encostaram e ela mordeu o lábio.

Todo estudante de artes cênicas teve de fazer aula de dança, e todos os dias durante o

aquecimento o professor mandava que praticássemos partes isoladas do nosso corpo. O objetivo era

se alongar, não dançar, mas a habilidade cabia bem nesse tipo de música techno. Max dançava da mesma forma que cantava... com entrega total. Eu simplesmente a seguia,

mantendo nossos corpos próximos e imitando os movimentos dela. Ela jogou os cabelos para trás e começou a dar a volta em mim.

A música mudou para algo mais lento. Passei a mão pela cintura dela e a puxei para perto.

Nossos quadris se encaixaram e eu pus a mão no quadril dela para guiá-lo num movimento circular.

Minha coxa se encaixou entre as dela e a coxa dela entre as minhas até estarmos completamente

unidos. Ela jogou o corpo para um lado e eu, para o outro.

O ambiente ao nosso redor estava quente e marcado pelo suor. Max bateu seus quadris nos meus

e eu tive de ranger os dentes para conter um gemido. Dançar com ela era incrível, mas de vez em

quando ela dançava de um jeito que eu não esperava. Nossos quadris estavam tão unidos que a

fricção dos movimentos dela me fazia ver estrelas.

Eu lhe dei um empurrãozinho e, sem hesitar e sem nenhuma timidez, Max jogou a cabeça e o

corpo para trás. Eu a segurei com um braço na cintura dela. Com o corpo jogado para trás, tive uma

visão mais clara da barriguinha dela, do sutiã preto sob a camiseta branca e a coluna delicada de seu

pescoço. Não resisti e a toquei, passando minha mão ao redor do pescoço dela. Aninhei o pescoço na

minha mão e a usei para trazê-la de volta para mim. Max colocou as duas mãos no meu pescoço,

apertando seu peito com força contra o meu. Simplifiquei nossos movimentos, porque ter meu corpo

junto ao dela era muito melhor do que qualquer passo que teria nos separado. Eu sentia o suor se acumulando na minha pele e brilhando na pele dela também.

Mantive uma das  
mãos ao redor do pescoço de Max e a outra no vão entre o quadril e as costelas.  
Suspirei, querendo  
que o tempo parasse, querendo que estivéssemos em outro lugar. O rosto dela estava  
no mesmo nível  
do meu pescoço e ela apoiava a testa no meu queixo. A respiração dela no meu  
pescoço era uma  
deliciosa tortura.  
Pensei rapidamente que era uma decisão nada sábia, mas não consegui me importar  
com isso.  
Desde a primeira vez que a vi com Mace, soube que eles não significavam nada um  
para o outro. Não  
havia gravidade entre eles, não como havia entre nós dois. Por mais que tentássemos  
nos manter  
longe um do outro, sempre acabávamos nessa situação.  
Pensei que exercia aquele tipo de atração com Bliss, mas agora via como estava  
enganado.  
Teríamos sido perfeitos juntos, outro passo na minha busca pela vida "certa". Era  
por aquilo que eu  
estava apaixonado... não pela minha amiga. Bliss era exatamente o que eu achava  
que queria. Uma  
amizade que virou algo mais. Amorosa e afetuosa. Doce e segura.  
Max me matava de medo.  
E era tão melhor...  
Eu finalmente podia dizer que o passado era passado e que o presente era muito  
mais  
interessante. Subi a mão pelo pescoço dela até que minhas mãos se entranhassem em  
seus cabelos.  
Ela me abraçou com mais força e seus lábios resvalaram em meu queixo. Fiquei  
rígido por um instante, com medo de estar fazendo a escolha errada. Quase como se  
pudesse ouvir meus pensamentos e estivesse tentando silenciá-los, os dentes dela  
arranharam minha pele, seguidos por um beijo firme.  
Se era um erro, foi o melhor que já cometi.

## **Capítulo 26**

### ***Max***

Acompanhei os movimentos dele e entrelacei meus dedos nas mechas na base do  
seu crânio. A  
outra mão dele saiu do meu quadril e pousou nas minhas costas, sob minha  
camiseta. As mãos dele

apertavam minha pele e eu fui levada de volta para a noite em que Cade tratou dos meus ferimentos,

aquela noite em que eu quis tanto fazer isso.

Ele abaixou a cabeça em direção à minha e respirou fundo. — Max.

Havia hesitação em sua voz, e eu percebi no que ele estava pensando. Cade gostava de bancar o

nobre. Ele diria alguma bobagem sobre isso não ser bom para mim ou sobre minha necessidade de

tempo ou sei lá o quê.

Cade estava pensando demais em algo que era muito simples. Então eu simplifiquei as coisas para ele. Fiquei nas pontas dos pés e o beijei.

A resistência dele não devia ser muita, porque Cade retribuiu o beijo imediatamente.

A mão sob a

minha camiseta subiu pelas minhas costas até que seus dedos encontraram meu sutiã. Ele usou o

braço para me puxar para cima. Assim nossos quadris ficaram perfeitamente alinhados e eu gemi na

boca dele.

Cade beijava como vivia — perfeitamente. Sua boca vasculhava a minha com fervor e

intensidade, como se precisasse provar cada pedacinho de mim. Ah, como subestimei beijos

carinhosos. Aquele beijo queimava lentamente e eu me contorci toda, prestes a implorar por mais.

Cade deu um beijinho de leve na minha boca e mordeu meu lábio. Ele pressionou a boca contra a

minha e o beijo ganhou força e se transformou em algo voraz e viciante.

Apesar de eu não querer, me separei dele para respirar um pouco. No entanto, os lábios dele se

detiveram no meu pescoço, onde Cade me beijou, mordeu e chupou, me deixando louca. Todas as

sensações do meu corpo estavam concentradas naquela área onde nossos corpos se misturavam, tanto

que o restante do meu corpo parecia fraco e sem vida. Minhas pernas tremiam e, pela segunda vez,

Cade foi a única coisa que me manteve de pé.

Da última vez foi porque eu estava sofrendo.

A única dor que eu sentia agora vinha da ansiedade na minha barriga, que desejava mais. Tirei a



cabeça dele do meu pescoço e pus minha testa contra a sua.

Eu me perguntava se meus olhos estavam tão dilatados quanto os dele. Havia uma boa chance de

ele dizer não, mas eu já tinha passado do ponto de me importar com a rejeição. — Você disse que mora perto daqui?

Preparei-me para uma discussão. Achei que ele fosse me arrasar, mas os olhos dele estudaram

minha expressão por alguns segundos, o que foi tempo demais para o meu gosto. Então ele fez que sim com a cabeça e meu útero deu cambalhotas.

Beijei-o novamente porque eu podia. Pretendia que fosse um beijo rápido, mas as mãos dele

envolveram meu rosto e ele me beijou com força. Agarrei-me à camisa dele e rezei para que Cade

morasse extremamente perto.

Quando ele se afastou, sua voz era áspera.

— Não consigo dizer não para você. Perfeito.

— Então não diga.

\*

A porta do apartamento de Cade se fechou atrás de mim e eu me encostei nela. Senti a madeira

fria nas minhas costas e estremeci. Meu coração batia enlouquecidamente no peito.

Senti como se

meu sangue tivesse sido substituído por Red Bull. Cade se aproximou de mim e eu me senti febril.

Vasculhei seus olhos e senti um frio na barriga como se estivesse caindo. Não fiquei tão nervosa assim na minha primeira vez. *Nunca fiquei tão nervosa assim.*

Ele fixou os olhos em mim e o desejo venceu meus temores. O olhar dele fez minha pele zunir,

tamanha a eletricidade. Não era só o fato de ele fazer com que eu me sentisse atraente. Qualquer cara

na rua com olhares demorados ou uma boa assoviada faria isso. Ele fazia com que eu me sentisse...

especial, o que soava tão brega que eu achei que fosse engasgar. Mas era verdade.

Eu aprendia mais

sobre mim mesma ao ver como ele me olhava. Cade acabava com as dúvidas, medos e raivas. Ele

fazia com que eu me sentisse como a melodia, e não o acompanhamento.

— Tem certeza? — perguntou ele.

Eu não estava suportando a expressão dele. Era cheia de desejo, mas não estava

claro se Cade

queria que eu dissesse sim ou não. Eu não via problema em esclarecer um pouco a situação. Em vez

de responder com palavras, abaixei a mão e tirei minha camiseta.

Seus olhos seguiram minha camiseta até o chão. Então ele se demorou me admirando dos pés à

cabeça. Ele se aproximou de mim e eu pus minhas costas contra a porta, na necessidade de apoio.

Todo o meu corpo ficou tenso de ansiedade, mas Cade manteve uns trinta centímetros entre nós dois.

Ele segurou a alcinha do meu sutiã e eu senti os nós dos dedos dele na minha pele.

O ar nos meus

pulmões começou a queimar. Cade começou a tirar a alça pelo meu ombro e depois pareceu mudar

de ideia. Seus olhos se fixaram nos meus e ele abriu um meio sorriso. Então, disse: — Tire.

Perdi o fôlego. Estava tão excitada que meus dedos adormeceram. Cade colocou um braço na

porta ao meu lado; quando pus a mão para trás, meu peito resvalou de leve no dele.

Continuei com a

cabeça inclinada para trás para ver o rosto dele. Cade estava tão perto, mas tão longe, e, quanto mais

ele permanecia ali, mais irregular minha respiração ficava. Tive dificuldade para abrir o fecho,

incapaz de obrigar meus dedos a cooperar. Estava prestes a arrancar o sutiã à força quando o fecho

finalmente se abriu e as alças deslizaram dos meus ombros. Encostei-me na porta e deixei o sutiã cair

no chão com minha camiseta. A porta atrás de mim era fria contra minha pele superaquecida, e os

bicos dos meus seios ficaram duros.

Seu dedo indicador direito tocou a pele acima do meu umbigo, e meus músculos ficaram tensos

por instinto. Ele encontrou uma das raízes da minha tatuagem de árvore, e seu toque leve a

acompanhou até se encontrar com outra linha. Cade seguiu aquela linha até meu quadril e depois

voltou a subir pelo meu peito. Ele se demorou tracejando cada linha, e o toque dele era tão suave que

minha pele se eriçou toda. Ele dançou sobre a pele sensível nas minhas costelas e eu prendi a respiração.

Como reação, ele emitiu um som baixo com a garganta, e eu afundaria num poço de nervos expostos e excitação se ele continuasse daquele jeito. Finalmente sua atenção se voltou para o tronco da árvore, que crescia no vale entre meus seios. Arqueei as costas, ansiosa para que ele me tocasse com mais firmeza. Ele usou dois dedos para me empurrar e me apertar contra a parede.

— Paciência, Menina Furiosa.

Eu gemi e ele sorriu.

— Você não tem ideia do quanto pensei nesta tatuagem. Quero memorizá-la para, sempre que eu fechar os olhos, poder me lembrar de como ela enfeita o seu corpo.

Por uma fração de segundo, as mãos dele seguraram meus seios e eu gemi. Mas então ele subiu as

mãos até meus ombros e me segurou contra a porta.

Ele deu um beijinho na minha testa franzida e disse:

— Prometo prestar muita atenção a cada parte do seu corpo.

Foi a coisa mais difícil que fiz na minha vida, ficar ali, imóvel e em silêncio, enquanto ele

percorria cada galho da árvore. A árvore se expandia em meu peito, mas sempre terminava a poucos

centímetros de onde eu realmente queria que ele tocasse. Eu quis segurar as mãos dele e colocá-las

em mim, mas gostava muito de tê-lo no controle.

Quando Cade terminou, minha pele estava vermelha e minha respiração, pesada.

Meus joelhos

hesitavam e minhas mãos se seguraram na porta atrás de mim.

Nossos olhares se encontraram; as pálpebras dele estavam pesadas e suas pupilas, escuras. Senti

me embriagada. Tudo no mundo era um borrão, exceto Cade. Tudo no mundo desaparecera, exceto

Cade.

— Linda — sussurrou ele.

Um "por favor" saiu da minha boca e ele me recompensou me puxando até que meu peito se

encontrasse com o dele. Era bom, mas Cade ainda estava completamente vestido, então não era o bastante. Coloquei meus dedos ansiosos na parte de baixo da camisa dele e ele a tirou por sobre a cabeça para mim.

Cade se encostou em mim, uma das mãos apoiada na parede do outro lado. Aquilo me lembrou da noite em que nos beijamos do lado de fora do Trestle, mas a visão era muito melhor agora. Seu peito era largo e bronzeado e exibia fileiras de músculos no abdômen. Contudo, minhas mãos procuraram diretamente os músculos em V que começavam pouco acima do quadril e desapareciam na sua calça jeans.

Mace estava em forma, mas era mais magro.

Cade era... Meu Deus, ele deveria simplesmente parar de usar roupa. Eu apoiaria isso. Um tanto

quanto impaciente, coloquei um dedo dentro da cintura da calça jeans e o puxei para a frente. O

primeiro toque na pele dele foi como um relâmpago. Eu sentia a energia entre nós aumentando.

Depois disso, a lentidão se tornou coisa do passado.

Sua boca desceu até a minha. Sua mão abandonou a porta para se misturar aos meus cabelos e

minhas costas bateram na parede com um estrondo. Não havia nada de doce ou delicado naquele

beijo. O cara que tracejara as linhas na minha pele fora substituído por alguém faminto e

desesperado. Suas mãos me mantinham no lugar e seus lábios conquistavam os meus. Entreguei-me e

o abracei.

Cade soltou meus cabelos e eu reclamei, mas as mãos dele encontraram minhas coxas. Ele

flexionou os joelhos e fechou a mão na parte de trás das minhas pernas. Cade me levantou e pôs

minhas pernas ao redor da sua cintura. Prendi as pernas e braços ao redor do seu corpo, e dava para

sentir toda a extensão dele contra o meu centro. Perdi o fôlego e Cade pressionou seus quadris contra

os meus. Minhas costas bateram na porta novamente e eu me senti agradavelmente presa. A língua dele lambia meus ombros e eu o puxei pelos cabelos. Cade me segurou pelo bumbum e manteve nossos quadris unidos com força. Sua boca desceu para meu peito, mas ele era alto demais para chegar até onde nós dois queríamos que ele estivesse. Havia uma mesinha de canto à direita, e Cade me virou e me deitou sobre ela. Depois se abaixou e pegou o bico do meu seio com a boca. Soltei um gritinho e ergui meu corpo contra o dele. Suas mãos correram para as minhas costas e me seguraram ali, meu corpo arqueado em direção à boca dele. Cade passou a língua pelo biquinho e depois lambeu um galho da minha árvore até o outro lado. A tensão na minha barriga era tanta que eu senti que ia desmaiar. Usei minhas pernas na cintura dele para puxá-lo para perto e implorei. — Por favor. — Cade me ignorou e continuou dando beijos no meu peito. Eu o forcei a olhar para mim: — Achei que você não conseguia me dizer não. Ele se abaixou, deu um beijo na minha barriga e falou: — Não acabei de explorar esta parte do seu corpo. Segurei-o pelo pescoço e o puxei para cima a fim de que seu peito ficasse alinhado com o meu. — Explore esta parte mais tarde. O sorriso dele era insuportavelmente sensual. — Gosto da ideia, mas também gosto de ouvi-la implorar. Puxei seu rosto para perto e cobri sua boca com a minha. Entre beijos, sussurrei contra seus lábios: — Gosto quando você é um pouco menos bonzinho. Ele me tirou da mesa e se colocou de pé no meio da sala, eu com minhas pernas ao redor da cintura dele. Pela primeira vez pude vê-lo de cima para baixo. Tirei uns cachos de cabelo de sua testa e o encarei. Ele era bonito de um jeito com que eu não estava acostumada. Já estive com muitos caras

atraentes, mas Cade era diferente. Ele era lindo como um astro de cinema. Intocável. Como que para sufocar esse pensamento, levei meus dedos aos lábios dele. Cade era meu, pelo menos naquela noite, e eu tinha certeza absoluta de que iria adorar.

— Quero você — murmurei. — Quantas vezes você vai me obrigar a pedir por favor?

Ele se virou e começou a avançar para a porta que eu esperava que levasse até o quarto.

— Acho que desta vez deu certo.

## **Capítulo 27**

### ***Cade***

Ela estava tão linda largada na cama. Eu não estava nem perto de me satisfazer em beijá-la, mas

estava tão impaciente quanto ela. Max tirou as pernas da minha cintura e eu me ajoelhei na cama

entre suas pernas. Pus a mão no botão do shortinho dela e o tirei juntamente com a meia-calça. Os

quadris dela eram perfeitos. Suas pernas eram perfeitas. E a calcinha preta que combinava com o

sutiã era insuportavelmente perfeita também.

Algo malicioso brilhou em seus olhos, e Max me empurrou pela barriga até que eu saísse da

cama. Então ela se ajoelhou a meus pés e abriu minha calça jeans. Todo o sangue que restava no meu

corpo correu para o sul. Fechei as mãos ao lado do meu corpo para permanecer no controle, mas,

quando minha calça e a cueca caíram no chão, perdi a batalha. A boca de Max era o paraíso e o

inferno ao mesmo tempo, e os controladores viravam tão rápido que minha cabeça girava.

— Meu Deus, Max.

Gemi e entrelacei meus dedos nos cachos vermelhos dos seus cabelos. Eu não conseguia decidir

o que queria mais. Parte de mim queria se demorar, enquanto outra parte queria deixar a paciência

para trás. Haveria tempo para tudo isso mais tarde.

Foi uma tortura afastá-la, mas eu simplesmente não podia esperar mais. Puxei-a para cima a fim

de que ela ficasse de pé diante de mim e desci sua calcinha. Ela era tão linda que foi difícil respirar.

Max se sentou na cama e se recostou nos travesseiros. Eu quis segui-la, mas me obriguei a parar e

pegar uma camisinha na mesa de cabeceira. Depois me aproximei dela até que meu corpo pairasse

sobre o seu. Hesitei, sabendo que nossos corpos unidos seriam algo poderoso. Os olhos de Max

estavam fechados de ansiedade e ela mordia o lábio inferior, inchado pelos beijos.

Pus meus lábios

contra os dela novamente e os chupei antes de entrar no paraíso.

Comecei devagar, principalmente porque estava tentando memorizar como ela se sentia

comigo por perto. Odiava o fato de ela ter ficado com aquele babaca, o Mace.

Odiava o fato de ele

tê-la visto daquele mesmo jeito, mas estava feliz por saber que Max era minha agora. Tirei suas mãos

do meu pescoço e entrelacei nossos dedos. Coloquei as mãos dela voltadas para baixo no colchão ao

mesmo tempo em que pressionei meus quadris contra os dela. Sua boca se abriu num gritinho

silencioso e ela jogou a cabeça para trás. Eu queria ouvi-la, então repeti o gesto com mais força.

Max mordeu o lábio e deixou escapar um gritinho. Sempre que eu entrava nela, sua reação era um

pouco menos inibida. Passei as mãos em suas pernas, dos joelhos às coxas, e na curva do bumbum.

Movi meu quadril para a frente e a puxei para cima ao mesmo tempo. Max se contorceu e arqueou as

costas, gemendo meu nome. Aquele som quase me fez perder o controle, mas me forcei a ir mais

devagar.

— Max.

Seus olhos se arregalaram e ela ficou olhando para mim sob pálpebras semicerradas.

Beijeí sua

testa e depois mexi os quadris novamente. Com os olhos dela fechados, diminuí o ritmo dos

movimentos mais uma vez.

— Olhe para mim, Max.

Ela soltou um gritinho, mas fez o que eu pedi. O movimento seguinte turvou minha visão, e, apesar de o corpo dela se contorcer sob o meu e de ela tentar livrar suas mãos, Max manteve os olhos bem abertos.

Havia tanto prazer e tanto desejo, tanta beleza debaixo de mim. Havia tanto de tudo. O mundo pareceu se expandir para acomodar a força do instante. Alguma coisa mudara entre nós dois — algo pequeno e inefável, mas deixamos de ser o que éramos antes e nos transformamos em algo novo.

Percebi nos olhos dela o mesmo maravilhamento que eu sentia no meu peito. Então vi o medo chegando perto.

Eu a vi se fechar e soube que precisava fazer algo. Eu a segurei pelos quadris e a virei para que

Max ficasse por cima, para que ela assumisse o controle.

Ela estava com os olhos fechados e, quando os abriu, aquele instante de medo havia desaparecido. Max sorriu e pôs as mãos abertas na minha barriga. Ela mexia os quadris sobre os meus e respirava fundo.

— Tive um sonho com você nesta posição uma vez. Droga.

Foi a minha vez de gemer, e a ideia de ela sonhar comigo era tão sensual que tive de segurá-la

pelos quadris e imobilizá-los para me controlar. Max se abaixou e me beijou. O peso dos seus seios

contra meu peito nu não ajudou em nada, mas foi bom afastá-la novamente. Depois de um minuto, eu a

soltei e a deixei se mover novamente. Max se sentou e ergueu os braços sobre a cabeça para segurar os cabelos.

A visão dela daquele jeito era a coisa mais erótica que eu já tinha visto, e achei que me lembraria

daquilo para sempre. Ficou mais difícil me segurar. Desci as mãos para o ponto onde nossos corpos

se encontravam para ajudá-la, e Max bateu com seus quadris nos meus com mais força.

Se eu fosse um artista, iria pintá-la exatamente daquele jeito. Max me fazia lembrar os espíritos e

as ninfas que habitavam as peças de Shakespeare. Ela era ousada, livre e



incrivelmente linda. A  
única vez que a vi assim tão vibrante foi quando ela estava no palco.  
Suas pernas me apertaram e Max pôs as mãos novamente no meu peito. Suas unhas  
arranharam  
minha barriga e eu me levantei de encontro a ela. Ela jogou a cabeça para trás e eu a  
segurei com  
força. Então Max gemeu e meu mundo se banhou em cor e calor e...  
Os olhos dela encontraram os meus com um brilho negro e vítreo. Sentei-me e a  
abracei. O corpo  
dela se contorceu todo e eu coloquei minha testa contra a dela, cedendo à vontade.  
Não sei quanto tempo ficamos ali, abraçados um ao outro, as testas juntas, os  
olhares fixos. Pode  
ter sido minutos ou anos. Só sei que eu não queria me mover. Nossos corpos  
combinavam  
perfeitamente, como chave e fechadura. Eu a beijei lenta e afetuosamente. Não  
queria me esquecer da  
sensação da pele dela ou da curva dos seus lábios ou do cheiro dos seus cabelos.  
Por enquanto,  
porém, eu me contentaria em ficar deitado com ela nos meus braços.

## **Capítulo 28**

**Max** Eu estava relaxada, dormente e feliz. Até que passou.  
Até que o brilho se apagou e eu me vi atormentada por todos os pensamentos que  
havia me  
preocupado antes. Cade me abraçava com força e seus braços me transmitiam  
segurança, conforto e  
prisão, tudo ao mesmo tempo.  
Sexo nunca foi assim para mim. Sempre foi uma questão de corpos, sensações e  
simplicidade.  
Sexo com Cade era confuso. Era somar um mais um e obter um resultado diferente  
de dois. Era mais  
do que deveria ter sido, e tirou meu mundo do eixo.  
Cade se levantou para ir ao banheiro e eu vesti a calcinha, saindo para a sala a fim  
de pegar minha camiseta. O apartamento dele era o oposto do meu. Ele tinha fotos  
de amigos e da família nas  
paredes e estantes. As estantes tinham ainda livros, junto com enfeites e lembranças  
que  
aparentemente eram importantes, já que Cade os trouxe para a Pensilvânia consigo.  
O apartamento  
parecia um lar. Era gostoso e confortável como ele.

Senti um aperto no peito e tratei de me livrar dele. Nas pontas dos pés, fui até o quarto de Cade e meus nervos começaram a se agitar. Fiquei olhando para os lençóis desarrumados da cama e simplesmente não consegui voltar a me deitar. Cade era maravilhoso. Insuportavelmente maravilhoso. Aquela noite foi um dos momentos mais intensos da minha vida. E esse era o problema.

Nós nos conhecíamos há dez dias. Consultei o relógio, que marcava três da manhã. Eram então onze dias, mas assim mesmo... onze dias. Ali ele me olhava de um jeito que nenhum outro homem jamais me olhara. Eu não sabia expressar em palavras o que aquele olhar fazia comigo.

Ele me desmontou completamente.

Era um olhar tão honesto e puro que fez com que toda a minha vida parecesse falsa e insignificante. Tudo estava mudando rápido demais. Mesmo agora, ao pensar nisso, parecia que algo dentro de mim estava se desintegrando tão rápido que eu não conseguia aguentar. Dei um pulo quando Cade me abraçou pela cintura. Seu peito de encontro às minhas costas, ele deu uns beijinhos no meu pescoço. O toque dele quase conseguiu aniquilar minhas preocupações, mas por fim elas permaneceram ali, ocultando-se na minha garganta, dificultando minha respiração. Ainda assim meu corpo se sentia à vontade com o dele. Deixei-me envolver por seu abraço.

Seus lábios pairaram perto do meu ouvido e Cade sussurrou:

— Eu já disse que você é linda? Engoli em seco. — Não nos últimos minutos.

— Hummm... — A barba por fazer em seu queixo arranhou a pele sensível do meu pescoço e Cade disse:

— Desde que você nunca se esqueça...

Ele era bom demais para mim. Isso estava mais do que claro. Ele era gentil, cuidadoso e generoso em todos os sentidos. Cade nunca perdia uma oportunidade de me tranquilizar ou me elogiar ou me tocar. Eu não estava acostumada com esse tipo de afeto. Eu me

protegia disso em todos os outros aspectos da minha vida, mas, vindo dele, eu absorvia como chuva no deserto.

Eu estava cansada de pensar, então me virei e me abandonei em seu abraço. Ele ainda estava sem camisa, mas vestira a calça de um pijama de cintura baixa. Encostei meu rosto em seu peito e fiquei olhando para baixo. Ao ver seus pés descalços, senti um peso no coração e um nó na garganta. A intimidade daquele abraço me fez entrar em pânico, mas, ao mesmo tempo, a ideia de me soltar era sofrida.

Cade me deitou na cama e nos cobriu. Fiquei concentrada em respirar normalmente enquanto ele cingia um braço em minha cintura. Ele passou por cima de mim para desligar o abajur na mesinha de cabeceira.

No escuro, Cade me deu um beijinho na nuca e eu estremeci. Tive vontade de chorar.

Eu só... Aquilo não era a minha vida. Coisas como aquela não aconteciam comigo e, se

aconteciam, nunca duravam. Meninas como eu não ficavam com caras como Cade. Talvez levasse uma semana, talvez menos, mas eu certamente estragaria tudo. Era o que eu

sempre fazia. Além de destruir tudo, eu só era boa cantando e, com meu comportamento naquele dia,

estava começando a perceber que corria o perigo de destruir isso também. Mais do que tudo, eu não confiava em mim mesma. Com Mace, eu estivera obcecada por ele algumas semanas atrás. Eu gostava dele o suficiente para inventar esse plano complicado só para

impedir que meus pais o assustassem. E então, bum!, acordei e não dava mais a mínima para nosso relacionamento.

Era assim que eu funcionava. Ou melhor... que eu não funcionava.

Eu não podia fazer aquilo com Cade. E se ficássemos juntos e eu acordasse um dia e quisesse ir

embora? Eu gostava mais dele do que de mim mesma, então provavelmente acabaria sacrificando

minha felicidade para não magoá-lo. Seria como todos aqueles anos que passei

fingindo ser Alex  
para deixar meus pais felizes. Só que, em vez dos cachos loiros e do uniforme de animadora de torcida, isso provavelmente significaria filhos e uma minivan.  
Eu talvez não fosse a pessoa mais sábia do mundo, mas me conhecia muito bem para saber que,  
se me permitisse me importar demais com ele, eu sabotaria minha vida para alegrá-lo.  
Ou sabotaria tudo só porque eu podia.  
Ou talvez eu não tivesse que sabotar. Cade estava obviamente superando a tal da Bliss. Ora, ela...  
Ela combinava com ele de um jeito que eu jamais combinaria. E se estar comigo fosse apenas uma  
fase, uma compensação pelas coisas que não deram certo com a Bliss?  
Quanto tempo ele levaria para perceber que eu não era o que ele queria? E quanto eu sofreria  
quando isso acontecesse?  
Senti um enjoo subir do meu estômago até minha alma.  
Esperei até que a respiração de Cade se normalizasse e eu tivesse certeza de que ele estava  
dormindo. Então me soltei do abraço e vesti meu shortinho. Só queria um pouco de espaço para  
pensar, para respirar. No entanto, assim que me livre do toque dele, meu coração começou a bater  
mais forte, cantando um corra, corra, corra a cada batimento. Olhei para Cade, para os traços  
rígidos do seu corpo, a expressão relaxada no rosto, e simplesmente fiz o que fiz.  
Peguei meus sapatos e minha bolsa e abri a porta sem fazer barulho. Eram quase quatro da manhã.  
Eu não podia voltar caminhando sozinha para casa, mas também não podia ficar ali.  
Estava prestes a  
entrar em colapso.  
Então liguei para Spencer. Ele morava na região nordeste da Filadélfia e tinha uma van. Apesar  
da hora, ele atendeu no segundo toque. Soltei um suspiro de alívio ao ouvir a voz dele e as lágrimas  
feriram meus olhos.  
Merda.  
— Spencer, desculpe, você pode vir me pegar?  
A voz dele estava grogue, mas ele não hesitou em dizer: — Sim. Sim, claro. Onde

você está?

Eu lhe dei o endereço e ele me disse que chegaria em dez minutos. Encerrei a ligação e apertei o telefone contra o peito.

Sabia que era horrível o que eu estava fazendo, mas, se eu estivesse evitando uma tragédia maior, era mesmo tão horrível assim?

Eu precisava ouvir minha intuição. Cade merecia alguém melhor. E eu não podia lhe dar o que ele precisava. Ele precisava de uma menina que se comprometesse a tratá-lo com o mesmo carinho e entrega. Não era eu. Eu estava arrasada e ferida. Não podia me entregar por inteiro porque eu nem mesmo tinha isso. Havia uma parte de mim ainda naquela estrada, uma parte de mim enterrada com a minha irmã. Deixei cacos de mim mesma por toda a cidade, e Cade não merecia ter de limpar a sujeira.

Além do mais, ele não iria querer... Não quando o desejo perdesse força e ele desse uma boa olhada na menina que conquistara. Então ele veria quem eu realmente sou... perigosa. E não iria querer mais nada comigo.

Sentei-me no alto da escada no fim do corredor do prédio de Cade. Cruzei os braços. Os músculos do meu corpo estavam tensos, novamente tentando me conter à força. Lembrei-me de como os braços dele me envolveram naquela noite e daquela vez no Dia de Ação de Graças, quando foi ele quem me conteve.

E então perdi o controle. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu prendi o fôlego, como se isso fosse contê-las. Tremi e pus o rosto entre os joelhos. Pela primeira vez em nove anos, pela primeira vez desde Alex, não consegui reprimir as lágrimas. Não consegui controlá-las. Chorei. Solucei. As emoções vertiam do meu peito, levando consigo pedaços de mim.

Eram quatro da manhã. Se eu não podia chorar naquele momento, então quando? Assim, deixei a culpa tomar conta de mim e disse adeus a algo belo, assustador e

delicado que tive em minha alma durante umas poucas horas. Disse adeus a algo que nunca deveria ter sido meu.

Uma porta se abriu no andar de baixo e risadas subiram as escadas. Tentei enxugar os olhos, mas

era tarde demais. O amigo de Cade, Milo, e uma menina linda estavam na base da escada, olhando

para mim. Escondi o rosto e me aproximei da parede para que eles não entendessem o que acontecia.

A menina passou por mim em silêncio, mas Milo se sentou ao meu lado. Fiquei séria e tentei me concentrar na minha respiração. — Você é a Max, não é?

Achei que não conseguiria falar sem chorar, então apenas assenti com a cabeça. Seus olhos analisaram minha aparência, e eu percebi que devia parecer arrasada. Ele suspirou. — Você pelo menos deixou um bilhete? Olhei para ele, surpresa.

— Que foi? Você está aqui às quatro da manhã, chorando, com os cabelos despenteados pelo

sexo. Não é preciso muito para entender a situação. Só estou perguntando se você lhe disse por quê.

Meu Deus, não achei que pudesse me sentir mais baixa do que já me sentia. Errado.

Meu telefone vibrou. Spencer.

Eu sabia que era horrível, mas não ia mudar de ideia. Olhei para Milo e fiz que não. — Diga a ele que eu sinto muito.

Então corri, deixando para trás a melhor coisa que podia ter me acontecido. \*

Fiquei na cama no dia seguinte até o sol se pôr. Ele não ligou.

Não que eu quisesse que ele me ligasse, mas pensei que... Não sei no que pensei. Ele deixava as pessoas partirem. Foi o que ele me disse. Ele não lutou pela última namorada e

não lutou por mim. Sendo sincera, uma partezinha assustada de mim contava com aquilo. Se ele

viesses atrás acho que eu não conseguiria dizer "não". E assim era melhor. Eu tinha de acreditar

naquilo, senão jamais conseguiria sair da cama novamente. Eu estava nos poupando.

Então me mantive ocupada, passando o tempo da melhor forma possível. Eu não havia dito nada para a mamãe e o papai sobre meu "rompimento" com Cade. Não importava. Quando superei a depressão a ponto de ligar para a mamãe, eles já haviam marcado nosso

voo.

Eu lhes diria alguma coisa quando chegasse lá — Cade estava doente ou houve uma emergência

familiar ou algo assim. Droga, talvez eu apenas lhes contasse a verdade. Qual era a importância disso mesmo?

Eu não tinha muito tempo antes de voltar para Oklahoma, e tudo isso desabou sobre minha

cabeça. O importante era ensaiar ao máximo antes da viagem, principalmente agora, quando tínhamos

de encontrar um novo baterista para substituir Mace.

A música era tudo o que importava agora. A única coisa que importava.

## **Capítulo 29**

### ***Cade***

A cama estava fria quando me virei, e já me senti afundando. Eu não sabia se havia sido o

silêncio de Max ao irmos dormir ou a forma como ela se apegou a mim naquele abraço, mas

simplesmente sabia que havia algo errado. Apesar de estar deitada ao meu lado, ela parecia a

quilômetros dali. Mesmo assim acordei e fui ver se Max estava no banheiro.

Vazio.

Tentei a sala e a cozinha.

Vazias.

Chamei-a pelo nome, que apenas ecoou de volta para mim. Vazio.

Era como eu me sentia também. Sentei-me na cama, entorpecido, mas não exatamente surpreso.

Eu deveria ter ouvido o que o meu cérebro me dizia o tempo todo. Era óbvio que eu e Max vínhamos

de mundos diferentes. Fui ingênuo ao pensar que ela poderia ser feliz com alguém como eu. E fui

ingênuo ao pensar que havia sido apenas uma atração física. Era tão mais do que isso. Eu só sabia

que estava muito cansado de ter meu coração destroçado num liquidificador. Por fim, o vazio foi substituído pela raiva; eu tirei os lençóis da cama e os joguei no chão. Os

lençóis ainda tinham o cheiro dela, e eu me recusava a deixar que Max habitasse minha vida como

aconteceu com Bliss. Se ela não me queria, tudo bem. Eu provavelmente estava me esquivando de um

tiro mesmo.

Permaneci calmo ao desfazer a cama. Peguei o cesto de roupa suja e o esvaziei para dar lugar aos

lençóis. Consultei o relógio.

7h21.

Não era cedo demais para ir à lavanderia.

Quanto mais cedo Max estivesse fora da minha vida, melhor. Eu tinha de seguir em frente. Um pé na frente do outro.

Mas onde é que estava o maldito sabão líquido?

Não estava no banheiro, onde eu normalmente o guardava.

Procurei na cozinha e no armário, e durante todo o tempo os músculos do meu pescoço e costas

foram se tornando mais tensos até ficarem duros como pedra.

Procurei no meu quarto, mas, em vez de encontrar o sabão em pó, encontrei a meia calça preta de Max.

Fiquei olhando para ela enquanto perdia o controle. Quis jogá-la no lixo. Quis devolvê-la. Quis

guardá-la. Eu era uma confusão de querer sem importância alguma, porque ela não me queria.

Peguei o abajur na mesinha de cabeceira e o joguei contra a parede. Fiquei vendo-o se quebrar e

desejei ter a satisfação de me estilhaçar daquele jeito. Doía mais quando não se podia ver ou tocar

aquela parte de você que está em pedaços.

A raiva só me fez sentir pior. Ela deu lugar à culpa, e, depois de alguns dias, fiquei me sentindo

ainda mais vazio do que antes.

Durante a semana seguinte não fiquei muito tempo em casa. Não consegui. Sempre que tocava

minha porta, colocava algo sobre a mesa ou dormia na minha cama, eu a via. Ainda sentia o cheiro

dela no meu travesseiro, mesmo depois de lavar a roupa de cama. Ou talvez a lembrança dela

estivesse tão gravada na minha mente que eu achava que conseguia sentir o cheiro dela. Eu a via ao

tentar dormir à noite. Então evitei ao máximo ficar em casa. Uma noite com Max havia contaminado

meu apartamento.

Passei mais horas na biblioteca, permanecendo lá depois das aulas e me voluntariando para



ajudar com coisas aleatórias no departamento de artes cênicas.

*Você precisa de alguém para organizar o almoxarifado que não é aberto há anos? Claro!*

*Você precisa de alguém para produzir o cenário? Com prazer!*

Meu objetivo era ser o melhor em cada tarefa, em todas as aulas. Ser perfeito. E foi assim que

passei voando pelos exames. Tinha apenas de preencher meus pensamentos para que não houvesse

espaço para Max. Pelo menos esse era o plano, porém Max era forte demais e tendia a vencer as

outras coisas, por mais que eu tentasse. E, quando as aulas terminaram para as festas de fim de ano,

não havia mais nada para manter minha mente ocupada.

Perto do fim da semana, voltei para casa e encontrei Milo sentado no meu sofá, com um saco de

batata frita nas mãos. Eu não havia contado a Milo o que acontecera porque não queria reviver aquilo.

— Sabe... Eu lhe dei a chave extra para emergências, não para você entrar aqui e roubar minha comida — falei.

Ele engoliu todas as batatas que tinha na boca e disse:

— Onde você esteve a semana toda, Winston?

Joguei minha mochila numa cadeira e tirei o casaco. Se ele pretendia tentar me levar a um bar ou

casa noturna, eu não estava a fim. Fui à cozinha e respondi, sem me importar: — Por aí.

Ele se levantou, mas não me seguiu até a cozinha.

— Você está bem?

Abri o armário e peguei um copo.

— Sim, por que a pergunta?

— Eu a vi, Cade.

Meu corpo todo ficou tenso e eu quase deixei cair o copo que tirei do armário. Respirei fundo e

abri a geladeira para pegar a garrafa de água.

Deixei que a porta da geladeira bloqueasse minha expressão e perguntei: — Ela?

— Pare de me enrolar, *hermano*. Seja sincero comigo. Minha mão tremia ao me servir de água.

— O quê? Fizemos sexo. Ela foi embora. Não é nada de mais.

— Nada de mais? Vou chamar isso de bobagem tantas vezes que a palavra bobagem

perderá o

sentido.

Suspirei.

— O que você quer que eu diga?

Bebi um gole e coloquei o copo na bancada. Ele deu de ombros.

— Bem, você podia começar me dizendo como foi.

Fiquei furioso e estava no meio da sala antes de ele dizer:

— Uau, cara! Brincadeira! — Meus ouvidos ainda zumbiam e Milo estava no futon com um braço

esticado entre nós dois. — Acho que provei que isso foi, sim, algo de mais. Exalei lentamente e esfreguei o rosto com a mão.

— Quer que eu diga que estou arrasado? Tudo bem. Estou arrasado. Você vai me obrigar a tomar

mais algumas daquelas doses idiotas? Porque não vai funcionar. Então desista.

Milo assoviou.

— Já é hora de você sentir raiva.

— E estou ficando com mais raiva a cada segundo que se passa. — Você foi atrás dela? — perguntou.

Respirei fundo e soltei o ar, mas isso só me fez pensar em Max.

— Não, não fui atrás dela. Qual o sentido?

— O sentido é fazê-la ver a besteira que fez, como eu estou fazendo com você. Fiz que não com a cabeça.

— Acho que a fuga dela foi um sinal bem claro de como ela se sente.

Max sabia que eu não iria atrás dela. Ela sabia que eu não perseguia as pessoas. E foi embora

mesmo assim. Aquilo era um sinal claro de que tudo estava acabado, pelo que eu entendia.

Aquela conversa estava encerrada para mim. Voltei à cozinha e tomei um gole demorado de água.

— Ela estava chorando, Cade. O tempo se esstraçalhou. — Ela o quê?

Milo ficou na porta da cozinha, a expressão séria. Eu não podia tê-lo ouvido certo.

— Por isso é que eu estou aqui — disse ele. — Tenho tentado falar com você a semana inteira.

Voltei para casa quando ela estava indo embora naquela noite. A menina estava confusa, sentada na

escada, esperando uma carona. Parecia que ela estava chorando havia um tempo.

Algo se revirou no meu peito; agora eu queria encontrá-la e consolá-la, mesmo que fosse eu o problema.

— Ela disse algo para você?

— Só pediu para eu lhe dizer que sentia muito. Afundei no futon e escondi o rosto com as mãos.

— Só estou dizendo que... — continuou Milo. — O que quer que vocês dois tenham, é importante. Meninas como ela não choram por qualquer coisa. Doeu perceber minhas esperanças crescendo, e elas nem haviam sido destruídas ainda. O impacto com certeza seria pior.

Se eu lutasse por ela e perdesse... Eu simplesmente...

Eu não podia. Max não pôde ficar e eu não podia ir atrás dela. Estávamos os dois presos ao nosso passado. E, pela primeira vez... Eu precisava pensar em mim primeiro. — Você está exagerando. Não estou dizendo que você precise correr riscos, tatuar o nome dela na bunda ou escrever "eu te amo" no céu. Só converse com ela. Permita-se sentir. Se você jamais a vir novamente, vai sempre se perguntar o que poderia ter acontecido.

Se eu tivesse pensado melhor em algumas coisas relacionadas a Max, talvez não estivesse naquela situação. Além do mais... chorar não significava que ela sentisse algo por mim. Podia ser apenas culpa. Se ela realmente estivesse triste, teria voltado. Ela teria ligado. Max teria feito alguma coisa.

— Tenho que ir, Milo. Estou trabalhando no projeto com as crianças hoje. O voluntariado era o antídoto perfeito para o meu estado. A maioria daquelas crianças estava numa situação muito pior do que a minha. Uma tarde com elas faria com que eu me livrasse de toda a autopiedade que sentia. Aquelas crianças viviam uma realidade dura, e já era hora de eu acordar e perceber que vivia uma realidade dura também. Esperar pelo impossível com Max só me confundiria ainda mais. — Você está sendo estúpido, hermano.

Não. Eu achava que era a coisa mais inteligente que estava fazendo em muitos anos.

## **Capítulo 30**

### ***Max***

Era uma péssima ideia, mas de alguma forma eu consegui ignorar todos os meus

problemas antes  
de estar diante da porta dele. Eu tinha um motivo totalmente legítimo para estar ali.  
Meus pais já  
havam comprado as passagens de avião, então Cade podia muito bem ficar com a  
sua passagem. Ou  
talvez eu quisesse tanto vê-lo que já não me importava mais se isso fosse errado.  
Ele tinha de estar furioso. Eu fora embora sem deixar um bilhete. Eu não ligara. Eu  
não lidava  
bem com discussões — confusas demais. Discutir era para pessoas que se  
importavam, e eu me  
convenci a não me importar jamais.  
Então por que eu estava preocupada com a possibilidade de ele não estar com raiva?  
De ele não  
se importar nem um pouco?  
Levantei a mão e, antes que pudesse mudar de ideia, bati. Meu coração se chocava  
contra minhas  
costelas e minha boca ficou seca.  
Eu ia vê-lo. Se achava que desejava isso, que ansiava antes, a sensação não era nada  
em  
comparação com o nervosismo daquele instante de silêncio. Ele estava em mim, em  
meus  
pensamentos. Eu ainda conseguia vê-lo, sentir o cheiro dele, e senti-lo como se  
aquilo tivesse  
acontecido há poucos segundos, e não há dias. Uma semana.  
Como pude ficar tão louca em apenas uma semana? Perdi toda a direção, todo o  
senso do que  
queria. Minha bússola girava e girava, sem um norte definido.  
Pensar em Cade era a única coisa que me acalmava.  
Se eu pudesse vê-lo, tudo seria mais fácil. Esclarecer tudo. Era disso que eu  
precisava. Se eu  
simplesmente pudesse ver que ele estava bem, pararia de me sentir tão culpada. Eu  
poderia parar  
com a minha obsessão por ter ou não cometido um erro.  
Depois de alguns segundos, bati novamente.  
Nenhuma resposta. Nem mesmo um som do outro lado da porta.  
Ele não estava ali. As emoções entraram em ebulição dentro de mim, e eu não sabia  
mais se me  
sentia arrasada ou aliviada.  
— Ele acabou de sair.

A voz veio de trás de mim e eu me virei tão rápido que perdi o equilíbrio; tive de me segurar na

porta. Era o vizinho, Milo. O mesmo que me viu indo embora há uma semana. Arregalei os olhos, mas não consegui pensar em nada. — Eu só... Eu...

Milo estendeu a mão: — Você não tem que me explicar nada.

Isso era bom, porque eu não tinha explicação. Eu esperava que, milagrosamente, saberia quais

palavras dizer quando visse Cade. Que eu não apenas mostrasse as passagens e saísse correndo.

Droga, eu ainda não sabia direito o que queria com tudo aquilo.

Pigarreei e fixei o olhar na testa dele para não ter de olhá-lo nos olhos. — Ele... Como ele está?

Milo se encostou na porta e cruzou os braços. — Ele está bem. Muito bem, na verdade. — Ah.

Isso era tão ruim. Eu precisava sair dali. Virei-me em direção à escada e Milo se colocou na minha frente.

— Você mesma poderia perguntar a ele. Cade está no centro de recreação do campus, naquele programa voluntário dele.

Eu não podia fazer aquilo.

— Tudo bem. Eu vou me encontrar com ele outra hora. Milo riu.

— Não, não vai. Se você não fizer isso agora, jamais vai fazer. — O que o faz pensar assim?

— Porque estou reconhecendo um espírito semelhante. Você usou tudo o que tinha para vir aqui.

Não vai haver uma segunda vez. Acredite em mim, já passei por isso.

Senti-me pequena sob o olhar dele, e Milo deu uma risadinha para mim. Ele foi tão convencido

ao me analisar que me surpreendi por ele não ter sufocado em tanta arrogância. — Você não sabe do que está falando. Vim aqui só para trazer uma coisa que pertence a ele.

Parecia que Milo não acreditava em mim. Eu mesma não sabia se acreditava em mim.

— Voltarei outra hora.

Virei-me e desci correndo as escadas. Pela segunda vez eu fugia do apartamento de Cade. E,

apesar de não admitir para Milo, sabia que ele tinha razão. Assim, rumei para o norte, para o campus

da Temple. Tinha todo o caminho até lá para conseguir coragem ou mudar de ideia.  
\*

Foi fácil encontrar o centro de recreação, mas encontrar Cade foi outra história. Havia tantas crianças. Centenas delas. De todas as idades e gêneros e nacionalidades. Elas

jogavam xadrez e basquete e aprendiam a dançar. O prédio tremia com os gritos e as risadas. Um

grupo passou por mim gritando loucamente, e eu quase fui derrubada. Fiquei olhando para eles,

sorrindo. Seus passos apressados guiaram meu olhar até Cade.

Um grupo maior de crianças estavam ao redor dele e de uma loira linda. Cade e a menina usavam

camisetas vermelhas com a palavra VOLUNTÁRIO nas costas, e as crianças escutavam com atenção

o que os dois diziam.

Cade estava com o braço esticado diante do peito, puxando-o para trás com o outro braço. A

camiseta que ele usava era justa o bastante para mostrar a curva do peito e dos ombros. Ele estava

em forma, mas nem eu esperava que seu corpo fosse tão lindo quanto era. Só de fechar os olhos eu

podia me lembrar facilmente. Cade acenou e disse:

— Pronto, pessoal. Agora que já alongamos o corpo, precisamos alongar o rosto. As expressões

faciais são muito importantes para um ator. Então vamos fazer cara de leão, cara de limão. Vamos

fingir que provamos o limão mais azedo da história do Universo.

As crianças contorceram os lábios e fizeram caretas. Cade percorria a roda, fazendo caras

engraçadas para elas.

Ele parou diante de um menino de uns sete anos que estava todo concentrado na expressão que fazia.

— Esse limão está muito azedo, Jamal?

O menino pulou num só pé, balançando a cabeça.

— Azedo demais, sr. Cade. Contive uma risada com a mão.

— Certo, agora quero que vocês fiquem com raiva por causa do limão e rujam como um leão.

As crianças desfizeram a careta e expandiram o rosto. Os olhos delas se arregalaram

e seus

pulmões se encheram; era até meio assustador. Filmes de terror são feitos dessas coisas.

Cade, então, começou a gritar "Cara de limão! Cara de leão!" numa sequência rápida, e as

crianças alternavam as expressões com alegria. Depois de algumas rodadas elas pulavam e gritavam fazendo cara de leão e cara de limão.

Cade olhou para sua parceira e riu abafado. A menina olhou para ele de um jeito que parecia

dizer "quero você". Ele se pôs ao lado dela e ela lhe deu uma ombrada.

Parecia que o chão havia cedido sob meus pés.

Milo havia dito que Cade estava bem. Muito bem.

Foi por isso que ele quis que eu viesse até aqui? Meu estômago embrulhou. Olhei para a loira

novamente e fiquei imaginando qual era o nome do Muito bem.

Foi um erro. Aquele era o mundo dele. Todas aquelas risadas e boas ações e raios de sol. Foi

exatamente por causa daquilo que eu fui embora. Minha vida era sombria, deprimente e decadente.

Não sei no que estava pensando quando fui até lá.

Será que eu esperava que nossas vidas simplesmente se cruzassem? Será que eu acreditava

mesmo que nossas diferenças e todo o passado que havíamos acumulado simplesmente

desaparecessem porque... Por quê? Por que eu sentia falta dele?

Ou será que pensei que poderia resgatar nossa amizade como se nada tivesse mudado?

Tudo havia mudado.

Nunca me vi como uma pessoa ingênua, mas acho que há uma primeira vez para tudo. Dei uma

última olhada nele. Seu sorriso era tão lindo que doía. Eu estava prestes a me virar, mas queria

aproveitar por mais alguns instantes. Então os seus olhos encontraram os meus. Ele fechou e abriu os olhos, como se estivesse vendo uma miragem, e seu sorriso desapareceu.

Aquilo era o sinal de que eu precisava. Virei-me ao ouvi-lo dizer: — Amy, você pode assumir o controle?

Corri entre duas fileiras de mesas com crianças jogando xadrez. — Max!

Aumentei a velocidade e empurrei uma porta dupla. Pude ouvi-lo atrás de mim e

cogitei sair

correndo pela rua. Aquilo seria mais fácil de enfrentar. Em vez disso, respirei fundo e virei para o

sul, continuando tranquilamente pela Broad Street.

Quando ele falou meu nome de novo, foi baixinho, me fazendo estremecer. — Max.

Senti que me arrependeria daquilo, mas não consegui continuar correndo. Eu me recompus e me

virei para encará-lo.

— Oi, Cade.

Sua expressão não revelou nada.

— O que você está fazendo aqui? Direto ao ponto, então.

Remexi na bolsa, feliz por estar preparada para aquilo.

— Vim lhe entregar isto. Milo me disse que você estava aqui. — Entreguei o envelope e recolhi a

mão rapidamente. Engoli em seco ao dizer: — Meus pais já haviam comprado sua passagem. É sem

direito a devolução, então pensei... Pensei que você simplesmente podia mudá-la de Oklahoma para

o Texas.

Ele não abriu o envelope, nem mesmo para ver a passagem. Cade ficou ali me encarando, muito

sério.

— Só isso? — perguntou.

Na minha mente, eu via a loira tocando sua pele. Aquela era a segunda loira que eu via com ele;

as duas faziam muito mais o seu tipo. Eram o tipo de menina que meus pais queriam que eu fosse.

Pelo menos a visão serviu para eu perceber isso.

— Só isso — respondi.

— Então por que você correu?

Eu corri, não é mesmo? Que constrangedor.

Porque eu estava prestes a fazer uma besteira... como pensar que tinha cometido um erro. Ou

pensar que eu tinha alguma chance.

— Porque você estava ocupado. Eu ia comprar biscoitos naquela barraquinha do campus e

depois voltar.

— Eu ia me encher de comida. Atraente. *Boa saída, Max.* — Você deveria voltar.

Eu não queria



afastá-lo das crianças. — E da Amy. Eu meio que queria bater na Amy.  
O silêncio cresceu entre nós dois feito erva daninha e eu não sabia mais o que dizer.  
Deveria ter  
me virado e ido embora. Deveria ter perdido a esperança antes que ela se desfizesse  
ainda mais, mas  
não consegui.  
E se aquela fosse a última vez que eu o estava vendo?  
— Tenho que ir — eu disse, mas não saí. Meus pés criaram raízes e afundaram no  
concreto. —  
Hummm...  
Foi bom ver você.  
Seus olhos procuraram os meus e eu vi a confusão naquele olhar, como se Cade  
estivesse  
interpretando minhas palavras e tentando decidir se elas eram sinceras. Eu não o  
culpava.  
Muitas vezes nem eu sabia se era sincera.  
A expressão dele era séria de um jeito que eu nunca havia visto antes. Usar uma  
máscara era meu  
mecanismo de defesa, e eu odiei o fato de tê-lo obrigado a usá-la também.  
Qualquer ligação que tivéssemos se desfez. Eu simplesmente tinha de aceitar.  
Exibi um sorriso:  
— Adeus, Cade.

## **Capítulo 31**

### ***Cade***

— Max, espere! — Eu não sabia por que estava dizendo aquilo quando as palavras  
saíram da  
minha boca.  
— A que horas é o nosso voo?  
Ela se virou e algo que não pude decifrar brilhou em seus olhos. Esforcei-me muito  
para não  
deixar que a presença dela me afetasse, mas não conseguia mais.  
A expressão de surpresa nela combinava bem com o que eu sentia. Assim que as  
palavras saíram  
da minha boca, eu me arrependi. No entanto, por algum motivo, quando ela  
perguntou "Nosso?", eu  
não recuei.  
Olhei bem dentro de seus enormes olhos azuis e disse:  
— Se você ainda quiser que eu vá, estou dentro. Eu fiz uma promessa e vou cumpri  
la. — Mesmo

que aquilo fosse me matar.

Ela cruzou os braços e me estudou. Mantive-me impassível e relaxei. Não queria que ela

pensasse que eu estava planejando reconquistá-la. Não estava. Aquela encenação era importante para

Max, e, se ela achava que precisava de mim para enfrentar seus pais, eu não a decepcionaria. Eu

temia que, se eu não fosse, ela continuaria fingindo.

— Você faria isso por mim? — perguntou Max.

Eu estava com um pouco de medo de examinar o que estava me dispondo a fazer. Avaliei as palavras com calma antes de responder:

— Fizemos um acordo. Eu faria isso por qualquer um.

— Juro que a vi conter uma risadinha e tive de morder a língua para não lhe falar a verdade.

Max engoliu em seco e fez que sim.

— Certo, então. Ah, obrigada. Nosso voo é no domingo pela manhã, às onze. —

Certo. Vou chegar mais cedo e podemos dividir um táxi até o aeroporto. — Certo.

Bem, vejo você no domingo, então.

Fiquei observando-a ir embora durante uns minutos antes de voltar ao centro de recreação.

"Má ideia" não chegava nem perto de descrever o que eu tinha acabado de fazer. \*

Nos dias seguintes, aquela passagem insistia em me atrair. Às vezes eu simplesmente ficava

olhando para os números — datas, horários e voos — até que eles deixassem de fazer sentido. Às

vezes eu segurava o pedaço de papel e me concentrava como se fosse capaz de sentir as intenções de

Max por trás dele.

Era mesmo apenas uma passagem? Ou será que aquilo representava algo mais?

Eu estava sentado no sofá, segurando a passagem, quando o telefone tocou.

Olhei para o número na tela e sorri. Conversar com um amigo da minha terra natal era exatamente

do que eu precisava.

Levei o telefone ao ouvido.

— Rusty, se você está me ligando para reclamar da vida de adulto, não espere palavras de consolo, porque eu não tenho nenhuma.

Rusty riu do outro lado e, assim, todos os quilômetros e o tempo que nos separavam desapareceram.

— Nem me fale — ele disse. — Podemos voltar no tempo e convencer a nós

mesmos no passado

a reprovar em alguns cursos e permanecer na faculdade? — Ei, eu ainda estou na faculdade.

— Ah, mestrado não conta. É como uma faculdade 2.0: só trabalho e nenhuma diversão.

— E trabalhar em tempo integral é tão melhor assim? — perguntei.

— De jeito nenhum! Ontem alguém cuspiu café em mim. Certo, foi na bancada à minha frente, mas

ainda assim eu vi o líquido saindo da boca de um estranho. Esta é a minha vida. Rimos e então a ligação ficou em silêncio. Depois de uns segundos, ele disse:

— Agora que já o amaciei com risadas, vou direto ao ponto... — *E lá vem outro golpe.* — *Bliss.*

Fiquei sabendo do noivado. Sinto muito, cara.

Peguei novamente a passagem aérea e a segurei no alto.

— Você e todo mundo do Facebook.

— Como você está enfrentando?

— Estou bem — respondi.

E estava mesmo bem... Pelo menos no que dizia respeito a Bliss. — Cade...

— Estou, Rusty. Juro. Quero dizer, eu os vi juntos há uma ou duas semanas, e foi bem estranho. E

deprimente, porque eu tenho certeza de que minha amizade com a Bliss já era. Mas estou bem. Na

verdade, tem outra menina.

Eu não havia falado da Max com ninguém. Gostava de pensar nela como um segredo incrível que

eu me recusava a compartilhar com o mundo. Só que ela me confundiu tanto que eu tinha de me abrir.

— Outra menina, hein? — ele perguntou. — Como ela é? — Uma louca, é assim que ela é.

— Já gostei dela — disse Rusty. E ele gostaria mesmo. — Então, vocês estão juntos? — Não exatamente.

— Estão prestes a namorar? — ele perguntou.

Olhei para a passagem novamente:

— Hummm... Duvido.

— Vocês ficaram juntos?

— Mais ou menos.

— Caramba, estou confuso, e nem mesmo faço parte disso. — Nem me fale.

— Se estou entendendo bem, eu diria que você ainda quer ficar com ela. — Não sei, cara. Quero e não quero. Ela é incrível, mas tem um passado pesado. Para ser

sincero, ela consegue me arrasar mais do que a Bliss.

— Por isso é que eu não namoro meninas.

— Não é uma solução para o meu problema, cara.

— Parece que você já tomou uma decisão — ele respondeu. — Você sabe que essa menina não lhe faz bem.

Eu sabia, mas isso não me impedia de pensar nela constantemente. Tinha de me lembrar o tempo

todo de como foi acordar sozinho naquela manhã e, assim, desistir de ligar para Max.

— Tem razão. Só quero que a vida volte a ser simples, sabe?

Era o que eu via na Bliss. Eu sabia disso agora. Uma vida com ela seria simples, legal e segura. Sem complicações.

— Boa sorte, Winston. A vida nunca é simples. Só depois da morte.

A conversa continuou depois disso, mas minha mente se fixou naquelas palavras. Falamos sobre

outros amigos e a possibilidade de reunir o grupo novamente no réveillon. Fiquei pensando que eu havia passado vinte e dois anos buscando uma vida que me convenceria

de que queria. Uma vida simples, previsível e perfeita. Mas ela ainda tinha de se transformar nessas

coisas. Eu acumulei talentos e realizações, eliminando-os de uma lista que existia na minha mente

desde que eu era criança. Mas para onde tudo isso levava?

A verdade era que... nada daquilo impedia que as pessoas me abandonassem. Nada poderia

impedir, se a pessoa estivesse determinada a ir embora. A única questão era o quanto você estava

disposto a correr atrás delas.

Rusty teve de ir trabalhar, então terminamos a conversa com promessas de nos falarmos

novamente. Eu esperava que conversar com ele me desse alguma perspectiva, mas eu ainda não sabia

o que queria, e meus pensamentos estavam mais enrolados do que nunca.

## **Capítulo 32**

### ***Max***

Eu me recusava a ficar nervosa porque ia passar um tempo com Cade. Não tinha tantas outras

coisas com o que me preocupar, mas a imagem dele insistia em surgir na minha mente.

Ele havia me arruinado.

Antes eu era como gelo — fria, cortante e sólida. Mas durante semanas ele me derreteu, e eu odiava isso.

Assim não havia controle, nenhuma proteção. E eu tinha menos de vinte e quatro horas antes do

fim do mundo. Também conhecido como Natal em família.

Minha casa era como a toca dos leões. Minhas cicatrizes ficavam muito sensíveis lá, porque foi

lá que me feriu. Agora, mais do que nunca, eu precisava da minha armadura. Então hoje eu trataria de reforçar minhas resoluções.

Minha mãe me ligara dezessete vezes e meia hoje. Meia porque uma das ligações durou tanto que

classificá-la como ligação não me parecia justo.

Meu irmão e a esposa dele, Bethany, chegaram ontem e eu percebia a presunção se infiltrando

pelo telefone ao ouvi-los ao fundo.

Ainda não havia feito as malas. Tinha duas mudas de roupas dobradas e prontas — minhas roupas

tradicionais para as festas de fim de ano, com golas altas e cachecóis... e minhas roupas normais. Por

mais que quisesse fazer Cade feliz, aquela não era uma decisão que eu podia tomar facilmente.

Quando cheguei em casa do meu turno no estúdio de tatuagem, estendi a mão para abrir a porta do

prédio, mas ela não cedeu. Tentei mais uma vez, e nada mudou.

Recuei e olhei ao redor para ter certeza de que estava no prédio certo. Havia uma lavanderia ao

lado, o que significava que era o lugar correto. Dei um passo à frente e puxei a porta de novo. Nada.

A porta estava trancada.

A porta daquele prédio não se trancava há tempos, quase um ano, eu tinha certeza.

Peguei minhas chaves e levei alguns segundos para me lembrar de qual delas servia naquela

porta. Por que o senhorio a consertara agora? Eu havia desistido de importuná-lo havia meses porque

nada dava certo.

*A não ser que outra pessoa tenha consertado a porta.*

Fiquei paralisada com a chave na metade do buraco. Será que Cade fez aquilo?

Apesar de nós... Não, que se dane o que houve entre nós.

Analisei as possibilidades de quem teria consertado a porta. Entre meu senhorio pão-duro e o Menino de Ouro, a escolha era óbvia.

Meu coração bateu mais rápido só de pensar naquela possibilidade.

Talvez aquilo não significasse nada. Talvez não fosse ele. Mas e se fosse? E se não fosse?

Derreti um pouquinho mais.

Fiz que não com a cabeça e me concentrei nas chaves. Ao encontrar a certa, enfiei-a na fechadura

com um pouco de força. Depois subi e encarei minhas opções de mala. Escolhi algumas blusas de

gola alta, só para garantir, mas na maior parte peguei minhas roupas normais, as roupas que achava que Cade aprovaria.

Sem conseguir conter o nervosismo quanto ao dia de amanhã ou quanto às fantasias sobre Cade

ter consertado a porta, deitei-me para dormir, na esperança de me fortalecer... contra tudo.

\*

*Minha cabeça latejava e parecia que eu estava debaixo d'água. O mundo estava distante e*

*iluminado depois de tanto tempo no escuro. Uma luz brilhou no meu olho e eu me contorci. Um*

*rosto pairava sobre o meu e meu coração revirou no peito.*

*Alex.*

*Tinha de ser.*

*Tentei dizer o nome dela, mas minha língua parecia uma lixa e minha garganta queimava com*

*o esforço. Só consegui suspirar.*

*— Não tente falar. Descanse suas cordas vocais.*

*Era uma voz de homem, não a da Alex. Meu mundo escolheu aquele instante para despertar,*

*para emergir da névoa. Lambi os lábios. Eles estavam grudentos e tinham gosto de moeda.*

*Dois dedos tocaram meu punho e o homem começou a citar números para alguém que eu não via.*

*Notei o barulho de uma máquina, e o lugar onde quer que eu estivesse deitada se agitou um*

*pouco.*

*Eu estava numa ambulância. Eles estavam me levando dali.*

*Entrei em pânico e tentei me sentar, mas meus ombros estavam amarrados. Eu estava*

*amarrada novamente. Eu me contorci e me mexi e senti uma dor lancinante na perna. Tentei gritar,*

*mas nada saiu da minha boca.*

*Vazia.*

*A pressão na minha cabeça aumentou até que eu achei que fosse explodir. Pronunciei silenciosamente o nome de Alex várias vezes, por mais que não conseguisse dizê-lo.*

*— Você vai ficar bem — o paramédico me tranquilizou. — Chegamos até você a tempo.*

*Não. Não chegaram.*

*Eles chegaram tarde demais.*

*Vi o paramédico preparar uma seringa e então meu mundo se tornou enevoado novamente. O*

*pânico diminuiu, mas as lembranças não desapareceram.*

*Era tarde demais.*

*Acordei ofegante, meus braços e pernas molhados de suor e presos pelos lençóis. Meus sonhos*

*eram muito piores perto das festas de fim de ano, mas aquele tinha sido o primeiro em muito tempo.*

*Eu andava preocupada demais com outras coisas para permitir que meus antigos fantasmas exibissem*

*suas cabeças. Acho que era um exagero esperar que os pesadelos tivessem acabado.*

*Tentei voltar a dormir, mas agora o acidente estava fresco em minha mente. Sempre que um carro*

*passava do lado de fora, as luzes se refletiam na minha janela e eu me levantava na cama, com medo*

*de outro pesadelo.*

*Por fim, decidi que dormir não seria possível. Levantei-me e tomei um banho demorado. Usei o*

*tempo para clarear minha mente e focar no que precisava fazer naquela viagem. O objetivo final era a música. Era disso que eu tinha de lembrar. A música era minha constante.*

*Por mais ansiosa que eu estivesse para ver Cade novamente, não podia me dar ao luxo de me distrair.*

*Nem por causa dele, nem por causa do passado, nem por nada.*

Usei o tempo extra para ajeitar meu cabelo, um acontecimento raro para mim, mas isso pelo menos mantinha minhas mãos ocupadas. A mamãe ligou duas vezes para ter certeza de que eu havia acordado; da segunda vez eu a coloquei no viva-voz e a deixei falando, soltando às vezes um "sim" ou um "mesmo?". Vesti uma camisa simples e me olhei no espelho. Minhas tatuagens não estavam, evidentemente, à mostra, mas com certeza não estavam ocultas. Fechei os olhos e tentei imaginar a reação dos meus pais.

Mas eu não consegui imaginar. Ou talvez não quisesse.

Estava pegando meu casaco e o cachecol quando ouvi alguém bater à porta. Cade.

Minha cabeça girou.

— Só um segundo!

Coloquei uma das mãos contra a parede mais perto e precisei de um segundo para me acalmar e fortalecer minhas defesas.

*Não pense nele. Pense na música.*

Imaginei um cigarro rápido, mas isso não serviu muito para me acalmar. Por fim, segurei a maçaneta e abri a porta.

Ele estava ali do outro lado, apoiado contra a ombreira de um jeito tão à vontade e sensual que achei que estivesse sonhando.

Eu me belisquei, mas nada mudou.

Quem disse que eu não pensaria nele? Todas as emoções que eu controlei com dificuldade durante a semana me atingiram com força. Tentei engoli-las, mas era demais. A expressão no rosto dele era indecifrável, e eu não conseguia fazer meu cérebro processar o fato de ele estar na minha frente. Precisei de toda a força de vontade para dizer "oi". Depois, todos os meus pensamentos se perderam totalmente.

Cade se afastou da porta e ficou diante de mim com as mãos nos bolsos. Meus olhos traidores correram dos braços dele para os ombros e para o queixo antes que eu conseguisse me segurar.



Se vê-lo me afetava daquele jeito, como eu conseguiria sobreviver às festas de fim de ano com ele na casa dos meus pais? Olhei para cima e ele sorriu como se não houvesse uma história de sofrimento entre nós, como se ele não estivesse morrendo só de estar tão perto. Precisei de toda a força para resistir à vontade de tocá-lo, e Cade ficou ali, a imagem da tranquilidade. Fiquei olhando e lutando comigo mesma até que ele pigarreou e disse: — Já está pronta?

Eu não estava nem perto disso.

## **Capítulo 33**

### ***Cade***

Quando Max abriu a porta, a imagem dela me desconcertou. Seus cabelos estavam mais

compridos, e tão loiros que estavam quase brancos. Seus cachos haviam desaparecido e caíam em

camadas lisas. Senti um vazio no peito, porque pensei que ela havia pintado os cabelos para agradar

seus pais. Então Max se virou de lado, pedindo para eu entrar, e a luz iluminou seus cabelos através

da janela. Não estavam brancos, e sim num tom muito claro de lilás.

Max sorriu e parecia sinceramente feliz em me ver. — Seu cabelo está lindo — comentei.

A parte de cima de seu cabelo estava presa atrás da cabeça, expondo os pássaros no pescoço.

Suas roupas não eram ousadas, mas ainda assim combinavam com

Max. E o mais importante: ela não parecia estar se escondendo. Ela deu de ombros.

— Você me disse para eu ser eu mesma e eu estou sendo.

Não tive de fingir o sorriso que se abriu no meu rosto.

Max foi para o sofá e ficou mexendo em sua mala de mão, o que me deu a chance de admirá-la

por completo. Ela parecia nervosa, mas eu tinha certeza de que era por ver seus pais.

Por dentro, eu estava uma bagunça. Não conseguia decidir se queria dar meia-volta e sair pela

porta ou abraçá-la e beijá-la. Optei por me comportar da forma mais natural possível.

Não sabia o que dizer, então tentei ser útil. Assim que Max fechou a mala, passei por ela e a

peguei. Meu peito resvalou em suas costas e ela ficou rígida.

Recuei imediatamente, mas o estrago estava feito. Ela se afastou de mim para pegar outras coisas.

— Está nervosa? — perguntei.

Max olhou para mim, seus olhos azuis arregalados e curiosos. Os olhos dela dificultavam ainda

mais a situação.

Como ela não respondeu, eu acrescentei:

— Por causa dos seus pais? Max segurou a risada:

— O suficiente para vomitar. Era tão bom ouvi-la rindo. — Ah, só isso?

Eu a segui para fora e a esperei fechar o apartamento. Olhando para trás, Max disse:

— Eu tenho que alertá-lo: minha cunhada, Bethany, é o Anticristo de saias. Eu ri e Max se virou para me encarar. Ela parecia tão surpresa. Eu só podia imaginar o que ela

esperava que acontecesse naquela viagem. Talvez Max pensasse que eu tentaria reconquistá-la.

Provavelmente ela esperava que eu estivesse arrasado depois do que ela fez. Eu estava cansado de ser aquele cara.

Não havia motivo para eu não agir normalmente. Afinal, eu era um ator.

— Você ri, mas estou falando sério — ela disse. — Passar algum tempo ao lado dela é como

fritar o cérebro.

— Não pode ser tão ruim assim.

Max me lançou um olhar:

— Quando ela se casou com meu irmão, insistiu que soltassem pombos brancos na hora do beijo.

Eles se casaram em Oklahoma. Por sorte nenhum dos convidados se levantou e abriu fogo.

— Ela é louquinha, mas não dizem que todas as mulheres ficam loucas quando estão para se casar?

Sáímos para a rua e Max acrescentou:

— Ela me disse que eu não podia ser dama de honra porque o tom da minha pele não combinava com o vestido que ela tinha escolhido.

Fiz uma careta, mas ela não havia terminado.

— É. Ela também concorreu a Miss Oklahoma há uns oito anos e até hoje diz que o concurso foi

manipulado e que ela deveria ter ganhado.

Um táxi nos esperava e eu abri a porta para que Max entrasse primeiro.

— Entendi. Não deixe a Max sozinha com a Bethany, senão a cunhada pode perder uma das mãos.

No caminho para o aeroporto, a conversa se tornou forçada. Era difícil fingir num lugar tão

apertado e tendo o taxista como plateia. Ela remexia as mãos ansiosamente no colo.

Uma delas subiu

pela pele do pescoço e acariciou os pássaros.

Antes que eu pudesse me conter, perguntei:

— Por que pássaros?

Parecia que ela havia esquecido completamente que eu estava ali. Eu quis conseguir fazer o

mesmo. Max passou os dentes nos lábios e eu disse:

— Desculpe. Você não tem que responder isso.

— Tudo bem. É bem clichê. Antes de existir uma redoma, existia uma gaiola. — Ela pousou a

mão no pescoço e falou: — Fiz esta tatuagem depois que abandonei a UPenn. A primeira vez que

parei de fingir. Era para os pássaros me fazerem olhar para cima e seguir adiante.

Agora eles

parecem uma mentira.

Estendi o braço e tirei a mão dela do pescoço. Ignorei o calor na pele dela e disse:

— Tudo vai dar certo, Max.

Soltei a mão dela e Max cruzou os braços como se estivesse se recompondo. —

Você realmente está com medo disso, não é?

— Você não tem ideia. Minha mãe é tão rígida quanto ao Natal. É como se ela fosse filha da sra.

Noel com o

Exterminador do Futuro. Se você não mostrar que está cheio da alegria natalina, ela vai lhe

empurrar gemada, biscoitos e cantos de Natal goela abaixo. — Max riu; pareceu um riso forçado,

mas deu para ver que ela realmente estava pronta para mudar de assunto, então eu a acompanhei.

Dei de ombros e disse: — Gosto de gemada.

Ela resmungou, mas a frustração deu lugar a um sorriso. Cada novo sorriso parecia menos falso, e

meu objetivo foi deixá-la totalmente à vontade. Eu era masoquista. Era tão louco quanto o monge de

*O Código Da Vinci, só que o sorriso dela era meu chicote.*

— Então, hummm. — Ela tamborilava os dedos. — Eu deveria ter dito antes, mas obrigada por aparecer...

Estou feliz por não estar sozinha.

— De nada.

Pensei que seria o fim, mas ela ficou toda vermelha e continuou:

— E, bem, você não tem que... Quero dizer, se você estiver incomodado em fingir que estamos

juntos, não precisa fazer nada como se fôssemos um casal.

Forcei um sorriso. Pensei nisso o tempo todo. Parte de mim achava que eu deveria evitar me

comportar como namorado dela a todo custo, mas outra parte via isso como uma oportunidade de ouro.

— Fingir não me incomoda. — Talvez dizer aquilo em voz alta lhe conferisse um ar de verdade.

— Não é nada de mais. Atuar é o que eu faço. Ela fez que sim e ficou séria.

— Certo, claro, só queria... dizer.

A ansiedade de Max aumentou tanto que, quando entramos no avião, ela parecia prestes a dar

meia-volta e voltar para casa.

Ela me apontou o assento na janela e se sentou no corredor, o mais longe de mim possível. Max

tirou os sapatos e pôs os pés na poltrona, como se estivesse em casa, sentada no sofá. Quando

atingimos a altitude permitida para usarmos aparelhos eletrônicos, Max pegou o telefone e colocou

os fones de ouvido. Eu podia ouvir o som dali e me perguntava se a música a ajudava a lidar com

seus medos.

Fechei os olhos, apoiei a cabeça na janela e tentei esquecer meus problemas. Não demorou muito

para minha cabeça cair e eu pegar no sono.

Depois do que pareceu muito tempo, um movimento contra meu ombro me acordou. Ergui a

cabeça; meu rosto coçava na parte que tocara o plástico da janela. Fechei e abri os olhos e encontrei o rosto de Max apoiado no meu ombro.

Ela tinha a testa franzida e os olhos bem fechados, mas respirava rápido; de vez em quando sua

expressão se contraía como se ela estivesse sentindo dor. Ela gemeu e apertou o rosto contra meu ombro. Parecia uma pessoa completamente diferente — vulnerável e sentindo dor. Quando ela murmurou "Alex" dormindo, coloquei a mão no seu rosto. Alguns passageiros começaram a nos olhar. Coloquei meu rosto perto do dela e sussurrei:

— É só um sonho, Max. Acorde.

Sua mão me segurou pela camisa e eu passei o braço ao redor dela, puxando-a para perto.

— Sssh. Está tudo bem. Estou aqui. Acorde. Ela abriu os olhos e se sentou rapidamente.

— Foi um sonho. — Eu repetia a frase porque não tinha certeza se Max tinha me ouvido. Ela

olhou em volta, mas, ao perceber onde estávamos, soltou minha camisa. — Você está bem? — perguntei.

Max comprimiu os lábios e fez que sim. Ela fechou os olhos e respirou fundo, estremecendo.

Jogou a cabeça para trás, mas meu braço ainda estava ao redor dela. Quando o pescoço dela tocou meu bíceps, ela me encarou.

## **Capítulo 34**

### ***Max***

Minhas emoções ainda estavam em ebulição por causa do sonho, e ter o braço dele ao meu redor

fez meu coração disparar. Olhei para Cade, acompanhando a linha do nariz e a curva do rosto. O

rosto dele tinha aquela barba por fazer que eu adorava, e seus olhos ainda estavam pesados por causa do sono.

Cade sorriu e um conhecido calor surgiu na minha barriga. Umedeci os lábios e os olhos dele se

arregalaram. Eu não conseguia desviar o olhar. A confusão transpareceu na sua expressão, mas Cade

tampouco desviou o olhar. Eu queria que ele soubesse que eu me sentia mal, mas não sabia como

expressar isso com palavras. Eu não sabia se isso era importante para ele. Ele se ajeitou na poltrona

e seu braço pesou em meus ombros.

Meu Deus, eu estava tão confusa. Eu era Alice no País das Maravilhas, caindo na

toca do coelho  
uma segunda vez. Estava deitada com minha cabeça contra o braço dele quando uma  
aeromoça me  
deu um tapinha no ombro para perguntar se eu queria uma bebida. Fiz que sim e,  
quando voltei a  
olhar para Cade, seu braço não estava mais ali e ele estava olhando para baixo. Os  
fones de ouvido  
ainda pendiam do meu pescoço, a música tocando. Diminuí o volume e abri a boca  
para dizer alguma  
coisa. O que eu diria era um mistério, mas se eu continuasse em silêncio iria entrar  
em combustão  
espontânea. Respirei fundo, mas ele falou antes.  
— O passado é passado, Menina Furiosa.  
Fechei a boca e, depois de um instante, fiz que sim.  
Ele fechou a boca em algo que pretendia ser um sorriso, mas que não tinha vida.  
Seus olhos  
estavam distantes, como se ele estivesse olhando através de mim.  
Pela primeira vez tive certeza de que ele estava atuando.  
De repente, a ideia de passar a vida ao lado dele não me deixou nervosa. Aquilo me  
deixou  
triste. Havia tantas coisas na minha vida que eu queria deixar no passado, mas agora  
tinha certeza de  
que Cade não era uma delas.  
Novamente, era tarde demais.

## **Capítulo 35**

### ***Cade***

Odiei o fato de ser fácil vestir uma máscara diante dela. Eu insistia para Max ser ela  
mesma, mas  
não agia melhor do que ela. Só queria segurá-la e beijá-la.  
Entretanto, eu tinha de ouvir meu cérebro em vez do meu coração. Só assim eu  
poderia  
sobreviver à viagem. A cor nova do cabelo dela a suavizava de alguma forma, mas  
seus olhos  
estavam marcados pelo horror. Era tão diferente ver o medo no rosto de uma menina  
tão destemida  
que, por um instante, ela me pareceu uma pessoa completamente diferente. Então eu  
disse o que ela precisava ouvir. Mesmo que aquilo me destruísse. Max relaxou, mas  
só um pouco. Ela passou o restante do voo tamborilando e consultando o  
relógio. Quanto mais nos aproximávamos do nosso destino, mais nervosa ela ficava.

A descida do avião foi rápida, e Max ficou tensa. As mãos dela seguravam firmemente os encostos dos braços e seus olhos se fecharam. Ela apoiou a cabeça na poltrona, sentou-se imóvel e respirou fundo. Fiquei com vontade de abraçá-la novamente, mas desisti.

— É o pouso que a deixa nervosa ou o que espera por nós dois? — perguntei.

Ela respondeu sem abrir os olhos.

— Escolho a alternativa C.

— As duas?

Ela fez que sim. Max umedeceu os lábios e explicou:

— Só sinto que os pousos duram um minuto mais do que eu aguento. E, francamente, no que diz respeito a esta viagem, eu preferia simplesmente ficar no ar.

Seu desejo não foi atendido. O som do vento ecoou pela cabine quando o avião pousou. Suas mãos ficaram brancas no apoio para os braços e seu lábio ganhou um tom rosa vivo quando Max o mordeu. Eu sabia, claro, que ela estava nervosa, mas a tensão no pescoço dela e a forma como ela mordeu o lábio me lembravam de coisas completamente diferentes; tive de desviar o olhar.

As rodas tocaram o solo e Max colocou as mãos nas costas da poltrona à sua frente, rindo enquanto o avião desacelerava. Quando o pouso terminou, ela bufou demoradamente e se recostou na poltrona. Esperei que ela se animasse, porém Max ficou com os olhos fechados, as mãos ainda segurando os apoios de braço. — Você parece verde, Menina Furiosa.

Eu esperava uma resposta do tipo "E parece que você vai levar um soco, Menino de Ouro".

Em vez disso, Max ficou em silêncio. Quando abriu os olhos, ela ficou olhando para as pessoas à nossa frente, que pegavam suas coisas, e colocou as mãos nas coxas. Eu não via mais o medo dela.

Não via mais nada. Ela estava muda como se tivesse se fechado completamente. Era uma tortura vê-la daquele jeito. Talvez eu não devesse tê-la transformado naquilo.

Decidi então que, por mais doloroso que fosse, eu a ajudaria a passar por isso da melhor maneira

possível. Mesmo que jamais a visse novamente. \*

Carreguei nossas malas para fora do avião. Max estava quieta ao deixarmos o terminal rumo à área de desembarque. Ela pegou o celular com dedos adormecidos para ligar para seus pais.

Caminhamos lado a lado até que, de repente, ela não estava mais ali. Olhei para trás e Max estava imóvel como uma estátua, parecendo que podia gritar ou desmaiar ou as duas coisas.

Quando ela chegou mais perto, resmungou: — Eles não vieram.

— Quem não veio? — perguntei. — Qual o problema?

— Coloquei minhas mãos nos braços dela e seus olhos se viraram para os meus. Por alguns

segundos, nenhum de nós disse nada e eu percebi que havia ido longe demais.

Recuei e me afastei dela.

Sua expressão se suavizou e Max disse:

— Sinto muito.

Pensei que ela estivesse falando da reação ao meu toque até ela se aproximar de mim e começar

a abotoar o casaco. Max o abotoou até o pescoço e vestiu o cachecol também. Ela abriu a presilha

dos cabelos, que caíram ao redor do seu rosto.

Max ainda estava linda, mas eu sabia o que ela estava fazendo. — Max... o que está acontecendo?

Ela domou a aparência com a mesma facilidade e eficiência do dia em que seus pais surgiram

quando nos conhecemos. Virei-me e olhei para trás, mas não vi os pais dela em nenhum lugar.

— Droga, Max, nós conversamos sobre isso...

— Eu sei. — Ela me encarou e seus olhos não estavam mais vazios. — Eles mandaram Michael e

Bethany nos pegar. Simplesmente não posso começar com ela. Só consigo travar uma batalha por vez.

Assim que escondeu todas as coisas que faziam dela a Max que eu conhecia, seu corpo relaxou e

toda a tensão desapareceu. Tive a sensação ruim de que não veria minha Max novamente durante a

viagem. Não que ela fosse minha ainda. Nunca foi.



— Prometo que farei isso, Cade. — Parecia que ela estava tentando convencer mais a si mesma  
do que a mim.  
Suspirei:  
— Tudo bem. Vamos conhecer o Anticristo.  
Ela levantou os ombros como se estivesse se preparando para uma batalha. Segui o olhar dela  
pelo terminal até um casal usando roupas formais e reconheci o homem como uma versão mais velha  
do irmão que eu vira no álbum de fotos da mãe dela.  
O casal veio em nossa direção de braços dados. O irmão dela estava usando terno, a gravata  
ligeiramente solta. A mulher de braços dados com ele, Bethany, parecia ter quase trinta anos. Ela  
usava um vestido vermelho e sapatos pretos que pareciam combinar mais com um coquetel ou uma  
campanha política do que com um aeroporto. Tinha cabelos loiros longos e volumosos que  
lembravam a Bela Adormecida. Ela estava sorrindo e fez um aceno que pensei que provavelmente foi  
aperfeiçoado durante o concurso de Miss Oklahoma.  
Parecia que Max queria extravasar todo o seu nervosismo e medo num saco de pancadas de  
cabelos loiros. Percebi ali que aquela viagem seria bem longa.  
— Mackenzie, querida! — gritou Bethany. — É tão bom vê-la! Ouvimos falar tanto do seu  
namoradinho que tive que insistir para que eu e o Michael pegássemos vocês no aeroporto. Eu tinha  
que ver em primeira mão.  
Aproximei-me e a lembrei:  
— Respire fundo.  
A aparência de Bethany era meticulosa, desde as unhas bem-feitas até as madeixas loiras; eles  
pararam ao mesmo tempo, como se seus movimentos como casal fossem coreografados, e olharam  
para Max. Sua cunhada a estudou de cima a baixo e cacarejou compassivamente. — Você não está cansada do voo?  
Max exibiu um sorriso amarelo e abriu a boca. Apressei-me em interrompê-la: — É um prazer conhecê-los — eu disse, estendendo a mão. Michael apertou minha mão

primeiro.

Ele parecia não dar a mínima para a aparência da irmã. Estava mais preocupado com o BlackBerry

que vivia tirando do bolso. — Sou o Cade. Se bem que acho que vocês já sabiam disso.

Bethany sorriu.

— Sim, a Betty e o Mick só sabem falar que você é...

— ela parou e olhou novamente para Max — ... uma "boa influência" para Mackenzie. Deus sabe

como ela precisava de alguém para colocá-la nos eixos. Tenho tentado isso há anos, mas uma

educação de primeira qualidade só é capaz de ir até certo ponto.

Voltei para o lado de Max, sem saber se deveria ou não tocá-la. Ela tinha as mãos bem fechadas

ao lado do corpo, então entendi aquilo como um não. Bethany continuava falando:

— Ah, Mackenzie, não se preocupe com essa tintura feia. Deve ser difícil por causa do Natal,

mas aposto que meu cabeleireiro consegue um horário para você e arruma tudo isso.

— O gesto de

Bethany não só cobriu todo o cabelo de Max como também o corpo dela. Vi Max inalar e exalar bem devagar. Parecia mais uma situação na qual seu mecanismo de proteção não estava funcionando. Pensei em virá-la e sair andando. Não queria mais vê-la tendo de

enfrentar aquilo.

— Ouça, Beth... — Ela disse o nome com tanta malícia que tive certeza de que estava pensando em outra palavra começando com "b".

Intrometi-me antes que a conversa fosse dominada por palavrões.

— Você não gosta do cabelo cor de lavanda dela? — perguntei. — Eu achei lindo.

Max ficou dura ao meu lado, minha tentativa de deixá-la à vontade fracassando miseravelmente.

Bethany sorriu.

— Ah, que bondade a sua. É muita gentileza, mas você não precisa protegê-la. A nossa Mackenzie é durona. Ela pode lidar com isso.

Max deu um passo à frente e eu deixei de me preocupar se havia ou não problema em tocá-la.

Coloquei a mão em seu ombro para segurá-la.

— Você acha que podemos ir andando? — perguntei.

— Não sei quanto à Max, mas foi uma viagem longa e eu estou ansioso para descansar.

— Vocês não têm bagagem? — Bethany olhou para a malinha de Max e para minha mochila, pendurada num dos ombros. — Não me diga que o seu vestido está todo amassado aí.

Max ficou pálida.

— Que vestido?

— Para o Baile de Gala do hospital. Sua mãe não para de falar nisso. Ela não avisou você para trazer um vestido?

Max resmungou e disse:

— Lembro-me vagamente dela falando sobre isso, mas ela não disse que tínhamos que ir.

— Bem, vocês têm. — Bethany parecia feliz com a tristeza de Max. Ela bufou como se Max

tivesse estragado o Natal. — Acho que vamos ter que fazer uma visitinha ao shopping amanhã de

manhã, juntamente com o cabeleireiro. Não sei como sua família sobreviveu antes da minha chegada.

— Bethany olhou para o irmão de Max e perguntou: — Está pronto, querido? Ele parou o que quer que estivesse fazendo no BlackBerry e respondeu: — Quando você quiser, amor.

Os dois se beijaram e eu fiquei com a impressão de que tomei uma overdose de açúcar.

— Sigam-nos. — Bethany se virou e saiu andando, os cachos balançando com seus passos.

— Vou matá-la — disse Max, baixinho. — Você vai encontrar o corpo dela picado e distribuído

em caixinhas embaixo da árvore.

— É assustador o quanto eu realmente acho que você pode fazer isso.

Seguimos a distância e eu mantive a mão sobre o ombro de Max o tempo todo. Não sei se ela

percebeu. Ela estava concentrada demais em jogar estrelas ninja imaginárias na cabeça de Bethany.

— Ela é tudo o que eu odeio na minha família — declarou Max. — Ela me dá enjoo. Também não gostei daquela moça, mas Max falava com um tipo de veneno que me preocupava.

— Toda família tem alguém assim — comentei. — E, daqui a alguns dias, você terá ido embora e não vai precisar vê-la por mais um ano.

— Você não entende. — Sem desviar o olhar de Bethany, Max continuou: — Eu era

assim. Era

exatamente como ela no ensino médio. Era tão falsa e má e... Eu a segurei e disse: — E agora não é mais. Você se autoflagela por causa de quem é e por causa de quem não é. Tem que parar com isso.

Max ficou me olhando e eu percebi que havia transposto suas muralhas, nem que fosse por um

instante. Então Bethany olhou para trás e disse:

— Não liguem para o carro. Houve uma confusão na locadora e eles nos deram um carro

diferente da BMW que o Michael reservou. Isso foi o melhor que eles puderam fazer.

— Vamos — falou Max. Ela se afastou e andou a alguns metros de mim até uma Toyota SUV

novinha que provavelmente custava mais do que um fígado novo no mercado negro.

Michael abriu a porta da frente para Bethany e lhe deu um selinho antes de abrir o porta-malas

para nós. Joguei nossa bagagem dentro e abri a porta para Max.

— Que cavalheiro — comentou Bethany. — Seu gosto está mesmo melhorando, Max.

Haveria manchas de sangue no couro dos bancos se ela não tomasse cuidado. Max se sentou

rígida, as mãos fechadas no colo. Coloquei minha mão sobre a dela e apertei. Eu achava que a

melhor coisa a fazer era deixar Bethany falar sobre si mesma.

Assim que saímos do estacionamento e entramos na estrada, perguntei:

— E então, há quanto tempo vocês dois são casados?

— Ah, dois anos agora em junho. Tivemos um lindo casamento em junho. Tudo foi *perfeito*.

Michael colocou o carro no automático e completou: — Perfeito como você.

Bethany ficou emocionadinha e os dois tiraram os olhos da estrada o bastante para se beijarem rapidamente.

Max soltou um barulho como se fosse uivar e disse: — Motorista perfeito também.

— Alguma chance de termos um casamento no futuro? — perguntou Bethany. Eu não conseguia olhar para Max. Interpretei meu papel, mantive os olhos na plateia, permaneci caracterizado e respondi:

— Estamos indo devagar, vendo como as coisas saem.

— Ah. — Os lábios de Bethany se viraram para baixo num biquinho, e ela lançou

um olhar

piedoso para Max.

— Claro que estão.

Segui os olhos de Bethany até Max a tempo de vê-la colocar a testa contra a janela e fechar os

olhos. Ela tirou a mão da minha e começou a se fechar novamente.

— Quanto tempo leva para chegarmos à casa dos pais da Max? — perguntei. —

Mais ou menos meia hora — respondeu Michael.

— Se não cairmos num barranco — falou Max.

## **Capítulo 36**

### ***Max***

A mamãe abriu a porta da casa de dois andares e deu um gritinho ao nos ver. O Coringa

provavelmente tinha um sorriso mais realista do que o dela. Quando meus pais surgiram, a mão de

Cade apertou minha cintura. Senti o calor dos dedos dele pela camisa, e foi como cinco adagas de

dúvida nas minhas costas.

Aquilo era difícil demais. Meu corpo e minha mente estavam em guerra, e minha sanidade era o

efeito colateral.

O papai cumprimentou Cade e a mamãe nos deu um abraço.

— Entrem! Entrem! Ah, Cade, Mick e eu estamos tão felizes por você estar aqui. —

Ela me

soltou e o abraçou pelo pescoço por alguns segundos. O braço dele ainda me segurava, então tenho

certeza de que nos assemelhávamos a uma espécie de monstro radioativo que começara a criar

cabeças e membros extras. Ao se afastar, mamãe pegou um cacho do meu cabelo e fez um barulho de

reprovação.

— Ah, querida — disse ela, franzindo a testa, mas sem dizer nada além disso. Isso me deu um

pouco de esperança de que talvez a mamãe pudesse suportar o restante. Mas só um pouquinho.

Olhei para Cade, que olhou para minha mãe.

Respirei fundo e falei:

— Mamãe?

— Sim, querida.

Ela me encarou. Os olhos dela focaram em mim como não acontecia há anos. Normalmente ela me olhava por um segundo ou dois antes de desviar o olhar. A mamãe fechou e abriu os olhos, ainda me encarando, esperando por palavras que eu simplesmente não conseguia dizer. — Em que quarto o Cade vai ficar? — perguntei.

— Ah, nós o colocamos no quarto de hóspedes do andar de cima, ao lado do seu antigo quarto.

Olhei para Cade e exibi um sorriso contido.

Sempre que dávamos um passo à frente, eu parecia retroceder um salto.

— Por que vocês dois não se aprontam? — continuou a mamãe. — O jantar já está quase na mesa, então sejam rápidos!

Fiz que sim e fui pegar a mão de Cade. Ele se afastou e gesticulou para que eu mostrasse o caminho. Seus ombros estavam ainda mais tensos do que seu sorriso. Subi o caminho de pedra até a enorme porta decorada da casa dos meus pais e Cade me seguiu. Ele parou na soleira para admirar o teto alto e abobadado e a tendência da mamãe a decorar cada centímetro de espaço disponível.

— A escada fica aqui — eu disse.

Cade fez que sim com a cabeça, mas não respondeu.

Subindo a escada, pude ouvir os passos pesados dele, e cada passo me fazia estremecer. Quando abri a porta do quarto de hóspedes no final do corredor, senti as emoções dele como uma nuvem às minhas costas. Ele jogou nossa bagagem perto da cama e se virou para me olhar. Normalmente eu adorava a forma como Cade me olhava... de todos os jeitos. Como ele me olhava da plateia enquanto eu cantava. Como ele mantinha a cabeça abaixada durante nossas caminhadas para casa, me olhando de lado. Como ele me olhou quando eu estava sob o corpo dele.

Dava para notar, só pela expressão dele, que Cade acreditava em mim... por inteiro. A expressão dele agora, porém, não exibia nada daquilo. Ele não parecia com raiva... bem, parecia, sim. Mas parecia principalmente triste. E decepcionado, uma expressão que eu conhecia

muito bem. E com certeza aquele algo mais que eu sempre via em seu olhar havia desaparecido.

Assim como a crença dele em mim.

Fechei a porta atrás de mim e o clique ecoou pelo silêncio do quarto.

— Sinto muito. — Eu parecia repetir bastante isso para ele, mais do que para qualquer pessoa na

minha vida, exceto Alex. — Sei que eu disse que contaria a eles... que eu não fingiria mais...

— Você disse muitas coisas.

Tentei respirar fundo, mas meus pulmões ainda pareciam vazios. — Cade.

— Eu não entendo você. — As mãos dele subiram para os cabelos e ele começou a andar de um

lado para o outro diante da cama. — Achei que fosse corajosa — disse ele.

Um barulho saiu da minha garganta; nem eu mesma sabia se era uma risada ou um choro.

— Bem, você estava enganado.

— Você sobe no palco diante de centenas de pessoas e expõe sua alma. Você não dá bola para

ninguém. Você persegue o que quer. Você é incrível. Mas, quando está aqui, é como se você fosse uma pessoa completamente diferente.

— Ah, pare com isso. É uma apresentação, uma máscara, escolha. Eu projeto coragem e você

projeta perfeição. Isso não significa que nós realmente sejamos essas coisas.

Cade parou de caminhar de um lado para o outro e se aproximou de mim. Tive de jogar a cabeça

para trás para encará-lo.

— Como você acha que isso vai acabar? Você não pode guardar segredo para sempre. O que

você vai fazer? Usar blusas de gola alta a cada visita? Nunca voltar para casa durante o verão? Não

convidá-los para o seu casamento?

Engoli em seco.

— Eu vou contar. Só preciso de tempo. Preciso prepará-los para que eles não fiquem chocados.

Eles estão me manipulando com dinheiro. Cade bufou.

— O mundo manipula todos com dinheiro. É um fato da vida.

— Como se fosse assim tão fácil. Não sei por que de repente você acha que pode me julgar.

— Porque eu conheço você!

Ele não me conhecia, não por inteiro. Se Cade realmente me conhecesse, não estaria ali. Ele não se importaria comigo. Mas eu não podia dizer isso, então simplesmente recuei e balancei a cabeça negativamente. Queria que aquela conversa terminasse, mas Cade não havia acabado.

— Acho que você só tem medo.

— Claro que tenho medo! — Falei isso alto demais e levei a mão à boca, na esperança de que meus pais não tivessem ouvido. Respirei fundo e continuei baixinho: — Estou morrendo de medo...

Sempre.

Morrendo de medo de nunca vencer. De acordar um dia e perceber que meus pais têm razão. De ter apostado tudo numa carreira e numa vida que jamais se realizarão... De ter desperdiçado a vida que deveria ser a vida da Alex.

— Do que você tem medo, Max?

— De tudo. Absolutamente tudo.

Eu não disse que tudo o incluía, mas acho que nem precisava. Acho que Cade sabia.

— Era isso o que você queria ouvir, Menino de Ouro?

Ele suspirou e abaixou a cabeça. Eu estava acostumada a decepcionar as pessoas, mas nunca quis decepcioná-lo.

— Não, de jeito nenhum — respondeu ele.

— Bem, desculpe por decepcioná-lo. Meu Deus, desculpe mesmo.

Cade deu um passo em minha direção e eu dei três passos para trás. Pigarreei e disse:

— Vou colocar minhas coisas no meu quarto. Se precisar, tem um banheiro no corredor. Bata na minha porta quando estiver pronto. Então, fugi.

Não havia olhos vorazes na base da escada, então eu esperava que ninguém tivesse ouvido nossa discussão. Assim que me encontrei protegida no meu quarto, encostei-me na porta e me concentrei em respirar.

Eu odiava estar com tanto medo. Odiava a forma como o medo consumia tudo, até que as constantes na vida, como a terra sob meus pés e o céu sobre a minha cabeça, parecessem apenas



miragens na minha imaginação.

O medo me fazia sentir patética e pequena, mas eu não conseguia superá-lo. Não era só o dinheiro ou o risco de enfurecer meus pais.

Era um espinho no lado negro do meu coração que me dizia que eu era inadequada, que havia um

jeito de medir a bondade e a importância, e eu não atingia a meta. Desde que ninguém mais visse

aquele espinho, ele seria um segredo que eu poderia proteger, uma ferida da qual eu cuidaria sozinha.

Conversar com meus pais abriria a ferida e o sangramento, e seria impossível ignorar isso.

Tirei o casaco e a camisa. Joguei a mala sobre a cama e a abri. Procurei uma blusa de gola alta e

encontrei uma preta. Eu a estava vestindo quando a porta se abriu.

Não consegui ver pelo tecido, mas me virei o mais rápido possível a fim de esconder as

tatuagens. Tentei vestir a blusa para que ela cobrisse minha barriga, mas a maldita gola alta ficou

presa na cabeça.

— Espere um segundo, mamãe — eu disse.

Minha cabeça abriu caminho pela gola ao mesmo tempo em que ouvi: — É o Cade.

Senti que meu coração se virou antes de mim para encará-lo.

Terminei de vestir a blusa e o olhei nos olhos. Havia tantas emoções na expressão dele — raiva,

tristeza e desejo —, mas eu não sabia qual estava ganhando.

Minha voz foi áspera:

— Pronto.

Cade ficou imóvel por um tempo, simplesmente me paralisando com seu olhar intenso. Ansiedade

e desejo cresceram em mim até que senti as pernas bambas. Quando eu estava prestes a ceder, ele recuou e saiu para o corredor.

A mamãe nos chamou alguns segundos mais tarde. — O jantar está pronto!

Ajeitei os ombros e me juntei a ele à porta. Ao descermos as escadas, a mão dele tocou minhas

costas e eu precisei de toda a concentração do mundo para não tropeçar. Estava diante de um Natal

que tinha o potencial de mudar minha vida. Podia perder minha família, o apoio dela, e perder a vida

que criei para mim mesma. De alguma forma, porém, eu só conseguia pensar no

toque dele e no  
quanto sentia sua falta. Por mais desastrosa que aquela viagem provavelmente seria,  
eu não queria  
que ela terminasse nunca.

## **Capítulo 37**

### ***Cade***

Todos estavam nos esperando na sala de jantar quando descemos a escada. Era a primeira vez

que eu estava numa casa que tinha mesmo uma sala de jantar, e não apenas uma mesa na cozinha. Os

pais de Max estavam sentados nas pontas e Michael e Bethany estavam sentados num dos lados,

diante de duas cadeiras vazias. Puxei a de Max para ela e me sentei ao seu lado. O jantar não era tão elaborado quanto a refeição que a sra. Miller havia preparado para o Dia de

Ação de Graças, mas chegava perto. Eu podia imaginar como seria no Natal. — Mick? — chamou a sra. Miller. — Pode fazer a oração?

Comecei a baixar a cabeça, porém Max se manifestou. — Posso fazer? Até mesmo Michael pareceu surpreso.

A sra. Miller abriu e fechou os olhos várias vezes, mas sorriu. — Claro que pode, querida.

Ela estendeu a mão para mim, e eu a segurei.

Virei-me para Max e a encarei enquanto entrelaçávamos os dedos. Todos abaixaram a cabeça e

eu fiz o mesmo, mas mantive os olhos abertos e fixos em Max.

Ela ficou olhando para o prato vazio ao falar, como se isso a ajudasse a encontrar as palavras certas.

— Senhor, obrigada pela comida e pela família. Pelo medo e pelo perdão. — Ela fez uma pausa,

como se quisesse falar mais e não conseguisse encontrar as palavras. Finalmente Max fechou os

olhos e continuou:

— Que nossas vidas tenham uma dose saudável de medo e perdão. Amém.

Um coro de améns hesitantes ecoou pela sala de jantar e Max ficou olhando para seu prato.

Apertei a mão dela e não a soltei.

Bethany pôs o guardanapo no colo e disse baixinho:

— Nunca ouvi uma oração como essa antes.

— Foi lindo, querida — disse a mãe de Max.

Max soltou um quase inaudível "obrigada", e isso foi a única coisa que ela disse durante todo o

jantar. Por sorte, Bethany dominou a conversa. Ela falou sobre o trabalho de Michael, a casa deles e

que achavam que estavam quase prontos para ter filhos. Eu estava começando a entender como ela

permanecia tão magra. Ela nunca parou de falar tempo o bastante para comer. Max se distraiu

mexendo na comida e eu me distraí olhando para Max.

Terminado o jantar, a sra. Miller nos mandou para a sala de estar enquanto limpava a mesa. Sem

a distração da comida, o nível de desconforto aumentou ainda mais. O sr. Miller me puxou de lado

para me mostrar várias peças de taxidermia espalhadas pela sala. Eu crescera no Texas, onde havia quase tantos estúdios de taxidermia quanto igrejas, mas fiquei imaginando

como teria sido para os outros caras que a Max levou para casa. Imaginei Mace admirando os olhos

mortos e vítreos de um cervo e tive de abafar o riso.

Estávamos diante de um javali, enquanto o sr. Miller contava sua viagem de caça, quando ouvi Bethany conversando com Max no sofá.

— Não é um bom sinal quando as brigas começam assim tão cedo — disse. — Quero dizer,

levando em conta a briga no andar de cima e o silêncio incômodo durante o jantar, eu lhes dou uma

semana, no máximo duas, antes que vocês se separem. — Max estava milagrosamente calma. Ela

olhava para a frente, mexendo num fio solto no encosto do sofá. — Você tem sorte de eu ter falado

durante o jantar, senão seus pais teriam notado. — Max permaneceu em silêncio. — Sei que é difícil.

— Bethany pôs uma das mãos no ombro de Max, que se enrijeceu. — Mas você não esperava mesmo

fisgar o primeiro cara decente que seduziu. Tenho certeza de que você cometeu alguns erros, mas da

próxima vez você se sairá melhor.

Eu não sabia o que Bethany tinha contra Max, mas havia uma crueldade no seu tom de voz que me

indicava que ela estava gostando daquilo. Eu não aguentei ficar só ouvindo. Virei me para o sr.

Miller e disse:

— Com licença, senhor. — E fui até o sofá. Joguei-me ao lado da Max, tirando-a do papel de

estátua que ela estava interpretando para Bethany.

— Ei — disse. E, como eu queria calar a boca de Bethany desde a primeira vez que a vi,

aproximei-me e dei um beijo na boca de Max. Ela levantou a cabeça por um segundo, mas depois

fechou os olhos e retribuiu o beijo.

Meu corpo ganhou vida, mas resisti à vontade de lhe dar um beijo mais profundo.

Recuei e pus

um dos braços sobre os ombros de Max. Abracei-a até que ela estivesse deitada no meu peito.

— Desculpe, eu estava me sentindo sozinho. — Sorri e perguntei: — Sobre o que vocês duas

estão conversando?

Bethany fez um biquinho de contrariedade e um sorriso lento se abriu no rosto de Max. Aquilo me

emocionou.

— Eu estava apenas dizendo à Bethany que você é maravilhoso — disse Max.

— É mesmo?

— Ah, sim. Quero dizer, você é perfeito.

Contive uma risada:

— Ah, não, você é que é perfeita.

Ela apoiou a cabeça contra o meu peito e eu fiquei pensando se ela conseguia ouvir meu coração

disparando.

— Acho que simplesmente somos perfeitos um para o outro, então.

Eu a envolvi com meus braços e a puxei para perto. Bethany se levantou e disse:

— Desculpe. Vou encontrar Michael. Não tenho ideia do que ele está fazendo. Com certeza ele saiu para aproveitar a companhia mais agradável do seu BlackBerry.

Esperamos

até que Bethany saísse da sala. Max hesitou por um instante e depois virou seu rosto para o meu peito

a fim de abafar uma gargalhada.

— Essa é oficialmente minha lembrança de Natal preferida de todos os tempos — disse Max.

— Por que ela odeia tanto você? — perguntei.

Max apoiou o queixo no meu peito e olhou para mim. Quando ela não estava me olhando, eu conseguia fingir que tudo era uma brincadeira. Que aquele era um papel como qualquer outro. Mas, com seus olhos nos meus... eu perdia o foco.

— Eu disse que ela era o Anticristo, não? — disse Max.

— Ah, então esta é uma batalha do bem contra o mal?

— Não, é uma batalha do tipo "ela é uma psicopata".

— Acredito. Ela gosta demais de ouvir a própria voz para não ser um pouco psicótica.

Max fechou os olhos e eu percebi que minha mão a acariciava nos cabelos. Eu não tinha

percebido que estava fazendo isso. Sabia o que causava nela. Comecei a tirar a mão, porém Max pôs

o rosto no meu peito e me envolveu pela cintura.

Se aquilo não era uma permissão, não sei o que era.

Bethany voltou com Michael, e a sra. Miller trouxe uma bandeja com xícaras de chocolate quente.

Peguei uma; Max recusou. Ela continuou abraçada a mim, a cabeça sobre meu coração, enquanto seus familiares se sentavam na sala.

Tentei manter meu corpo calmo e minha mente mais calma ainda.

Eu estava cansado de questionar o significado de tudo, então simplesmente desisti. Passei os

dedos nos cabelos dela, tocando seu pescoço e costas. Não sabia no que ela estava pensando e se

estava pensando, mas tudo estava calmo, como um descanso do mundo.

Bethany continuava olhando em nossa direção, mas pela primeira vez não disse nada. Fechei os

olhos e pus o rosto no alto da cabeça de Max. Aproveitei o descanso, porque nós dois precisávamos.

— Michael — a sra. Miller chamou o filho. — Por que você não aproveita todos aqueles anos de

aulas de piano e canta algumas canções natalinas?

Ah, aí estava a empolgação natalina que Max mencionara.

Obediente, Michael foi até o piano no canto da sala e tirou a almofada do banquinho para

procurar alguma coisa no compartimento debaixo dela. Ele pegou um livro. — O

livro vermelho — disse a sra. Miller.

Ele devolveu o livro que havia pegado e tirou um vermelho.

Michael o folheou por alguns segundos e perguntou: — "Silent Night"?

A sra. Miller fez que sim e ele começou a tocar.

Max se endireitou no sofá e apoiou a cabeça no meu ombro. Todos começaram a cantar, mas eu

só tinha ouvidos para ela.

*Silent night. Holy night.*

*All is calm, all is bright*

*Round yon virgin, mother and child*

*Holy infant, so tender and mild*

*Sleep in heavenly peace*

21

*Sleep in heavenly peace.*

Era incrível como uma música que eu já tinha ouvido centenas de vezes soava linda e especial

vinda dela. Havia algo ligeiramente diferente no seu tom de voz, no fraseamento, algo que fazia com

que a música parecesse nova. A voz dela era suave e vulnerável, e eu não consegui deixar de me

virar para encará-la. Max ergueu a cabeça para me olhar também. Acariciei seu rosto e ela se

aconchegou na minha mão.

Ajeitei os cabelos dela para trás e senti suas muralhas se desfazendo. O medo dela desapareceu,

minha raiva me abandonou e a certeza surgiu. Eu estava certo de que não éramos tão diferentes

quanto queríamos acreditar, certo de que Max sentia alguma coisa por mim, certo de que aquilo daria certo.

Ela respirou fundo e eu tive certeza de que Max sentia aquilo também.

Então a música terminou e o encanto se quebrou. Eu a vi novamente ensimesmada. Ela se afastou

no sofá, e todas as minhas certezas se desfizeram.

Eu entendia a insegurança de Max, mas simplesmente não aguentava mais.

## **Capítulo 38**

**Max** Mantive distância.

Só assim eu poderia resguardar meu coração.

Eu sabia que não poderia tê-lo para sempre, mas consegui tê-lo durante a sessão

improvisada de cantos natalinos da mamãe. Guardei distância até a hora de dormir. Ele estava no seu quarto e eu no meu. E eu precisava dormir para renovar minhas resoluções — tanto em relação a Cade quanto a dizer a verdade aos meus pais.

Era um mau sinal para nós dois o fato de eu ainda estar acordada às duas da manhã quando alguém bateu à minha porta.

Eu estava usando uma camiseta grande demais e calcinha. Pensei em procurar um shortinho na mala, mas quem quer que estivesse batendo na porta estava fazendo barulho suficiente para acordar meus pais, então achei melhor apenas atender.

Quando abri a porta, Cade entrou no meu quarto. Fiquei em pânico, espiei o corredor, mas não havia luzes acesas, o que significava que ele não acordara ninguém... ainda. Fechei a porta sem fazer barulho: — O que você está fazendo aqui?

Seus olhos brilhantes correram das minhas pernas nuas para meu rosto. — Você é louco — eu falei, confusa. — Com certeza, sou maluco.

— Eu disse que contaria a eles, Cade. Estava planejando fazer isso amanhã de manhã, na verdade. Só consigo pensar nisso.

— Não é por isso que estou louco.

Mal tive tempo para murmurar um "então por quê?" antes de ele segurar meu rosto com as mãos e puxar minha boca para perto da sua.

Seu beijo era furioso e penitente, e eu o senti nos meus ossos.

— Estou com raiva por você insistir em me afastar quando eu sei que você não quer isso.

Ele me beijou novamente, um beijo áspero e lindo.

— Estou com raiva por você ter me abandonado depois do melhor sexo da minha vida.

Cade se virou e me pôs contra a parede, exatamente como fez naquela noite. Eu soltei um gritinho.

— Mais do que tudo, estou com raiva por ter que esperar tanto para beijá-la novamente.

Ele então derramou sua raiva sobre mim, nossas línguas disputando território. Eu

estava tão

surpresa que não sabia se deveria expulsá-lo ou puxá-lo para mais perto, não que ele tivesse me

dado muitas opções. Suas mãos encontraram meus pulsos e Cade as apertou contra a porta sobre a

minha cabeça. Ele tirou todo o medo de mim, até que eu estivesse fraca, sôfrega e absolutamente fora

de mim de tanto desejo.

Quando Cade começou a se afastar, eu me joguei para a frente e o beijei novamente.

Ele soltou

minhas mãos e eu o segurei pelos ombros. Seus dentes resvalaram no meu lábio, no que foi quase

uma mordida, e eu me entreguei.

Todas as desculpas estavam escondidas sob o calor do corpo dele contra o meu.

Apertei meus

lábios nos dele e Cade gemeu na minha boca. Não consegui me controlar. Minhas mãos subiram da

cintura para o peito e ele me apertou com força. Eu nos virei e comecei a empurrá-lo para a minha

cama.

Sua mão desceu para o meu bumbum; o beijo dele era tão devastador que eu quis rir, gritar e

chorar.

Minha perna bateu na cama ao mesmo tempo em que Cade se afastou.

Seus olhos estavam turvos e sua respiração, sôfrega.

— Seja lá qual for o motivo que você inventou para ficar longe de mim, você está errada. E não

vou parar até provar isso para você.

Então ele saiu e eu caí na minha cama, em choque.

Levei quase vinte minutos para conseguir fazer outra coisa além de ficar ali sentada com os

dedos nos meus lábios inchados.

\*

Assim que ouvi a mamãe descendo as escadas, levantei da cama. Ainda estava escuro lá fora,

mas, mesmo sem ter dormido o suficiente, senti minhas forças renovadas. Talvez Cade tivesse

transmitido confiança para mim com aquele beijo. Seja lá o que fosse, meu coração estava leve



quando me vesti naquela manhã. Peguei uma camiseta de gola canoa e dei início ao dia como se fosse ontem.

Penteei o cabelo para o lado e fiz uma trança rápida que expos o outro lado do meu pescoço, deixando os pássaros completamente visíveis. A camiseta só deixava à mostra as pontas dos galhos, mas as linhas eram escuras o bastante para que ninguém as ignorasse. Substituí os brincos de plástico pelos meus piercings.

Aquele momento estava sendo planejado havia anos.

Passei tanto tempo na vida, tempo demais, mudando quem eu era para agradar outras pessoas.

Aquele era um momento decisivo, e nada seria o mesmo nesse novo caminho, incluindo eu mesma.

Antes que eu pudesse mudar de ideia, fui até a porta do quarto de hóspedes e bati. Cade abriu a

porta, já desperto e pronto para o dia. Seus cabelos estavam úmidos e emolduravam seu rosto. Na

noite passada ele viera até mim, e agora eu precisei de muito autocontrole para não me jogar nos braços dele.

— Bom dia — disse ele.

Seu tom era de cautela, como se eu estivesse ali para lhe dar uma bronca. Mas eu não estava com

raiva. Só... prestes a hiperventilar.

Toda a calma com a qual eu acordei desapareceu ao vê-lo. De alguma forma ele me fazia sentir

que tudo era real. Perdi o autocontrole e senti que minha garganta iria se fechar. Ele deve ter visto o

pavor aumentando, porque me puxou para dentro do quarto e fechou a porta. Dei as costas para ele e

disse:

— Só um segundo.

Levei as mãos aos olhos e tentei conter as lágrimas que surgiam.

— Max... — A voz dele era macia e vinha da minha frente.

— Estou bem — sussurrei, sem abaixar as mãos. Eu odiava ficar emotiva, mas nada era pior do que ficar emotiva diante de outra pessoa.

Seus braços me envolveram e eu afundei no peito dele. Minha respiração ressoava e

eu fechei as

mãos diante da camisa dele.

— Você vai conseguir — disse Cade.

Essa era... a crença. Ele acreditava em mim mais do que eu mesma. Se nada de bom surgisse disso, pelo menos havia aquela crença.

— Não vai ser fácil — avisou ele. Eufemismo do ano.

— Mas seus pais amam você, Max. — Eu ri, mesmo que nada daquilo fosse engraçado. Minha

garganta estava inchada de emoção. Ele levantou uma das mãos e tirou as minhas dos olhos. — E, se

eles não conseguirem ver como você é incrível, é porque são cegos.

Engoli em seco e senti a garganta áspera. Não sabia o que havia feito para merecê-lo.

Não sabia

por que Cade se aproximou de uma pessoa tão tóxica quanto eu, mas estava grata. O silêncio preencheu o quarto, mas era um daqueles silêncios gostosos que eu e Cade compartilhamos antes de tudo mudar. Eu não disse nada, porque não precisava.

Ele estendeu a mão e eu me juntei a Cade como se estivesse caindo e ele fosse a única coisa a me

salvar.

— Vou estar com você ao longo de todo o caminho.

Um pouco do peso no meu peito diminuiu e eu fiz que sim com a cabeça. — Obrigada — falei.

— Não sei por que você está me agradecendo.

Lembrei-me de como ele se impôs na noite passada e disse:

— Você enfrentou seus fantasmas e saiu por cima. Então talvez eu consiga também.

Ele sorriu e apertou minha mão.

— Vamos lá, Menina Destemida.

Eu estava longe de ser destemida, mas saber que ele achava que eu era me dava metade da

coragem de que eu precisava. Saímos do quarto de hóspedes e descemos juntos. O papai estava assistindo televisão e a mamãe estava mexendo em alguma coisa na cozinha

quando descemos as escadas. Michael estava ao telefone e o Anticristo estava folheando a revista

*Better Homes and Gardens*.

Bethany me viu primeiro e ficou boquiaberta. Ah, foi tão bom causar aquela expressão de horror.

Eu esperava que ela ficasse assim.

Bethany gritou:

— BETTY! — Ela fez uma cara de desprezo e pensei na pergunta que Cade me fez na noite anterior. Por que ela me odiava? Provavelmente porque, assim como meus pais, ela gostava do seu mundo todo arrumadinho. Eu não era nada arrumadinha, com ou sem as tatuagens. Cade apertou minha mão e eu respirei fundo. A mamãe saiu da cozinha enxugando uma panela e perguntou:

— O quê?

Bethany apontou na minha direção. Dei alguns passos a caminho da sala de estar. Cade ficou ao meu lado. Os olhos da mamãe caíram sobre mim, mas ela precisou de algum tempo antes de me ver realmente. Ela deixou cair a panela, que bateu contra o piso de madeira. Em seu rosto surgiram várias emoções, algo que normalmente eu acharia engraçado, só que eu não tinha ideia de qual emoção ela acabaria por escolher. Era como *A Roda da Fortuna*, só que todos os bons prêmios haviam sido removidos. O papai tirou os olhos da televisão quando a mamãe disse: — Mackenzie Kathleen Miller, como você pôde fazer algo tão horrível assim com o seu corpo? Doe, mas mantive a expressão o mais normal possível.

— Que coisa horrível? — perguntou o papai. Ele se virou para me ver e eu percebi a raiva tomando conta dele. Dos dois, o papai era o mais imprevisível. Ele se levantou lentamente, os movimentos rígidos e contidos. Seus olhos se alternavam entre meu pescoço e meus piercings.

— Pelo amor de Deus, o que foi que você fez?

Seu tom de voz era suave, mas penetrante. Era a versão mais assustadora dele — imóvel e silenciosa, como a calmaria antes de uma tempestade. A mamãe se aproximou do papai e ele a segurou pelo braço. Ela começou a chorar e enxugou os olhos com o dorso da mão.

— Por que ela faz essas coisas com a gente? — perguntou ela. Toda a minha ansiedade virou raiva.

— Não fiz isso com vocês. Tomei uma decisão sobre o que fazer com o meu corpo. Isso não tem

nada a ver com nenhum de vocês.

Meu pai explodiu:

— Você se fantasia como uma espécie de... vagabunda de rua e espera que isso não nos afete? —

Ele não ergueu a mão para mim, mas bem que poderia. Doeu tanto quanto um tapa.

— Mick. — Cade se intrometeu com firmeza. O papai fez uma pausa e eu vi a vergonha e a fúria

dele por ter alguém de fora da família testemunhando aquela conversa.

— Filho, acho que você deveria nos deixar sozinhos agora. — O pânico tomou conta de mim e eu

apertei a mão de Cade com força.

— Com todo o respeito, senhor, não vou a lugar nenhum.

A mamãe bufou, incrédula, e o papai se enfureceu. Eu não queria que eles odiassem Cade por

algo que dizia respeito a mim. Dei um passo à frente:

— Sei que vocês não gostam desse tipo de coisa, mas...

— Não gostamos? — A mamãe ficou histérica. — Nós a criamos na igreja. Você foi ensinada

desde que aprendeu a falar que seu corpo é um templo, e agora você o destruiu.

Você sabe o que a

Bíblia diz sobre essas abominações.

— A Bíblia também diz para você abdicar das riquezas, mas vocês não se dão ao trabalho. E eu

não *destruí* o meu corpo. Não há marcas de seringas nos meus braços. Não sou viciada em nada, nem

me tornei uma prostituta, papai. Isso é arte e é muito importante para mim, a ponto de eu fazer disso

parte de mim mesma.

— Uns rabiscos são importantes para você? — vociferou o papai. — E os pássaros? Sim, eu

entendo por que os pássaros são importantes para você. — Liberdade é importante para mim.

— É bom ouvir isso, porque você terá muita liberdade daqui para a frente. Se é isso o que você

faz com o dinheiro que lhe damos... se mutilar e arruinar suas chances de ter uma vida decente e

respeitável... então vamos parar de ajudá-la.

Essa notícia doeu muito menos do que eu achei que doeria. Pensando melhor, o dinheiro deles

não significava nada. Era a coisa menos importante que eles podiam tirar de mim. — Vocês não têm se interessado em me ajudar há muito tempo.

— Estou falando sério, Mackenzie — disse o papai.

— Tomara que suas coisinhas musicais deem certo, porque você não vai conseguir um trabalho

decente em nenhum lugar com essa aparência.

Eu não podia mais ficar ali sem fazer alguma loucura. Rangi os dentes e disparei: — Meu *nome* é Max. *Max*. E as "coisinhas musicais" são a minha vida. Estou cansada de vocês

tentarem transformar isso e a mim no que vocês querem. Não sou Mackenzie, e não *sou Alexandria*.

A mamãe perdeu o fôlego como se eu tivesse lhe dado um tapa. Até isso me deixou furiosa. Ela

mencionava o nome da Alex o tempo todo, tentando me empurrar fotos e velhas lembranças. No

entanto, assim que tentei ser honesta quanto à minha irmã, eu aparentemente fui longe demais.

Dei meia-volta e fui para a mesa no fim do corredor onde a mamãe e o papai guardavam todas as

chaves dos carros. Encontrei a chave do carro que eu costumava dirigir antes de me mudar para a

Filadélfia.

— Aonde você pensa que vai, mocinha? — gritou a mamãe.

— Clarear a mente. Voltarei quando ficar aqui não me deixar nauseada.

Ainda que, naquele instante, a resposta para isso parecesse ser "nunca".

Estava ficando cada vez mais difícil respirar, e eu sabia exatamente aonde iria — para o mesmo

lugar a que sempre ia quando queria viver uma vida diferente.

## **Capítulo 39**

### ***Cade***

Quase a arrastei para fora dali várias vezes. Sabia que seria difícil para ela enfrentar os pais,

mas não tinha previsto o quanto aquilo me afetaria; jamais teria imaginado que seus pais reagiriam

tão mal. Eu achava que pais deveriam amar incondicionalmente. Eu sabia que eles ficariam com

raiva, gritariam um pouco e talvez chorassem, mas achei que depois se acalmariam e conversariam

como adultos. Quando o pai dela a chamou de vagabunda, quase bati num homem

três vezes mais  
velho do que eu.

Segui Max para a cozinha, que levava à garagem. Esperei que os pais dela viessem atrás de nós,

mas isso não aconteceu. A garagem tinha três carros. No canto estava um Volvo preto que se acendeu

quando Max apertou um botão na chave. Tentei acompanhá-la, mas ela já tinha aberto a porta do

carro, bloqueando minha passagem.

— Max...

— Só entre no carro, Cade.

Graças a Deus. Eu temia que ela quisesse ir embora sem mim. Desnecessário dizer que voltar

para a sala de estar seria estranho. Corri até o outro lado e me sentei no banco do passageiro. A porta

elétrica da garagem já estava se abrindo e, uma vez aberto, Max saiu em velocidade e ganhou a rua.

Ela colocou o carro no automático e pisou no acelerador. — Max, tome cuidado, por favor.

Ela diminuiu a velocidade, mas não muito.

— Sinto muito — eu disse. Meu Deus, aquilo parecia tão inadequado. Tudo aquilo era minha

culpa. — Nunca deveria ter incentivado você. Desculpe.

Ela sorriu e seus olhos se encheram de lágrimas. — Não peça.

— Eu não deveria tê-la pressionado. Você estava com medo e aparentemente tinha um bom motivo.

— Sempre encontro um bom motivo para ter medo, Menino de Ouro. Não acha que já é hora de mudar isso?

Eu entendia o que ela estava dizendo e meu coração tentou disparar, mas eu ainda estava

impressionado demais com o que testemunhei. Pela primeira vez tive medo do rumo que aquilo

estava tomando, medo dos meus sentimentos por ela.

Minha vida avançava lentamente. Demorou meses para que eu gostasse da Bliss. Nunca antes

senti aquilo com tanta intensidade e rapidez. Max entrou na minha vida como um furacão, e eu não

tive chance.

Ela virou bruscamente à esquerda, depois à direita e novamente à esquerda. Estávamos num

loteamento do inferno, e, até onde eu via, parecia que voltamos para a mesma rua. Ela virou à direita

mais uma vez e entrou numa rua de mão dupla. Max virou à esquerda e dirigiu rumo ao sol nascente.

Seus dedos começaram a relaxar no volante. Quanto mais nos afastávamos de seus pais, mais calma ela parecia.

— Aonde estamos indo? Ela suspirou.

— Para o único lugar mais deprimente do que a minha casa.

Sempre que eu achava que a entendia um pouco mais, via que estava enganado. — Por quê? — perguntei.

Max olhou para mim. Seus cabelos brilhavam sob a luz do sol. Seus olhos eram um oceano sem

fundo que eu queria explorar. Um instante de perfeição passou sem ser interrompido pelo mundo, sem

se alterar pelo tempo, sem ser manchado pelo medo do passado ou futuro. E ela respondeu:

— Colocar um ponto final.

\*

Dirigimos por mais cinco minutos e chegamos a uma colina num trecho deserto da rodovia.

Árvores cercavam a estrada e se estendiam sobre o caminho como um túnel. No alto da colina estava

o sol, e parecia que estávamos indo diretamente para ele se Max não tivesse parado. Era

impressionante. O tipo de cena que você vê em fotos e quadros. Max estacionou numa vala antes da

colina e das árvores. Ela desligou a ignição e ficou ali sentada, olhando para o nada. Seu olhar era

tão intenso que eu não precisei dizer nada. Aquele lugar era mais para ela do que apenas uma

paisagem linda.

Ela falou baixinho:

— Venha comigo.

Max tirou a chave do contato e a colocou no bolso da calça jeans. Abriu a porta e começou a

caminhar pela estrada rumo à colina. Desafivelei o cinto de segurança e corri atrás dela. Ela ficou em silêncio ao avançar pelo mato na altura dos joelhos. Eu a segui e percebi que havia uma trilha. O mato se abria no caminho, e eu tive a sensação de que aquela trilha era obra da Max. Sua respiração ficou mais pesada à medida que subia a colina, mas ela não diminuiu o passo.

Max também não disse nada. Quando chegamos ao alto, minha camisa estava grudada nas costas por causa do suor e eu havia tirado o casaco, apesar do frio. Max deixara o casaco dela em casa e nem respondeu quando lhe ofereci o meu.

A trilha se desviava da linha reta rumo a uma saliência rochosa no alto da colina. Max seguiu em frente e subiu com facilidade no alto da pedra maior. Eu a segui, tentando pisar nos mesmos lugares que ela. Sentei-me ao lado de Max e nossos pés balançavam na lateral da pedra. Estávamos sob a proteção das árvores e podíamos ver os dois lados da colina onde a estrada se perdia ao longe.

Era tranquilo ali. Não dava para ver nenhum sinal da cidade e não havia carro ou casa por perto.

Eu entendia por que ela gostava de ir até lá. Naquele lugar, longe da vida, no meio do nada, de alguma forma sua alma parecia maior.

Max respirou trêmula, apontou para a estrada e disse:

— Minha irmã morreu bem ali. E eu vi tudo.

Todo o ar fugiu dos meus pulmões; minha alma, que parecia clara e infinita há pouco, estava confusa. Max dissera aquilo com calma e sem hesitar, mas deu para ver o peso que as palavras tinham para ela. Suas mãos estavam entrelaçadas no colo. Ela estava imóvel e rígida, exceto pelo movimento da garganta, que engolia em seco.

— Eu tinha treze anos e havia passado a noite no mato, num acampamento ao qual não queria ir, mas a mamãe me obrigou. Então... como eu faço com frequência, fiz birra e irritei a menina que tinha organizado a festinha. A mamãe enviou a Alex para me pegar.

Ela olhou para o céu lilás e rosado da manhã e ficou séria.

— A Alex era boa em situações como aquela. A maioria dos adolescentes odiaria



ter que ir pegar  
a irmãzinha na noite de sábado, mas não a Alex. Ela estava irritada com alguma coisa e eu insistia  
para que ela me dissesse o quê. Foi assim que descobri por que ela estava em casa numa noite de  
sábado. A mamãe e o papai haviam encontrado maconha no quarto dela e a Alex estava de castigo  
por toda a eternidade. Em parte, por isso é que os meus pais são tão conservadores hoje em dia.

Max engoliu o choro e levou o dorso da mão esquerda à boca por um instante. Depois pegou o  
bracelete de couro no seu pulso e o tirou. Na pele branca da parte interna do seu pulso havia uma  
tatuagem que eu não tinha notado. Nela, lia-se: 11:12. Senti um frio na barriga e me preparei para o  
que viria em seguida.

— Eram 11h12. — Sua voz fraquejou e lágrimas começaram a escorrer do seu rosto.  
— Eu sei  
porque estava mexendo no rádio, tentando encontrar uma estação decente aqui no meio do nada. Alex  
estava dizendo que o papai e a mamãe eram teimosos. A maconha era do Michael, mas ela não queria  
dedurá-lo, então assumiu a culpa. Estávamos perto do alto da colina e não estávamos prestando muita  
atenção. Tinha um carro subindo pelo outro lado da colina, e o cara dormiu no volante.

Max começou a tremer, e, apesar de eu saber que não era de frio, coloquei meu casaco sobre seus  
ombros. Ela soltou o ar e fechou os olhos. Seus olhos e boca estavam apertados. Suas lágrimas  
refletiam os raios do sol e seu rosto parecia fraturado e remontado pela dor. Sua voz soou mais aguda e alta quando ela continuou:

— Alex desviou, mas não foi rápida o bastante. O carro do homem bateu na lateral do nosso ao mesmo tempo em que a Alex pisou no freio. Começamos a girar e o carro ficou no ar. Lembro-me de  
tudo e de nada do que aconteceu nos segundos seguintes. Gritei e olhei pela janela, para a árvore  
rumo à qual voávamos. Olhei para Alex e havia vidro por todos os lugares e um buraco no para

brisa. Alex não estava no seu lugar, mas um de seus sapatos ficou preso entre o painel e o que sobrou do vidro. Fiquei olhando para aquele sapato por muito tempo antes que o alto do carro batesse no chão. Deve ter sido um segundo, talvez dois, mas minha mente pensava no futuro. Pensei no que faria, no que todos faríamos, se Alex morresse. Imaginei-me crescendo sem ela, sentindo a falta dela em todos os aniversários e festas. Eu me vi dez anos no futuro, e era horrível. Max tremeu, e sua respiração saiu entrecortada. Ela levou a mão ao peito, como se estivesse segurando o coração dentro do corpo. Não pude ficar ali sentado sem fazer nada. Aproximei-me e pus minha mão sobre a dela. Ela entrelaçou nossos dedos e pressionou nossas mãos juntas no corpo.

— Não consegui ver nada por alguns segundos por causa da pressão do cinto de segurança. Eu estava de cabeça para baixo e minha pele estava grudada por causa do sangue e dos cacos de vidro.

Vi o sapato dela novamente e comecei a gritar. Não me lembro se eram palavras ou só barulho, mas minha irmã estava lá fora. Por mais que eu me remexesse e fizesse força, não conseguia soltar o cinto de segurança. Parei de lutar e comecei a me remexer para ver se conseguia encontrar Alex em algum lugar pelas janelas. Olhei pela janela lateral e só consegui ver sua blusa rosa e o amontoado que era seu corpo. Ela não estava se movendo, e eu gritei seu nome o mais alto que consegui. Gritei várias vezes e fiquei esperando que ela se movesse ou que o cara do outro carro viesse encontrá-la ou que alguém aparecesse para ajudar. Mas ninguém veio. Eu não sabia, mas o cara que bateu no nosso carro pegou uma árvore e morreu também. Eu não tinha celular porque a mamãe o havia tirado de mim e não sabia onde estava o da Alex. Continuei gritando e chamando por Alex durante muito tempo, mas eu era o único ser vivo num raio de muitos quilômetros. Não sei quanto tempo se passou até que

alguém aparecesse. Quando vieram, minha garganta estava seca, minha visão, turva, e era como se alguém estivesse apertando minha cabeça com toda a força. Eu sabia que minha irmã estava morta. Abracei Max, e ela chorou até que os acontecimentos da manhã desaparecessem, até que o presente pegasse carona no passado. E até que eu soubesse que não poderia mais viver sem ela.

## **Capítulo 40**

### ***Max***

Eu me senti vazia. Era como se todos os pedaços da minha alma tivessem escorrido pela minha pele. Aqueles pedaços quebrados e retorcidos me viraram do avesso por muito tempo. Foi bom ter me livrado deles, mas agora eu estava vazia.

Eu nunca tinha contado para ninguém a história toda. Disse aos médicos o que eles precisavam saber e aos terapeutas o que eles queriam ouvir. Não acreditava que tinha contado para Cade. Estava com muito medo de olhar para ele, de descobrir quem eu era aos olhos dele. Em vez disso, concentrei-me nas batidas do seu coração, firmes e fortes sob o meu rosto. Tudo o que a minha vida nunca tinha sido. Eu precisava de alguma firmeza, porque ainda não estava pronta. Se realmente quisesse que tudo terminasse, se realmente quisesse deixar tudo para trás, ainda tinha mais.

A manhã tinha se tornado barulhenta com o canto dos pássaros e o zumbido dos insetos, e eu sussurrei:

— Eu queria que eu tivesse morrido. É por isso que continuo voltando aqui. Era eu que não me encaixava, que não funcionava. Alex era boa, deveria ter sido eu.

Cade me tomou pelos braços e me empurrou para longe de seu peito.

— O que aconteceu com você e sua irmã foi terrível. Foi uma tragédia que eu nunca gostaria que você tivesse que enfrentar, mas nunca mais diga que deveria ter sido você. Você sobreviveu e, apesar de ter sofrido uma tragédia que teria arruinado muitas pessoas, você se tornou uma

mulher bonita,  
talentosa e forte.

Eu não queria mais que tivesse sido eu. Bem, geralmente não. Mas estava muito frágil para ouvir o sermão dele.

Limpei os olhos, me espreguiceei e tentei não olhar para ele.

O sol avançava pelo céu e eu me senti como se os raios de luz estivessem iluminando todos os meus segredos, todos os meus defeitos, mesmo aquele mais horrível, escondido no fundo do meu coração.

— Você consegue entender agora, não é? Por que eu afastei você?

O vento bagunçava meus cabelos, e Cade esticou a mão e os ajeitou para trás e por sobre o meu ombro.

— Acho que entendi isso há algum tempo, Max.

Respirei fundo, pensando que talvez isso pudesse ser mais fácil do que eu imaginava.

— Então, você entende? Isso é bom. Devíamos ligar e ver se conseguimos mudar seu voo para o

Texas. Você vai poder ficar com sua família, e eu vou tentar consertar o que eu fiz com a minha.

Desci da pedra e ele me seguiu.

— Max, não vou a lugar nenhum, a não ser que você venha comigo.

E lá foi ele, sacrificando suas próprias necessidades para atender às minhas. Talvez tenha sido

um erro deixar que ele me visse assim. Cade era tão solidário que sentia necessidade de ajudar todo mundo que estivesse sofrendo.

Eu me virei, me encaminhando para a trilha, mas ele me segurou pelo pulso para me parar.

— Vou ficar bem, Cade. Vou conseguir lidar com meus pais. — Pelo menos eu achava que conseguiria.

Ele me afastar, mas ele me virou para que eu ficasse de frente para ele. Cade estava muito perto e

meu corpo tinha vontade própria. Inclinei-me na direção dele.

— Não vou ficar porque acho que você precise de mim. Vou ficar porque quero. Eu lhe disse

ontem à noite que provaria que você estava errada, e isso — ele apontou para a colina à nossa frente

— não muda nada.

— Seus olhos castanhos brilhavam e eram sinceros. — Eu deveria ter ido atrás de você quando

você foi embora naquela noite, e não vou cometer o erro de deixá-la partir de novo.

Fechei os olhos. Como podia uma frase me fazer tão infeliz e tão alegre ao mesmo

tempo? Triste,

eu disse:

— Não, você não deveria.

Ele se encolheu, mas continuou.

— Há algumas coisas pelas quais vale a pena lutar, não importa o resultado, e você é uma delas.

— Cade...

— Sei que somos diferentes. Sei que eu não faço seu tipo. Mas eu também sei que você se sente

atraída por mim. — Ele pôs a mão no meu rosto e meu corpo traiçoeiro avidamente aceitou seu

toque. — Sei que você me faz rir e que eu adoro ouvir a sua voz, especialmente quando você canta.

Sei que não parei de pensar em você desde o dia em que você se sentou ao meu lado naquele café. —

Para ser sincera, aquilo provavelmente servia para mim também. — E sei que odeio vê-la sofrendo

mais do que qualquer outra coisa no mundo. — Cade... Eu não posso.

Tentei me afastar, mas ele pôs a outra mão no meu rosto e me segurou firme.

— Por quê?

— Vou magoá-lo.

— Vou me arriscar.

Afastei-me, e dessa vez ele me deixou ir. Apontei para o alto da colina onde havíamos passado

os últimos momentos.

— Você não enxerga quem eu sou? O que eu causo? Eu sou um veneno.

Ele ficou sério.

— Você não é um veneno, Max.

Balancei a cabeça e odiei ter de lutar para não chorar novamente.

— Eu sou. Estrago tudo de bom que aparece na minha vida. Tudo apodrece ao meu redor, e com

você aconteceria a mesma coisa.

— Você está errada. Você não poderia me fazer mal, porque tudo em você me faz melhor. Você me faz correr riscos e tomar decisões mais ousadas. Você me faz menos preocupado com a perfeição e mais preocupado com a realidade. Você me faz querer não ter medo de nada. Quanto mais perto ele chegava, mais nervosa eu ficava, e estava lutando contra a vontade de sair correndo.

— Quer parar de dizer isso? Eu já disse. Não sou corajosa! Sou completamente o oposto. Vivo cheia de medo a cada dia da minha vida, e isso me sufoca a ponto de não conseguir me mover ou respirar ou pensar quando essa sensação toma conta de mim. Não importa quanto tempo passe, ainda sinto que estou pendurada de cabeça para baixo naquele banco, com o mundo desmoronando ao meu redor. — Não consegui recuperar o fôlego. Todas as muralhas que havia levantado ao longo dos anos tinham desmoronado quando lhe contei a história da Alex, e agora não havia nada para impedir que eu me afogasse nas emoções.

— Sei que você não é corajosa, mas não acho que você deixe o medo guiá-la tanto quanto você pensa. Você luta por seus sonhos. E não aceita bobagens de ninguém. Você foi corajosa o suficiente para ser você mesma, mesmo diante de seus pais. Você é a coisa mais linda e vibrante que eu já vi.

Ele ficou na minha frente e uma de suas mãos deslizou para dentro do casaco, aconchegando-se nas minhas costas. Uma energia estalou entre nós, e Cade pressionou sua testa contra a minha.

— Feche os olhos. Você se lembra do que conversamos naquela noite depois do seu show? Viver é difícil. Foi difícil quando você tinha treze anos, é difícil hoje em dia e vai ser difícil de novo no futuro. Então feche os olhos e respire. Respire comigo.

Eu tremia, mas me senti mais forte com ele na minha frente, respirando e soprando nos meus lábios. Respirei fundo até que o peso do mundo parecesse mais fácil de carregar.

Talvez fosse só  
porque eu não estava carregando sozinha. — Estou com tanto medo — admiti.  
— Sei que está. Mas o medo nos permite saber que estamos vivos. Ele me diz que  
você se  
importa com o que acontece entre nós porque a mente não perde tempo tendo medo  
de coisas que não  
importam. Agora, abra os olhos, Max. Você não é má. Eu não sou nada sem você.  
Olhe nos meus olhos e diga que não sente nada por mim.  
Eu olhei nos olhos dele, mas não podia dizer aquilo, porque não era verdade. —  
Então, isso é tudo o que eu preciso. Nós dois temos um passado, Max, mas estou  
cansado de  
deixar o passado me controlar. Você disse que veio aqui para acertar as contas e  
acho que nós dois  
precisávamos disso. Tivemos muita morte e decepção em nossas vidas, por isso não  
sabemos aceitar  
as coisas boas que nos acontecem. Estou cansado disso. Estou cansado de deixar as  
pessoas  
partirem.  
Eu estava feliz por ele estar lutando contra seus demônios, mas tinha lutado contra  
os meus o dia  
todo e não tinha certeza se conseguiria enfrentar outro.  
— Você não entende. Sim, eu gosto de você. — Os lábios dele se abriram num  
sorriso e quase  
embaralharam meus pensamentos. Afastei meu rosto para longe dele e continuei: —  
Abandoná-lo foi  
uma das coisas mais difíceis que já fiz. Mas eu me conheço. Sei como funciona, e é  
por isso que não  
confio em mim para ficar com você. Meu coração é volúvel e inconstante, e eu  
morro de medo de  
acordar um dia e me sentir diferente.  
Ele exibiu um sorriso triste:  
— Acho que você está com medo de que isso não aconteça.  
Fiquei calada. Estava virando tradição... Cade estava certo.  
— E, se você realmente acordar um dia e quiser ficar comigo, vou lutar por você  
como estou  
lutando agora — continuou ele. Seu polegar roçou meu lábio e ele me puxou para  
perto. — Vou  
lembrá-la todos os dias de como é bom ter seu corpo ao encontro do meu. Vou  
lembrá-la dos bons

tempos e vou ajudá-la a esquecer o que foi ruim. Vou lembrá-la de quem você é quando a vida colocá-la pra baixo e fazê-la duvidar. Vou aparecer na sua porta no meio da noite e beijá-la até que você se lembre de que seus medos são apenas medos e que eles não vão controlar você. Vou apostar contra o seu coração inconstante se ele for meu. Eu estava começando a perceber que meu coração já era dele. Olhei para o alto da colina atrás de Cade. Sempre associava aquele lugar ao fim, mas talvez fosse um lugar de começos também. Respirei fundo e disse: — Eu vou ser uma vaca furiosa na maior parte do tempo. Cade era muito mais eloquente do que eu, mas eu tinha a sensação de que aquilo bastou como sim para ele. Um sorriso largo se abriu em seus lábios e meu coração parecia inchado no peito. — Pensei que você estivesse tentando melhorar quanto a isso. Sorri e dei de ombros. — Péssima capacidade de concentração. Rimos, e isso aliviou um pouco a pressão no meu peito. — Não estou pedindo para você não ter medo. Na verdade, o dia em que você não tiver medo será o dia em que eu vou começar a me preocupar. Só estou pedindo o encontro que me prometeu no dia em que nos conhecemos.

— Posso fazer isso. Cade se aproximou e me beijou. Os espaços vazios dentro de mim estavam transbordando, e, pela primeira vez em muito tempo, o mundo não pareceu estar de cabeça para baixo.

## **Capítulo 41**

### ***Cade***

Depois de tê-la em meus braços, hesitei em soltá-la tempo o suficiente para que chegássemos a algum lugar. Pegamos cobertores no porta-malas do carro e nos enrolamos no banco de trás. Nós nos beijamos, nos tocamos e conversamos como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Eu esperava que tivéssemos mesmo. Nós nos deitamos enroscados, tentando caber num banco traseiro pequeno demais. — Pelo que me lembro da escola, isso era muito mais confortável.



Ela ergueu a cabeça e arqueou a sobancelha.

— Passou muito tempo no banco traseiro de carros, não é, Menino de Ouro? Apertei seu corpo e Max se contorceu, rindo.

— Eu achava que tínhamos chegado à conclusão de que o passado era passado. Eu a deixei lutar tentando se livrar das minhas mãos e Max as colocou abertas sobre o meu peito.

— Claro que sim, mas só para ter certeza de que sua mente está mesmo no presente...

Ela me beijou.

Cada novo beijo dela me fazia esquecer o último. Afastei minhas mãos e ela fez um biquinho

contra meus lábios. Então pus as mãos em seus cabelos e Max parou de reclamar.

Fazia frio no carro,

mas não havia nada além de calor entre nós. Ao contrário da última vez em que havíamos nos

beijado, dessa vez Max não estava com pressa. Ficamos conversando e nos beijando até que o sol

brilhasse do outro lado do céu; naquela hora, nossas costas já estavam nos matando.

— É assim que começa, não é? Estamos ficando velhos — disse ela.

— Ah, sim, você já passou do seu auge. A vida vai ladeira abaixo a partir daqui. Ela deu um tapinha no meu peito e deu um beijo onde havia batido.

— Estou feliz que você tenha lutado por mim — sussurrou ela.

— Que bom que você deixou. \*

O sol se punha quando voltamos para a casa dos pais dela. Eu disse a Max que poderíamos ficar

num hotel, talvez alugar um carro e ir para o Texas, mas ela insistiu que era capaz de enfrentar seus

pais novamente. Quando entramos na garagem, sua mãe estava na porta, soluçando nos cabelos de

Max antes mesmo de fecharmos as portas do carro.

— Seu pai tentou segui-la, mas a perdeu nos loteamentos. Tentamos ligar, mas você deixou seu

telefone aqui. Nunca mais nos assuste desse jeito.

Parecia que Max estava sendo abraçada por um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, mas ela

estava retribuindo o abraço da mãe.

— Seu pai está devastado. Ele saiu à sua procura.

— Estou bem, mamãe. Só precisava resolver umas coisas.

Sua mãe se afastou e segurou o rosto de Max em suas mãos. Ela tirou

carinhosamente os cabelos  
que caíam em sua testa.

— Desculpe pelo que eu disse, Max. — Max começou a engolir em seco e eu já sabia que aquilo significava que ela estava prestes a chorar. — Seu pai e eu só estamos com medo. Perdemos sua irmã, e agora tudo nos apavora. — Max fez um barulho entre um soluço e um riso. — Se fosse por mim, você nunca teria dirigido ou saído de casa ou feito nada que a tirasse de perto de mim. Só queremos que você tenha a melhor vida possível, e às vezes esquecemos que não são os nossos desejos que importam. Você é adulta agora, e já é hora de eu e seu pai pararmos de tentar controlar sua vida.

Max abraçou a mãe, provavelmente o primeiro abraço que ela mesma iniciou nos últimos dez

anos, e a sra. Miller explodiu numa segunda rodada de soluços.

Não seria fácil. Max estava muito ferida e seus pais, muito perturbados para que uma sessão de

choro resolvesse tudo, mas era um começo, e isso é tudo o que podemos pedir na vida: que um começo sempre surja depois de um fim.

O pai de Max voltou para casa e, depois de quase uma hora de conversas e choro entre os três,

parecia que Max precisava de uma pausa.

— Por que não vamos comprar um vestido para você usar no baile? — sugeri. — É amanhã,

certo? Aposto que o shopping ainda está aberto.

A sra. Miller pareceu angustiada com a menção de algo tão banal quanto um shopping, mas disse:

— Os shoppings estão abertos até tarde para as compras de Natal. Mas não temos que ir ao baile, querida.

— Claro que temos — disse Max. — Você se empenhou tanto para isso. A mãe dela sorriu e eu quase pude ver as diferenças entre elas resolvidas. Elas estavam longe de construir uma ponte entre essas diferenças, mas já era um começo.

Sua mãe tentou dar a Max o cartão de crédito para pagar o vestido.

— Não, mamãe. Está tudo bem, vou encontrar alguma coisa.

— Não seja ridícula. Sei que você odeia esses eventos e que só está fazendo isso

por mim. Então  
me deixe pagar. E compre uma roupa para o Cade também. A Bethany estava falando em vesti-lo com um dos ternos velhos que o Michael tem no armário. Tenho certeza de que o Cade vai preferir vestir outra coisa e não ficar parecendo que está indo a um baile de debutantes. Max pegou o cartão de crédito, mas deixou bem claro a todos (especialmente Bethany, que estava escutando tudo da sala de jantar) que iria comprar algo barato. Nada luxuoso. No fim, nem mesmo Max suportou os vestidos que encontrou na loja de departamentos e nós acabamos num brechó ali perto. A dona estava quase fechando, mas se ofereceu para deixar a loja aberta um pouco mais. Espírito natalino e tal. Max parecia estar no céu. Encontrei um terno bem rápido — cinza, com um xadrez vermelho muito sutil. Ele veio acompanhado de suspensórios, o que Max aprovou. Ela enganchou as mãos em torno deles e os usou para puxar minha boca até a sua. Decidi que teria de beijá-la a cada meia hora, só para continuar me lembrando de que aquilo era real. Max experimentou algumas coisas — como um modelo amarelo frisado que terminava no meio das coxas e que me fez querer segui-la até o provador. Ela provou outro modelo, que era verde escuro e subia até o pescoço, cobrindo sua tatuagem de árvore. — Está lindo — eu disse. — Mas não se atreva a escolher esse. — Você não acha que eu deveria cobri-la? Empurrei-a para dentro do provador e fechei a porta. — Acho que você jamais deveria se esconder. Ela sorriu e colocou a mão no meu peito. — Obrigada. — Estou falando sério, acho que você deveria ficar nua o tempo todo. Max riu. — Ah, é isso que você acha? — Sim, eu tenho pensado muito nisso. — Aposto que sim. Ela estendeu a mão e a colocou no meu pescoço. Encarei aquilo como uma

permissão e a apertei  
contra o espelho.

Ela cravou as unhas no meu pescoço e eu gemi.

— Shh! Você vai nos meter numa encrenca.

— O melhor tipo de encrenca.

Tracei um caminho desde sua boca, passando pelo queixo e descendo o pescoço.

Ela jogou a

cabeça para trás contra o espelho e deu um gritinho. O som me atingiu em cheio, e eu contive um  
gemido.

— Acho que a proprietária não tinha isso em mente quando se ofereceu para deixar  
a loja aberta  
para nós.

Encontrei um lugar na base de seu pescoço, pouco acima da clavícula, que a fez  
dizer:

— Ai, meu Deus.

Concentrei meus esforços ali e Max pôs uma das mãos ao redor do meu pescoço,  
como se fosse

cair. Ela ofegava e eu não estava muito diferente. Eu não pretendia ter ido tão longe,  
mas tocá-la

tinha o poder de me fazer esquecer minhas melhores intenções. Comecei a beijá-la  
mais embaixo,

mas o decote de seu vestido limitava minhas incursões.

— Definitivamente, este não é o vestido — gemi. Ela deu um suspiro e me  
empurrou.

Depois disso, não pude mais entrar no provador. Ela nem me deixou ver o vestido  
que escolhera.

Max me fez voltar para o carro, porque queria que fosse uma surpresa e porque se  
sentia culpada por  
ter demorado demais.

Quando finalmente a vi no vestido no dia seguinte, um corpete de veludo negro  
envolvia seu peito

e abria caminho para uma saia branca que começava sob os seios e se arrastava até  
o chão. O tecido

branco era tão fluido e tinha tantas camadas que parecia uma nuvem. Havia dezenas  
de tiras pequenas

que passavam por cima dos ombros e eram amarradas nas costas. Os galhos da sua  
tatuagem se

misturavam àquelas tiras e pareciam uma extensão do corpete. Era o tipo de vestido

que eu conseguia  
vê-la usando em nosso casamento.  
Ela parou na minha porta, sorrindo de uma forma que era recatada e desconhecida e  
que fez meu  
coração acelerar. Eu já tinha vivenciado uma infinidade de emoções. Minha  
profissão era explorá-las  
e retratá-las no palco. Quando olhei para ela, o sentimento em meu peito eclipsou  
todas aquelas  
emoções, e eu soube que a amava.

## **Epílogo**

### ***Max***

Três Meses Mais Tarde

Eu ainda não havia dito que o amava, apesar de ele ter me dito isso há algumas  
semanas.

Tínhamos acabado de ultrapassar a marca do meu namoro mais longo, e, mesmo que  
não fosse

admitir isso para ele, eu ainda tinha medo de estragar tudo. Quase disse que o  
amava uma dezena de

vezes, mas aquelas três palavras eram do tipo que não se pode pegar de volta. Uma  
vez ditas para o

Universo, tudo muda.

Então eu estava esperando o momento certo para fazer essa mudança. Cade as  
chamava de

"batidas", um termo das artes cênicas que ele me ensinou quando estávamos  
trabalhando juntos em

algumas das minhas músicas.

Retoquei o blush e passei meu batom vermelho. Cade bateu na porta do banheiro. —  
Você está pronta, querida? Somos os próximos.

Cade e eu íamos cantar num show aberto a quem quisesse cantar... juntos. Havia  
uma música, a primeira música que compus e que finalmente me sentia pronta para  
cantar,

mas eu achava que era incapaz de interpretá-la sem Cade. Ele não se sentia à  
vontade para cantar nos

shows da banda e eu não tinha certeza de que queria associar aquela música à  
banda. Não era uma

música sobre dar um tempo ou ganhar dinheiro. Aquela canção era só para mim.

— Está nervosa? — perguntou ele. Sorri e disse:

— Apenas o suficiente para vomitar. Ele riu. — Você vai ficar bem, então.

O bar estava meio cheio quando subimos ao palco. Era uma plateia grande o

suficiente para eu  
não sentir que nosso show era inútil, mas não tão grande que eu me sentisse  
pressionada. Cade beijou  
minha mão e, em seguida, assumiu o baixo. Como um verdadeiro Menino de Ouro,  
ele aprendeu a  
tocar o instrumento em um mês para me acompanhar enquanto eu compunha. Peguei  
minha guitarra e  
ajustei o microfone.

As luzes eram fortes o suficiente para esconder o bar no breu. Aproximei-me do  
microfone e  
falei:

— Meu nome é Max e este é o Cade. Hoje vamos cantar uma música original que  
compus há  
muito tempo. Nunca a toquei em público e finalmente cheguei à conclusão de que  
era a hora. —

Respirei fundo. — Ela se chama "Ten Years".

Comecei com os acordes de sempre e imediatamente senti as velhas emoções na  
pele. Respirei

fundo e pensei no que estava fazendo. A música me assombrava desde que a  
compus, e era hora de  
superá-la.

Eu respirei fundo e comecei a cantar. Cade cantou comigo, grave e forte. Sua voz  
era uma âncora  
para a música e para mim.

*In one second, I see ten years*

*I picture a future of all my fears*

*One blink, and I think*

*22 Losing you is like losing me.*

Olhei Cade nos olhos. De várias formas essa canção falava da nossa situação  
também. Passaram

se três meses, e nós invadimos completamente a vida um do outro. Juntar-me a ele  
com uma música

sobre perda me obrigou a conter lágrimas. Eu estava correndo o perigo de dizer  
todas aquelas coisas

bregas sobre metades da laranja e almas gêmeas das quais sempre rira nos filmes.

*Lights flash, the car spins*

*Every time I close my eyes I see*

*Broken skin, my life stretched thin*

*Every time I close my eyes I see*

*Broken skin and broken kin  
The end of you feels like the end of me.  
There's a scream in my soul  
'Cause I'll never feel whole  
I'm stuck in the moment. My mind's on repeat  
Trapped in an instant I can't delete  
Time unravels, my life unspools  
The future has made us all into fools  
You're lying there, and I'm stuck in my chair 23  
All I'm allowed to do is stare.*

Fiquei tão emocionada com aquela estrofe que minha voz falhou e eu tive que fazer uma pausa e

repetir algumas partes do solo de guitarra antes de conseguir começar a estrofe seguinte. Cade estava

tão em sintonia e era tão perspicaz que me acompanhou.

*We're all slaves to the grave  
Helpless to save  
So we close our eyes to shut it out*

24

*Instead it becomes what we're all about.*

Fechei os olhos e vi tudo o que cantava. Lembrei-me das imagens que tinham passado pela minha

mente, imagens de uma vida sem Alex. Pensei em todos os momentos da minha vida que ela iria

perder e que nada jamais seria o mesmo sem ela. Haviam se passado nove anos, e, apesar de nada

ser o mesmo sem ela, a vida não era tão ruim quanto eu imaginei que seria. Olhei para Cade. A vida não era assim tão ruim. *In one second, I see ten years*

*Can't hold it back any more than the tears*

*I see black dresses, life's stresses*

*Imagine the grief, loss of belief*

*My life unfolds as yours is untold*

25 *Every time I close my eyes.*

Cade repetiu o último verso sozinho, e, quando ouvi sua voz grave e firme, finalmente senti que

meus fantasmas haviam sido colocados para dormir.

As pessoas começaram a aplaudir e eu olhei para Cade sobre o microfone e murmurei:

— Eu te amo.

Fechei e abri os olhos, e assim vi mais dez anos se revelarem.

## **Agradecimentos**

Obrigada a William Morrow e Amanda Bergeron por acreditarem na minha escrita e por darem

duro para lançá-la ao mundo tão rápido. Amanda, obrigada por me ajudar a fazer de Cade o

personagem incrível que ele é. Obrigada a Jessie Edwards por ser maravilhoso e por acreditar em

navios naufragados comigo. Obrigada também a Molly Birckhead, Pam Jaffee e toda a equipe da

HarperCollins por terem feito um trabalho fabuloso.

Obrigada à épica e incrível Suzie Townsend. Sou eternamente grata por ter uma agente literária

gladiadora como você ao meu lado. Obrigada ainda a Kathleen, Pouya, Joanna, Danielle e toda a

equipe da New Leaf. Vocês mantêm meu mundo girando.

Obrigada a Kathleen Smith pelas informações. Obrigada a Jennifer, Colleen, Wendy, Sophie,

Kathleen e Molly por lerem o livro antecipadamente e por terem adorado a história. Fiquei

paralisada e vocês me deram confiança. Obrigada a Ana por todas as coisas que você faz e por todas

as coisas que você é, e por fazer com que eu me sinta melhor do que sou. Obrigada a Lindsay por ser

a pessoa com quem posso compartilhar absolutamente tudo e por sempre me retribuir. Obrigada

ainda a Joey, Patrick, Bethany, Shelly, Zach, Kristin, Sam, Marylee, Kendall, Swinter, Louise, Tyler,

Brittany, Michelle, Heather, Amber, De-Andre, Matt, Mark, Mere, Michael, Leesa e tantos outros

amigos. Sou muito grata por tê-los na minha vida. Obrigada a meus ex-alunos (apesar de vocês serem

velhos demais para lerem isto; fechem este livro agora mesmo). Obrigada a vocês, Marisa, Stacey,

Sarah, Michelle, Jamie, El, Molly, Aimee, Kim, Kathryn, Nichole, Julie e Marice. Amo vocês.

Eu queria poder citar todos os bloggers, seguidores do Twitter e amigos do Facebook que me

deram apoio. Mas vocês são tantos (e sou extremamente grata por isso) que



encheriam todo um livro.

Saibam que eu os aprecio e amo muito. Tudo isto é para vocês!

Obrigada à minha família. Tenho a melhor família do mundo e não por causa das nossas sardas.

Tudo isso ainda parece um sonho. E, bem, é mesmo um sonho... um sonho que eu não teria realizado

sem seu amor e apoio.

E para aquele cara no qual joguei um ovo de Páscoa no Queens às duas da manhã porque achei

que fosse outra pessoa... Desculpe por ser a mulher mais estranha do mundo.

Notas

[←1]

Academics Stand Against Poverty, uma organização internacional que pretende combater a pobreza no mundo.

[←2]

Marca de uísque norte-americana.

[←3]

Às vezes, pela manhã, fico paralisado e não consigo me mover. / Acordado, mas sem conseguir abrir os olhos.

[←4]

Existe um mundo melhor. / Quer dizer, deve existir... [←5]

Cade faz referência ao clássico da literatura infantil The Giving Tree, de Shel Silverstein, traduzido no Brasil como A Árvore

Generosa.

[←6]

Não importa quão perto, você sempre está longe demais / Meus olhos são atraídos para onde você estiver.

[←7]

Estou cansado de nós dois fingirmos, / Cansado de tanto querer e nunca ceder. /

Posso sentir na minha pele, ver no seu riso. /

Somos mais. Sempre fomos. / Pense em tudo o que perdemos. / Cada toque e cada beijo. / Porque nós dois insistimos. /

Resistimos.

[←8]

Prenda a respiração e feche os olhos / Distraia-se com outros caras / Não surpreendem os seus suspiros de derrotada. / Você não está cansada das mentiras?

[←9]

Pronto. Não vou ignorar, / Não vou fingir ou resistir.

[←10]

Quero mais.

[←11]

A manobra de Heimlich é um método pré-hospitalar utilizado no salvamento de pessoas que estão engasgadas.

[←12]

Jogo interativo on-line no qual os participantes competem entre si administrando times de futebol americano.

[←13]

O autor se refere à "maça", uma forma mais aprimorada de porrete. [←14]

Mostro um sorriso e o exagero. / Preencho as rachaduras, conserto o que está errado.  
/ Tento pôr um pouco de vida nos meus  
olhos. / Perdi minha alma sob todas as mentiras.

[←15]

É melhor assim, / Melhor que ninguém veja. / É melhor assim, / Melhor quando não  
sou eu. / Vou ser melhor, / Melhor, /  
Melhor.

[←16]

Melhor, / Melhor. / Estou me afogando sob o peso delas. / Não posso distinguir  
todos os "eus" diferentes. / A redoma cai, o ar  
se torna escasso. / Nada sai, mas nada entra. / É melhor assim, / Intocada sob o  
vidro. / É melhor, eu digo. / Assim eu vou durar. [←17]

É melhor, / Melhor, / Melhor, / Melhor, / Melhor. / Eu nunca, / Nunca, / Superarei a  
pressão. / Nunca, nunca. / Sou minha  
própria opressora. / Ninguém faz isso melhor. [←18]

E são más notícias, meu amor, eu sou más notícias. / Sou apenas más notícias, más  
notícias, más notícias.

[←19]

O brilho dos faróis. / O barulho do metal. / O cantar dos pneus. / Depois giros, giros,  
giros. / Descontrolados e intermináveis. [←20]

A autora faz um trocadilho intraduzível. Mace, o nome do namorado de Max,  
significa também porrete em inglês.

[←21]

Noite feliz, noite feliz. / Ó senhor, Deus de amor. / Pobrezinho, nasceu em Belém. /  
Eis, na lapa, Jesus nosso bem. / Dorme  
em paz, ó, Jesus. / Dorme em paz, ó, Jesus. [←22]

Num segundo, vi dez anos. / Imagino um futuro de todos os meus medos. / Uma  
piscadela e eu penso: / Perder você é como  
me perder.

[←23]

Luzes brilham, o carro gira. / Sempre que fecho os olhos vejo / Pele partida, minha vida por um fio. / Sempre que fecho os olhos vejo / Pele partida e família dividida. / Seu fim parece meu fim. / Há um grito na minha alma, / Porque nunca preencherrei o vazio. / Estou presa àquele instante. Minha mente se repetindo. / Presa no momento que não consigo apagar. / O tempo passa, minha vida avança. / O futuro nos fez de bobos. / Você deitada lá e eu presa à minha cadeira. / Só me é permitido olhar.

[←24]

Somos todos escravos até a morte. / Sem salvação. / Então fechamos os olhos para calar. / Senão isso se torna o que somos. [←25]

Num segundo, vejo dez anos. / Não consigo mais conter as lágrimas. / Vejo vestidos pretos, problemas da vida. / Imagino o luto, a perda da fé. / Minha vida avança enquanto a sua não é contada. / Sempre que fecho os olhos.

## Document Outline



Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35



Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Epílogo

Agradecimientos

Notas



**Table of Contents**

12345678910111213141516171819202122232425

←1←2←3←4←5←6←7←9←11]←12]←13]

←14]

←17]

←18]

←19]

←20]

←21]

←22]

←25]

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 7